

Academ. do Let.

RODRIGUES DE CARVALHO

Academia Cearense de Letras, (fundada em 1894.) Da Ordem dos Advogados do Rio de Janeiro. Dos Institutos Historicos dos Estados do Ceará e Parahyba.

Cancioneiro do Norte

2.^a Edição — Augmentada.



TYP. DA LIVRARIA S. PAULO
RUA MACIEL PINHEIRO N. 160

PARAHYBA DO NORTE

1928

COMPOSTO E IMPRESSO NA TYP. DA
LIVRARIA S. PAULO, Á RUA MACIEL PINHEI-
RO N.º 160, DE JANEIRO A JUNHO DE

1928.

Parahyba do Norte

A *Ascensão*
João Ribeiro

Á MEMORIA DE

Mello Moraes Filho

e

Sylvio Romero



ANTES DO PREFACIO

Ha cerca de 30 annos iniciiei em Fortaleza uma campanha de nacionalizaçãõ das nossas creações litterarias. O romance francez e a poesia franceza vinham dictar leis como os figurinos de *La Saison*. O *orientalismo* tambem nos perturbava o bom-senso litterario, como o fumo turco em um paiz em que o fumo enfeitava até o patriotismo pacifico dos symbolos. Essa campanha pelos jornaes, em palestras, em livros, teve adeptos e deu resultados.

O *Cancioneiro do Norte*, publicado quando a cantiga popular era motivo de chufa, foi dos primeiros livros no genero.

Hoje temos uma perfeita noção do que seja o *folklore* e a sua importancia historica.

VIII

Escretores de imputabilidade lhe deram mão forte: João Ribeiro, philologo e escriptor de fino quilate; Gustavo Barroso, chronista e observador estimado; Afranio Peixoto, romancista e scientista; Basilio de Magalhães, Leonardo Motta, colleccionadores intelligentes e illustres, e... tantos outros; fazem honra á classe dos que se teem devotado a esse estudo, outr'ora esquecido.

Pelo indice deste volume pôde o leitor, quando não sinta seducção pelo amago do livro, ver si a sociologia lucra ou não no seu desenvolvimento, acompanhando, seguindo as creações populares em que a religião, a poesia, os phenomenos climatericos, as multiplas relações da vida, se reflectem.

Adquiri novos subsidios e, pela acceitação que logrou a 1.^a, achei que não devia perder os originaes, e offereço hoje a 2.^a edição.

Este livro é um reflexo da vida do nordeste, com alguns elementos de outros Estados.

A religiosidadê das classes humildes; a sua ignorancia no seio da civilização; as sêccas; os heroismos de uma população soffredora; a tortura dos fracos, sob a pata de elephante dos «mandões»; a vida littoranea; a lavoura nas diversas zonas; a vida pastoril dos sertões adustos; a emigração para a Amazonia; o cangaceirismo; a fusão da sub-raça; ahi estão contidos nesse amalgama de concepções anonymas, a que dei o nome de *Cancioneiro do Norte*.

A par desses assumptos, muito me attrahiu a condição precipua de todos os nossos poetas: o fundo lyrico dos versos, sejam estes anonymos, ou tenham a «marca de fabrica» de um auctor já consagrado.

A delicadeza da concepção, o sentimento, a emotividade doentia sob qualquer metrica, trahem o poeta nortista: todos soffrem da doença commum — o lyrismo — ingenua musica dos simples.

Esta modalidade affectiva de versejar nasce, entre nós, como a resina dos cajueiros em lagrimas transparentes.

-Cantiga anonyma:

«Quando eu me for desta terra
Sahirei della voando

Para que as aves te digam

Que me encontraram chorando».

Castro Alves tem a perfeição da joia culturada:

«Sobre o barco dos amores,

Da vida boiando á flôr,

Douram teus olhos a fronte

Do gondoleiro do amôr».

TOBIAS BARRETO, com todo o peso da sua philosophia, diz:

«Era u'a moça franzina,
Meiga visão matutina,
Daquellas que é raro ver»...

FERREIRA ITAJUBÁ, humilde e pranteado poeta rio-grandense do norte, entôa ao violão:

«Quem canta allivia as penas.
Ah! se eu pudesse cantar.
Como canta o verdelho
Nas ribanceiras do mar»!

Sempre a nota predominante: o espirito voltado para o amôr, com as suavidades da contemplação.

Colhendo as estrophes dos poetas anonymos, todos do interior, entendi que para, se fazer um estudo sem solução de continuidade, não era de desprezar o «mostruario» do lyrismo das cidades. Assim, additei ao *Cancioneiro* uma parte inedita: «Alma Lyrica», comprehensiva dos *cantos civilizados*.

Procurei concatenar de certo modo as referencias aos cangaceiros, esses «heroes e bandidos», na feliz classificação de João do Norte; mas, só tardiamente me chegaram ás mãos a «fé de officio» de Antonio Silvino, sceleradõ por força das condições do meio.

Em 1914, sendo eu auxiliar do governo Castro Pinto, aqui na Parahyba, era meu companhei-

ro, como Chefe de Policia, o Dr. Antonio Massa. Fui a Recife, e alli, devido ao empenho daquelle presidente, estabeleceu-se um certo accordo entre os 4 Estados visinhos. Antonio Silvino viu-se perseguido atrozmente; então, atacando o povoado de Cachoeira de Guarabira, passou ao governo parahybano o seguinte telegramma, que ainda conservo:

«Doutor Castro Pinto

Presidente Parahyba

Não tenho medo quatro Estados. Doutor José Rodrigues de Carvalho piê o milho, faça a *massa*, e dê a esse pinto para comer, que o mal delle é fome. Antonio Silvino de Moraes».

O poeta popular Chagas Baptista, apanhou na tradição popular a historia do feroz bandoleiro, e della aproveitei a synthese: por que se entregou ao banditismo; os seus presentimentos, nas vespers da prisão; a lucta em que foi vencido, depois de 18 annos de jornada no caminho do crime.

Antonio Silvino é hoje um mystico: procura a luz do sol, e nas grades da prisão lê a Biblia e cria passaros carinhosamente.

Eis a sua historia em poucas linhas, colhida por via *folkloristica*:

«Eu chamei pela justiça,
Ella não me quiz escutar,
Vali-me do bacamarte,

Que me veio auxiliar.
 Nelle achei todas as penas
 Que um código pôde encerrar!

No bacamarte eu achei
 Leis qua dicidem questão,
 E que fazem melhor processo
 De que qualquer escrivão.
 As balas eram os soldados
 Com que eu fazia prisão.

Minha justiça era recta
 Para qualquer creatura,
 Sempre prendi os meus réos
 Em cadeia bem segura;
 Pois nunca se viu ninguem
 Fugir de uma sepultura!

.....

A dezoito de Novembro
 Eu em Pocinhos cheguei;
 Que o Padre Antonio Galdino
 Me dêsse um jantar, mandei;
 E que me servisse á mesa
 Ao mesmo Padre obriguei.

Compreendi que o Padre
 Me botou *urucubaca* ^(a)

(a) *Urucubaca*: infelicidade.

A estrella que me guiava
 Eu vi no céu mais opaca;
 De minha vida a corrente
 Conheci que estava fraca.

Então com os meus companheiros
 Fomos para Taquaritinga;
 Eu convenci-me de que
 Me acompanhava a *caninga* ^(b)
 Meu coração me dizia:
 —Silvino, volta e te vinga.

Pôrem no dia vinte e oito ^(c)
 Melancolico me senti;
 Passei o dia jogando...
 A's cinco horas me vi
 Pela policia atacado,
 E ao fogo então resisti.

Um meu cabra, ^(d) traíçoeiro,
 Perto de mim atirava
 Por detraz de uma pedreira;
 Vendô que eu não o olhava,
 Atirou-me por detraz
 Quando eu menos esperava.

(b) O mesmo que a caypora, o azar.

(c) 28—11—1914.

(d) O mesmo que cangaceiro, capanga.

Ao dono de uma casa
 Pedi que fosse chamar
 O commandante da força
 Para a elle me entregar;
 Pois eu estava quasi morto,
 E queria me confessar.

.....

Com esta edição, considero-me desobrigado de continuar a colhêr e a publicar trabalhos deste genero.

Tenho actualmente a preocupação de enfeixar em livro os «Subsidios para o dictionario da lingua nacional», que será a minha contribuição para essa obra tão opportuna e necessaria ao Brasil cosmopolita, trabalhado por uma ethnologia complicada, causa da plasticidade da lingua materna fallada pelos brasileiros.

Sente-se que a displicencia intellectual do momento nos leva para um terreno extravagantemente regionalista, em materia litteraria.

Do R. Grande, da Amazonia, de Minas, S. Paulo e Bahia, livros e mais livros de assumptos puramente regionaes apparecem occupando logar nessa confuza feira livre de litteratura da hora que passa.

Já os jornaes do Rio proclamam a excellencia de concepções como esta: «Esta negra Fulô,

esta negra Fulô!» Achei ruim, mas, de tanto ouvir as sugestões alheias, já acho lindo o poema da negra engendrando ciúmes á senhora e entontecendo o senhor branco. E' que as origens da raça, a fusão do sangue, os costumes, as lendas, a nossa natureza, já constituem assumpto obrigatorio dos litteratos, dos artistas, dos estudiosos; e o *Cancioneiro do Norte* não é senão um espelho de tudo isto.

Parahyba do Norte, Junho de 1928.

RODRIGUES DE CARVALHO





PREFACIO DA 1.ª EDIÇÃO

O *Folk-lore*⁽¹⁾ brasileiro, por cujo estudo tanto se esforçam Sylvio Romero e Mello Moraes Filho, é incontestavelmente um precioso contingente para a historia da litteratura nacional. Os cantos e os contos de origem popular, revelando a fonte inspiradora das tres raças em cruzamento, não só fallam ao coração pela reminiscencia de lendas e tradições que se extinguem, como são um attestado vivo da força intellectiva de cada uma daquellas raças, a fundir-se no mestiço diante dessa natureza esplendidamente victoriosa. Alem dessa circumstancia de ordem ethnologica, nota-se que a poesia e o conto genuinamente populares perpetuam com a singeleza e sinceridade do povo a chronica de todas as gerações; assim, vemos as chacaras e romances portuguezes celebrando durante 500 annos o arrojo dos navegantes lusos, ouvindo-se a saudosa melopéa peninsu-

(1) Palavra de creação ingleza; **folk** (povo, genero humano) **lore** (doutrina, ensinamento).

lar da *Nau Catharineta*; o africano, de *marimbão* ao umbigo, entoando a monotona canção dos desertos d'África; o índio relembrado hoje em dias de carnaval, a attestar, embora picarescamente, o furor mavorcio das tabas hostis.⁽²⁾

Filho desta região nortista, onde o senso de liberdade e o amor da patria foram sempre o apanagio do brasileiro, desde as luctas dos Tabajaras nas fraldas da Ibiapaba, das victorias de Cabedelo e Tabocas, á Confederação do Equador; acostumado neste meio, a ouvir a tristeza do africano nostalgico nos cannaviaes da Parahyba e a alegria arrojada do jangadeiro cearense; achei de colligir tambem cabedal para esse precioso thesouro — o folk-lore nacional.

Não darei no **CANCIONEIRO DO NORTE** uma obra completa, mas é intenção minha, a proporção que fôr obtendo novas producções, ir ampliando-o, refundindo-o, de forma que depois de certo tempo a poesia popular do norte, ainda não enfeixada em volume, fique n'uma obra immorredora, não attestando meritos de um colleccionador, mas o valor proprio dessa poesia, nascida da alma de tres raças predispostas ás contemplações da arte.

O embryão da historia litteraria de um povo temos nas suas lendas e tradições, no canto ano-

(2) Allusão ao tradicional folguedo popular **Os Caboclinhos**, muito usado em Pernambuco e Parahyba.

nymo de feição popular, nos contos e narrativas, fragmentos que, como na Venus de Milo, quando reunidos, dão um conjuncto harmonico e sublime.

Na Italia: Thomaseo, Tigri, Cottreau, Vigo, Dal Medico, Marcoaldi, Picenum, Nigra, Feé, Boul-lier; na Grecia: Fauriel e o conde de Marcellus; na França: Villemarque, Paulin Paris, Philibert le Duc, Beaurepaire, Francisque Michel, Charles Nizard e Champfleury; em Hespanha: D. Augustin Duran, D. Emilio Lafuente; em Portugal: Gil Vicente, Garret, Theophilo Braga; todos estes fo-ram colher na poesia do povo o encanto, a fonte genuina do sentir de cada uma d'aquellas na-cionalidades.

“Platão, Luthero, Montaigne, Lope de Vega, Rousseau, Goethe e Grimm, os maiores espiritos, como philosophos, como poetas, como intellectuaes eruditos, sentiram o que ha de graça, de inge-nuidade, de frescura, de consolação e de profun-da verdade na poesia do povo”. (3)

N'este periodo de formação do typo brasi-leiro, cuja feição definitiva ainda é um problema, acho que o trabalho de selecção que se exige para as investigações do Folk-lore é todo negativo.

Como affirmar ser o canto A de origem eu-ropea; a canção B indiana; a chula C africana, si o meio em que se colhem taes producções é o resultado de um manifesto hybridismo ethnologico?

(3) Theophilo Braga—Cancioneiro Popular.

Objectar-se-ha que pelas investigações sobre as origens; mas é um perder tempo tal investigação; porque a trova portugueza que vaga perdida no Brasil nada mais tem da origem senão a indole; identificou-se, esbateu-se, confundiu-se no amal-gama da linguagem commum.

A lenda tupy, por sua vez, corre confusa, inteiramente adulterada pelo costume, absorvida, adaptada ao meio, á geração succedanea. O elemento africano ainda é mais tenue e mais vago.

Não justifico Sylvio Romero quando afirma a origem de cada conto ou canto das suas collecções.

Das tres raças ha apenas a reminiscencia, estampada no typo, nas acções, nos costumes do brasileiro actual. Assim, encontramos a cada passo no conto de origem americana, segundo Sylvio, reis, fadas, giboias e encantamentos, o que desvirtua o característico exclusivo que se lhe empresta.

A verdade é esta: os cantos portuguezes correm entremeiados de expressões indigenas e de onomatopéas africanas.

Difficil é, portanto, um criterioso trabalho de selecção; por que ás quadras, decimas, lendas e contos, tradições escriptas ou oraes, traduzindo costumes nacionaes, são, por sua vez, saturadas de ideias e expressões portuguezas.

O-lê-lê, vira moenda,

O-lê-lê, moenda virou;

Quem não tem uma camisa,
P'ra que quer um palitô?...
Bebe o caixeiro na venda.
O patrão no Varadô" (4)

"A moenda" traz na canção a faina do escravo preso ao trabalho na "fabrica" dos canaviaes.

Ora, ahi temos um specimen de hybridismo a pedir dos competentes uma decomposição que caracterise a indole do verso.

O proprio Sylvio Romero, na Historia da Litteratura Brasileira, pag. 93 em diante, 1.º vol., cita diversos exemplos de poesia entremeiada de versos portuguezes, africanos e americanos.

Ainda um exemplo, d'entre os muitos que conheço.

Trata-se de um conto:

"Foi um dia um velho; tinha tres filhas, que fugiram de casa e se perderam em veredas differentes, sahindo uma na estrada grande. Veio um passaro e disse á moça que tomasse cuidado, que por alli havia uns gigantes perigosos. De facto, apparecem uns gigantes que pegam as raparigas. O passaro havia prevenido á moça que não bebesse de uma bebida que o gigante offerceria; pois tal bebida faria adormecer; mas, as duas irmãs mais velhas beberam, emquanto a mais moça derramou ao chão a bebida. Estavam

(4) Cantiga dos negros dos engenhos da Parahyba.

todas na camarinha, quando o gigante chega por fóra forçando a porta para comel-as, nisto a mais moça das tres irmãs cantou a seguinte trova, que afugenta o gigante:

“Que ku, cama-cama

Que ku, catolé...

Ô Zarizë

Kum Zariquê...

Casal que me coma

Casal que me deixe,

O chinrimbê cum biá.

Quando eu vim da minha enganga

Que ganga man-gá...

Cacholi-choli-cholê...

O cum manga, cum mangueira,

Pois Manuê cum Manuê”

O gigante fugiu, e as moças também fugiram, evitando-o andaram, andaram, e o gigante as perseguia, até que ellas, achando um pé de páo muito alto, subiram, subiram, que ficaram do tamanho de um mucuim.⁽⁵⁾ Veio o gigante de tres olhos e não as enxergou; veio o de dous olhos, não as enxergou; veio o de um olho só, e viu no olho do páo uma fumacinha. Então o gigante tocou a botar o páo abaixo com um grande machado. As moças cantavam aquella cantiga “Que

(5) Mucuim ou micuim, especie de carrapato, vermelho e muito miudo. (Trombidiidæ, Micuim ou bicho colorado, seguido R. Von Ihering. “Atlas da fauna do Brasil”)

ku cama-cama”, a que o gigante respondia também cantando em voz muito grossa:

Ô zariguê, cum zarizê,
Páo... páo... páo...

Repetindo sempre este canto até que chegou um passaro ao olho do páo, ⁽⁶⁾ e a mais moça das tres irmãs disse-lhe: “leve primeiro a minha irmã mais velha. — Depois o passaro levou a segunda, e por fim levou a terceira, desencantando-se n’um principe, seguindo-se o casamento da mais moça com elle”. ⁽⁷⁾

Eis um exemplo frisante da confusão dos tres elementos: o canto é de origem portugueza, repassado d’aquelle cunho de fabula e concepção maravilhosa oriunda dos germanos, modificado pela concepção do selvagem e do africano, a cujas linguas, embora deturpadas, são devidas as singulares estrophes.

O *folk-lore* vem através das idades revelando as condições emocionaes de cada raça, de cada povo, de cada civilização; e do mesmo modo que o amalgama ethnologico vai transformando a humanidade, a tradição se transfunde. Exemplo haja no seguinte producto novelistico:

“Era uma vez um caçador, e vai um dia foi a caça e viu uma lebre a dormir; e disse assim:

(6) No ponto mais elevado da copa.

(7) Este conto foi colhido por Antonio Angelitino em Missão-Velha—Ceará.

Agora é qu'eu t'apanho; e se t'agarro vendo-te e compro um carneiro pequenino, e crio-o; e quando for grande vendo-o; e depois compro um burro; e mais crescido o burro, vendo-o; arranjo a casa e caso-me; e hei de ter um filho, e hei de pôr-lhe o nome de Diogo; e depois hei de chamar por êle; Diogo! Diô-ô-ôôô-go! Diô-ô-ôôô-go!

E vai quando assim gritava, acordou a lebre e fugiu-lhe a lebre! e o caçador só teve tempo de dizer: Lá se me vai a minha fortuna"! (8)

Variantes dessa novella existem diversas, segundo Gil Vicente e os seus seguidores: a *Mulher do pote de leite*, a *Mofina Mendez* (ou a mulher do azeite).

No norte do Brasil outras formas tomou a narrativa symbolica da ambição humana irmã da desillusão.

A historia do homem do "Engenho do Ovo":

"Um dia foi á pia baptismal um menino. A madrinha disse: meu afilhado, nada tenho para te dar senão este ovo da minha gallinha. Toma-o; e o menino levou-o á casa, onde a mãe o deitara sob as azas de outra gallinha no choco. Tirou esta uma pinta, a pinta se fez franga, a franga se fez gallinha, que encheu o terreiro de muitas creações. O menino foi rapaz, ficou ho-

(8) Versão allemã pelos irmãos Grimm, *Kinder- und Hausmarchen*. n.º 164, citada nos Contos, Apologos e Fabelas da India, de V. Abreu.

mem, barbou, vendeu todas as gallinhas, comprou um porco, matou-o, com o dinheiro do porco comprou uma bezerra, a bezerra se fez vacca e produziu tanto, que o seu dono chegou a possuir uma grande fazenda de gado. Vendeu o gado, e logo comprou um Engenho (já se sabe, um engenho de fabricar assucar) uma rica propriedade, de verdes cannaviaes e muitos escravos”.

O nosso ingenuo matuto ouve esta linda historia de queixo cahido, e se convence de que existe em algum desses fecundos valles do nordeste o famoso “Engenho do Ovo”. Existe, mas ninguem sabe em que parte.

Outra modalidade:

“Um roceiro dos nossos vinha do roçado alli pelos cafús. Suado, enxada ao hombro, sonhando com a lavoura. Atraz a mulher, que o acompanhava, feliz, silenciosa, carregada de milho verde; mais atraz vinha o pirralho do filho, tambem suarento, de calcinhas de algodão e chapéu de palha de carnauba. Empunhava um bodoque e trazia um embornal cheio de balas de barro para a sua arma.

O camponio, no devaneio constante do pequeno agricultor, disse: “este anno, si Deus quizer, faço umas cinco saccas de lã, tenho muito milho, tenho muito feijão, Deus louvado! e vou *comprá um animá!*”⁽⁹⁾

(9) Um animal quer dizer um cavallo ou egua.

—Um cavallo, Reimundo? pergunta á mulher.

—Não, quero uma *bisquara*. Quero ver se compro a poldra do comrade Xico Tétéo.

Perfiro besta porque com certeza para o anno ella pare um burrinho, e sendo esquipador, a Deus querer, posso vender por duzentos *bagos*.

A ouvir a alviçareira ambição paterna, o pequeno não se conteve e bradou:

—Compre, pai! Compre a bestinha, que eu quero me *amontá* no burrinho, e *corrê* nelle que só uma frexa!

O matuto, violento,—avançou para o filho: “*Estais doído, grandississimo; pois queres logo escambiekar o bichinho*”. E deu forte *bufirra* no pobre do rapazito, tão vão nos seus anhelos de felicidade como o pai.

Ao meu ver, cuidando-se da elaboração do folk-lore, pouco importa destacar elementos de per si; é preferivel em cada verso ou em cada conto, estudar o meio e o momento da sua criação, e tirar dessa investigação um resultado mais proveitoso que o saber se a procedencia é portugueza, africana ou indigena: estudar qual a condição da nossa civilização, quaes os elementos prepoderantes para o respectivo aperfeiçoamento; qual o estadio mental das duas raças selvagens, e a sua evolução em contacto com a portugueza. Pela concepção de um conto, pela harmonia de uma trova, muito se induzirá sobre a evolução

intellectual de qualquer povo em estado de formação ou decadencia.

Quando começou a poesia popular no Brasil? onde primeiro espontou? que influencia mental orientou-a? quaes as correntes litterarias que determinaram a sua marcha evolutiva, partindo da monotonia da musa indigena ás flexuras saudosas e picarescas da trova actual?

São interrogações que só podem ser respondidas por hypotheses mais ou menos verosimeis.

Anchieta, o divino Anchieta, espalhou de envolta com as palavras evangelisadoras da fé christã, a semente de que havia de germinar a nossa litteratura. Os seus autos, os *Mysterios*, os dramas de fundo religioso, com symbolicas divindades representando o vicio ou a virtude, são o ponto de partida, a rocha d'onde jorrou o fio d'agua, a estrophe entoada nas florestas virgens, para se fazer caudal pelo correr dos seculos.

“Os indigenas tinham um genero de poesia, que lhes servia para o canto: os seus poetas, presos até pelos inimigos, eram os mesmos musicos ou cantores, que em geral tinham boas vozes, mas eram demasiadamente monotonos; improvisavam motes com voltas, acabando estas na consoante dos mesmos motes. O improvisador, ou improvisadora, garganteava a cantiga, e os mais respondiam com o fim do mote, bailando ao mesmo tempo, e no mesmo lugar em roda, ao som de tambores e maracás. O assumpto das canti-

gas era em geral as façanhas de seus antepassados; e arremedavam passaros, cobras e outros animaes, trovando tudo por comparação, etc". (10)

Mello Moraes Filho, beneditino escavador das nossas reliquias historicas, a quem muito acato, repelle o informe do grande Varnhagen e diz ser mera ficção essa ideia de ser o indigena brasilico dotado de inspiração poetica. (11)

Si em nossos dias não tivéssemos um exemplo vivo do selvagem poeta nas florestas amazonicas, o apurynan ou o jamamady, que se banqueteam, formando danças e cantares, toques e alaridos, bastaria sabermos que nas pocemas de triumpho o indio canta o seu canto de guerra, victorioso e expansivo; e não é crível que a ideia embalada ao rythmo da musica possa ter outra forma que não seja a poetica.

A alegria da victoria, a reminiscencia dos avós, o rio com o maguary fabuloso, a tapuya ardente e ciosa de amores, as tempestades, a lua e o sol; são motivos fecundos de muita poesia, embora monotona nos labios do selvagem pela pobreza de vocabulario.

Exemplo de poesia dos nosso indios:

(10) F. A. de Varnhagen—Florilegio da Poesia Brasileira—Tomo 1.—Edição de 1850.

(11) Para se fazer a ideia do estado da poesia dos indios transcrevo os versos seguintes, colhidos em Goyaz, segundo a Gazeta de Noticias, do Rio.

Da cobra:

Mira pequé avá?
Emboaiauçú memboava.
Aniová guripé
Emboaiauçú memboava

Traducção:

Que é daquelle homem?
Era cobra não era homem.
Já estive em casa delle.
Era cobra não era homem.

Do Passarinho:

Orepopo conderava
Japuin guirapendê,
Erori derá vidjuva
Enonenonga che recê.

Traducção:

O passarinho sacode a cauda,
Japuin guirapendê,
Traz a tua cauda amarella,
Vem sentar-te sobre mim

O grande rio cheio:

E'javae téle paranan,
Erorin yh derá vijuva,
Paranan janaeté
Paranan vituaçú.

Tradução;

O rio está muito bravo,
A torrente é amarella.
Roncando muito está o rio.
Está o rio tempestuoso.

Do peixe:

Pyra! Pyra!
Apono nairumo, pyra!
Deretamo, epiacé, pyra,
Penderetama, aipyra.

Tradução:

Peixe! Peixe!
Eu vou contigo, peixe,
Vou ver a terra do peixe,
Minha terra o peixe vai ver.

*Do Tauató (passaro que come cobra e que os
indios idolatram):*

Me maran pereicó,
Ai! me maran pereicó.
Derorivá amonguyrá
Guyrá Tauató!

Tradução:

Que tristeza você tem?
Você por que está triste?
Passarinho tão alegre,
Passarinho Tauató.

Da Jassanan:

Nhaçanin, Guyvaréó,
Enovenonga cherecê.
Ai! Nhaçanin guyraréó
Enovenonga cherecê.

Traducção:

Jassanan, meu passarinho
Vem sentar-te sobre mim
Ai! Jassanan, meu passarinho,
Vem sentar-te sobre mim.

Os companheiros de Catemare ouviam atentos o seu poeta. E o indio poeta, então recitava desembaraçadamente. Para fechar aquelle «cavaco literario» Catemare ia recitar-nos uma quadra, improvisada, ao ver a sua irmã chorar, por ter quebrado o *canunguá*, agulha de páo, com que fazia as rêdes.

Eis os versos:

E' jaceô quocherendêra
Canunguá canunguarecê,
Ai! jaceô quocherendera,
Canunguá canunguarecê.

Traducção:

Minha irmã está chorando
Por amor de canunguá,
Ai! Minha irmã está chorando
Por amor de canunguá.

E o expediente adoptado por Anchieta, escrevendo em versos os seus ensaios theatraes, em lingua indigena, comprova a bem fundada presumpção de que entre os selvagens existe, pela poesia, um campo a explorar muito proveitoso á missão da catechése.

Ora, sabendo-se que a campanha civilisadora do humanitarissimo jesuita começou pela poesia, facil é comprehender ter nascido a poesia popular da expontanea inspiração indigena, em contacto com a influencia religiosa”.

Um parenthesis: a proposito da monotonia indigena em poesia, temos ainda hoje prova nos celebrados côcos populares do norte em que a concepção é escassa e o vocabulario pauperrimo:

“Bem-te-vi derrubou,
Gamelleira no chão”.

Isto é tirado em solo pelo mestre dos côcos; respondendo em choro, a roda dos dançadores que fazem tregeitos com o corpo, dando palmas rythmadas:

“Derrubou, derrubou,
Gamelleira no chão”.

Ou então neste outro exemplo, tambem do mesmo brinquedo:

Toca fogo no sapé,
P’ra nascer fulô...

Respondem:

Para nascer, para nascer
P'ra nascer fulô.

Fechemos o parenthesis. Depois d'aquella embryonaria phase de S. Vicente, theatro de Anchieta, recebe a poesia popular poderoso subsidio de aperfeiçoamento na Bahia, ao poder magico da lyra de Gregorio de Mattos, perigosa clava de combate ás depravações dos frades e ao espesinhamento da metropole. Neste poeta irrompeu uma fonte thermal de espirito, lubricidade rimada, rebeldia, lyrismo, e vigor tropical. Isto foi bastante para tonificar a poesia anodina que se perdia em ensaios.

Em S. Paulo já se cantava:

“Vem cá Vitú! vem cá Vitú!” (12)

“Eu não vou lá, não vou lá, não vou lá”

“Que é delle o teu camarada?”

“— Agua do monte o levou:—

— Não foi agua, não foi nada,

— Foi cachaça que o matou”.

Esta é da primeira phase de nossa civilização; bem assim a seguinte:

(12) Conforme escreve Morales de Los Rios a proposito do Morro do Castello, houve um dilavio no Rio e as aguas d'aquelle morro fizeram caudal na rua de S. José, arrastando e matando ao popular Bitú, d'onde a criação da citada chula.

(Jornal do Commercio do Rio de 10—11 1921).

“Mandei fazer um balaio
Para botar algodão”.

Depois veio a modinha bahiana, glosada por Gregorio de Mattos:

“Banguê, que será de ti” (13)

Esses cantares, reveladores da concepção acanhada dos nossos primeiros tempos, ainda hoje repercutem perfeitamente nas popularíssimas modinhas:

“Vem cá, Siriri,
Vem cá, Siriri,
As moças te chamão,
Tu não queres vir.

Eu não vou lá, não,
Eu não vou lá, não,
Eu peço uma esmola,
Vosseis não me dão.”

(Cantam e dançam em roda).

E ainda nesta outra muito vulgar no norte.

“Mandei fazer um chicote
Do cabo da Sabiá,
Para dar em meu bemzinho,
Na minha amada Yáyá”.

Mas... de parte essas generalidades que affectam á poesia do norte apenas quanto á origem

(13) Florilegio citado.

commum no Brasil, passemos ao objectivo que nos deve attrahir de preferencia: esta região da sonhada Confederação do Equador, verdadeiro coração da terra nortista.

Quem conhecer esta zona comprehendida entre a foz do S. Francisco e a do Parnahyba, todo o esplendor tropical desta natureza, as praias, os brejos, os engenhos, as cidades, os sertões, os costumes, as festas, as lendas, preferirá, como eu prefiro, concatenar as produções em um livro de canções populares, mais pelo assumpto que se prende a cada zona, que pelo elemento ethnico propriamente dito.

Estudemos, pois, o meio physico, a sua influencia sobre o ambiente moral; fallemos tambem das multiplas modalidades por que o espirito do nortista se revela nas suas crendices e folganças; e depois desse trabalho offereçamos ao povo o resultado de sua propria vocação artistica, fructo dessa expontaneidade anonyma, caracteristica do espirito meridional do brasileiro.

Uma face original, pela qual podemos estudar o nortista, são os folgares de natureza popular. Partindo da vida praiana, veremos o jangadeiro, queimado ao sol, bronzeado, de musculatura possante, em trages domingueiros, calças de algodão alvejantes, camisa anilada, chapéo de arnahúba, feliz e expansivo, a contar as ultimas proezas da pesca. Um refere historias de almas

do outro mundo em pleno mar: "alli nos baxios onde virou a jangada do tio João", etc.

Outros tagarelam sobre as moçoilas do logar; e quasi todos, emfim, á sombra das caiearas ⁽¹⁴⁾ batem no pinho, ⁽¹⁵⁾ cada um por sua vez, entoando cantigas repassadas de uma doce ternura, n'um rythmo de onda em balanço:

"Minha jangada de véla,
Que vento queres levar?
De dia, vento de terra,
De noite, vento do mar".

O mestre me perguntou
Onde ficava o caná,
E logo lhe *arrespondi*:
Da outra banda de lá.

Santa Maria lá fóra,
E o canoeiro remando,
Lourenço se aperriando:
Mané Fulô, venha cá!

Nesta barra entrou
Dois *navio* de guerra:
Não *inçou* bandeira,
Nem salvou a terra.

(14) Palhoças.

(15) Tocar viola.

Que navio é aquelle agora
Que vem na volta do *má*?
Pela prôa me parece
Um barco *mala riá*.⁽¹⁶⁾

Na primeira e singela quadra do immortal Juvenal Galeno, e nas anonymas seguintes se enfeixa o sentir do praiano do norte, dragão humano que brinca com o furor das vagas, seja impedindo o trafego escravo no Ceará, seja na faina da pescaria. Nas costas do Rio Grande do Norte e Parahyba (especialmente n'aquelle Estado) é raro encontrar um rapaz do povo que não saiba tocar viola ou harmonica; e nos povoados o classico violão e a modinha fazem parte da fina educação.

Deixemos o littoral, seguindo os vales do Ceará-Mirim, Curimataú, Camaratuba, Mamanguape, Miriry, Parahyba, e dos rios de Pernambuco e Alagôas, por todas essas paragens fecundas de cannaviaes verdoengos, encontraremos os casebres silenciosos, os engenhos de assucar de fogo morto, ou quasi a se extinguirem, pelo desapparecimento do braço escravo, senzalas mudas, onde outr'ora a raça negra pagára o pesado tributo de ter nascido negra. Alli o elemento africano cantava a sua infeliz nostalgia pelas noites de

(16) Cantares das praias da Parahyba.

luar, em dias sanctificados, ao toque plangente dos tabaques⁽¹⁷⁾ e puitas.⁽¹⁸⁾

A cantoria é monotonica e monotono é o toque—o batuque,—cujo rythmo condiz com o requiebro e tregeitos nas diversas danças.

Os negros, em promiscuidade de sexo, conservam-se em roda dos tocadores, e de quando em vez sae um par de mãos dadas como a desconjuntar todas as articulações da espinha dorsal, inclinando-se para traz:

“Vamos quebrar giráo...

O... lê...,

repetem sempre este estribilho, cantando até que a dança acaba.

Esta é uma das mais exquisitas partes da coreographia africana, entre nós.

Na dança cambindas os dançadores levam todo o tempo acorados n'um movimento de sapo que obedece á musica.

Em outra parte deste prefacio já fallei da cantilena:

“Ô lê-lê, vira moenda”,

Ô lê-lê, moenda virou”,

(17) E' um meio tambor feito de um barrilote com uma das boccas coberta de couro bem esticado. E' o instrumento cantante.

(18) A puita é feita da mesma forma, accrescida de um certo apparelho, que, tocado faz o acompanhamento.

que é entoada ao som de palmas. E' outra especie de dança, em que o descendente do africano já confunde os primitivos cantos com os do aborigene, referindo-se á sua labuta quotidiana e ás condições do meio.

Existe uma variedade de "côcos", entre estes o *piauhy*, dança ás umbigadas, reveladores da confusão de habitos das duas raças selvagens.

Algumas destas rudes diversões estão quasi extintas, e dellas se reproduzem reminiscencias nos dias de carnaval, em Pernambuco — os celebres maracatús. ⁽¹⁹⁾

Na arte do canto, seja a musica instrumentada ou o verso posto em solfa, observa-se que entre as raças inferiores ha a maior pobreza de notas na combinação dos sons.

Entre os negros africanos natos o canto é uma especie de uivo gutturado, com a cadencia de tres ou quatro notas differentes; o instrumento musical, marimbão, puita ou maracá, ⁽²⁰⁾ vibra na monotonia das mesmas trez notas.

(19) Maracatús: São foliões caracterisados de negro, vestidos, de calças e jalecos, outros de saias e camisas de mulher, fingindo negras bahianas, tocando maracás e dançando loucamente pelas ruas.

(20) Ao maracá tambem se chama ganzá. Sobre o expressivo instrumento cantam em Goyana de Pernambuco:

“O ganzá está chamando,
Chamando Sinhá...
O beijú está no fogo,
Está bom de virá”.

Entre os indigenas do Brasil o phenomeno na arte da harmonia não differe: o pifano em forma de tubo (feito da casca de uma arvore em voltas superpostas), ou o tambor, ambos vibrados na algazarra dos ceremoniases festivos, não soam senão em trez notas.

D'ahi a necessidade dos estribilhos muitas vezes repetidos no canto, as palmas rythmadas nas danças, as palavra de enxerto na trova. Simples termos de girias, as syllabas destacadas veem completar a exigencia da metrica, entre os ver-sejadores populares; isto já vem observado por Varnhagem e pelo maior folk-lorista da lingua portugueza, o erudito Theophilo Braga. E' frequente na poesia popular no norte do Brasil:

“O... lê... lê... etc”.

“Tibe léte, tome lá,

Tibe léte, vou-te cão”

(cantiga inserta neste livro)

Ou então esta quadra de cançoneta bohemia, cantada em roda á mesa quando Baccho espalha o fumo dos combates:

“São Gonçalo foi a caça, caça, caça,

Todo cheio de lacinhos, cinhos, cinhos,

Em louvor do mesmo santo, santo, santo,

Vou beber um bocadinho”.

Estribilho:

Dá-me, Deus, dá-me Deus,
gi-ti-ri-ti-ri-ti-ti...
Dá-me Deus, dá-me, Deus,
gi-ti-ri-ti-ri-ti-ti.

Equivale ás neumas da poesia popular latina.

Em honra a S. Gonçalo, o Santo casamenteiro, praticam-se varios brinquedos nos Estados do norte. Na Parahyba são cantares do genero já exemplificado; no Ceará existe mesmo uma dança acompanhada de cantos, denominada "S. Gonçalo".

Theophilo Braga cita algumas versões de cantos consagrados em Portugal ao Santo advogado das moças casadoiras.⁽²¹⁾ Também a S. Christovam emprestam naquelle paiz o poder da gulodice, abrindo o appetite ás donzellas:

"Menina, se tem fastio,
Apegue-se a S. Christovam,
Si não, apegue-se a mim,
Que eu ao pé do Santo móro"

(Citação de Maximiano Lemos na sua Encyclopedia Portugueza).

Essas minucias, aos olhos do profano, são perfeitas nugas, mas de grande aproveitamento ao estudo comparativo dos elementos que consti-

(21) Citado "Cancioneiro", de Theophilo Braga, pags. 30 e 31.

tuem a nossa poesia popular: o aborigene, o africano, e o portuguez, como portador de tradições latinas, germanicas, mouriscas, etc.

Entre os folgares mais communs e mais arraigados na tradição popular figura o bumba-meu-boi, que suppomos, de origem pagã, vindo do Boi Apis egypcio, atravessando centenas de civilisações, adaptando-se a differentes costumes, tomou no norte do Brasil uma feição particularissima (e se não estou enganado já um Estado do norte se fez representar em Chicago, por occasião da exposição, por uma dessas *troupes* de Matheus, chocalho e viola).

Bumba-meu-boi ou *bailes*, na Parahyba, Rio Grande do Norte, Pernambuco; Boi Suruby, no Ceará; Reisados, Cheganças, em outros Estados; a verdade é que durante a primeira quinzena de Janeiro aquella grosseira e insulsa pagodeira, traz o povoléo, a massa anonyma da canalha abalada, fóra da monotonia rude da lucta pela vida, disposta a rir, a rir ingenuamente.

Pelas cidades o Boi perde a sua graça primitiva; na roça, porem, a cousa toma proporções de acontecimento notavel.

As 8 damas com os seus 8 galantes, aquellas de saias engommadas, e estes de calças de brim branco, aniladas, os espelinhos na testa, as fitas, a viola, o Matheus, o Gregorio, a Velha, o Doutor, o urubú, a caypora, a zabelinha ou cavallo-marinho; constituem a preocupação espiritual de milhares

de matutas, pelas oitavas de "festa."⁽²²⁾ E as vozes!... e as sortes dos lencinhos atirados a furto... o estalar das castanholas, e o repisar cadenciado do baião em contradança; tudo, sobre proporcionar noutadas da popularissima diversão, ententece a cabeça ás moçoilas roceiras, de roupão de chita e mangerona atraz da orelha, cheironas á vida innocente do campo, e ao mesmo tempo ardentes pela exuberancia suggestiva da propria natureza. Peço venia a um chronista sobralense para transcrever o seu

Bumba-Meu-Boi

.....

"O Bumba-Meu-Boi é o divertimento da gente de pé rapado.

Tirai da vespera de Reis, o Bumba-Meu-Boi, e estareis certos de que roubareis á noite da festa o que ella tem de mais popular em todo o norte do Brasil, e de mais nosso, como assimilação de producto elaborado.

Este auto de character grotesco, em duas scenas, entremeiado de chulas, de dialogos pateticos, e desempenhado por personagens extravagantes, é tudo quanto ha de mais curioso nos tempos de Natal.

.....

(22) "Festa", neste sentido significa o tempo em que se festeja o Natal.

A distribuição da peça é a seguinte: — o Boi, o Tio Matheus, a Tia Catharina, o Surjão, o Doutor, o Padre, o Vaqueiro e o Amo; na Bahia e Alagôas, accrescem o — Secretario de Sala, o Rei e figuras que dansam, jogam espada e fazem côro.

Cada interlocutor tem o vestuario mais esquipatico: é uma mascarada.

O Rei, o Secretario de Sala e as figuras envergam capa e calção, trazem á cabeça corôa e capacetes prateados, meneiam espadas de páu, tocando tres ou quatro violas e raramente outros instrumentos.

O Boi é um arcabouço feito de tiras de pinho, coberto com uma colcha de chita, implantada no pescoço, curto e um tanto triangular, a cabeça pintada, com os competentes chifres.

Essa armação é levada ás costas de um individuo, que a deixando cahir, esconde-se debaixo durante a representação.

Um grito estridulo, como o da locomotiva em distancia prolonga-se nos ares parando com estrondo:

Eh!... boi!... Eh!... boi!...

E todos chegam ás janellas e ás portas, dando com os olhos em um vulto que ergue um archote e descansa aos hombros uma vara de aguilhão, ou o ferrão.

E, ao graniso da chamma, segundo grito fende o espaço, partido da bocca pintada de vermelho de um cabra, tatuado de preto, de carapuça encarnada:

— Eh!... Airoso...

E' o Tio Matheus, que, adiante do Bumba-Meu-Boi previne á redondeza da approximação do rancho. De feito, minutos depois passa elle com a sua musica tradicional, seu Boi galhardamente arranjado, e seu pessoal escolhido e cometo.

No fim da rua param em uma casa qualquer, afinam as violas e cantam:

“Aqui estou em vossa porta
Com figura de raposa,
Eu não venho pedir nada
Mas o dar é grande cousa.

Senhora dona da casa,
Bote azeite na candeia;
Me perdoe a confiança
De mandar na casa *aleia*.

Abri a porta.
Se quereis abrir,
Que somos de longe,
Queremos nos ir.”

A porta abre-se, e a casa é invadida pelos foliões á excepção do Matheus, o Boi e o Vaqueiro, que aguardam ordens.

A familia e os visinhos acodem pressurosos
accendem-se mais velas, as violas tinem e o ne-
gocio principia.

O Secretario de sala (dansando e cantando)

Oi! da prata e do ouro
Se faz o metal,
Oi! o dia dos Reis
E' p'ra nós festejar!

Côro

Oi! o dia dos Reis
E' p'ra nós festejar!

O Rei (*sentando-se na cadeira*) — O' meu
secretario de sala?!

Secretario — Sou humilde para attender ao
vosso chamado.

Rei — E' preciso ver se não se acha aqui no
nosso reinado uma peça para alegrar o coração
desta gente, que *piáo piáo*, é como a mandioca la-
vada em nove aguas. ⁽²³⁾

Secretario — Vossa... viola!..."

.....

(Omittimos, por demasiado extensa, a scena
que se segue, em que o Secretario canta e dansa,
repetindo o côro no fim de cada verso — Olha
bamba, bambirá! e no meio da qual se trava ac-

(23) Que está desenxabida, sem graça.

essa guerra, esgrimindo espadas o Rei e o Secretario e as figuras entre si.

O Tio Matheus vem sorrateiramente occupar a cadeira do Rei, e finda a scena, o Secretario lhe manda buscar o Boi).

.....

Guiando o Bumba-Meu-Boi, que faz as evoluções mais gaiatas, entra o Vaqueiro, a cuja voz obedece o Boi, servindo-lhe de guarda de honra as "Figuras", que, ao compasso da musica, marcham, seguem e abaixam as espadas, continuando no seu papel de côro.

VAQUEIRO

Ora, entra, Airoso,
 Ora, faz cortezia!
 Oia o dono da casa
 E a toda a familia.

Ora, estrova bonito;
 Ora, dá uma pontada...
 Ora, aqui no Matheus,
 Ora brinca bonito!
 Cum a rapaziada!

E de dois em dois versos o côro brada:—
 Eh! bumba!

Nisso que o Boi dança, ás gargalhadas e palmas dos circumstantes, Matheus dá-lhe uma pancada, e elle revira, esperneando.

O Vaqueiro assusta-se, encolerisa-se, e todos recomeçam:

VAQUEIRO—O meu Boi morreu quem matou foi Matheus. CÔRO—Eh! Bumba!

MATHEUS—Não senhor, quem matou foi o dono da casa.

VAQUEIRO—Senhor dono da casa, me pague meu Boi.

CÔRO—Eh! Bumba!

VAQUEIRO—Vá chamar o doutor.

CÔRO—Eh! Bumba!

O doutor chega, conduzido por Matheus, examina o Boi, prognostica molestia grave, receita e pede a Matheus uma viola.

O doutor toca e Matheus dança, dando tempo a que, em um lenço que atiram, as “Figuras” recolham o dinheiro.

Depois de muitos toques e de muito fado, o Matheus agarra em um menino para com elle dar um ajuda ⁽²⁴⁾ no Boi, que se levanta, terminando o acto pela cantiga de retirada:

Oi! da prata e do ouro

Se faz o metal!

Oi! a vespera de Reis

E' p'ra nós festejar.

(24) Ajuda è o mesmo que clyster.

L. Sacramento.

(“Cidade”, de Sobral, Janeiro de 1903).

Esta folgança popular do—*bumba-meu-boi*—muda de um Estado para o outro. Na Parahyba não ha o doutor; em compensação, ha a velha, o Gregorio (typo do caboclo), e o Matheus representa o africano.

Incluem tambem lá a caypora, um menino embrulhado em lençoes com uma urupema á cabeça. ⁽²⁵⁾

Em quanto o Boi está cantando á porta do dono da casa, sabendo se devem *vadiar*, cantam estas quadrinhas, em tom dolente:

“Aqui estou na vossa porta,
Como um feixinho de lenha,
Esperando pela resposta
Que de vossa bôcca venha.

De tudo se deprehen­de a confusão em que vae esse folgar; de indole portugueza, recebeu uma modificação local, dando acesso aos typos Matheus (negro), Gregorio (caboclo), caypora (animal fabuloso de criação indigena).

No Ceará já as figuras do Boi cantam em certa contradança:

(25) Urupema, grosseira peneira indigena, é feita de uma taquera chamada jussára.

Somos caboclos guerreiros,
 Que viemos guerrear,
 Com nossas flexas na mão,
 Nosso cabo de alongar.

Xei!... Xei!... girimanha,
 Somos caboclos da ilha romana.

A Republica, ou o capricho de certos vigarios, concorreu para que uma significativa tradição desaparecesse com o antigo regimen: eram os reis negros coroados no dia de Reis, 6 de Janeiro.

Nas freguesias da roça ainda ha bem poucos annos viam-se o rei e a rainha, seguidos de um cortejo de condes e condessas, que depois da missa recebiam do padre celebrante a consagração dos direitos reaes.

E pela rua afóra seguiam em procissão, acompanhados de uma charanga ou de um zabumba e gaita, tomando a serio aquella sagração, um tanto ridicula, mas digna de acatamento pela convicção com que era praticada.

Tambem se liga á festa de Reis, de 6 de Janeiro, um tradicional e sentido costume ainda hoje praticado no Ceará: tirar os Reis de porta em porta, á noute, com musica e canto:

Ou de casa, ou de fóra...
 Mangerona é quem está ahi,
 É o cravo, e é a rosa,
 E' a flor do bogary.

Esta casa está bem feita
Por dentro, por fóra não;
Por dentro cravos e rosas,
Por fóra mangericão.

Esta casa está bem feita,
Só o que falta é a cumieira;
Que saia o dono da casa
Com a sua companheira.

Esta casa está bem feita,
Só o que falta é o travessão;
Que saia o dono da casa,
Cumprir sua obrigação.

Na feliz amistosidade, trocam-se saudaes, dão-se offerendas aos foliões que cantam á porta; e em todos fica pairando uma saudosa impressão, uma lembrança não sabemos de que, uma incerteza sobre o anno que se inicia, tudo comprovando apenas que a tradição é um elo espiritual que liga os povos com todos os segredos da poesia.

A musica já vae tocando ao longe o mesmo estribilho, bohemios cantarolam em direcção opposta, e nessa bella Fortaleza, ao regougar da onda embravecida de Janeiro, sob um céu estrelado e puro, ao fluido suavissimo do luar que se reflecte nas areias de prata pulverisada; aquella melopéa é, talvez, a unica no Brasil que ainda perpetúa os cantos dos Reis Magos, usados em

Portugal, reminiscencia da lendaria adoração ao presepio de Belem, ao boi, ao carneiro, ao burrico, ⁽²⁶⁾ costumes simples que transpiram toda a poesia caracteristica de uma raça contemplativa.

Aos folgares da raça negra alliam-se as superstições, e as mandingas e feitiçarias são um complemento d'aquelles folgares; assim é que *fazer mesa* ou beber jurema é uma verdadeira funcção de alegria.

Dá-se, entretanto, presentemente uma verdadeira confusão de costumes entre o negro e o caboclo na pratica do feitiço.

Todos commungam um mesmo systema: reunidos, sobre uma esteira, sob o effeito capitoso de beberagens aguardentadas, tocam maracás feitos com caroços de mulungú, entoando phrases cabalisticas, e fazendo mesuras; depois transformam a cerimonia em dança.

Homens e mulheres estão convencidos que, ao poder d'aquellas ceremonias o corpo está fechado a todos os males, que os corações dos amantes ingratos se abrem em ternuras felizes.

Rosarios, sapos de bocca cosida, bonecos, bichos de diversas qualidades engrudados em cera de abelha, ornamentados de fragmentos de bolacha, são os enfeitos da mesa.

Quereis, leitora ingenua, que vossa inimiga enlouqueça, definhe e morra? Conseguí uns fios

(26) A. Ferreira — Obra citada.

de cabellos seus e guardae-os dentro de uma casa de cupim. Ou melhor, apanhae-lhe a areia do seu rasto, ou um pouco do seu sangue, e tudo guardae na bocca de um cururú, cosendo-a, e lanca o nojento amphibio á lagôa. São estas as armas poderosas do africano, ingenuo, alliado á bonaldade do caboclo, nessa parte do occultismo. Entretanto, quem dispõe de tão propicios elementos para a conquista de corações e exercer vinganças, cae inerme, como o diabo ante a cruz, ao contacto de um galho de pinhão de purga; o feiticeiro é inimigo acerrimo dessa pobre euphorbiacea.

Uma surra de pinhão é um verdadeiro exorcismo nos coiros de um mandingueiro.

Em todos os tempos e por toda a parte a superstição constitue uma preocupação dos espiritos incultos, e á proporção que a intelligencia evolue, e o conhecimento se aperfeiçôa, parte do occultissimo deixa de ser o maravilhoso para se tornar uma como esphyngue scientifica.

Partindo das phantasticas creações da India até aos nossos costumes, veremos a mesma uniformidade de extravagancias, a eterna duvida entre a sciencia e o sobrenatural.

E não ha nada a differençar entre as tradições supersticiosas do indigena americano e qualquer phase das superstições do Oriente; e, entre as demais analogias, notaremos a escolha do sabbado para as assembléas dos feiticeiros.

Aqui no norte é do sabbado para o domingo que se realizam as grandes ceremonias da jurema; na India era tambem naquelle dia que se praticava a adoração de Holda, a lua.⁽²⁷⁾ Não só no dominio da ideologia das raças inferiores como em outros departamentos de sua actividade, dão-se analogias singularissimas, que tornam mais emmaranhados os tenues fios da ethnologia no tocante ao berço commum da humanidade.

Assim, vemos em diversos povos primitivos o uso da couvade, e ainda hoje, sem que um ensinamento historico existisse, o homem de certas tribus indigenas da Amazonia, adoecer, recolhendo-se á cama por dias, em lugar da mulher parturiente⁽²⁸⁾.

Ainda mais: como era pratica na antiguidade, os indigenas fazem os seus apparatusos banquetes funerarios quando morre um da communhão; convidam as malocas visinhas, matam caça durante dias, enfeitam o terreiro da habitação de pennas multicores amarradas em um mesmo fio, como bandeirinha de papel; e, reunidos, cantam, tocam, dançam e se banqueteam, chorando em seguida sobre as cinzas do morto, para depois

(27) Theophilo Braga — Obra citada.

(28) Starck, citado por G. Tarde nas *Transformações do Direito*, diz que esse uso tem um fim symbolico: para o filho ter força e valor, finge-se ter sahido das entranhas do pae. E isto ainda hoje é praticado por algumas tribus do Amazonas.

renovarem a cerimonia festiva. Muitos são os pontos analogos, por onde se verifica a identidade humana, senão por ter tido um berço commum, mas por ser commum a sua essencia.

De parte esta ligeira divagação, voltemos ao nosso feiticeiro, e em falta de documento mais valioso, transcrevamos um versiculo dos muitos cabalisticos de seu rito, o qual é cantolado em som guttural, acompanhado ao rythmo do maracá:

“Rainha do céu mandou me chamar
Para assistir na mesa do aruchá.
Trufá!” (dando forte pancada com o maracá).

Toca em seguida o maracá, e sae defumando os circumstantes com a fumaça do seu cachimbo cheio de jurema.

Herdámos de Portugal essa expontanea vocação para crer e vacillar diante do phantastico; e o povo ignaro absorve-se tanto, que chega a praticar o occultismo por meio da credulidade religiosa.

Um pagão de pés para o ar, invertendo os orgãos locomotores, tem o poder de sustar uma chuva imminente, é credíce.

Na queima dos roçados, para que o fogo se ateie logo, o matuto, credulo e rude, assobia, porque tem a convicção intima de que o vento é attraído por essa forma.

O contrario, se a ventania é muito forte, o diabo anda solto nas correntes aereas que for-

mam o redemoinho, e então uma invocação a S. Lourenço é sufficiente para acalmar o pé de vento.

Si a matrona perdeu o dedal de costuras, ou qualquer dessas cousas triviaes e indispensaveis, uma simples promessa de tres gritos a S. Guino (deve ser S. Guido) faz apparecer a cousa perdida, e então grita-se a bom gritar por tres vezes: "achei S. Guino"!

Qualquer luxação cede logo á simples medicação empirico-religiosa: uma velhinha traz o seu novello de fio e uma agulha, e collocando-o sobre o logar desconjuntado, finge coser, atravessando a agulha no novello em diversos sentidos, benzendo-se umas tantas vezes a murmurar baixinho:

"O que coso eu?— Carne quebrada, nervos tortos, pé desconjuntado". Resa uma Ave-Maria, um Padre-Nosso, etc. Chama-se a isto coser carne quebrada.

Uma hemorragia tenaz cessa *tomando-se o sangue de palavra*. E' um benzimento com palavras cabalisticas tomadas á religião. Nem todos podem tomar sangue de palavra, é chamado um curandeiro useiro que, naturalmente, tem dons magneticos influenciadores da cura.

E' um acto solemnissimo, de muito respeito, a que só se recorre em caso extremo, esse do sangue de palavra.

A *espinhela cahida* tambem tem nas benzeduras a sua medicina.

“Oração para espinhela *arque* e ventre cahido”.

“Jesus Christo quando no mundo andou *arque*, ventre, e espinhela cahida levantou; Ia Jesus e Lunguinho por um caminho fazer uma longa viagem, Jesus olhava e Lunguinho ficava.

Anda Lunguinho. Não posso, Senhor. Que tendes Lunguinho? *Arque*, ventre e espinhela cahida:

Linguinho mede teu rastro no meu; que assim como eu fui são e salvo das minhas cinco chagas assim Severino será são e salvo de *arque*, ventre e espinhela cahida. Espinhela vai para teu canto assim, como N. S. J. C. está no *panto*. Espinhela, procura teu lugar assim como N. S. J. C. está no altar. Espinhela vai para teu natural, como N. S. J. C. exposto está.

3 P. N., 3 A. N., 3 G. P. offerecimento ás 5 chagas de Jesus Christo.”

Benzer o olhado ás crianças, todos conhecemos: uma bruxa qualquer toma o doentinho, suspende-o pelos pés até a altura da cabeça, isto no meio da porta que conduz para o copiar. Em seguida *gotteja* um pouco de oleo de oliveira dentro de uma bacia com agua, benzendo-o com um raminho verde de vassourinha; si a criança tem olhado, a folha murchará; e os circulos do azeite sobre a agua denunciarão se foi homem ou mulher que botou o quebranto. Para achar

cousas perdidas, além da tortura a Sto. Antonio, botando-o de cabeça para baixo, ou sobre moedas de xem-xem (10 réis de cobre, emissão colonial) pega-se uma urupema, collocada em forma de rodeira de carro; é tangida por uma thesoura á proporção que se pronunciam os nomes das pessoas de quem se desconfia seja detentora da cousa procurada; é reputada ladrão aquella pessoa cujo nome se pronunciou ao cahir da urupema.

De todas essas abusões a mais original é curar a bicheira, no sertão. O vaqueiro velho e traquejado, de rosario ao pescoço por baixo do gibão de couro, não precisa ver a rez doente, basta saber a direcção do sitio onde ella come. Da porteira do curral, antes do sol nascer, benze-se, e convicto de que se communica com o sobrenatural, resa esta oração:

“Mãos que comeis, a Deus não louvaes e nesta bicheira não has de comer mais. Has de ir cahindo de dez em dez, de nove em nove, de oito em oito, de sete em sete, de seis em seis, de cinco em cinco, de quatro em quatro, de tres em tres, de dois em dois, de um em um, e esta bicheira ha de ficar limpa, salva e sã, assim como ficaram limpas, salvas e sãs as cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo.

3 Padre-Nosso, 3 Ave-Maria, offerecidas ás 5 chagas de Nosso Senhor Jesus Christo.”

A crendice popular sobre a arte de curar relembra ainda costumes do estado fetichista, da astrolatria principalmente. Assim é que a mãe de familia roceira mostra o recém-nascido á lua—nova porque, se o não fizer, o bello astro da noute póde levar o filhinho, ou concorrer para que elle soffra dôr de barriga e outras achaques.

Quando a criança é *cachecha*, magrinha, é comida da lua.

“Dê cá pão com farinha,
Para dar a minha gallinha,
Que está presa na cosinha.
Xô, gallinha,
Vai p’ra tua camarinha”.

E’ uma especie de oração das crianças ao novillunio, a que accrescentam. “*A bençam, mamãe dindinha*”.

O adulto que soffre de lymphatite, e tem os ganglios enfartados, em vez de usar tonicos, *corta a lingua á lua*.

Todos os povos inferiores, em sua adolescencia, teem o culto dos astros, como sabemos.

O indio amazonense é astrolatra; certos actos de sua vida intima, como a cerimonia do enlace matrimonial, são praticados diante da lua cheia:—*caciry catanhana*, sendo a lua nova a *caciry manhanquim* ⁽²⁹⁾.

(29) Notas de um seringueiro que conviveu com os apyryriáns e jamamadis, no laco, durante 4 annos.

E’ forma dialectal; porque na lingua geral temos: Yaci, a lua; Yaci piauhu, lua nova. (Montois).

O nosso matuto, no tocante á sua medicina empyrico-fetichista, tem creações de character verdadeiramente pueril, como, por exemplo, quando arranca um dente de leite a uma criança, depois da avulsão diz:

“Mourão, mourão,
Toma este teu dente podre,
E manda meu dente são”.

Em seguida joga o dente para cima da casa. Uma reminiscencia da mythologia egyptica vaga ainda em nossos costumes: a figa no bracinho da criança para preserval-a do mão olhado.

No aceiro de qualquer roçado enfia o matuto uma caveira de boi, com a convicção sincera de que ella concorre para o viço da lavoura; essa mythologica tradição existe tambem nas cidades, as mais adiantadas, em cujas tabernas o bodegueiro, cioso de *cobres* e bons negocios, colloca um chifre bovino na alto da balança.

Quem não vê em semelhante pratica um resto daquella confiança sobrenatural com que o egyptio adorava o Boi-Apis, maravilhoso e fecundo...

Do Egypto emigraram muitas superstições através dos seculos, até nós, raça por tantos motivos supersticiosa e votada aos phenomenos do inexplicavel.

A guincha no bracinho da criança para evitar o quebranto; os bentinhos, as palavras caba-

listicas das orações que se guardam ao pescoço, como um thesouro de virtudes contra todos os males, vieram de Roma, lá com a denominação generica de phylacterios, segundo Bernardes, Nova Floresta, citado por Andrade Ferreira (Curso de Litt. Portg.)

Ainda em qualquer casa das cidades do norte do Brasil, quasi sem excepção, lê-se um papellito pregado por traz das portas: "Maria concebida sem peccado, livrae-nos da peste. Amen".

As parteiras, cheias de mysterios, bruxas necessarias a todos os lares pobres, nos momentos mais criticos de sua profissão, não recorrem aos estimulantes uterinos; collocam ao pescoço da parturiente um pesado badulaque de saquinhos com amuletos e orações, a que dão o nome de *Santo-Breve*.

E nada disto é originariamente nosso, é a Portugal que devemos todas essas tradições e abusões, cá deste lado do Atlantico modificadas pelo fetichismo grosseiro do selvagem e do negro d'Africa.

Si seguirmos a meada das tradições do occultismo, iremos esbarrar no Oriente, na patria do mysticismo.

O curandeiro de mordeduras de cobras existe authenticamente pelos sertões dos Estados do Norte, como em França os "guerisseurs de vrin", ou os psyllas e encantadores indianos. E' invariavelmente um caboclo velho, engilhado, de embornal

cabelludo a tiracollo, onde guarda raizes, dentes de amphibios, cabellos, o isqueiro, um vidrinho tampado com cêra de abelha encerrando uma panacéa qualquer. Cura o enfermo com simples palavras: "Que é isto? alevante-se... ande... não é nada... vá tomar um banho... deixe de medo..." e o desgraçado suggestiona-se, e quantos não se erguem ao influxo da palavra mysteriosa do curandeiro!...

Em Guayuba (Ceará) é bem conhecido um desses especimens.

Não fica nessa pratica esse empirismo rude. O curandeiro conduz cobras comsigo; as affaga, dá-lhes o corpo a morder a ponto de gottejar o sangue, e morde-as por sua vez. Nos brejos da Parahyba, no Engenho "Ribeiro", nas proximidades do povoado Alagoinha (comarca de Guarabira), existiu um homem do povo, jornalista, que envidava tudo para encontrar uma cobra surucú, jararaca ou qualquer outra especie.

Exercia sobre ellas uma força maravilhosamente estranha; pegava-as pelo pescoço, o reptil enrolava-se-lhe ao braço, e elle, levando-o á bocca para beijal-o, não se importava com a dentada que o peçonhento animal lhe ferrasse nos labios. O sangue escorria, e o nosso heroe, escandalizando os circumstantes, prendia com os seus proprios dentes uma das mandibulas da cobra, e com a mão segurava bem a outra, rasgando o repellente amphibio de meio a meio.

Outras vezes matava-o, e dividia-o em postas, levando-o ao fogo sobre o moquem; saboreava o exquisito prato, achando, segundo se gabava, a carne semelhante á da trahira.

Conheci um desses curandeiros nos sertões da Parahyba, que avistando um homem do meu conhecimento, affirmou sem mais: "V. S^a. foi mordido de cobra de veado". De facto o meu conhecido fôra mordido, quando rapaz. E o occultista retrucou-lhe convincente:

"Cuidado, V. S^a. tem o corpo fechado, não ha mal que entre, nem cobra que lhe faça mal; mas se outra cobra de veado o pegar, V. S^a. está *prompto*". Este mesmo ophiophilo fechava o corpo dos matutos por meio de benzeduras e dando a beber um liquido do seu preparo. Era irrisorio o typo, e irrisoria era a cerimonia; mas no meio de tudo aquillo, conhecendo os lendarios e tradicionaes exemplos da India, fiquei por instantes não a rir, mas n'um mundo de cogitações inteiramente estranhas aos processos por meio dos quaes costumo investigar tudo quanto é positivo e inductivamente estudavel.

* * *

O espirito rude do povo não distingue bem as expansões dos folgaes tradicionaes dos que se ligam á religião.

Dá-se uma affinidade inconsciente, que não delimitou ainda as raias de cada um, d'aquelles departamentos: o profano e o filiado a religiosidades.

Em Pernambuco não ha um d'aquelles folguedos da ralé, como os caboclinhos, congos e cambindas, que antes de ir a qualquer parte, não vá dançar uma jornada á porta da egreja de N. S. do Rosario, a santa dos pretos.

A algazarra é infernal nos louvores á santa; mas a consciencia dos foliões sae dalli tranquilla, e certa de que não acontecerá nenhum desastre depois do cumprimento d'aquelle dever.

Na Parahyba o uso é identico; e nas cidades do interior, depois do Padroeiro da Freguezia, tem a primazia o Delegado de Policia.

Na cidade de Mamanguape, Oragos S. Pedro e S. Paulo, vão os marújos (não catharineta ou fandango) render o' preito espiritual e cantam:

“Meu S. Pedro, meu S. Paulo,
 Quem pergunta quer saber,
 Nós, partindo a esta hora,
 Aonde iremos amanhecer”.

E no entender d'aquelles fieis simples, os dous apostolos abençoam, rindo, encantados pela audição da barcarola e da rabeca, a satisfação, innocente que lhes vae n'alma.

Os pastoris são um mixto de festa profana e religiosa: o Menino Jesus é o pretexto da momentanea folia.

Em Portugal ha meio seculo mais ou menos era o pastoril, o presepio, uma instituição da familia; no norte do Brasil, essa herança está ainda em seu auge, na Parahyba e em Pernambuco, e mais n'aquelle Estado que neste.

De Novembro em diante começam os ensaios; os cordões encarnado e azul iniciam a pugna, effervescente e condimentada a cacete pelos dias de Natal.

Doze meninas vestidas de branco, cingindo capellas, enlaçadas de fitas, umas com maracás, outras com pandeiros (a mestra e a contra-mestra), enfileiradas em dous grupos, cantam o drama infantil do menino-Jesus, narrando a scena de Belem, a visita dos Reis Magos, com todas as peripecias burlescas que o espirito do povo engendra.

Dançam alternadamente 10 jornadas, repasadas de um canto meigo e dolente; e entremeiam recitativos a proporção que fazem offerendas ao rechonchudo Messias, representado n'um bloco de madeira, nem sempre abonador da esculptura, alli ao pé de uma cidade a granel em grosseira tela de morim.

Ao lado copinhos com moitinhas de arroz verdeengo, lantejoulas e outros enfeites baratos; e disseminadamente pastoras, mulheres biblicas no papelão mal pintado, e o carneiro, a vacca, o burrico, e tantas cousas... tudo a ouvir o niveo gallinho de algodão em rama, que nada é mais

que algodão, mas que pela nossa illusão suggestivamente ingenua, está a clarinar o maior e mais symbolico acontecimento que já coube a um gallinaceo annunciar.

“Christo nasceu.” A onomatopéa do canto o diz.

E as velhas pensativas e rabugentas, que já foram pastorinhas tambem, ouvem dentro d'alma uma voz que diz: “Aonde?”, e o cordeiro se apressa em adocicar o berro: “Em Belem”.

As mais convencidas d'aquellas devotas do presepio juram que o Perú é amaldiçoado, porque no meio do dialogo idéal do gallo e do cordeiro, em que se affirma a grandiosa epopéa da vinda do Messias, aquelle imbecil fatuo, como um deputado sem ideias, diz no seu gargarejar, que não é nem cacarejo nem canto: “Desgollo... desgollo”.

O auditorio é, na maioria, de capadocios partidarios da mestra ou da contra-mestra.

Entremeando as jornadas, as pastorinhas dançam cantando, recitam versos allegoricos ás offerendas que vão depôr aos pés do Menino-Deus.

Ha tambem a figura do diabo, que naturalmente acaba esmagado pelo anjo vingador.

Entre os canticos, verdadeira copia do vilancico portuguez, a seguinte quadra caracteriza bem a indole do verso:

“Vamos aos campos,
Pastorinhas bellas,
Colher as flores
Pr’as nossas capellas!”

A nota final das representações pastoris é o queima: a latada, que forma a gruta e a biblica Belém, é desmanchada; e as pastoras levam feixinhos de gravetos fazendo uma fogueira, que logo arde.

A jornada do queima é saudosa, e aos corações das raparigas inspira muitas apprehensões, synthetisadas nestes dous versos:

“Até para o anno,
Se nós vivas formos”

* * *

O povo roceiro tem sempre aguçada a inspiração religiosa para tirar um bemdicto a proposito de qualquer phenomeno sobrenatural ou extraordinario; as seccas inspiram o bemdicto das chuvas; a prophesia de *Falb*, o bemdicto do mundo se acabar; e até o Padre Cicero tem o seu bemdicto.

Não será inopportuno dar uma idéa do que são essas produções de religiosidade popular, ainda em vigor nos sanctuarios privados dos matutos.

“Abre-te, porta divina
 Da hostia para o jardim;
 Só peço que não te esqueças
 Do meu senhor do Bomfim.

Offereço este bemdicto
 Ao Senhor d'aquella cruz,
 P'ra nos livrar do inferno,
 Para sempre, Amen, Jesus”.

O bemdicto de S. João é de uma singular expressão. A credence do povo affirma que o Baptista ignora o dia em que nasceu, e, no dia em que vier a saber, o mundo se acabará em fogo.

“Bemdicto, louvado,
 S. João em seu altar;
 Dizendo todos que viva!
 S. João na gloria ha de estar.

S. João teve alegria,
 E depois teve pezar,
 Por não saber o seu dia
 Para poder festejar.

Senhora Santa Isabel,
 Com sua toalha a bordar,
 Fiando fios de prata
 Para S. João se enxugar”.

Em Portugal, depois da interdicção pelos Concilios, desapareceu por completo a collaboração do povo nos canticos das Igrejas.

Entre nós, porém, aquella collaboração estende-se alem da Egreja; e na litteratura amorphica do povo existem trabalhos bem curiosos. Um exemplo dessa inspiração philosophica e satyrica, perfeita imitação dos antigos romances portuguezes:

PAE QUE QUERIA CASAR COM A FILHA

Estava ella chorando,
 Viu S. José chegar...
 Maria, minha afillhada,
 O que foi isto por cá?
 E' meu pae, meu bom padrinho,
 Que commigo quer casar.
 —Maria, tu diz a elle: ⁽³⁰⁾
 Que estrada aberta é caminho;
 Pede que compre um vestido
 Das arvores com as folhinhas.

—No primeiro elle sahiu,
 E nos dous poude chegar;
 Maria, minha noiva e filha,
 O vestido fui comprar.
 Maria entrou para dentro,
 Começou logo a chorar;
 Quando ella estava chorando
 Viu S. José chegar.
 Maria, minha afillhada,
 O que foi isto por cá?

(30) Vê-se que S. José fallava mal o portuguez!...

— E' meu pae, meu bom padrinho,
Que o vestido foi comprar.
Maria, tu diz a elle
Que casa perto é vizinha;
Manda comprar um vestido
Do mar com os seus peixinhos.
Nos dous dias sahiu elle,
E nos tres poude chegar;
Maria, minha noiva e filha,
O vestido fui comprar.

Maria entrou para dentro,
Começou logo a chorar;
Quando ella estava chorando
Viu S. José chegar.
Maria, minha afilhada.
O que foi isto por cá?
E' meu pae, meu bom padrinho,
Que o vestido foi comprar.
Pelo modo que estou vendo
Não ha geito, hei de casar.

Maria, tu diz a elle,
Que a maré anda com o vento;
Manda comprar um vestido
Com o sol e a lua dentro.

Nos tres dias sahiu elle,
Nos quatro poude chegar;
— Maria, minha noiva e filha,
O vestido fui comprar.

Maria entrou para dentro
Começou logo a chorar;
Quando ella estava chorando
Viu S. José chegar.

Maria, minha afilhada,
O que foi isto por cá?
E' meu pae, meu bom padrinho,
Que o vestido foi comprar;
Pelo geito que estou vendo,
Não ha remedio, é casar.

— Maria, chama o carpina
Antes do gallo cantar,
Para fazer um engonço. ⁽³¹⁾
Para tu nelle te socar.

Quando foi de madrugada
Ella foi e se occultou;
Quando foi de manhãsinha
O velho não a encontrou.

Quando foi ao meio dia,
O velho já malucou;
Quando foi a noitesinha,
Veio o Diabo, e o carregou.

S. José levou Maria
Pelas aguas da maré;
Tanto poder elle tem

(31) Esconderijo.

Que nem n'agua molha o pé.
Não ha santo milagroso
Como o Senhor S. José.

As orações, equivalentes aos Ensalmos de Hespanha, são por outro lado um precioso contingente para o estudo dos nossos costumes a respeito.

A oração de Santa Apolonia cura as dores de dentes; a de N. S. do Monte-Serrate, S. Christovam, S. Cypriano, do Conde, da Emparedada, de S. Leão, de Santa Martinha, são armas sobrenaturaes para o nadador, para o viajante, o vaqueiro, e até para o cangaceiro, que, pela virtude da oração, vira-se n'um tôco quando a tropa o persegue; ou é indifferente ás balas do inimigo.

Aos cerimoniaes da oração popular, seguem-se as promessas, as mais bizarras e esdruxulas: andar de joelhos em roda da Egreja; beijar todo o chão do templo; vestir luto pelo marido de Santa Rita (que, dizem, era pessimo esposo, pelo que a Santa não botou luto).

Aquí transcrevemos uma promessa de muito valor para aquilatar-se do estado quasi fetichista do nosso povo:

“Aurora, (Ceará), 29 de Abril de 1888.

Uma promessa a S. Lazaro.

Uma pessôa, tendo uma ferida que julga incuravel, faz uma promessa a S. Lazaro para ficar bôa, cumprindo-a logo que alcança a graça desejada.

Esta promessa consiste no que vou relatar: Sarada a ferida, a pessoa prepara um grande jantar como se fôra para pessoas distintas: mesa, toalha, copos, talheres, enfim nada é esquecido, assim como as melhores iguarias, doces de diversas fructas, e bebidas de diversas qualidades, sobressahindo entre todas o aluá. Depois de estar tudo prompto, manda convidar os vizinhos e seus cachorros. Chegados ao local onde está preparado o jantar, assentam-se á mesa... os cachorros, sendo servidos com toda a etiqueta por seus proprios donos...

Depois que os taes convivas acabam de comer, e que nada mais desejam, é que as pessoas convidadas sentam-se á mesa para fazerem por sua vez uma larga refeição.

A' noite os convidados se reúnem no terreiro da casa com os conhecidos da vizinhança para o samba e para a bebedeira, que deve durar até o amanhecer.

Esta é uma entre as muitas excentricidades do povo de Uruburetama, segundo fui informado; verdade é que não se sabe onde teve origem. Em S. Francisco foi onde se tornou mais commum este uso, havendo pessoas que celebram esta festa annualmente, e só por devoção!..."

* * *

Têm certa afinidade com as *berceuses* os cantos com que se embalam as crianças.

A ternura das mães, ou das mucamas, toca ao requinte do affecto quando o pequeno sêr das caricias domesticas precisa conciliar o somno:

“Maria lavava,
José estendia,
Chorava o menino
Do frio que tinha.

Calai, meu menino,
Calai, meu amor;
Que a faca que corta
Dá talho sem dôr.”

Esta cantilena é muito commum no recesso do lar nortista.

Para ninar a criança, pelo medo, tambem é tradicional a quadra do Cabelleira, celebre facinora pernambucano do começo do seculo passado:

“Fecha a porta, gente,
Cabelleira ahi vem,
Matando mulheres,
Meninos tambem.”

Sobre a *litteratura infantil* temos um precioso manancial, como em Portugal. ⁽³²⁾

“Estava Maria
A beira do rio,

(32) Ler os *Jogos e Rimas infantis* de Adolpho F. Coelho. Porto — 1883, citados na Revista do Instituto Hist. e Geog. da Bahia, n. 51.

Lavando os panninhos
Do seu bento filho.

Os filhos dos homens
Em berço dourado,
E tú, meu menino,
Em palhas deitado.

Tútú marambaia,
Não venha mais cá,
Que o pai do menino
Te manda matar.

Boi, boi, boi
Boi de cara preta,
Vem comer este menino
Que tem medo de careta”.

Ha também a variante seguinte:

Boi boi,
Boi do Piauhy,
Pega este menino
Que não quer dormir.

Outras modalidades:

OS DEDOS

Dedo mindinho (*auricular*)
Seu visinho (*annular*)
Maior de todos. (*mediano*).
Fura-bolos (*index*)
Cata-piolhos, (*pollegar*)

Este diz que está com fome,
 Este diz, que não tem o que,
 Este diz que vá furtaar,
 Este diz que não vá lá,
 Este diz que Deus dará.

JOGO COM AS MÃOS

Canivettino
 De pintainho,
 Anda na barra
 De vinte e cinco...
 Mingorra, mingorra,
 Tire esta mão, que está forra.

PARA CONTAR

Una,
 Duna,
 Tena,
 Catena,
 Bico de pena.

PARA CANTAR, DANÇANDO

Chora, Mané, não chora, não,
 Chora porque não vê seu irmão...
 O irmão anda na roda,
 Parecendo um bestalhão.
 Toleirão.

Elle vai
 Elle vem
 Inda não chegou.

Foi na costa da Mina
Foi ver seu *amô*.

Elle foi,
Elle veio,
Elle cá não chegou,
No *mei* do caminho
O francez o tomou.

PARA ACABAR AS HISTORIAS DE
TRANCOSO.

Foi um dia
Uma vacca Victoria
Deu um *futê pro vento*
Acabou-se a historia.

“Entrou por uma perna,
Sahiu pela outra.
O rei meu senhor
Mandou que contasse outra”.

AINDA HISTORIAS

A velha tinha um gato,
Debaixo da cama o tinha,
Quando o gato miava,
O pinto piava.
E o gallo cantava...
O porco grunhia,
O rato roia,
E a velha dizia:

*Mal raios te partam,
Ave Maria!*

DITERIOS

Amanhã é domingo,
Pé de cachimbo.
Gallo monteiro
Pisa n'areia.
A areia é fina,
Quiz dá no sino,
O sino é de barro,
Quiz dá no *vigáro*;
O *vigáro* é valente,
Quiz dá no tenente,
O tenente é mofino.⁽³³⁾
Quiz dá no menino,
O menino é ma^{ra}u.⁽³⁴⁾
Levou tudo no páo.⁽³⁵⁾

Quer se trate de manifestação religiosa, quer de folgares genuinamente profanos, a expansibilidade do nortista é a mesma, prima por um característico de alacridade impulsiva e verdadeira.

Pelas fazendas ou pelas cidades, a mesma alegria: são as crianças que se agrupam às cal-

(33) Mofino significa sem coragem.

(34) Valente.

(35) Deu pancada.

gadas, n'um regosijo feliz, entoando cantilenas ternas, repassadas de uma dolencia saudosa:

Senhora D. Archanja
 Coberta de ouro e prata,
 Descubra o seu rosto,
 Que eu quero ver-lhe a cara”.

E' uma cadenciada melopéa com um sainete hespanhol ou portuguez.

Pelas noutes de luar, são os tradicionaes trovadores de esquina, as serenatas, o violão, instrumento talhado para transmittir ás Julietas as declarações de amor dos Romeus capadocios.

Na ponta das ruas vai animado o xinfrim, o forrobodó⁽³⁵⁾; a proposito de tudo uma festa de arrastapés, regada a aluá, no Ceará, e a meladinha ou cachimbo, na Parahyba e Pernambuco.⁽³⁶⁾

* * *

O carnaval, alem das criticas picantes, allusivas á vida aldeã, encena pelas ruas as diversões mais originaes: os côcos, maracatús, marujos (fandangos ou não Catharineta), bumba-meuboi (boi suruby, no Ceará). D'entre esses folgares typicos, convem destacar os caboclinhos, restos de diversão indigena: deseseis ou vinte figuras com o rosto pintado a açafirão, ostentando

(36) “Forrobodó ou forró” Baile da canalha.

(37) Aluá, beberagem de milho fermentado. Meladinha ou cachimbo, aguardente com mel de abelha.

trages de côres berrantes, com enfeites de espellinhos e pennachos á cabeça, empunham arcos com flechas, que são manejados ao som de um tambor e de uma gaita. Simulam um combate, como de tribus inimigas; e em plena lucta surge o rei, de capa e espada, cortejado por dous culumins, na giria do folguedo os *perós-mingús*.

Por entre as alas do contendores, arrasta a espada, pronuncia uma catadupa de RR arrogantes, falla do seu alfange e do seu cutelo, diz uma lôa em lingua bunda, e se acalmam as hostes aguerridas.

Acolyta tudo isto o typo de bôbo—o matroá, sarcasmo atirado á lendaria boçalidade e estulticia do caboclo. Ha tambem o "Birico", variante daquelle typo.

Ainda hoje é muito commum nas cidades e villas da Parahyba este brinquedo, no Ceará apenas imitado pelos *caboclos*: oito figuras, trajadas mais ou menos burlescamente, de capacete emplumado á cabeça, e a dançarem uma especie de quadrilha, ou contradança nas casas para onde são convidadas. Pela quaresma é o serra-velha. um grupo de vadios conduz barricas, serrotes e chocalhos, e ás horas mortas estaciona á porta dos velhos mais rabugentos e jarretas, e improvisam versos picarescos, n'uma algazarra infernal, com exclamações, chôros fingidos e tantas outras gráçolas, supinamente aggressivas a quem já desce os ultimos barrancos da encosta da vida.

E' uma variante das janeiras de Portugal.

Os judas de sabbado da Alleluia são outros motivos ás expansões do rapazio.

Arborisam-se ruas com as bananeiras dos quintaes alheios, enforca-se o Iscariote n'uma avenida improvisada da meia noute para o dia, e a nota de escandalo é o testamento, em cujas disposições de ultima vontade figuram pessôas cavaquistas.

Havia em Fortaleza um senhor Costa, Comendador *Perna-Santa*, cuja mania era ser muito rico sendo aliás bastante pobre.

Um pandego fez um testamento no qual Judas deixava:

“Ao *Costa Commendador*,
Cuja riqueza me espanta,
Deixo uma perna do diabo,
P'ra juntar á *perna santa*”.

E' costume muito vulgar o furto dos judas, delicto que ás vezes degenera em pancadaria grossa.

E por fallar em furto, vem a pello consignar tambem, como um costume autorizado não sei por que tradição, o furto da panellada no dia de Anno-Bom.

Os nossos matutos teem naquella manobra de astucia fecundo motivo de pagodeira e galhofa. Farejam á noute inteira a cozinha do parente ou amigo até que possam agadanhar a pa-

nella em que se coze a gorda mão de vacca; effectuada a escamoteação, convidam o dono espoliado para vir participar do almoço, que é seguido invariavelmente do decantado samba de viola e botijão.

O mez de Maio, ou melhor o mez mariano, abre uma estação de preces e alegrias populares, principalmente nas cidades, villas e povoados do interior.

A este respeito poderá o leitor consultar o que deixei descripto no meu "Poema de Maio". No mato, como chamam vulgarmente a roça, as novenas de Maio teem uma significação particular, uma feição rudemente innocente: o matuto que tem o seto oratorio (santuário) improvisa um altar de cobertas de ganga encarnada, e sobre uma mesa rude colloca botelhas enfeitadas de papel e que servem de castiçal.

Converge para assistir ás novenas a visinhança em peso; e as flores dos campos, as boninas, as maravilhas entretecidas em ponteiros de pindoba, imitando capellas, os bogaris e as mangeronas, tudo concorre para dar um tom de innocencia á festa consagrada á Virgem das virgens.

No terreiro são os fachos de pão d'arco, o cruzeiro de bananeira cravejado de luminarias, o mastro com a bandeira de madapolão.

Nas ultimas noites o foguete, os tocadores, uma musica um tanto infernal, mas caracteristica, e ao mesmo tempo harmoniosa.

E' a mais perfeita reminiscencia dos costumes indigenas no tocante á arte da harmonia: um zabumba, um tambor, uma gaita e um pifano de taboca.

Não esqueçamos o leilão da ultima noite: um arco de folhas de palmeira está no centro do terreiro carregado de fructas, garrafas de mel de abelha uruçú, ao lado os perús e toda a geração de gallinaceos, por sobre uma mesa prendas de varias naturezas, revelando a rudeza de quem perdeu seu tempo com a factura de taes artefactos. Assoma então o pregoeiro, altivo, a improvisar eloquencia e vêrve, e a feira em honra do santo vai pesar nas algibeiras dos circumstantes: e os objectos se transformam quasi sempre em offerendas dos noivos ás noivas, bisonhas pelos costumes, mas ardentes pelos impetos do sangue.

Vem o S. João, é a festa das superstições, são as lendas transplantadas pelo portuguez, adaptadas em campo adequado: o espirito apoucado e phantasioso do indigena.

O milho verde, assado á fogueira, a cangica, as adivinhações presagiosas do futuro... eis tudo. Na encruzilhada, ao dar meia noute, o diabo apparecerá, precedido de ventanias e pavores; feliz de quem apertar-lhe a mão estabelecendo um pacto para ser venturoso na conquista de mulheres, para ser cantador, tocador de viola, jogador, etc.

A arruda florescerá n'aquella noute de agouros: estendei um panno bem alvejante debaixo

della, que o Anjo das trevas não tarda a vir colher as sementes: si conseguirdes segurar a mão cabelluda de Satan, a fortuna vos sorrirá. O alho, plantado naquella noute médra, e enraiza horas depois.

A clara do ovo derramada dentro de um copo d'agua revellará se tereis de viajar por longes terras.

Ao accender-se a fogueira, esconde-se a moçoila bregeira, por detraz da porta com a bocca cheia d'agua, o primeiro nome proprio de homem que ouvir áquella hora será o do seu futuro noivo.

Dão-se os baptisados de tição tambem ao accender da fogueira; e, cumulo de auto-sugestão, os roceiros passam mais tarde, lentamente, medindo os passos, de pés descalços, sobre o brazeiro intenso da mesma fogueirá, invariavelmente de páo d'arco ou angico. "Viva Senhor S. João", estas palavras, repassadas de verdadeiro fetichismo, anesthesiam-lhe as plantas, de si revestidas de verdadeira couraça pelo habito de andar descalços.

A ultima revelação dessa mysteriosa noute é ao mirar-se alguem, pelo alvorecer, nas aguas da fonte: si a matrona, o centro de gravitação de todos os affectos do lar, não viu o rosto, niti-do como em fino espelho, ennubla-lhe o coração uma sombra de apprehensões pavorosas; e o choro, a duvida acabrunhadora, são a ultima nota dessa lendaria e encantadora noutada de brin-

cos' santamente ingenuos, que sempre... sempre... enchem de risos os que teem a quadra da vida em sonhos, e de saudades os que encanecem pelas desillusões ⁽³⁸⁾.

As danças de origem popular, alliadas ao canto pelo rythmo e pelo tom picaresco, completam os dados que o folk-lore possa exigir.

De Portugal herdámos as que fazem as delicias do salão nas festas intimas.

A Ciranda, por exemplo :

“Ou ciranda, ou cirandinha,
Vamos todos cirandar;
Vamos dar a meia volta,
Volta e meia vamos dar” ⁽³⁹⁾

Esta quadra é cantada n'uma melopéa arrastada e cadenciada, suggestionando volteios entre os pares, homens e mulheres n'uma grande roda, de mãos dadas.

Depois deste canto, destaca-se uma dama que sae a escolher noivo apontando com o indicador :

“Não me serve,
Não me agrada.

(Acceitando, emfim).

Só a ti, só a ti
Hei de querer...

(38) Vide o “Poema de Maio” sobre noute de S. João.

(39) Sobre a Ciranda em Portugal, leia-se a citada obra — Alegres Canções do Norte, pag. 73.

Só a ti, só a ti
Hei de querer”.

Imitação da ciranda, com um assento mais brasileiro, é a rolinha doce, doce :

“A rolinha, doce, doce,
Cahiu no laço, embaraçou-se,
Meu amor é doce, doce,
Cahiu no laço, embaraçou-se.

Bote aqui, bote aqui o seu pezinho,
Seu pezinho, seu pezinho juntinho do meu;
No botar, no botar de seu pezinho,
Uma volta, uma volta dou-lhe eu.”

E sae o par sapateando o binario de uma polka.

O Côco : é tambem dança rythmada pelo canto : pares de mãos dadas dando volteios e batendo palmas.

Cantam n'uma infernal monotonia durante noutes :

“D. Felismina,
Ô barreiro velho,
Mandou-me chamar,
Ô barreiro velho,
Eu mandei dizer,
Ô barreiro velho,
Que não ia lá,
Ô barreiro velho.”

E' dança predilecta do pessoal dos engenhos de assucar, negros e caboclos, ⁽⁴⁰⁾ é o cambiteiro, o mestre de fornalha, o mettedor de canna, o banqueiro (mestre que dá o ponto no assucar), os tangedores da almanjarra, etc.

Em Portugal dançam com canto: a charolla, folia, gitana, captiva, xacota, arremedillo, etc.

No norte do Brasil: a ciranda, S. Gonçalo, maracatú, rolinha-doce-doce, o baião, que é o mais commum, entre a canalha, e toma diversas modalidades choreógraphicas e na arte do canto: o desafio, o martello, a ligeira, a embolada e a carretia, etc.

Para fallarmos do baião é preciso conhecermos o samba, instituição que falla bem alto, photographando o estadio de civilização do elemento nortista, rudimentar ainda no seu amalgama ethnographico.

Por toda a parte o samba é a nota obrigatoria das alegrias do povo.

Transportemo-nos por instantes a qualquer logarejo ou casa de fazenda da roça.

No terreiro alguns bancos; o tocador de viola (ou tocadores); outro que vibra uma chave ou moeda de cobre n'um botijão (quasi sempre são estes tocadores os proprios cantadores. Em

(40) Hoje o côco é mais accentuado nas praias. Em Alagôas e na Parahyba já moças de boa sociedade o accetam, ora ao luar, ora no salão ao piano.

roda a massa de circumstantes: rapazes possantes de camisa anilada, calça de algodão crú, deixando ver as fitas das ceroulas, chapéu desabado ou bem erguido sobre a testa, onde fluctua banhenta massaroca de cabellos. Entre elles, matutas morenas, ardentes e bisonhas, chale a tiracolo e galhinho de mangerona atraz da orelha.

Ao gemer do pinho nas unhas do matuto, sae um moço á roda.

Multiplica os passos, do calcanhar para as pontas dos dedos, desarticula-se, pisa e repisa firme no solo, apruma-se firme como um boneco de engonço, ora dá pulos miudinhos em direcção aos tocadores, ora se afasta de costa, até que, fazendo uma meia volta em pirueta, *atira* na cabocla de seus affectos ou na que mais admirou o piso do rojão.

Esta por sua vez, sae á roda no começo fingindo acanhamento, depois sapateia mais forte sempre n'um saltitar miudinho, aprumada, saia enfunada; os braços abertos em compostura de abraço, e os dedos castanholando.

Termina em geitosa mesura *atirando* no cavalheiro que a tem de substituir.

Entre os do samba corre de mão em mão uma chicara em que se serve a aguardente, a tradicional mandureba cearense.

Os cantadores, depois do góle, se afiam e desafião-se; toda a sorte de offensa rimada sae ves-

findo a satyra do poeta popular, interprete do verdadeiro sentir do povo.

“Marinheiro pé de chumbo,
Calcanhar de frigideira,
Quem te deu a confiança
De casar com-brasileira”?

Esta simples trova é bem significativa para quem estuda a transformação das raças entre nós, principalmente a posição d'aquella que foi a colonisadora.

Entre a variedade de cantoria e dança do samba, damos preferencia a uma amostra da ligeira, solfa especial, cuja lettra um cantador começa e o outro finda:

“Amarante, Amarante, amar...

Oh! lá!

Amarante, Amarante, amar

Era p'rá, era p'ra ser,

Era p'ra ser, era p'rá.

Sou carneiro da lã fina

Do collinho de Yáyá;

Tanto faz *dá* na cabeça,

Como na cabeça *dá*.

Tanto faz d'aqui p'r'alli,

Como d'alli p'r'acolá.

Rebóla a bola p'ra riba,

Rebóla a bola p'r'o ar.

Dá na bola, vira a bola,
 Depressa p'ra não errar.
 Sou peor que dôr de dente
 Quando pega *impenetrar*.

Para melhor avaliar-se o que seja o verso do samba, peço venia ao poeta popular cearense Severiano Costa para transcrever o que a respeito escreveu elle em versos singelos :

—Não sei mesmo onde nasci,
 Não sou christão, nem sou mouro,
 O leão, o bravo touro,
 Nem panthera me faz medo!
 Mais duro que um rochedo,
 E' o punho do meu braço;
 De um só murro eu espedaço
 A mais solida fortaleza;
 Vês portanto, meu amigo,
 Se fores meu inimigo,
 Te desgraço com certeza!

Sou bala de rifle,
 Sou ponta de aço;
 Eu quebro, espedaço
 As pedras até!
 Tôlo o que tentar
 Sahir-me a caminho
 Quebro-lhe o focinho
 Com a ponta do pé!

* * *

São multiplas as formas do nosso povo expandir a intelligencia, quasi sempre a serviço da verve picante, da maldade entrelinhada em todas as creações.

A poesia livre e anecdotica daria para compôr uma rhapsodia digna de Bocage.

Os cantos picarescos, as *pulhas*, os appellidos licenciosos, attestam a vocação perdida no *genero para homem*.

A historia dos bichos libidinosos, com o burro á frente, já occupou um matutino do Rio, ultimamente, quando se agitou a triste historia da *Rainha dos Caixeiros*.

Não podemos esquecer neste prefacio, a gaiatice emprestada ao papagaio. São innumeradas as historias, quasi sempre contadas por caçadores, gente, cuja imaginação é ardente quando relata casos do officio.

Contou-me um caçador de Mamanguape:

“O rio Parahyba trouxe uma enchente dos diabos. Passavam bananeiras, arvores, madeiras, rezes mortas, um necrologio. O povo apreciava a grande cheia. Eis que surge uma folhinha verde nas aguas barrentas do rio. Subia, descia, rolava aqui, erguia-se acolá!

Um papagaio na gaiola! gritavam. Quem vae salvar o *loiro*? Atirou-se um nadador, tibungo! Dá daqui, dá dacolá, pegou a gaiola em que es-

tava encorrentado o naufrago. Trouxe-o para terra. Todos se acercaram do pobrezinho, triste, encolhido. Minutos depois, o papagaio, *tomando sentoma*, olhando tanta agua, tanta gente, recebendo já uns raios de sol nas pennas, rufou-as, abriu as asas como quem se espreguiça, e disse muito naturalmente: «Ô cheia damnada»!

São conhecidissimos os ensinamentos aos papagaios e o seu aproveitamento:

“Papagaio real
Para Portugal,
Quem passa, meu loiro,
E' o rei que vai a caça.
Toca trombeta e caixa”.

Aqui o papagaio anda de um lado para o outro, corneteia e guttura *cousas*, rufando as asas.

Dá cá o pé, meu loiro,
Dê cá um beijo... (*Sôa o beijo*)
Hum... está doce!

Curro pacos papacos...

Papagaio verde
Do bico doirado,
Leva essa carta, oh! meu bem,
Ao meu namorado!

Curro pacos papacos.

Em outra parte deste prefacio me referi á cadencia e metro da nossa poesia popular:

As quadrinhas, trovas soltas, de sete syllabas, as decimas, glosando mottes, os desafios em sextilhas, com a repetição do ultimo verso pelo adversario...

De outros generos de metrica usam ainda os nossos cantadores, não só os violeiros, como os que acompanham os tabaques e maracás com os seus cantares, nas zonas dos engenhos e nas praias. São as *emboladas*, o *martelo* e as *carretias*, estas muito usadas nos engenhos de Pernambuco e Alagôas.

Ao snr. Andrade Lima, conhecedor dos costumes nortistas, devo as seguintes:

A *embolada* é invariavelmente em dous versos, cada um de onze syllabas, com a successão de syllabas agudas e breves, de duas em duas, formando um rythmo convidativo a dançar:

EXEMPLO:

Muié veia, de que chora esse menino,
—Chora de barriga cheia, somente p'ra aperriá...

—Vai lá dentro, a *parmatoria tá no torno*,
Dá dêz bolo nesse *cornio*, que é meio de acalentá.

Zaco, zaco, bizaco, sacco de chumbo
Minha mão não sae do prumo da pancada do
ganzá...

Uma faca, uma pistola, uma riúna,
Quando o *nêgo* se arreputa, bole em baixo o
tiro *pá!*...

Uma pataca, dois *minréis*, *mile* quinhento
E' dinheiro de um sargento da guarda *manicipá*...

Matuto besta quando chega no *méicado*,
Fica todo embatucado sem *sabê* o que *comprá*...

Pega a taboca, o baibante e o soquete,
Em baixo *sorta* o foguete, em cima *tara-tá-tá*...

Papa-capim, curió, fura-barreira,
Ruxinó e lavandeira, *aima* de gato e *trocá*.

Peixe piaba, tubarão, baleia e serra,
Ô *lêlê* eu vou por terra, vou *tarrafiá* no *má*...

Tiririca *dessas* grande *navaeira*,
Burinhem, *cordão*, *ponteira*, unha de gato, *marraia*.

Sordado novo
Do *bonete* arrevirado, ⁽⁴¹⁾
Tem o olho *aboticado*,
Que nem cachorro do *má*. ⁽⁴²⁾
Mas *cumigo* tem *gêgê*: ⁽⁴³⁾

(41) Bonet conservado na altura da gaforina ou a
trez pancadas.

(42) Cão hydrophobo.

(43) Gegê: dificuldades, lucta.

Dou-lhe um *papouco* *prú á*,⁽⁴⁴⁾
 Mando-o pro diabo *cumê*
Cum farofa de imbuá.⁽⁴⁵⁾

Em regra a embolada tem a ultima tonica em *a*, como são os versos heroicos. O uso, porém, já desvirtúa a regra involuntaria dos matutos, e temos:

“Cabra damnado, se não tem *corage* eu tenho,
 De dizê ao *Sinhô de engenho* que o *ceicado tá*
no chão...”

Vou lhe dizê *pra me dá cipó e ripa*,
 Que amarro aquella futrica,
 Prá não entrá boi ladrão...

Pelo rythmo do verso, sente-se que o canto é de musica em binario, com allegro muito vivo:

“Roda, volante
 Puxavante,
 Manivela,
 Meu mano, carrega nella,
 Bota azeite no mancá”.

O *Martelo* é mais simples. Consiste em quadra, redondilha bipartida, cantando cada um violleiro dous versos por sua vez.

(44) *Papouco*: estouro. Dar um *papouco* p'ro ar: suspender o adversario, e jogal-o ao chão.

(45) *Imbuá*: myriapode muito conhecido.

1.º

“Vou-me embora, vou-me embora.
Lá p’ra cima p’ro sertão;

2.º

Caboco, vossê não vai,
Que apanha no Boqueirão.

3.º

Ora, si vou, *vou bonito*,
Levo pistola e facão”.

Sempre que a cantiga é dialogada, o assumpto não varia: são valentias, arrogancias, desaforos cara a cara, o apurar de boas qualidades de raça, problemas e adivinhações.

A *carretia* é em sextilha de cinco syllabas:

“O que não *súbé*
Que eu sou cantadô,
No lugá que eu estou
Me venha *fallá*...
Porque no cantá
Eu digo quem sou”.

Cantadô gotteira,
Cummigo não canta
E nem se alevanta...
Eu cavo cacimba
E faço mandinga,
Que o povo se espanta.

O desafio classico, o do uso de todos os tempos, fere-se em sextilhas de sete syllabas:

Cachorro briga de dente,
Gallo briga de *peitada*,
Cavallo briga de coice,
E *novio* de *marrada*.
Home só briga de ferro,
E *muié* sempre agarrada.

Na hora que *tou* cantando
Toda a terra se estremece,
Que é de morro vae abaixo,
Todo baixio *humedéce*.

Sou mesmo que dois *curisco*:
Quando um *assobe*, outro desce.

S. *Pêdo* tem uma chave,
S. *Migué* uma balança,
S. José tem 2 cajados
Santo Antonio uma *uvêia* mansa.
Quem não *fixé* boas obra,
Do céu que *peica* a «esperança».

Amigo, eu vou lhe contá
O meu modo de *entendê*;
Raio *curisco*, trovão
Pode *deixá* de se vê;
Menos a agua no *má*,
E no inverno não *chuvê*.

De casca de «jatobá»,
Tambem se *fai* rapadura;
Má que se diz, não tem cura

Tambem se pode curá.
 E quando é *tempo de festa*
 Se *sorta fôgo do á*.

Si *qué sabê* do meu nome,
 Na pia fui baptisado:
 Eu me chamo Páo Barriga,
 Cantadô de *pau passado*.
 Inda tenho *outo apilidio*:
 «Pau-ferro ou Quebra-machado».

Boi tem força no *cupim*,
 Cavallo tem no *espinhaço*,
 Gato tem força nas *unha*,
 Tamanduá tem *nos braço*.
 Muié na ponta da lingua,
 E eu em tudo *qui faço*.

* * *

Podemos offerecer ainda estas curiosas receitas, reatando assim o que ficou dito sobre a superstição religiosa e o *folk-lore*.

Para se tirar argueiro dos olhos passa-se o dêdo polegar na sobrancelha, rezando com fé:

Corre, corre, cavalleiro,
 Vae na porta de S. Pedro
 Dizer a Santa Luzia
 Que venha tirar este argueiro
 Com a ponta do seu lenço.

Cura-se o soluço com esta formula magnifica:

Soluço vae,
 Soluço vem,

Vae para cima
De quem me quer bem.

Tambem se cura tomando cinco goles d'agua, dizendo: bebo as cinco chagas de N. S. Jesus Christo.

A azia é curada desta maneira:

Santa Sofia
Tinha tres fia;
Uma cosia,
Uma bordava,
Uma curava
Mal de azia.

* * *

Estas notas preliminares não obedecem ao plano logico que exigiria o prefacio de qualquer estudo methodisado sobre o folk-lore brasileiro; ellas dão idéias geraes do estado actual deste precioso filão de nossa litteratura.

Um prefacio exigiria um estudo completo das fontes da poesia popular, dos contos, lendas e tradições, modificados pelo meio e condições evolucionaes da civilizaçõe brasileira. O «Cancioneiro do Norte» é antes um repositório da poesia anonyma, colligida como cabedal de uma obra futura, que algum espirito perfeitamente educado no assumpto pretenda mais tarde elaborar.

Sou o primeiro a reconhecer a falta de orientação philosophica, essa unidade subjectiva que

deve presidir a qualquer trabalho que tenha por fim estudar os elementos formadores da historia de um povo sob qualquer aspecto; mas, liberta-me dessa omissão a despretenciosidade com que emprehendi semelhante tentamen.

Tratando-se de commemorar o Tri-Centenario da vinda dos primeiros portuguezes ao Ceará, achei opportuna esta publicação, que pelo menos, ficará perpetuando a riqueza, a fecunda e inculta riqueza intellectiva do povo rude do norte, estampada na sua poesia expontanea e sincera, como um grande espelho que retrata fielmente tres seculos de estagnação diante do grande concerto da civilização universal.

Fortaleza—Julho de 1903".

* * *

Este prefacio, comquanto encabeçando os dizeres «da 1.^a edição», foi de algum modo remodelado e adaptado ao momento em que vae sahir a presente edição.

O livro comprehende novas produções que reflectem o que se tem passado de notavel no seio do povo depois de 1903.

A emigração para o Amazonas declinou pela queda da borracha. Não incluimos cantorias ineditas a respeito.

A politica, que em todos os tempos constituiu o prato appetitoso do nosso povo, soffreu

abalos, e d'ahi fazer parte do «Cancioneiro» alguma cousa expressiva do occorrido ultimamente no Brasil.

As seguintes estrophes revelam a tendencia da critica anonyma do povo, em materia de politicalha, desde a monarchia.

As *muié* dos *guabirú* ⁽⁴⁶⁾
 Quando sae a *passedá*,
 Parece um bando de ema
 Quando vão *comê* juá.

* * *

Atirei um limão nagua,
 De pesado foi ao fundo,
 Os peixinhos *tão* dizendo
 Viva D. Pedro Segundo.

* * *

Eu entrei de mar a dentro,
 Dei um canga-pé no fundo; ⁽⁴⁷⁾
 Tomei as portas do vento,
 Dei um balanço no mundo.

Morreu D. Pedro Primeiro,
 Ficou D. Pedro Segundo,
 Batendo com as pestanas,
 Governando sempre o mundo,

(46) Rato grande, designação dos que eram filiados do partido conservador, na Monarchia.

(47) Corruptela de camba-pé.

Garibaldi foi á missa
 A cavallo, sem espora:
 O cavallo tropicou,
 Garibaldi pulou fóra.

A mulher de Garibaldi
 Foi á missa sem balão;
 Garibaldi quando soube
 Quasi morre de paixão.

Em composições avulsas do livro encontram-se aqui e allí signaes da vida partidaria, e, com intima tristeza, incluímos a seguinte producção anonyma, expoente da actual crise de civismo diante dos acontecimentos que teem infelicitado o Brasil nestes ultimos cinco annos.

“Brasileiros, sois covardes:
 Vosso character deploro:
 Por fóra—Viva Bernardes,
 Por dentro—Viva Isidoro”.

Sobre o phenomeno das sêccas a litteratura das cantigas augmentou. De envolta com os diversos assumptos, transparece a preocupação dos cantadores pelas crises climaticas, aliás é assumpto secular:

“No sertão do Cariry
 Havia um sapo casado,
 Na sêcca de 25
 Quasi que morre queimado”.

Um filão que se nos offerece mais rico é o do cangaceirismo.

A prisão de Antonio Silvino, as façanhas de Lampeão, a vida nomade dos bandidos, enriquecem paginas desta edição. Isto significa o nosso estadio de civilização em pleno seculo XX.

A invasão Prestes, o combate de Piancó, a morte do padre Aristides, são outros tantos acontecimentos que o folk-lore perpetuará no «Cançãoeiro».

Um violeiro improvisou para os feirantes de certa villa sertaneja, no alto sertão da Parahyba:

“Em cima daquella serra
 Tem cajú e cajuhy,
 Tem muita moça bonita,
 É *cabra bom* no fuzi...⁽⁴⁸⁾
 Mas em *redó* de tres *legua*,
 Tem cada *fi de uma egua*
 Que nega até um *píqui*...⁽⁴⁹⁾

* * *

Na 1.^a edição incluímos produções que, reveladoras do talento expontaneo do nortista, não estavam estrictamente nos limites da poesia popular; mas, não perdemos por incluil-as, como incluímos nesta novas produções, de litteratura culturada, como documentação da nossa vida intellectual.

(48) No rifle.

(49) Fructa silvéstre, especie de côco.

A Alvaro Martins, um dos maiores lyricos brasileiros, fallecido e ingratamente esquecido pelo Ceará, rendo a diminuta homenagem de enfeixar aqui alguns especimens de sua lyra genial :

“E a juryty ao morto companheiro
Chama embalde, pousada n'uma fronde :
O bosque é solitario, a noite desce...
E, é tão sentido o seu canto que parece
A vóz do companheiro que responde”.

(Do poemeto «Casa Mal-assombrada»).

Sirva como vivo exemplo de lyrismo regional do norte.

Outros poetas de inspiração, ainda desconhecidos, vão tambem lembrados, para que o historiador da litteratura patria tenha amanhã por onde aquilata o valor de nossa gente em materia de cousas da intelligencia.

Este livro não representa uma ambição litteraria, nem aspira á gloria de obra limpa; elle significa um esforço por bem da intellectualidade anonyma dos filhos do norte.

Parahyba, Janeiro de 1928.

RODRIGUES DE CARVALHO

POESIAS

DE DIVERSAS ORIGENS



O SERINGUEIRO

(Do cantador Caninana — Ceará)

Eu vou ver se introduzo
A vida do seringueiro:
De noite está na barraca,
De dia está na madeira. ⁽⁵⁰⁾

Vou principiar minha vida,
Dês que me dispuz a embarcar,
Sahi do centro ⁽⁵¹⁾ e segui
P'ro hotel no Ceará.

Luxei, bebi, passei bem,
Foi a vida *irregulá*.
Achei uma diferença
Perto da beira da praia
No dia de me embarcar:

A maré cheia de mais,
Pegou o dia a ventar,
O mar se encheu de calombos, ⁽⁵²⁾

(50) Estar na madeira é o mesmo que estar cortando a seringueira.

(51) Centro: interior do Estado.

(52) Calombos: ondulações das águas.

Começou bote a virar.
Isto é contrariedade
De quem dispõe-se a embarcar.

Como é o embarque em vapor,
Como eu hei de contar:
Que a comida é muito ruim,
Mas peor é enjoar.

Já principiei a viagem,
Vou deixar ella de mão. ⁽⁵³⁾
Vou principiar de novo
Chegando no barracão:
Cresce a saude e a amizade
Encontrando um bom patrão.

Agora vou me aviar
Do que tenho precisão,
Da jabá ⁽⁵⁴⁾ e do arroz,
Da farinha e do feijão.

Mosquiteiro para o somno...
Do café e do bulhão, ⁽⁵⁵⁾
Uma duzia de tigelas.
Feixe-me a conta, patrão.

De manhã sahi á estrada,
Sem nella saber andar,
Com a machadinha na mão

(53) Deixar de mão : abandonar.

(54) Jabá,—carne secca do sul, xarque.

(55) Vaso de guardar o leite da seringueira.

Corta aqui, corta acolá.
Collocando as tigelinhas
Cada qual no seu logar.

A' tarde volto á barraca,
Sem descanso ao coração,
N'um braço conduzo um rifle,
No outro levo o bulhão.

A vida não é tão bôa,
Quem quizer vá exprimentar.
Si o colhêr ⁽⁵⁶⁾ é muito ruim,
Mais peor é o defumar. ⁽⁵⁷⁾
Ainda cortar cavaco,
E depois ir mariscar. ⁽⁵⁸⁾

Quando elle alcança saude,
Vê a sorte em quanto dá,
Colhe todos seus trabalhos,
Sae sua conta legal.

Mas quando dá o cayporismo,
Em tudo bate a sezão,
O beribere apparece,
Incha perna e incha mão.

Dá o golpe com a machadinha,
Não vê leite gottejar;

(56) Colhêr o leite.

(57) Defumar,—o processo de passar na fumaça o leite
a coagular-se.

(58) Mariscar quer dizer pescar.

Cavaco elle não encontra,
E nem aonde mariscar.

Dá pinhum, ⁽⁵⁹⁾ dá moriçoca,
Encontra o passo ⁽⁶⁰⁾ jacaré;
Perdido na matta, encontra
O choque do puraquê. ⁽⁶¹⁾

Com beribere nas pernas
Já não pode mais andar,
Dá sezão e muda a côr.
Olhe o bucho p'r'acolá.

Improviso estas cousas
Que se dá com o seringueiro,
Perdeu côr, perdeu saude,
Perdeu credito e dinheiro.

Agora quanto a chegada
Quando vae p'ro Ceará,
O resultado é o veixame,
O rebuliço que ha.

Valentim e seu Nogueira,
João Martins e Ponciano,
Antonio Ferreira e Barroso ⁽⁶²⁾
E' quem se vê nos veixames

(59) Pinhum,—mosquito de grande ferrão.

(60) Passo, quer dizer o bicho.

(61) Peixe electrico do Amazonas.

(62) Donos de hospedarias em Fortaleza.

Tratando destes doentes,
De molestia tão tyranna.

Mais algum hotel que ha,
Passam por estes tormentos,
Sem ter maior resultado,
Passando por innocentes.

Sem receber os dinheiros,
Sem ter nenhum pagamento,
Dá saude a todos elles,
Salvando estes doentes.
O hotel do Ceará
E' quem passa esses tormentos.

SOBRE QUALIDADES

Branco é filho de Deus,
E mulato é enteado,
O cabra não tem parente,
Negro é filho do diabo.

Vossê diz que é branco fino
Sem levar casta nenhuma,
Os cabellos da cabeça
Lhe sirvam de testemunha.

Todo branco é filho de Deus,
Todo mulato é pimpão,
Todo negro é feiticeirô,
Todo caboclo é ladrão.

O branco bebe champanha,
 Mulato vinho do Porto,
 Caboclo bebe aguardente,
 E negro bosta de porco.

A CARTA

(Ceará)

Eu te mando o coração,
 Repara bem se é o meu;
 Aceita lembranças minhas,
 E manda um retrato teu.

Hoje tive a liberdade
 De lançar a mão da penna
 Para te escrever, assucéna,
 Amor, eterna saudade.
 A minha felicidade
 Hoje está nas tuas mãos,
 Si tiveres compaixão
Repara e compadeces
 Para ver si me conheces
 Eu te mando o coração.

Tirei de dentro do peito
 A prenda que mais estimo
 Para te mandar de mimo,
 Recebe-a com todo o geito.

Meu corpo por teu respeito
Parece que já morreu,
Por isso te digo adeus,
Me despeço e vou me embora...
Meu coração fica fóra
Repara se é o meu.

Si vires meu peito aberto,
Meu corpo sempre a soffrer,
Somente para te ver,
Tu, junto commigo, ou perto,
Repara, contado e certo,
Que a ti amo sosinha...
Repara nessa cartinha
Que estou falando a verdade,
Aqui não ha falsidade,
Acceita lembrança minha.

Para imprimir essa historia
Que me viu todo por dentro.
Tomou todo o fundamento
De onde a firmesa mora.
Trabalhei até agora
Confirmando o que se deu,
Como já me prometteu
Que eu mande em teu thesoiro.
Dentro de um quadro de oiro
Me manda o retrato teu.

PELEJA DA ALMA

(Do cantador parahybano Silvino Pirauhá)

Havia um homem no mundo
Dono de muita riqueza,
Homem de muita valia,
Homem de muita nobreza.

Dizia que só trabalhava
P'ra sustentar a avareza.
Era rico desta forma
E não estimava a pobreza.

Este homem era casado,
E de Deus não tinha auxilio,
Por sua infelicidade
A mulher não tinha filho.

Andava se maldizendo
Com tão semelhante estrago,
Dizia que só trabalhava
P'ra sustentar o diabo.

—Foi um dia na Igreja,
Pedi com lagrimas doces
Que o bom Deus lhe dêsse um filho
Fosse de que geito fosse.

—Assim que elle pediu
Deus do Céu determinou,
Que *acabo* de poucos mezes
A mulher um filho encarnou.

Teve nove mezes no ventre,
Foram nove mezes de dôr.
Assim, do modo seguinte
Deus do Céu determinou.

Acabo de poucos mezes
A riqueza se acabou.
Nascendo o dito menino,
Riqueza nenhuma achou.

Nasceu o dito menino,
Ficou com muita alegria
Procurando padrinho rico
Com arte de sabedoria.

Procurando um homem rico
Para ser padrinho do filho
Só não procurava os pobres
Porque elles não serviam.
Os restos d'os farellinhos
Se acabaram nesse dia.

—Pegou este menino
Mal educado creou,
Nunca lhe deu um conselho,
Para o bem nunca educou.

O menino logo de pequeno
O Pae e Mãe largou;
Não quiz saber de padrinho,
Nunca mais o procurou.

E para amar a Deus
Tambem nunca se lembrou.
Nunca foi ao pé do padre,
Tambem nunca jejuou.
Nunca deu uma esmola
Nem por Deus, nem por seu amôr.

Os mandamentos divinos
Toda vida despresou,
Só entrou dentro da igreja,
No dia em que se baptisou.
Nesta miseravel vida
Deus depressa o matou.

Quando teve de morrer
Neste interim infeliz
Foi logo se confessá
Com Deus, o recto juiz.

E chegou aos pé de Deus,
Tratou de se ajoelhar
Publicando estas palavras:
«Senhor, me quero salvar».

—Deus olhou para a alma:
«Alma de onde viesses?
Com idade de 31 annos
Que pelo mundo estivesses
Sem te lembrares de mim,
Como é que me appareces?

Para eu poder te salvar
Primeiro te confesses;

Publica por tua bocca
Que beneficios fizesses?»?

—Eram diabos de todas as maneiras,
Diabo roxo, diabo preto,
Uns com garfos,
Outros com facas,
Uns com ferro,
Outros com espeto,
Perguntavam uns aos outros:
«Em qual cama nós a deita»?

—A alma olhou para Deus:
«O que será de mim aqui,
Nos pés do recto juiz,
Onde não posso mentir...

Mas... como vós me obrigaes,
Com vós me confessarei,
Meus occultos pensamentos
Eu de vós não negarei:

Muito cêdo, bem pequeno
Meu pae e minha mãe larguei,
Não quíz saber de padrinho,
Nunca mais o procurei;

Para amar ao nosso Deus
Tambem nunca me lembrei:
Nunca fui aos pés do padre,
Tambem nunca jejuei.

Esmola por vosso amor
Eu no mundo nunca dei.
Os mandamentos divinos
Toda a vida despresei.

Só entrei dentro da Igreja
No dia que me baptisei.
Nesta miseravel vida
Não sei como me salvarei».

Todos os diabos fallaram
Tudo em palavras bellas ;
Lucifer dizia aos outros:
«Que confissão aquella!...»

—Deus olhou para a alma
Em seu sentido moderno:
«Como eu sou recto juiz,
Completo senhor eterno,
Está justa minha sentença.
Stás condemnada ao inferno».

Os diabos gritavam,
Outros sorriam,
Lucifer dizia aos outros:
«Daquella sentença eu sabia»!

Quando elles foram vendo
Deus do Céu sentencial-a,
Uns gritavam, outros uivavam,
Batiam palma em senzalla.

»Si não fosse ao pé de Deus,
Acolá queria pegal-a»!

A alma viu-se apertada
De angustias e agonias;

Sahiu dos pés de Jesus
Para os da Virgem Maria,

Para ver se como mãe
Que ainda a soccorria.

«Maria. Virgem Maria,
Mãe de meu Deus Redemptor.
Mãe de Deus e mãe de Christo,
Mãe do Padre Salvador,
Rogae por mim a teu filho
Que nesta hora me condemnou»!

—«Alma sae-te de meus pés,
Para que vem te valer de mim?
Que meu filho, recto juiz,
Não faz o que é ruim».

Lucifer se levantou,
Disse: «Alma, que viesse ver cá?
Manoel já deu a sentença,
Maria geito não dá;
Aquillo que Manoel faz
Não é para Maria desmanchar».

—«Senhora, tem compaixão
De minha necessidade,
Já que o peccado roubou
À minha felicidade.

Será possível, Senhora?..
O proprio peccado diz
Que eu me vejo vossos pés,
—Ainda hei de ser feliz.

Maria, Virgem Maria,
Esposa do Espirito Santo,
Se vós não me valerdes
De vossos pés não me levanto.

—Maria, Virgem Maria,
Vae pedir a teu bom filho
Que teu pedido não regeita;
Se vós não fores ouvida,
Então irei satisfeita».

Pobre alma, fica ahi,
Que vou fallar com Domicio
Para ver se como mãe
Inda dou um geito a isso».

—Os diabos quando foram vendo
A Virgem para a partida,
Lucifer dizia aos outros:
—«Lá vae a compadecida!
Pelo geito que estou vendo
Esta sentença é perdida».

E os diabos lá ficaram
Todos com a cara torta.
—«Lá vae a compadecida!
Mulher que com tudo se importa.

Pelo geito que estou vendo
Esta sentença está torta».

—Nossa Senhora pediu
Rogando a Nosso Senhor:
—«Filho meu, meu bento Filho,
Filho e meu Redemptor,
Aquella alma esteve aqui,
Por que Jesus não a salvou?
Dizei-me, meu bento Filho,
Foi ella só quem peccou?

—«Minha mãe, para que me pede
Perante sua linda imagem?
—«Por que vós não condemnastes
O bom ladrão da Pellagem?

Filho meu, meu bento Filho,
Consolação dos afflictos,
Para que vós salvastes
A Maria do Egypto»?

—«Minha mãe, p'ra que me pede
Como no seu coração?
Aquella infeliz esteve aqui
Privada da salvação,
Que peccou sem ter temor,
Sem a menor compaixão».

—«Valha-me S. Isabel,
N. Senhora Sant'Anna,
'Stou vendo meu bento Filho

Com as feições tão tyrannas!
 Por aquelles nove mezes
 Que estivesse em carne humana»!

—«Minha.mãe, como me pede
 Por Sant'Anna e Santa Isabel,
 Posso dar algum recurso
 Com a vista de S. Miguel».

—«Prompto estou aqui, Senhor,
 A' vossa disposição!
 Como havia de faltar
 A' Virgem da Conceição,
 Sabendo que, poderosa,
 Tem o remedio nas mãos!

Felicidade da alma
 A quem der a protecção.
 Ella querendo derruba
 Té a força do Aragão»!

Lucifer se levantou:

—«Tenho razão de fallar,
 Esta alma já é minha,
 Pois Miguel, queres tomar»?

—«Maldicto cabo de embira,
 Quem foi que te chamou cá?
 Vaes para as profundas do inferno,
 Pois lá é que é teu lugar».

«Voltemos p'ra traz, Miguel,
 Vamos fallar com o juiz,

P'ra ver que se dá recurso
P'ra aquella alma ser feliz».

«Dizei-me, meu bento Filho?
Onde está vosso poder,
Se aquella alma tem castigo,
Prompta estou p'ra receber».

—«Minha Santissima mãe,
Botai-me vossa benção,
Que a senhora é a Rainha!
E' a flor da Redempção».
Foi a protectora da alma,
Que satisfez a paixão!

Si não fosses, oh Maria.
Uma protectora tão forte,
Soberana Virgem Pia,
Se não fosse a Rainha,
Bem pouco se salvaria».

«Vem cá, Miguel.—Quem me chama?
Lucifer que vá embora,
Que elle não tem parte em nada,
Que a alma que elle veio ver,
Da Virgem foi amparada».

«Está tão triste o Maldicto!
Eu alegre agora estou!
Recebe esta embaixada,
Que o Rei dos Reis te mandou:

Disse que fosses embora,
Para tormentos eternos.
Fosses em chammas de fogo,
P'ras profundas dos infernos.

Disse mais que aquella alma
Que tu vieste tentar,
Hoje triumphá na gloria,
A Virgem fez triumphar».

Disse o diabo a S. Miguel:
«Pois nada posso lucrar?
Meus serviços são perdidos,
Não vale a pena tentar»!

«Desgraçado, sem ventura,
Um milhão tem de tentar,
A todos que illudires,
Pretendo sempre tomar».

«Desgraçado sem ventura,
Como queres pelejar?
Já estou fazendo um serviço,
Sem Jesus Christo mandar».

Lucifer se levantou
Lendo n'um livro sem lettra,
Com pé de preá ⁽⁶⁴⁾ cambêta,
Faiscando pelos olhos,
Lançando brazas de fogo,
Fazendo muitas carêtas.
São Miguel sahiu sorrindo:
«Dou-te figas, cara prêta».

(64) Especie de rato.

ADEUS, CAXAÇA

Eu que sou livre; nesta terra livre
Filho do indio, d'este chão de bravos:
Canto a caxaça—que faz forte o fraco,
Canto a caxaça—que não faz escravos.
Si lá na gruta já Pagé o antigo
Sondava arcanos, conversava aos Piagas,
E' que a jurema e o cauim amigo
O remontavam do porvir nas vagas.

Moysés, fugindo, suffocando em sêde,
Pede agua á rocha—onde bebe um povo:
E' que fugiam: não merecem fracos
Que a mandureba ⁽⁶³⁾ lhes dê sangue novo,
Porem se um trago de caxaça forte
Lhes fosse ao craneo percorrendo as veias,
Todo esse povo que fugia á morte
Voltára ao Egypto a rebentar cadeias.

Vêde essa Grecia, que guerreiros cria,
Vêde essa Roma produzir um Graccho?
E' que essas terras, tão fecundas emervas

(63) Mandureba, é vocabulo muito popular no Ceará com a significação de aguardente. No norte esta palavra tem dezenas de synonymos, todos de indole popupular: canna, jurubita, grog, sinhaninha, a branca, etc., etc. Estes versos são da lavra de Luiz de Miranda, um notavel jurista, sem profundos estudos, que floresceu em Fortaleza.

Criavam filhos adorando Baccho!
E póde Newton resolver problemas,
E póde o palco possuir um Thalma,
E o calcêta rebentar algemas,
Sem que a caxaça lhe estribuche n'alma?

E que seria dos guerreiros nossos
Sem tu, caxaça, na medonha guerra,
Onde Barrozo triumphou no mar?
Onde Sampaio foi heroe em terra?
No chão gelado dos immensos pampas.
Que foi sudario dos leões do norte,
Largae caxaça nas geladas campas,
Que inda podem resurgir da morte!

Mas eu, que te amo, que te adoro—santa,
Quebro hoje a taça qual poeta a lyra:
E torno ao mundo, só de pluma amada,
Não...não te quero conduzir á pyra,
E tu que do homem as idéias sondas,
Bem sabes, santa, que não mais te quero;
Mas, si do mundo naufragar nas ondas,
Oh! A ti volto com amor sincero.

INFELICIDADE DE UM AGRICULTOR

Não quero fazer a planta,
Que a sorte vem contra mim:
Planto canna, nasce alpista,
Planto arroz, nasce capim.

Plantei mandioca branquinha
Na terra de bons canteiros,
A raiz era em cabellos
Da grossura de uma linha.
Mil covas *não deu* farinha
Que dêsse para uma janta.⁽⁶⁵⁾
Toda a goma de um arranca,⁽⁶⁶⁾
Não deu uma tapioca,⁽⁶⁷⁾
Como vou nessa derrota
Não quero mais fazer planta.

Usei de plantar café,
Quando nasceu foi quandú,
Botou fructa de jacú
E semente de inharé.
Sei que a sorte não me quer,
Por essa maneira assim;
Eu plantei um gergelim,
Deu um puro carrapicho,
Isto é por um capricho
Que a sorte vem contra mim.

Usei logo em plantar fumo,
Metti a enxada no chão,
Veio um malvado pulgão
Que de tudo levou rumo.

(65) Um jantar.

(66) Toda a mandioca tirada da terra.

(67) Especie de beijú.

Aproveitei p'ro consumo,
 Pois lá em casa todos pitam, ⁽⁶⁸⁾
 Botei mel de canna fistula
 Para não perder o trabalho.
 Tudo virou foi pacalho. ⁽⁶⁹⁾
 Planto canna, nasce alpista.

Usei de plantar gerimun,
 E nasceu foi melancia,
 E fez uma tal *rodia*, ⁽⁷⁰⁾
 Que uma fructa não se acha.
 A roça virou uma pasta.
 Que parecia um jardim.
 Sei que a terra não é ruim,
 Que eu não planto em capoeira. ⁽⁷¹⁾
 Tudo virou tamboeira, ⁽⁷²⁾
 Planto arroz, nasce capim.

O DINHEIRO

(Parahyba)

Senhores, me dêem licença
 Qu'eu agora vou contá
 O dinheiro quanto é bom,
 Quanto tem e quanto há;
 Quanto pesa e quanto mede,
 Quanto deu e quanto dá.

(68) Fumam.

(69) Fumo de pessima qualidade.

(70) Enrolada em forma de rodilha.

(71) Matto ralo.

(72) Fructo mal nascido, pèco.

Doutô quando vê dinheiro
Se mette em qualquer questão,
Inda um filho matando o pai
Elle diz que tem razão;
Por estas e outras cousas
Traz o dinheiro na mão.

Eu estava no sertão,
Me botei p'ra capitá.
Dê licença, senhor bispo,
Eu não vim lhe visitá,
Quero casar c'uma mana,
Bem me pode dispensá.

O bispo coçou a barba,
Passeou p'ra lá p'ra cá,
Perguntou se traz dinheiro,
Para poder dispensá.
Escreveu p'ra freguezia
Mandando o padre casá.

O INVERNO

(Parahyba)

Quando para o mez de festa,⁽⁷³⁾
Para a entrada de Janeiro,
O povo pega a escutar
Quem ouve o trovão primeiro.

(73) Dezen. bro.

Ahi cresce o nevoeiro,
 E na força da lua
 O inverno continúa,
 Molhando o taboleiro.
 Traz agua aos balseiros,
 Riachos e rios
 Vão desembocando,
 E as aguas afastando
 Tomam logo os baixios.

Não ha vida tão contente
Cuma a nossa do sertão,
 Quando o anno é bom de inverno,
 Que no céu ronca o trovão.

Ahi nos astros troveja,
 Escurece o nascente,
 Retumba o poente,
 E as aguas alveja.
 E' justo que veja
 Zoar a solidão,
 Abre e fecha o relampo,
 Estremece o campo
 E corre a zelação.

O CAVACO

(Crato — Ceará)

Um cavaco como eu dei
 Não cuidei que tal houvesse:
 Todos os páos da catanga
 Um tal cavaco não dêsse.

Nem pau d'arco, nem batinga,
Nem louro, nem gameleiro,
Nem cedro, nem cajueiro,
Nem cipó parabatinga,
Nem páo secco da catinga,
Tal cavaco não criou.
Mas, só por causa de *amô*,
Desprezei meu coração,
Estes páos todos não dão,
Um cavaco como eu dou.

Nem, imbú, nem imburana,
Nem ingá, nem ingaúba,
Oiticaica ou tatajuba,
Trapiá e cajarana.
Eu bem sei que o páo corana,
Para mim se inclinou,
E soffro todo o rigor,
Contra minha sorte *raia*,⁽⁷⁴⁾
Nem a propria sapucaya,
Dá cavaco como eu dou.

E nem nas mattas do sul,
Tupy, serém, muricy,
Burrarema e cundurú,
Amarello e páo *brasi*,
Nem pinho, nem calumbi,
Nem Frei Jorge e nem tambor,

(74) Ralha.

Madeira superior,
 Marmota e coração,
 Estes páos todos não dão,
 Um cavaco como eu dou.

Nem bom tom e nem bamborra,
 Lá nas mattas do Sopê
 Nem mascate e mamucabo,
 Nem, angico e nem soê,
 Lá nas mattas do Coité,
 Nem piaba ou roncador.
 Nem mesmo o espinheiro em flor,
 Todos os páos do sertão,
 Todos, todos não darão
 Um cavaco como eu dou.

A UM SOFFREU ⁽⁷⁵⁾

(Crato — Ceará)

Para que cantas, soffreu?
 Nesse cantar de requinte,
 Não queiras fazer acinte
 A um triste como sou eu.
 Não andes longe dos teus,
 Longe de mim cante embora,

(75) Ave do Ceara.

Aqui não cantes agora,
Já não posso mais chorar,
Teu canto não me allivia,
Aqui não queiras cantar.

Passarinho, toma *espanto*, ⁽⁷⁶⁾
Longe vae formar teu canto,
Que vou formar o meu choro,
Vou alimentar os meus prantos.
Tu, feliz, cantas, eu chóro,
Andas alegre, e eu triste,
Entre flores tu assistes,
E eu não vejo a quem adoro.

Suspende o canto sonoro,
Prende a voz dessa garganta,
Prende a voz com que levanta
Esta musica tão serena;
Se me vês chorar de pena
Passarinho p'ra que cantas?...

O BARALHO

(Ceará)

Quando eu pegô no baralho,
Em cartas que eu não conheça,
Vou dizendo pelo nome
Pelo tino da cabeça.

76 Levanta o vôo.

Quando eu peço nos dois,
Só me lembro é de casar,
O casar é muito bom,
O peor é sustentar.

Quando eu peço nos tres,
Me lembro da Caridade,
Me lembro das tres pessôas,
Da Santissima Trindade.

Quando eu peço nos quatro
Me lembro é de rezar,
Tenho pena de morrer,
Sem teus carinhos lograr.

Quando peço nos cinco
Me lembro da santa cruz,
Me lembro das cinco chagas
Que fizeram em meu Jesus.

Quando eu peço nos seis
Só me lembro é de morrer,
Que ali á tardezinha
O sol se põe, p'ra nascer.

Quando eu peço nos sete
Fico logo desgostoso,
Que é ditado dos mais velhos
Ser conta de mentiroso.

Quando eu peço nos oito
Só me lembro das oitavas,
Dos dias santo de festa,
Dos dias em que eu vadiava.

Quando eu pego nos nove
Me lembro é das novenas.
Das noites que eu namorava
Com lindas moças morenas.

Quando eu pego nos dez
Me lembro dos Mandamentos,
O preceito mais suave
E' cumprir meus juramentos.

Acabemos as cartas brancas,
Passemos para as figuras;
N'este mundo tudo passa,
Pois, a sorte é mal segura.

Quando eu pego na dama
Só me lembro da mulher:
A mulher é bicho bom,
Mas amarga como fél.

Quando eu pego no valete,
Só me lembro do vaqueiro:
Correndo quebra o pescoço,
Nem garrote nem dinheiro.

Quando Deus creou seu mundo,
Tambem creou seu thesouro.
Az de páo e o az de espadas,
Az de copa e az de ouro.

Quando pego em rei de ouro,
Só me lembro da riqueza.
Todo mundo nasceu rico,
Só eu nasci na pobreza.

Quando peço em rei de d'espada,
Me lembro do imperador,
O imperador é bom homem
E sustenta o seu valor.

Quando eu peço em rei de copas,
Só me lembro é de beber;
Bebo o copo até o meio,
O resto dou a você.

Quando eu peço em rei de páos,
Me lembro do carapina,
Que trabalha o dia inteiro
P'ra cumprir a sua sina.

Acabemos com as figuras
Fazendo pontos nos azes.
Pucha trinta e um de mão,
Que é a morte dos rapazes!

SÓ VOGA QUEM TEM DINHEIRO

(Parahyba)

Nesta vida transitoria,
A base mais principal
E' ter o seu capital,
E tudo mais é historia.
La no tribunal da gloria,
Regula Deus verdadeiro;

Porém cá no mundo inteiro,
Em quanto a mim, me parece,
Que quem não tem não merece,
Só voga quem tem dinheiro.

Neste mundo vaidoso,
Quem é rico é mais que tudo:
Passa logo por sizudo,
Inda sendo mentiroso;
E' tido por generoso,
Talvez sendo um caloteiro,
Inda sendo um aventureiro.
Porém como tem moéda,
Todo defeito se arreda...
Só voga quem tem dinheiro.

Um homem pobre e de bem,
Fiel que falle a verdade,
Na melhor sóciedade,
Não falla nellê niguem.
E quando a fallar se vem,
E' por modo passageiro.
Figurando um jornaleiro,
Trabalhador e de fé;
Fóra disto nada é...
Só voga quem tem dinheiro.

Um pobre tenha razão,
Com o rico pegue em luta,
Sem dinheiro nada avulta,
E no fim perde a questão.

Paga as custas, perde a acção,
Isto num tempo ligeiro;
Pois basta ter o ponteiro
De só viver em pobreza,
Para não achar defeza...
Só voga quem tem dinheiro.

Dinheiro em grande porção,
Dá honra e capacidade,
Dá respeito e qualidade,
A quem é quasi carvão.
Dá aos homens posição
De chegar a brigadeiro.
Faz-se tornar marinheiro, ⁽⁷⁷⁾
O pardo que é um ricasso:
Com côr ninguem se embaraça...
Só voga quem tem dinheiro.

Um branco fino da côr,
Pobresinho como Job,
E' ninguem, é nada, é pó,
Para o rico é sem vigor;
Não pode gosar valor,
Neste mundo feiticeiro,
Não passa d'um bagageiro,
Ganhador de seu vintem,
Nada é porque não tem...
Só voga quem tem dinheiro.

(77) Marinheiro : homem branco.

Eu tenho visto pessoa,
Typo tão aborrecido,
Que não tendo possuido,
Andava no mundo atôa.
Como tem é cousa bôa;
E se é um rapaz solteiro,
Anda engommado, no cheiro,
Já muita moça se influe,
Casa bem por que possue...
Só voga quem tem dinheiro.

Viuvo velho e feião,
Carregado de familia,
Tendo bem fazenda, brilha
Em toda e qualquer acção:
Para as moças tem razão.
Logo é tido por faceiro,
E o pai muito interesseiro,
Dá sua filha donzella,
P'ra elle casar com ella...
Só voga quem tem dinheiro.

Em qualquer reunião,
De pagode e brincadeira,
Quem não tiver na algibeira,
Ninguem lhe dá a attenção;
E a quem tem se dá a mão,
Se diz:—entre, companheiro,
Venha cá, bêba primeiro,
Pois aqui nada lhe falta;
E dá-se em voz bem alta...
Só voga quem tem dinheiro.

As vezes tem pela porta
Um pobresinho encostado,
Mais de ninguem é lembrado,
A sua presença é morta,
A sua experiencia é torta,
Para o povo pagodeiro,
E se bebe, é o derradeiro,
Se por acaso, dão fé,
Do pobre que está em pé...
Só voga quem tem dinheiro.

Quem é branco e figurado,
Tendo cobre e formosura,
Tem sorte e dita e ventura,
Deste mundo é adorado;
De tudo nasceu dotado,
Na fortuna foi herdeiro...
Morrerá no captiveiro,
A vil pobreza infeliz,
Porque em qualquer paiz,
Só voga quem tem dinheiro.

Para um homem proletario
Ai, nenhum prazer existe:
Vive isolado, de triste,
Tudo lhe é bem necessario,
Serve a um millionario,
Como escravo ou cozinheiro;
Algum que chega a caixeiro,
Fica em melhor condição.
Eis a melhor posição...
Só voga quem tem dinheiro.

Dinheiro dá galhardão,
Dá prazer e dá virtude.
Finalmente, muito illude,
A todo e qualquer christão
Coberto de precisão:
Faz trabalhar o ferreiro,
Na colher luta o pedreiro,
Trabalhando p'ra ganhar,
Para ter com que gastar...
Só voga quem tem dinheiro.

O filho do rico aprende,
P'ra ser doutor ou vigario,
Ou ser chefe mandatario,
A quem homenagem rende.
O filho do pobre entende,
Que deve ser sapateiro;
Algum dá p'ra marceneiro,
Porque não pode estudar.
E' pobre, vae trabalhar...
Só voga quem tem dinheiro.

Quantos rapazes activos,
Que estudando aprenderiam,
E como não podem criam,
Da ignorancia captivos!
São gente porque são vivos...
Vivem ahi de balseiro,
Cobertos de desespero,
Soffrendo flagello e lida,
Porque nesta infame vida,
Só voga quem tem dinheiro.

GUERRA DO PARAGUAY

Minha mãe, não chore tanto,
E se deve consolá,
Que a minha sorte foi esta
De morrer no *Paraguá*.

As mães choram por seus filhos,
As mulheres por seus maridos,
As donzellas por seus manos,
As damas por seus queridos.

M'encommende a S. Antonio,
Meu pai o faça a Jesus,
Se eu morrer no *Paraguá*,
Não me falte a Santa Luz.

LUIZ DO REGO

Luiz do Rêgo foi-se embora,
Não disse adeus a ninguem;
Os Corcundas estão dizendo:
Luiz do Rêgo logo vem.

Luiz do Rêgo foi guerreiro,
Soube muito pelejar;
No corredor de Goyanna
Elle veiu a se entregar.

Luiz do Rêgo foi guerreiro,
Sete batalhas venceu,
Na oitava de Goyanna,
Sem forças esmoreceu.

BEBAMOS

(De Mamanguape — Parahyba do Norte)

Que zombe o vulgo insensato
De quem da vida a canseira
Afoga, rindo do mundo,
N'um trago da brasileira.⁽⁷⁸⁾

Quem no seculo desenove
Haverá que te não prove,
O' divina inspiração?
Bebamos e, em vez de louros,
Para exemplo dos vindouros,
Tenha-se um copo na mão.

Beba-se o puro falerno
Que tanto Horacio adorou...
Antes o thyrsos de Baccho
De que a penna de Hugô.

Seja o resaibo da taça
Lenitivo da desgraça,
Consolo de tanta magua...
Nas lides do fado austéro,
Bebamos como Luthéro,
O chefe dos *caixa-d'agua*!

Podéria acaso Newton
Ver astros pela amplidão,

(78) Aguardente.

Girando em torno do sol,
Sem ter tomado um pifão?

Não creiam, pois um inglez
Só vê cachaça uma vez:
—Desde o berço á sepultura—:
E nessa eterna viagem
Leva sempre na bagagem
Cognac-ou cerveja pura!

Bebamos como bons crentes
A cultivar a virtude;
Regue-se a planta viçosa
Com vinho sempre em almude.

Basta ver que no Calvario,
Mesmo envolto n'um sudario,
O proprio Christo bebeu...
Que pinga! fél e vinagre,
Que podia n'um milagre
Tranformar a gosto seu!

Quem nos diz, relendo a historia,
Que o genial Galileu
Na sua expansão de sabio
Não se enlevou? não bebeu?

Por certo o copo embicou,
E ébrio, por si tombou,
Entregue á mercê do vento:
Tanto assim que conseguio,
Quando a girar tudo vio,
Ver a terra em movimento!

Bebamos, que o mais é pêta,
 E' ser da vida calceta,
 Sempre a soffrer, sem gosar!
 Sobre os balcões das tabernas,
 Sem ter firmeza nas pernas,
 Passai a vida a sonhar!
 Que zombe o vulgo insensato
 De quem da vida a canseira
 Afoga, rindo do mundo,
 N'um trago da brasileira.

A P Á T R I A

(Epigramma Parahybano — 1891)

A patria nos tempos idos
 Morava no coração,
 Depois, devido aos partidos,
 Foi mudando a posição.
 Desceu...desceu...e, descendo,
 Fez a completa mudança...
 Parando (caso estupendo)
 Nas geringonças da pança.

O QUEBRA KILOS

Na 1.^a edição do «Cancioneiro do Norte» inseri versos incompletos sobre a revolta chamada dos «Quebra-Kilos», que ensanguentou a Parahyba em 1874.

Depois, na villa de Porangaba (Ceará), ha bons 25 annos, encontrei em poder do colleccionador de cousas regionaes—Sr. José Rabello Albano— um exemplar da musica «O Quebra-Kilos», impresso, cuja 1.^a pagina transcrevo:

“Ao seu particular amigo capitão Simplicio N. de Carvalho.

O QUEBRA KILOS

piano e canto

Musica de Pedro Joaquim d'Alcantara Cesar.

Poesia do Dr. S. P.

Parahyba do Norte, 4 de Março de 1875.

Lith. imp. E. Rensburg — Rio de Janeiro”.

* * *

Eis os versos tambem impressos naquelle documento, que me foi offerecido pelo colleccionador cearense;

Sou quebra-kilo, encolletado em couro,
 Por vil desdouro, se me trouxe aqui:
 A bofetada minha face mancha,
 A corda, a prancha se me affligir senti.

Nas cões modestas, a tesoirã cega!
 Da minha enxerga só me resta o pó:
 Esposa e filhas violentam rudes,
 As sans virtudes—seu thesouro—só.

Não ha direitos: isenções fugiram
Nas leis cuspiram deleaes vilões;
Creanças, velhos, aleijados, aguardam
A triste farda de crueis baldões.

Em vão, descalços, minha esposa e filhos,
Do sol aos brilhos, prâteando vem:
Socorro imploram: piedade a tantos...
Mas de seus prantos se receia alguém!

E ao quebra kilo, deshonorado e louco,
E' tudo poucô, quanto a infamia faz:
Si alli contempla da familia o roubo,
Aqui no dobro, se o flagella mais.

Vê sua esposa, da desgraça ao cimo,
Por seu arrimo, tudo expol-a em vão:
Recorda as filhas, que sem mãe ficaram,
E lhe as roubaram...que perdidas são.

Tyrannos, vêde que miserias tantas!...
Nem a quebranta nem pungir nem ais:
Martyrio, ultrages de negror, fazei-me;
Porém dizei-me, se tambem sois pais!

A bofetada minha face mancha;
A corda, a prancha me doer senti;
A vil deshonra da familia querida
Tirar-me a vida... de pudor morri.

* * *

Os versos não correspondem aos moldes que desejaríamos fossem: mas os inserimos como documento para a história local.

A revolta dos Quebra-Kilos foi um pretexto de opposição do partido liberal ao partido conservador, que estava no poder.

O Zé-povo, na forma do costume, foi quem pagou o pato. Os versos, sem revelarem uma ideia patriótica dos agitadores, perpetuam apenas o martyrio e a deshonra do homem do povo. Ainda hoje é assim.

NÃO É DEFEITO O BEBER

(Parahyba)

Hoje o beber é um uso
Em todo e qualquer districto,
Em quanto a tomar espirito,
Bem poucos terão abuso;
Eu do copo bem me accuso,
Só deixo quando morrer.
Não censurem o meu dizer,
Nem me digam que isto é falta:
Vem-nos da gente mais alta.
Não é defeito o beber.

De primeiro só bebia
O negro, o cabra, o mulato.

Hoje, pelo grande trato,
Bebem quasi todo dia.
Homem de alta senhoria,
Tenho visto succeder,
Na rua tombar, pender,
Dando passos recortados;
E se está nos illustrados...
Não é defeito o beber.

O beber fôra defeito
Se só o baixo bebesse,
E se nunca succedesse
Vêr-se tonto um de respeito,
Tudo fosse desse geito,
Ninguem devia querer,
Na lista ter seu prazer
Quando a occasião chegasse...
Se vem da primeira classe,
Não é defeito o beber.

O beber já foi defeito
Nas tabernas do passado;
Hoje não, anda molhado,
Mesmo um juiz de Direito.
Eu conheço algum sugeito
Que para ninguem saber,
Bebe depois do comer;
Na rua em copo não péga.
Porém em casa chumbrega...
Não é defeito o beber.

Para quem bebe aguardente,
Se mette n'um grande porre.
Dá, apanha, mata ou morre...
O beber não é decente;
Porém dando p'ra contente,
Ou mesmo p'ra entristecer,
Podendo a canna fazer
Tornar-se franco ou sovino,
Direi sempre que combino:
Não é defeito o beber.

Se o beber anda espalhado
Onde ha honra e apparatus,
Até n'algun candidato;
Se bebe o Juiz de facto,
Seu major e o Delegado,
Não mais seja ignorado ⁽⁷⁹⁾
O pobre tambem querer,
Nesse meio se mexer;
Visto que o vicio tem palma
Para quem bebe com calma,
Não é defeito o beber.

Bebe o chefe de policia,
Particular, escondido,
Algun padre, por sabido,
Bebe occulto a tal patricia.

(79) Ignorado tem o sentido de estranhavel. O povo emprega o ignorar por estranhar.

Tambem já tive noticia,
Ou, por outra, ouvi dizer
(Foi tanto, que pude crer
Um dito de certa gente)
Que bebe algum presidente,
Não é defeito o beber.

No sitio bebe o major,
Bebe em casa o coronel,
O Sargento e o furriel
Bebem no Estado-maior;
Quem quizer beber melhor
Vá na venda e mande encher,
Tome o que lhe parecer
Até matar o desejo;
Segundo o gosto que vejo,
Não é defeito o beber.

Bebem os homens de estudo,
Bebe o branco, rico e nobre,
Bebe o negro, o cabra e o pobre,
Bebe o cego, o mouco, e o mudo.
Os musicos bebem de tudo,
Sem em si nada temer:
De modo que pode haver
Alguem que não tenha falta:
Tudo sae nas rodas altas...
Não é defeito o beber.

Bebe o rico na fazenda,
A' sua satisfação:

Escondido do patrão,
Bebe o caixeiro na venda.
O artista bebe na tenda
Só para desaparecer,
E mesmo afina o saber,
Dá na obra o risco certo:
Bebe para ficar esperto...
Não é defeito o beber.

No centro das capitaes,
Em villas, e povoações,
Nas grandes populações,
E' onde se bebe mais.
Se o erro vem-nos de atraz
Tudo se ha de corromper,
Quem quizer reprehender
O mundo todo, em redondo,
Se me fallar eu respondo:
Não é defeito o beber.

No Recife todo inteiro,
Bebem grandes, bebe a plebe,
E dizem que mais se bebe
Lá no Rio de Janeiro.
Bebe o nortista, o suleiro,
E o inglez bebe a morrer.
Só Deus poderá conter
A bebedeira do povo
Com outro seculo novo...
Não é defeito o beber.

Eu tenho visto em funcção
Gente beber, que faz pena,
Ficar de vista serena,
Não sei que vendo no chão.
Faça-se uma votação,
Vá-se a todos defender
Que não ha de apparecer
Quem traga, em favor, seu voto;
Por isto assim é que eu noto:
Não é defeito o beber.

Da mulher não digo nada:
Por ser melhor creatura
A' noite, muito segura,
Toma bonita copada,
Alguma, por despachada, ⁽⁸⁰⁾
Bebe para a gente vêr,
Outras p'ra ninguem saber
Bebem por detraz da porta
O sumo da canna torta...
Não é defeito o beber.

Houve tempos em que o espirito ⁽⁸¹⁾
A muitos trazia tedio;
Hoje serve de remedio:
Nos livros está escripto.
Um pobre que fica afflicto,
D'um barulho succeder,

(80) Desenvolta, sem acanhamento.

(81) Bebida alcoolica.

De medo põe-se a tremer,
Suspira e muita vez chora;
E toma um trago e melhora...
Não é defeito o beber.

Quando acham tempo vago,
As praças que vão p'ra guarda,
Levam no bolso da farda.
Ella para tomar um trago.
Diz: eu compro bebo e pago,
Porque não quero dever.
E quem não pode soffrer
O frio que lhe atormenta,
Bebe p'ra ver si se esquentá...
Não é defeito o beber.

Emfim, senhores, não nego,
Fallo sem ter medo algum,
Pois sempre pelo commum,
Gosto de tomar meu prégo, ⁽⁸²⁾
Neste destino me régo,
Prompto a não me arrepender,
Quem duvidar venha ver:
Ella com mel ou imbira
Faz milagre, que admira...
Não é defeito o beber.

Cabra, negro como eu sou,
Se vae matar o seu fado,
Encontra o copo molhado,

(82) Embriaguez.

Do grande e bom, que bebeu :
Este caso já se deu
E inda pode acontecer.
O que eu queria saber
E' se o Papa tambem toma ;
Porque por fora de Roma,
Não é defeito o beber.

Eu conheço camarada
Que não gostando da branca, ⁽⁸³⁾
O balcão alheio espanca,
Fallando em barriga inchada,
Alguem chupa bem guardada,
Gosa só esse prazer ;
Mas assim não quero ser :
Se bebo, é publicamente,
Porque hoje em toda gente,
Não é defeito o beber.

Em todo mundo eu fallei,
E esqueci-me do cigano
Que bebe lá de anno em anno.
Como agora me lembrei.
E já que nelle toquei,
Acho bom esclarecer :
Não tendo aonde viver,
Passa na sua andarella, ⁽⁸⁴⁾
E diz quando toma ella :
Não é defeito o beber.

83) Aguardente.

84) Andar continuamente pela vizinhança.

O tapuio é o que se eleva,
Mas, só não bebe também,
Porque na rua não vem
E na aldeia ninguém leva
A branca, que muda em treva
O melhor amanhecer.

Mas, se elle podesse descer
A' rua, também bebia;
Depois, no bicho, dizia
Não é defeito o beber.

Eu sei que muitos doutores,
Alferes e capitães,
Costumam *fazer manhãs*,⁽⁸⁵⁾
No seu logar de senhores;
Bebem muitos senadores,
Mas por causa do poder,
Que a todos bem faz temer:
Tomam seu trago escondidos,
E escuta muitos ouvidos:
Não é defeito o beber.

De gente ha uma nação,
Que o tal vicio aborreceu:
Só o cabra que morreu...
Este sim, não bebe, não.
Senhores, esta razão
E' facil de se entender...

(85) Fazer as manhãs é o mesmo que matar o bicho :
é beber.

E mesmo não pode ser
Um defunto andar bebendo,
E andar no mundo dizendo:
Não é defeito o beber.

Quem quizer tomar cautela,
Da aguardente corra, fuja.
Eu só empino a *coruja*
Porque gosto muito d'ella;
Desejo vê-la na guela,
De instante a instante a correr,
Succeda o que succeder.
Se Deus me deu esta sorte,
Só deixo a droga por morte...
Não é defeito o beber.

Ô LÊ LÊ VIRA MOENDA

(Parahyba)

Ô lêlê vira moenda,
Ô lêlê moenda virou,
Quem não tem uma camisa,
P'ra que quer um palitô?

Bebe o caixeiro na venda,
O patrão no Varadou.
Eu estava em Itabaianna,
Quando a boiada passou;
Ô lelê vira moenda,
Ô lêlê moenda virou.

Eu estava em Bebéribé
 Quando a noticia chegou:
 Mataram Zé Mariano,
 O commercio se fechou.
 Ô lêlê vira moenda,
 Ô lêlê moenda virou.
 E viva Joaquim Nabuco
 Com todo seu pessoal!
 E viva o cordão azul
 E o partido liberal!

PAI JOÃO

Deus primita que chegue sabro,
 Que meu Senhor vá p'ra feira,
 P'ra eu ficar com min senhora
 Sentadinho de cadeira.

Bravos, sinhá moça,
 Bravos assim.

Pai João não gosta de negro.
 Deus primita que chegue domingo,
 Que meu senhor vá p'ra missa
 P'ra eu ficar com min senhora
 Comendô boa linguaça.

Bravos, sinhá moça,
 Bravos assim.

Pai João não gosta de negro,
 —Ai, se meu senhor morresse,

Eu tinha muita alegria,
E casando com min senhora,
Tomava a carta de forria.

Bravos, sinhá moça,
Bravos, assim!

Pai João não gosta de negro,
—Ai, se meu senhor morresse,
Eu tinha medo d'uma coisa...
Que sinhá não me pegasse.
Botasse na mesa do carro,
E eu grudado c'os fueiros,
Largava a bocca no mundo: ⁽⁸⁶⁾
Acudam, meus pariceiros!...

25 DE JUNHO

A's nove horas do dia,
Tocou rebate no Céu
Ninguem soube o que seria.
Do sertão de Guajarema
Aonde fica o poente,
O sol é mais ardente,
Correu uma zelação
Trazia como rascunho
Que ia acabar-se o mundo
A 25 de Junho.

(86) Largar a bocca no mundo: gritar muito.

A MISSA DE NATAL

(Ceará)

Aprompta-se o povo. n'aldeia.
 Começa o sino a tocar;
 Grita um menino em peleja:
 —O gallo hoje na igreja
 Tem gente que penicar. ⁽⁸⁷⁾

Apromptou a roupa nova,
 Mariquinha Quixadá;
 Diz Rufino Papa-ova,
 Morador no Camará:
 O gallo, o anno passado,
 Penicou tambem por cá.

Por isto não, diz Joaquina,
 Eu vou contar-te uma historia,
 Houve quem *teve* um penico:
 A Vicencia da Guloria,
 Filha do Pedro Fonseca,
 Neta da Chica Zidoria.

Já vi barulho na Igreja
 Nesta noite, meu senhô,
 Credo em cruz, horrenda coisa,
 Foi mesmo um forróbódó;

(87) E' uma troça popular: o gallo penicará a quem fôr a missa de Natal com a roupa velha.

Deu um ataque lá nella,
Todo povo se assanhou,
Não era parenta minha,
Mas também me envergonhou.

Tá bem, senhora Joaquina,
Que conversa feia é esta?
Respeite o dia de hoje,
Olhe que é noite de festa,
Falla Joanninha das Dores
Moradora na Floresta.

Por causa destas e de outras,
Aqui, o anno passado,
Houve furdunço bem feio,
Mané foi esconjurado
Pelo compade vigario,
Que ficou muito zangado,³
Por nós aqui na calçada
Termos a elle *apolhado*.

Tocava a terceira entrada
Chamando todo o christão,
Já se apromptava o vigario
Para fazer o sermão,
E entrava o povo veixado
Fazendo enorme rojão.

O padre tinha o rostinho
De mocinha apaixonada;
Azulzinha, como anil,
De navalha bem raspada;

O sacristão, já com somno,
Tinha a cara enfarruscada. ⁽⁸⁸⁾

Tudo em silencio se achava
Quando o povo se assanhou
O que foi? o que não foi?
Um rapazola gritou!
Uma mocinha bem prompta
Dentro da igreja soltou
Um enorme e feio berro
Que o povo todo assombrou!

Credo em cruz, diz uma velha
Que falta de *indução*,
Logo na hora em que o padre
Está dizendo o sermão!
Diz a mocinha, coitada:
Sá dona não fui eu não.

Tudo em fim diz que não foi,
Não foi ninguém, foi o cão;
E' possível que o capêta
Na hora deste sermão
Tenha entrado na igreja
P'ra fazer malcreação?

Dizia a velha damnada
Porque errou a oração,
Batendo só com os beiços,
Rodando contas na mão.

(88) Cara de quem está de mau humor.

Este berro tão damnado
E' de quem comeu feijão,
Repetio a velha á moça...
Sá dona, não fui eu não.

Terminou à missa, e o povo
Em grupo d'alli sahia,
Desculpe minha conversa,
Meu leitor, minha alegria,
O resto, conto mais tarde,
Fica p'ra missa do dia.

A CAIPÓRA

(Ceará)

Maria, hontem na matta
Grande sobroço ⁽⁸⁹⁾ senti;
Escuta, quero contar-te
Em que camisas me vi:
Fiquei sem fala, e já tonto,
Dentro da matta cahi.

Eu cortava, minha velha,
De lenha este bom feixinho,
Quando eu vi sahir da matta
Um medonho caboquinho,
Com um cachimbo no queixo,
Montado n'um porco-espinho.

(89) Medo, pavor.

Medonha coisa!—o que disse!
 Credo em cruz; será o cão?
 Mas isto que elle não visse,
 Nem bater-me o coração.
 M'encolhi o mais que pude,
 M'estirando pelo chão.

Mais, ai Maria, a pantasma ⁽⁹⁰⁾
 Veio bater no meu rumo,
 Rindo-se muito e dizendo:
 Dá-me uma peia ⁽⁹¹⁾ de fumo.
 E c'ó uma faca afiada
 Batendo em mim com seu gumo. ⁽⁹²⁾

Bati a mão no bisaco ⁽⁹³⁾
 E logo o fumo lhe dei,
 Mas com sobroço tamanho,
 Que não sei como fiquei...
 Dahi sahiu galopando,
 Gritando como não sei!

Marido, pela conversa
 Do padre lá da Fulóra,
 Já descobri o que é,
 O que é a sua historia;
 Um mão agoiro da matta,
 E' a tal da Caipóra.

(90) Phantasma.

(91) Pelle.

(92) Gume.

(93) Embornal.

DECIMAS E CANTOS





DECIMA

De que me serve, Josina,
Ser da Marinha empregado:
Si tudo em mim é ruina,
Vivo pobre e desgraçado!

Muita gente, hoje illudida
Trago com meu proceder,
Porque quero parecer,
Morgado de alta guarida.
Mas se tu visses a ferida,
Que tanto me contamina,
Porias em cada esquina,
Um cartaz de meu viver.
Que em isto tu dizer:
De que me serve Josina.

Pelas ruas da cidade,
Tu me vês muito gamenho,
Qual rico Senhor de Engenho,
Ostentando a probidade;
Porém, falando a verdade,
Não passo de um desgraçado,
Que, por decencia, obrigado,
Da fraqueza faço força,
Mostrando, em tamanha côrça
Ser da marinha empregado.

Bem mobiliado aposento,
 Aonde a musa consulto,
 Isto mesmo não te occulto,
 Nada mais também augmento.
 Macia cama de vento,
 Colchão de palha bem fina...
 Ah! se tu viras, Josina,
 Compaixão de mim terias,
 E mulher conhecerias
 Se tudo em mim é ruina.

Com razão, hoje, eu te digo,
 Sem mesmo mudar de côr,
 Que não sou possuidor
 De dois vintem por castigo,
 Não temo nenhum perigo
 Em razão do meu estado.
 Inda que eu seja notado,
 Só por usar de franqueza,
 Tu és, Josina, a nobreza...
 Vivo pobre e desgraçado.

DECIMA

Inda depois de enterrado,
 Debaixo do frio chão
 Verás teu nome gravado
 No meu terno coração.

Quando a parca traiçoeira
 Contra mim mover seus passos,
 Soltando os terríveis braços,
 Tirar-me a triste vida
 Quando a tumba demorida
 A mim tiver encerrado;

Quando meu corpo levado
For á fria sepultura,
Acharás minha fé pura
Inda depois de enterrado.

Meu amor quando tu fores,
A fria terra habitar,
Busca sem susto o lugar
Onde meu corpo jazer;
Entra logo, sem temer,
Na fatal escuridão,
E com tua propria mão,
Arrojando a pedra dura,
Meu esqueleto procura
Debaixo do frio chão.

Olha, meu bem, tu não fiques
Com teu juizo turvado,
Quando vires carcomidos,
Meus ossos esbranquiçados.
Na caverna d'essa treva,
Meu peito descobrirás,
E este coração verás...
E dentro, d'essa caverna,
Alma do céu bôa é terna,
Verás teu nome gravado.

Verás teu nome gravado,
No mortal peito inculpido,
E depois de teres lido
Torna o sepulchro fechar.
Deixa meus ossos ficarem
Nessa fria habitação...
Não lances suspiros, não;
Que a morte géra outro fado...
Deixa o teu nome gravado
No meu terno coração.

DECIMA

Já se quebraram os laços
Em que preso me tiveste,
Já tomaste outros amores,
Foi favor que me fizeste.

Prasa ao Céu seja forçoso
Quebrar a prisão de amor
Onde com fatal rigor
Me prendeu o deus vendado.
E viverei descansado,
Pois tudo fiz em pedaços.
Agora darei mil passos
P'ra alivio do coração,
Porque da antiga prisão
Já se quebraram os laços.

Já vivo com liberdade,
Já descanso com socêgo,
Pois com grande desapêgo,
Larguei a tua amizade:
Obrei esta crueldade
Foi pelo que me fizeste,
E como assim o quizeste,
Tudo mais fiz de repente...
Quebrei a grossa corrente
Em que preso me tiveste.

Dize, ingrata eu não te amei
Com firmeza e lealdade?
Não te fiz toda a vontade,
Tudo por ti não obrei?
Dize, féra, eu não jurei
Supportar os teus rigores,

Mil finezas, mil favores,
Não te dei meu coração?
Dize-me porque razão
Já tomaste outros amores.

Não me julgues offendido
Desse teu genio tão féro:
Antes assim, é que quero
Ser-te mais agradecido.
Rendo graças a Cupido
Pelo prazo que me déste,
E como assim o quizeste,
Te confesso, na verdade:
Ficarei em liberdade,
Foi favor que me fizeste.

O CASAMENTO

(Ceará)

Maria, a gentil mulata,
Filha do João Catolé,
Quer casar, mesmo por força
Com o Chico Cassundé;
Mas sua mãe, enraivecida,
Lhe está cortandó a passada,
Por não ser de opinião
Que ella case com o rapaz,
E sim com o José Thomaz,
Do collecter escrivão.

Um dia se achavam todos
Reunidos na calçada,
Quando chegou um creado

Com uma carta lacrada;
De chapéo agalado,
Sapatos, calça engommada.

E foi dizendo: Aqui trago
Uma carta a *seu* Francisco;
Dê licença que me assente...
A' vontade, diz Curisco.
Teja a commodo, Antõe Pitanga,
Que aqui não corre risco.

E sentou-se e foi dizendo:
Vosmicê dê-me' attenção:
Leia aqui este *biete*
Que trago do «Gavião»,
Mandado por *seu* cadete,
Que se acha commandando
Da cavallaria o piquete,
Destacado no «Limão».

* * *

O bilhete tinha escripto
Um pedaço apaixonado.
Assignado por P. C.,
Caboclo muito afamado,
Cunhado do Joaquim Leite,
E parente do Cadete
Lá no «Limão» destacado.

Dizia: "D.^a Maria,
Deus lhe dê muita saude;
Assim a Rosa e a Luzia.
Antes que o tempo se mude,
Quero dizer-lhe uma coisa,
Gente esperta não se illude.

A minha intenção é franca,
Não ha mesmo novidade;
Me escute, D.^a Maria,
Me ouça por caridade,
Se eu cazasse com Maria,
Fazia minha felicidade.

Maria, a gentil morena,
Que é da côr d'açucena
Aberta em manhã de Abril,
E' para mim um futuro,
Futuro certo, seguro,
E felicidades mil.

Communique-me a seu pai,
O Sr. João Catolé;
Lhe pergunte como vae
Da feridinha do pé;
Que me responda se dá-me
Em lugar de Cassundé,
A Maria, minha bella,
Para ser minha mulher.
Que elle sabe, não é de hoje
Que sou sachristão da Sé,
Que posso ser o seu genro,
Salvo se elle não quizé.

No mais saude e gordura.
Seu primo Mané Ventura”.

Logo a resposta da carta
Se deu naquelle momento,
Dando-se a mão de Maria
Ao Ventura em casamento.

Estava presente o Zé,
Parente do Cassundé

Com quem ella ia casar:
Botou o chapéo na cabeça,
Montou a cavallo a pressa
E ao Cassundé foi contar!

Contar o que se passou
A respeito do pedido
De Maria em casamento,
Por um homem tão perdido.

É contou-lhe toda a historia
Da carta e do portador,
Dizendo: não se incommode,
Cassundé, você p'ro móde
Que não é namoradô;
Não falta mulhé no mundo,
Que não queira teu amou;
Devemos fazer agora
E' dar de xiqueradou (94)
Uma surra no cadete,
Pra não ser alcovitete,
Para não ser tão traidor!

Diz então o Cassundé,
Coitado, quasi chorando:
Ai, Maria Catolé,
Eu morro sempre te amando,
Nos beijos d'aquella noite
Eu vivo sempre pensando.

O consolo que me resta
Da grande separação,
E' que tu casas com elle,
Mas é meu teu coração.

(94) Chicote.

A YÁRA
LENDAS AMAZONENSES

(Telles de Souza)

Era na taba dos Manaus, outr'ora,
Num recanto de virgem Natureza,
Onde risonha se levanta, agora,
Do Rio Negro a prospera princeza! ⁽⁹⁵⁾

E o filho do tucliáu preparára
O necessario p'ra sahir á pesca;
—Cantava além, fatidica cauan...
E depois dirigiu-se n'uma ygára
Ao pequeno regato que refresca
A ponta do Taruman...

E'ra da tribu o moço mais formoso!
Ágil, robusto e forte e destemido,
Assim tão destemido e valoroso,
Ainda outro não tinha apparecido.

Quem, da floresta virgem no regaço,
A zarbatana destro manejava,
Cuja flecha, certeira, não errava
A aracuan atravessando o espaço!

Quem o tacape com valor brandia
Da guerra nos embates,
Era o moço tapuio! a quem cabia
A palma dos combates!

(95) A capital do Estado do Amazonas.

Era o orgulho da taba dos Manaus!
 E do velho tucháua o successor,
 Que dos Munducurús féros e maus
 Fôra sempre o terror!

E o filho do tucháua preparára
 O necessario p'ra sahir á pesca!
 Cantava, além, fatídica cauan...
 E depois dirigiu-se n'uma ygára
 Ao pequeno regato que refresca
 A ponta do Taruman.

Tarde estival: o sol já descambava
 Por detraz da collina,
 Onde a sombra da matta esmeraldina
 Então se projectava.
 Morbida luz, beijando a ribanceira,
 Ia se refletir, tristonha e flava
 Do Rio Negro na ebanina esteira.

O céo ermo de nuvens; no horizonte
 Distendiã-se esplendido arrebol;
 A noite—perto! e por detraz do monte,
 Pallido e triste, se occultava o sol.

Em tudo inteira calma!
 —O dia agonisava...
 Do burity na verdejante palma
 Dolentemente o noitibó gemia...
 Trescalando á baunilha, perpassava
 Uma brisa macia.
 Era já noite estrellejada e clara,
 Inda a pequena ygára,
 A' flor das aguas, celere corria.

E o noitibó cantára
Do burity na palma verdejante...
Mas triste como o canto da hiumára,
Tal do joven tapuio era o semblante!

Bem tarde elle chegou! apprehensivo...
Sua ygára prendeu á mamuraana,
E depois taciturno e pensativo,
Foi sentar-se ao batente da cabana.

E sua velha mãe estremeçada,
Silenciosamente alli chorava,
Ao ver essa tristeza indefinida
Que o semblante do filho annuviava!

“Mãe, disse o moço, eu sei que não dás geito
Mas só a ti poderei dizer
O que me vae pelo intimo do peito,
O que me faz soffrer:

Era uma moça tão linda...
Como aqui não vi ainda
Entre as filhas dos Manaus!
Começava a noite clara,
Ia eu só na minha ygára
Sem temer os genios maus...

E a minha ygára vagava,
Lévemente deslizava...
—Cantava, além, a cauan...
Dôce brisa me acompanha
Té ao regato que banha
A ponta do Taruman.

Eis, da noite no arrepio,
Sahiu da margem do rio

Um canto fascinador!
Mudo e quedo eu escutava
Aquella voz que cantava
Como quem soffre de amor.

Doce cantar que quebranta!
Tão mavioso não canta
Nas mattas o yrapurú...
Depois o canto se alava
Com a brisa que sussurrava
Nas frondes do condurú.

Eu a vi... era tão bella
Aquella mulher... aquella
Encantadora visão!
Desde alli perdi a calma:
Por ella pulsa minh'alma,
Palpita meu coração!

Eu a vi... nessa paragem
Tão alva... sentada á margem,
Tão alva Jacy não é!
Trazia ao loiro cabello
Espesso, ondulante e bello,
As flores do mururé.

Seus olhos azues me viram,
Seus labios meigos sorriram...
Mais então se me mostrou!
Depois estendeu-me o braço...
E, das aguas no regaço,
N'um momento se occultou!...

.

—Ai! não sabes, meu filho que me assustas!”
Disse a velha tapuia suspirando!
E pelas faces adustas
Vae o pranto deslisando...

“Não sabes, filho, o que viste!
—E’ a causa deste meu pranto:
Quem a vê jamais resiste...
Foge, foge ao seu encanto!
Não me causes tanta magua,
Quem a vê jamais resiste,
Filho, a mulher que tu viste
E’ a Yára... é a mãe d’agua!

Os conselhos maternas
Não esqueças amanhã...
Não voltes, não voltes mais
A’ ponta do Taruman”!

.

Assim a velha indiana
Ao filho aconselhára, apprehensiva!
E, sentada ao batente da cabana,
Elle inclinou-a fronte pensativa!

Mas, no dia seguinte, elle voltára
Quando o sol na floresta s’escondia...
Do Rio Negro, a pequena ygára
A’ flor das aguas, célere, corria...

E além na matta cantava,
Dolentemente, a cauan;
Ia o sol, depois voltava,
Mas elle não voltou mais

Da ponta do Taruman!
 Dos conselhos maternas
 Fôra esquecido, porém:
 Por isto que não voltou...
 E o que por lá se passou
 Ninguém o sabe, ninguém!

Somente os pescadores, sem receio,
 Que por alli passavam,
 Quando a noite ia em meio,
 Perto do igarapé que murmurava
 Nas sombras semi-oculto,
 Lá, ao longe, na margem, vislumbavam
 De mulher claro vulto que cantava...
 E de um homem tambem um outro vulto.
 Mas se, ás vezes, d'alli se approximavam,
 Os dois vultos nas aguas se occultavam...

PARAHYBA DO NORTE

(Descripção pelo cantador alagoano Manoel Moreira,
 segundo publicou Leonardo Motta na "NOITE" do Rio).

Eu vim de longe,
 Do centro das Alagôa,
 Já andava quasi atôa,
 Sem dinheiro p'ra passá.
 Passei fome,
 Passei sêde nos *camim*
 E, já vendo a coisa ruim,
 Me vali deste ganzá.

Eu entrei dentro
 Do sertão parahybano,

Com um magote de cigano,
Quasi me acabo de andá...
Tive em Campina,
Alagôa, Mamanguape,
Primitta Deus que eu escape
Deste duro caminhá!

Fui na Areia
Ver a riqueza da canna,
Depois fui a Itabayanna
Mode ver gallo brigá...
Tive no Ingá,
Pedra de Fogo. Espirito Santo,
Que fica já n'um recanto,
Entre o sertão e o má.

Cabaceira,
Umbuzeiro e Guarabira,
Terra bôa que admira,
Ella é melhor que Pilá...
Lagôa Nova.
Soledade, no Picuhy,
No São João do Cariry
Quasi morro de dansá.

Fui abaixo,
Fui de banda, fui arriba,
Andei toda a Parahyba,
Nunca pude descancá:
Tive em Souza,
No Brejo das Bananeira,
Maculada do Texeira,
Da outra banda de lá.

Caiçara,
Araruna, Serraria,
Vala-me a Virgem Maria:

Eu já estou pôdre de andá!
 Me encontrei
 Com um magote de romeiro
 De Alagôa do Monteiro,
 Gente que sabe brigá.

Piancó,
 Misericórdia, Conceição,
 Lá no centro do sertão,
 Bem abaixo de Pombá...
 Tive em Princeza,
 Que é coito da cabroeira
 Do coroné Zé Ferreira, ✓ 17
 Bicho macho no punhá!

Cajazeira,
 Rio do Peixe e as Espinhára,
 Terra rica, terra rara
 P'ro algodão *fulorá*...
 Brejo do Cruz,
 Catolé, ai, meu rosario,
 Na Serra do Commissario
 Eu perdi as contas, lá

Tive medo
 De descer o Pajehú,
 Que é pasto dos urubú,
 Terra de morrê, e matá!
 Cabra de lá
 E' macho na lazarina,
 No fuzil, na carabina,
 No cacete e no punhá.

Passei rio,
 Subi serra, cortei mattos,
 Descansei, dormi nos Patos;

1) Pareina?

Morei no Taperoá...
Na Parahyba
Remexi todo o sertão!
Botando meus annelão,
Fui bater na Capitá...

Eu sou corrido
No Brasil em dez Estado,
Trago todos decorado
Na memoria de gravá:
E' Alagôa,
E' Pernambuco, é Parahyba,
Vem subindo cá p'ra riba:
E' Rio Grande e Ceará.

E' Piauhy,
E' Maranhão, é Amazona,
Que tem uma grande zona
Da borracha prosperá...
Ai, me esqueci,
Já deixei ficar atraz
Bem arriba de Goyaz
O Estado do Pará.

DECIMA

MOTTE

Bom Jardim e Santo Antão
Limoeiro e Pajehú,
Rio do Peixe, Seridó,
Oratorio e Jaburú.

Para commercio a Bahia,
Rio Grande, Ceará;

Para a pobreza o Ingá
Pelos impostos que cria.
Pernambuco só n'um dia
Dispõe de 5 milhão,
Abrange todo sertão
De fazenda e ferraria...
Para carne e carestia
Bom Jardim e Santo Antão.

Guarabira, Cachoeira,
Serra Redonda, Sant'Anna...
Para amarello, Goianna,
Para fumo, Bananeira.
Aracaty com Oeira,
Serra Grande, Mandahú,
S. Matheus e Crateú,
Terras de muito regalo;
Para ladrão de cavallo
Limoeiro e Pajehú.

Areia e Campina Grande,
Pau dos ferros, Pacatuba,
Para quadrilhas, Natuba...
Carangueijo só no mangue...
Para café Serra Grande,
Baturité, Maceió;
Para lã o Piancó.
Patos, Pombal e o Serrote,
Para solta de garrote
Rio do Peixe e Seridó.

Para pobre Cajazeira,
Santa Rosa e Cariry;
Para burro o Piauhy;
Valentão só no Teixeira.

Para fome, Cabaceira,
Para sal, só no Assú...
Os maçon de Caruarú
São os padres do altar.
P'ra enredo e p'ra jogar,
Oratorio e Jaburú.

OS BICHOS QUE EU VI

Vi um tejú escrevendo,
Dois tamanduá fiando,
Uma raposa bordando,
Uma tacaca ⁽⁹⁶⁾ tecendo.
Eu vi um macaco lendo,
Lagarta fazendo telha,
Um bando de rã vermelha
Trabalhando n'um tapume.
Vi um tatú n'um curtume
Curtindo um couro de abelha.

Vi um quati marceneiro,
Vi um porco agricultor,
Um timbú entalhador,
Um veado sapateiro,
Um furão velho ferreiro,
Uma cutia tocando,
Uma preguiça dansando,
Um guará vendendo ovos,
Um coelho fazendo covos,
E um jaboti cosinhando.

(96) Maritacaca.

Vi um cassóte com tenda,
 Um camaleão cantando,
 Um Perú demarcando
 Um gallo vender fazenda.
 Vi rato fazendo renda,
 Um grilo serrando ripa,
 Vi burro fazendo pipa,
 Um cão fazendo papel,
 Dois saguins comprando mel,
 E um gato vendendo tripa.

Vi mosca batendo sola,
 Mocuim tocando flauta,
 Carangueijo de gravata,
 Vi pulga tocar viola.
 Vi cobra jogando bola,
 Catita tocando buzo,
 Punaré fazendo fuзо,
 Lacraia no desempate,
 Bezouro como alfaiate,
 Talhando roupa do uso. ⁽⁹⁷⁾

Vi formiga de chocalho,
 Formigão de granadeira,
 E dois camarões na feira
 Comprando queijo de coalho.
 O calangro no atalho,
 Melado de mel de furo.
 Tres bribas ⁽⁹⁸⁾ dentro de um muro
Aprantando maravia,
 Imbuá na frequezia
 Tomando dinheiro a juro.

(97) O povo faz do termo *uso* synonymo de *moda*.

(98) Briba: corruptela de vibora. E' uma pequena lagartixa (*Mabruia agilas*), segundo R. von Ihering.

Vi um peixe fogueteiro,
Comprando matériá...
Um papa-vento mandá
Na rua trocar dinheiro;
Carrapato redoleiro,
Jantando farofa pura.
Um bando de tanajura
Hospedado n'um hotel,
E um percevejo de pé
Num grajau ⁽⁹⁹⁾ de rapadura.

Um preá fazendo corda,
Mosquito fumar cigarro,
Dois mocós puxando um carro,
Cururú cantando moda,
Duas gias n'uma roda,
Calafetando um buraco,
Moriçoca com um saco
Comprando peixe na praia.
Lagartixa de navaia
Fazendo as barbas de um sapo.

Eu vi um pituassú
Andando muito ligeiro,
Para ir cortar o cabelo
De *seu* capitão mussú,
Homem de olho azul,
Moço de muito respeito,
Que dizia p'ro sujeito:
—Corte o cabelo direito,
Que eu não sou seu pareceiro, ⁽¹⁰⁰⁾

(99) Garajau : aparelho feito de pequenas varas amarradas de cordas, que serve para acondicionar o peixe seco, rapadura, etc.

(100) Parceiro.

Lhe pago com meu dinheiro,
Quero o serviço bem feito.

Vi um tatú escrever
Um bilhete a uma cigarra...
Canario arrancar um dente,
E cobra tocar guitarra...
Buscando subir n'um monte
Avistei uma baleia...
Mas adiante uma sereia
De quatro pés n'uma ponte;
Curiman correr defronte
Com um papel para escrever,
Eu duvidei e fui ver
Lá na rua da Gamela,
Do ventre d'uma cadela
Um bacorinho nascer.

Vi um bode no *baibeiro*,
Que parecia um *doutô*,
Passando o pente na *baiba*,
Cum loção *Fulô-de-amô*...

Bodejou:

«Ôlá, freguez,
Da má *pregunta* não mofe:
Onde mora por aqui
O tal *surjão* ⁽¹⁰¹⁾ *Varonofe*?»

(101) Corruptela de cirurgião.

TROVAS AVULSAS

(Do archivo de João Carneiro Monteiro)

Eu queria te dizer,
Porém me quero calar,
Algum dia te direi,
Se a morte não me matar.

Você diz que eu sou seu,
Isso lá eu não direi;
O mundo dá muitas voltas,
Eu não sei de quem serei.

Quem mandou, Yáyá, mandou,
Quem mandou lhe querer bem?
Foi a minha triste sina,
Não me queixo de ninguém.

Um laço de fita verde
Com tres dedos de largura,
Nas ancas de uma mulata
Mata qualquer creatura.

Cobra verde não me morda
Que aqui não tem curador;
No collo d'uma morena,
Morrendo não sinto a dor.

De que serve uma gotta d'agua
Dentro de um rio corrente?
De que serve um amor firme
Fóra da vista da gente?

Há duas coisas no mundo
 Que lá em casa não vai:
 Muié chamada Quitéra,
 Home chamado Thomai;
 Carça ⁽¹⁰²⁾ tabica da moda,
 Palitô lascado atraí.

Aribú quand'infeli
Num ha pau qui o agazai:
S'atrepa in riba da péda,
A péda imbola, elle cai.

* * *

Sobrancelhas de pau preto,
 Olhos do sol quando nasce,
 Bocca pequena, bem feita...
 Olhos, p'ra que me enganasse?

Arréda d'ahi pobreza,
 Deixa a riqueza passar,
 Pois si vós, nada tendes,
 Deixa quem póde gastar.

Dentro de meu peito tinha
 Duas pombas se cevando,
 Uma voou, foi embora,
 Outra ficou me matando.

Cravo rôxo dolorido,
 Não aggraves a ninguem,
 Quem agrava não carece,
 Quando carece não tem.

(102) O parahybano troca o l pelo r; emquanto o cearense troca o l pelo u, dizendo por exemplo, quartéu pa-péu, etc.

Você diz que ama a dois,
Eu com isso desespero;
Ame a quem for de seu gosto
Amor de dois eu não quero.

Menina por teu respeito
Juraram de me matar,
Matarão, não matarão,
Matarão se eu for preá.

Você diz que bala mata,
Bala não mata ninguém;
A bala que mais me mata
São os olhos de meu bem.

Quem se retira chorando,
Conselhos soube tomar;
Mas val com pena sentir
Que sem remedio chorar.

Não há homem como o rei,
Nem mulher como o rainha,
Nem carne como a de boi,
Nem comer como a farinha.

Não há vinho como a agua,
Nem há pão como farinha,
Não há Deus como o do céu,
Nem cadencia como a minha.

Mangericão miudinho,
Salpicado de a. b. c.
Meu coração só me pede
Que eu me case com vossê.

Passe bem, seja feliz,
 Cada um que fique em paz;
 Quando eu quiz, vossê não quiz.
 Agora, não quero mais.

FREI SERAFIM

(Parahyba)

Em S. Thomé chegou um padre
 Por nome Frei Serafim,
 Só por Deus veio mandado
 Esse missionario assim.
 Veiu findar uma obra
 Que nunca mais tinha fim.

Essa obra pia e santa
 De valor e de mister,
 Que é o sagrado madeiro
 Da igreja S. Thomé.
 Veiu pregar os martyrios
 De Jesus de Nazareth.

Abriu a santa missão,
 Mandou no dia terceiro,
 Que fossem cortar um pau
 P'ra levantar um cruzeiro,
 E chamassem carapina
 P'ra trabalhar no madeiro.

Veiu quatro carapina
 Do madeiro encarregado,
 Ao cabo de onze dias
 Deu por prompto e terminado.
 Pela nossa redempção,
 Elle foi *incolocado*.

Veiu Bernardo Nogueira,
Com seu machado na mão,
Zé Francisco e Zé Diniz,
Zé Evaristo e seu irmão,
Para cortar a braúna
Nas mattas do Riachão.

Sessenta palmos de altura
Tem o sagrado madeiro;
Os braços têm vinte e cinco,
Onde formou-se o cruzeiro;
Satanaz, por ser demonio,
Corre delle o dia inteiro.

Christão, se te perguntarem
O signal que Deus te deu,
Dizei que foi uma cruz
Aonde Jesus morreu;
Pela nossa salvação,
Já foi homem sendo Deus.

Uma nuvem tão frondosa
Parece os raios do sol,
Tem seis cravos de brilhante,
Com resplendor ao redór.
Com sciencia de David,
Com paciencia de Job.

Uma medalha bem feita
Que parece um resplendor.
No meio tem um jardim
Todo cheio de *fulô*.
Bemdita, louvada seja
A santa cruz do Senhor.

A santa caixa das almas,
Perto do cruzeiro, tem;
Cada qual dê sua esmola,
Que eu tambem dou meu vintem.
Bemdito, louvado seja
O santo cruzeiro. Amem.

IMPROVISO DE NOGUEIRA

Estando no sul de Pernambuco, em casa do ferreiro Antonio Marau, na occasião em que este, irado com os miados de um gato, meteu-o no borbotalho do fogão, Nogueira fez o seguinte improviso, applicando as onomatopéas das occurrencias:

A safra faz tim-tim-tim,
Téco-Téco a lançadeira;
No engenho, a molequeira
Vadeia e corta capim;
A velha faz alfenim,
O velho quasi caduco,
Bate no chão tuco-tuco,
Na casa de Antõe Marau
Onde o gato faz miau,
O fole faz vuco-vuco.

DESAFIO

CANTIGAS

(Ignacio da Catingueira e Romano)

Ignacio:

Ignacio da Catingueira,
Creado de João Luiz,
E' doutô preto, formado,
E' vigario da matriz
Tanto fala como aboia,
Como sustenta o que diz.

Romano:

Eu estando azucrinado,
Dou um coice, abalo o sul,
Salto, dôido, envenenado,
Como um raio de fogo azú...
Mato negro, esfolo negro,
Abro-o em bandas, como-o crú.

Ignacio:

Seu Romano se arrapende,
Vai ao chumbo, vai a bala,
Vai á corda de crauá;
Coitadim de *seu* Romano,
Onde veiu se socá?
N'uma guela de serra
Coberta de *cipoá*;
Elle entrou por innocente
Mas só sai quando *apanhá*.

Romano:

Eu *tando ditriminado*,
Rompo pau até cair,
Carrego meza no dente
Sem a gaveta ringir.
Porteira que eu atravanco,
Não é p'ra garrote *abri*,
Infincio a mão dentro d'agua,
Dez annos sem se *alui*..

Ignacio:

Ignacio da Catingueira
E' negro muito dengoso,
Pimenta do reino é preta
Mas faz o *cumê* gostoso.

OBRA DE RICARTE

(Do archivo de João Carneiro Monteiro)

Havia um soldado em França
Chamado elle Ricarte,
Que vivia no baralho,
Nelle achava a melhor arte.

Chamava o sargento á igreja
Para a missa vir ouvir;
Elle pegava no baralho
E se punha a divertir.

Chegou o sargento á igreja
E por elle perguntou,
Os soldados responderam:
Elle ainda não chegou.

O sargento, que era mestre,
Na missa estava olhando,
E avistou-o na tarimba,
Com um baralho jogando.

Logo depressa deu parte
Ao seu chefe maior.
Para castigar Ricarte,
Pedi licença ao Major.

Logo o chefe mandou ver
Debaixo de uma prisão...
Diz Ricarte: No baralho
Tenho missa e confissão

Eu te pergunto: Ricarte,
Para que não vaes á missa,
Queres viver no baralho
Peccando pela preguiça?

Veio Ricarte preso
A' vista do commandante,
Porque trás preso Ricarte
Na prisão tão inconstante?

Lhe fallou o commandante,
Põe-se logo a perguntar
E porque não vaes a missa
Para a Jesus adorar?

Senhor, eu não vou a missa,
Tenha Santa paciencia...
Veja que no baralho
Eu ganho mais indulgencia.

Se tu não me deres prova
Eu te mando castigar,

Para te servir de emenda,
Da missa não te ausentar.

Diz Ricarte ao commandante
E aqui discorro eu,
Estão no naipe do baralho
Todos martyrios de Deus.

Se pégo no az de oiro,
Por ser o az dos primeiros,
Lembro-me que na gloria
Só ha um Deus verdadeiro.

Se pégo no az de copa,
Lembra-me de uma flor
Que no ventre de Maria
Toda terra abençoou.

Se pégo no az de espada,
Só me lembro de S. Pedro
Quando de Marcos cortou
Uma orelha com medo.

Se pégo no az de pau,
Lembra-me do Redemptor,
Por elle foi annunciado
O seu divino pastor.

Se pégo em 2 de oiro,
Foi os 2 que mais valeu,
Foram duas taboas de pedra
Que Jesus Christo escreveu.

Se pégo em 2 de copa,
Alimento a minha fé;
Bastam que sejam por mim
Maria e Santa Izabél.

Se pégo em 2 de espada,
Eu posso logo dizer
Que nas costas de S. Pedro.
Christo foi apparecer.

Se pégo em 3 de oiro,
E' o que aqui está escripto,
Me alembro dos tres cravos
Que cravaram Jesus Christo.

Se pégo em 3 de copa,
Affirmo que assim é;
Reconheço na gloria
Jesus, Maria, José.

Se pégo em 3 de espada,
Creio que a religião não minta,
Que por ella bem imagino
As tres pessoas distinctas.

Se pégo em 3 de pau,
Ponho-me a considerar
Nos tres reis do oriente:
Belchior, Gaspar, Balthazar.

Se pégo em 4 de oiro,
Ainda penso melhor,
São os 4 evangelistas:
Paulo, Abrahão, Isac, Jacob.

Se pégo em 4 de copa,
Lembro-me dos 4 irmãos:
S. Chrispim, S. Cypriano,
S. Cosme e S. Damião.

Se pégo em 4 de espada,
Só me lembro do passado

Das 48 horas em que
Foi Jesus resuscitado.

Se pégo em 4 de pau,
Me lembro do madeiro
Das 3 pessoas distinctas
E um só Deus verdadeiro.

Se pégo em 5 de oiro
Bemdito, louvado seja,
Lembro-me dos mandamentos
E da santa madre igreja.

Se pégo em 5 de copa,
Que é mais fatal aos mortaes,
Lembro-me dos cinco sentidos
Que se chamam corporaes.

Se pégo em 5 de espada,
Que Judas já gosta disto,
Ponho-me a lembrar dos martyrios
Que fizeram a Jesus Christo.

Se pégo em 5 de pau,
A Senhora dá um ai;
Vendo seu filho receber
Cinco feridas mortaes.

Se pégo em 6 de oiro,
Como escreveu o ministro,
Foram com seis salvas bentas
Alumiar Jesus Christo.

Se pégo em 6 de copa,
Me lembro da tyrania
A seis mil e quatro judeus
Judas entregou o Messias.

Se pégo em 6 de espada,
Affirma S. Zacharias;
Me lembro que Deus deixou
N'uma semana 6 dias.

Se pégo em 6 de pau,
Um Discipulo acompanhou
Nos seus maiores veixames...
S. Pedro a Christo negou.

Se pégo em 7 de oiro,
Herodes foi o mais ingrato;
Lembro das 7 sentenças
Que contra Jesus, deu Pilatos.

Se pégo em 7 de copa,
Aqui padeceu Jesus,
Me lembro dos 7 tombos
Que deu com o peso da cruz.

Se pégo em 7 de espada,
Meu Jesus, meu Redemptor,
Me lembro que a virgem pura
Tem 7 espadas de dor.

Se pégo em 7 de pau,
Como acho e é bem visto,
Me lembro dos 7 passos
Que, cançado, já deu Christo.

Se pégo em 8 de oiro,
Já não posso ter espanto,
Porque trago na memoria
Os 8 corpos de santo.

Se pégo em 8 de copa,
Quando a maginar me ponho,

No oitavo mandamento,
Me lembro de Santo Antonio.

Se pégo em 8 de espada,
Fico logo a me lembrar
Que no oitavo dia
Christo foi se confessar.

Se pégo em 8 de pau,
Me alegra o coração,
Pois o 8 de dezembro
E' o dia da Conceição.

Se pégo em 9 de oiro,
Diz S. Miguel Archanjo
Que a virgem pura tem
Os nove côros dos anjos.

Se pégo em 9 de copa,
Torno o que disse atraz,
No oitavo mandamento
O nono não desejarás.

Se pégo em 9 de espada,
Quéro falar mais sciente,
Que a virgem Jesus creou
Nove mezes no seu ventre.

Se pégo em 9 de pau,
Lembra-me da compaixão
Que as 9 horas do dia
Converteu-se o bom ladrão.

Se pégo no 10 de oiro,
Nunca mais me esqueceu,
Me lembro dos mandamentos
Chamados da lei de Deus.

Se pégo em 10 de copa,
Neste pensamento estou:
Me lembro que só 10 annos
Convertem padre e doutor.

Para mais me alembrar,
Se pégo em 10 de espada,
Que ás 10 horas do dia
Foi Maria immaculada.

Se pégo em 10 de pau,
E' conta do algarismo,
Foi conta que Deus deixou
De 10 se pagar o dismo.

Mas se pégo no rei de oiro,
Que no peccado se encerra,
Me lembro de um poderoso
Que governa toda a terra.

Se pégo no rei de copa
Lembro-me de Abrahão,
Que tentou contra seu pae
Teve depois o perdão.

Se pégo no rei de espada,
Dizem todos assim é,
Me vem a mente o rei Carlos
Pelejando pela fé.

Se pégo no rei de pau,
Me apparecem dois reis
D. Pedro rei do Brasil,
D. Miguel, *dos portugês.*

E ao ver dama de oiro,
Me recordo da rainha,

Que entre o céo e a terra
Coroadada foi Maria.

Se pégo em dama de copa,
Me lembro de uma princeza
Que para ganhar virtudes,
Desprezou toda riqueza.

Mas logo a dama de espada
Me põe a considerar
Nos talentos que possui
A rainha de Sabat.

Olhando a dama de pau,
Assim eu posso dizer:
Lucrecia matou o esposo
Para não sobreviver.

Se pégo em valete de oiro,
Me lembro dos cavalleiros
Pelejando pela fé,
E de S. Jorge guerreiro.

Tal qual valete de copa,
Oh que grande padecer,
A ganhar muitas virtudes
Com o risco de morrer.

Ai meu valete de espada
Como tu foste Roldão,
Dos 12 pares de França
Elle era o capitão.

Pégo em valete de pau
E é porque mais me atino,
Me lembro do cavalleiro
O martyr S. Severino.

Se o meu baralho está certo,
Não tenho mais que dizer,
Seu commandante pergunte
Estou prompto p'ra responder.

Lhe falou o commandante,
Pôz-se logo a interrogal-o:
Falaste em todas as cartas
Não falaste no cavallo.

Eu não falei no cavallo
Que é nação muito ruim,
Mais cavallo é o sargento
Que foi dar parte de mim.

Se o meu baralho está certo,
E si acaso não me engano,
Tantos pontos contém elle
Como dias tem no anno.

APARTAÇÃO

Entre os bons divertimentos
Do centro deste sertão,
E' bonito e tem que *vê*
Um dia de «apartação» ⁽¹⁰³⁾

Quando é designado
Se fazer «apartação»,
Corre a voz em borbotão
Naquelles dias marcados.

(103) Apartação: consiste na separação dos gados de varios donos a um só curral trazidos. Ahi são ás vezes ferrados e contra-ferrados. E' uma festa de trabalho dos sertanejos.

Todos vaqueiros chapados ⁽¹⁰⁴⁾
 Pegam logo seus jumentos,
 Reservam os mais violentos
 Cavallos bons, estimados.
 Para não serem desfeitados
 Entre os bons divertimentos.

Na segunda elles vão
 As primeiras vaquejadas,
 E seguindo nesta data
 Certamente para a ribeira. ⁽¹⁰⁵⁾
 Toda sucia brasileira.
 Seguem de vara e ferrão,
 Chapéo de couro e gibão...
 Consigo carregam rocios,
 Assim vão os capadocios
 Do *centro* deste sertão.

Da quarta para quinta vão
 Pegar no fundo do pasto,
 Para trazer de arrasto
 Todo bicho valentão.
 E os velhos, porque não vão,
 Dão-lhe ancias de morrer,
 Quando ouvem ou *vêm* dizer
 E' chegada a «vaquejada»,
 Que até de longe é falada,
 E' bonito e tem que ver.

(104) **Chapados** : Vaqueiros de melhor renome.

(105) **Ribeira** : Comprehende não só uma comarca, como a zona servida por um rio: a ribeira do Trahiry, ribeira do Piranhas, ribeira do Jaguaribe, etc. Além do ferro dos gados ha um carimbo impresso a fogo sobre o animal, indicando a ribeira.

Na sexta por todo o dia
Corre apartação geral,
Muito gado no curral
Nas porteiras em porfia.
Todo Zé-povo aprecia
Trepado pelos varões...
Vendo os touros nos ferrões
E a bôa cavallaria
E' um samba de alegria
Um dia de «apartação».

TROVAS DE UM BUMBA MEU BOI DOS SERTÕES DA PARAHYBA

(Colhidas em Souza pelo professor Manoel Vianna)

Louvação:

Senhora dona da casa,
Folha de canna caiana,
Quanto mais a folha cresce,
Mais augmenta a bôa fama.

Senhora dona da casa,
Lá no céu tem um andor
P'ra quem é bom se assentar
Quando deste mundo for.

Agora ao dono da casa,
Folha de mangiricão,
Daquelle bem miudinho
Que a senhora traz na mão.

O senhor dono da casa
 E' folha de gyrasol;
 Quero estar na sua sombra
 Quer chova, quer faça sol.

(Dançando)

Olê, olê,
 Do matto vê...
 Ponta de...
 Ponta de pé
 Calcanhar que o chão não vê
 Seu Coronê,⁽¹⁰⁶⁾ venha cá

Faça favor;
 Venha receber lembrança
 Que lhe manda
 O seu amor.

Tenho meus quatro mil réis
 Para quem *quizé ganhá*,
 Para *ganhá* quem *quizé*,
 Para me apontar com o dedo,
 Onde está o *curuné*.

A BURRINHA DANÇANDO

Bôa noite minha gente,
 Bôa noite venham dar,
 Que a burrinha está na roda,
 Ella vem para dançar.

A burrinha come milho,
 Come palha de arroz;

(106) O termo coronel tem diversas accepções de-
 boxativas. Aqui significa o dono da casa.

Arrenego desta burra
Que não pode com nós dois.

Dança, dança, minha burrinha,
Hoje aqui neste terreiro,
Que o dono desta casa
E' bem rico e tem dinheiro.

(Matheus quer montar na burrinha e ella dá-lhe um coice, e o jogral sai manquejando).

Dança, dança minha burrinha,
Minha flor de mussambê,
Tanta mocinha bonita
Olhando para vossê.

A burrinha come milho,
E tambem toma aguardente,
Arrenego desta burra
Que não pode com a gente.

Na zona do brejo, em vez de burrinha chamam Zabelinha, e os versos são diferentes.

Exemplo:

Zabelinha, come pão,
Come tudo que lhe dão...

(E seguem as rimas em ão).

CAVALLO MARINHO

Meu cavallo russo-pombo,
 Russo-pombo voador,
 Bota a sella, acócha⁽¹⁰⁷⁾ a sella
 Vamos ver o nosso amor.

Meu cavallo russo-pombo,
 Sereno da madrugada,
 Bota a sella, acócha a sella,
 Vamos ver a nossa amada.

Na zona do brejo, a cantiga é tambem diferente:

«Cavallo marinho,
 Dançai muito bem;
 Que o dono da casa
 Dá vinho tambem».

A EMA

Meu cachorro é bom,
 Elle é bom de ema,
 Acuou a sariema
 Lá no olho da jurema.

Minha ema está cançada,
 De cançada quer morrer;
 Senhora dona da casa
 Minha ema quer beber.

(Aqui o dono da casa sai a distribuir bebidas).

(107) Acochar: o mesmo que apertar, ou acolchetar.

Na zona do brejo esta cantiga é entoada em côro por todos os do boi. É uma melopéa monotona, triste e saudosa.

Accrescentam:

«Meu cachorro é bom de ema,
Ecô... ecô!...⁽¹⁰⁸⁾

.....

Depois de dançarem as últimas figuras, vem uma trova de louvação aos donos da casa:

Louvação (ao receber a paga):

Senhor *Coroné* Francisquinho,
Miudo é gergelim.
Nunca louvei uma pessoa
Que custasse tanto assim.⁽¹⁰⁹⁾

Agradecimento:

Senhor *Coroné* Francisquinho,
Muito agradecido estou
Da offerta que me fez,
E da bôa acção que obrou.

(O nome do *Coroné* vai incluído no canto conforme se chamar o dono da casa).

(108) Ecô! voz interjectiva para aqular o cão de caça.

(109) Este verso é cantado, si o louvado demora em dar o pagamento.

O BOI DANÇANDO

Cantiga em côro:

Meu boi bonito,
 Ei bumba!
 Pelle de ovo,
 Ei bumba!
 Faz uma mesura,
 Ei bumba!
 Espalha este povo!

(O boi vira-se, arremette em todas as direcções, e o povo, em grande alarido, applaude, na confusão em que todos fogem ás chifradas do mesmo).

Meu boi bonito,
 Que *folga mais eu*,
 Afasta p'ra traz,
 E dá no *Matheu*.

(O boi obedece, e o Matheu corre com medo).

Meu boi bonito,
 Que vem de Angola,
 Chega p'ra diante,
 Ao pé da viola.

(O boi se approxima dos tocadores).

Depois de muitas contradanças, cantam em côro, em voz arrastada e langorosa:

O meu boi morreu!
 Que será de mim?!

Manda buscar outro,
 Ô maninha,
Lá no Piauí.

(O boi finge que está morto, e então cantam):

Levanta, meu boi
De meu coração,
Que o dono da casa,
 Ô maninha,
Já deu atenção!

O S A M B A

(Ceará)

Amanhecia. A viola
Gemia boa e saudosa,
Tocada pelo pachóla
Manuel José de Souza,
Irmão de Joaquim Pitanga,
E neto da Chica Rosa.

Principiava a folia
Na mais forte animação,
Uma voz bella se ouvia
Pelo meio do baião,
Cantando saudosamente
As cantigas do sertão,
E dizendo estes versinhos
Nascidos do coração:

«Sou Morena cor de jambo,
Chiquinho, disse vossê,
E certo que fica bambo
Todo moço que me vê.

A's vezes, quando começo
 A cantar minhas cantigas,
 Ficam logo pelo avessó
 As outras mais raparigas.

E quando saio a passeio
 Que me requebro no andar,
 O povo sae em recreio
 Somente para me olhar!

Então eu sinto no seio
 Um calor me abrasar,
 Suspiro e tenho receio
 Quasi de amor a chorar».

* * *

Já eram quasi dez horas
 Dessa saudosa noitinha,
 Quando chega Itapirema
 Montado n'uma burrinha;
 Agricultor abastado,
 Residente na Serrinha.

E foi dizendo: boa noite
 Meninos, boas meninas;
 Mariquinhas está bonita
 Cumo as fulô das boninas.

Diz então João Pindoba
 Um pouco gago e fanhoso:
 E.. se... apê-pê-e Tapirema,
 Num tenha ne-nhum sobroço;
 Chegou-gou tarde p'ra janta, ⁽¹¹⁰⁾
 Mais inda se roe um osso.

Agora sim, eu me apeio,
João Pindoba já mandou,
Mais inda falta esperá
Pelo Pedro Avoador,
Residente n'ò Machado,
Afamado cantador.
Guarda p'ra ahi minha peia,
Cabresto e xiqueradou, ⁽¹¹¹⁾
Emquanto eu bebo a saude
De quem hoje se casou!

Salta então, atrapalhado,
O Surumenha feitor
De Itapirema, abastado,
Na Serrinha agricultor,
Dizendo para o patrão,
Quando a goela molhou, ⁽¹¹²⁾
Esta boa mandureba ⁽¹¹³⁾
E' da que nós fabricou!

* * *

Dava uma hora e assim
Cada vez mais o rojão:
Foi o tempo que chegou
A tropa do batalhão,
Exigindo por escripto
Licença do capitão,
Delegado de policia,
Morador no Gavião.

(111) Chicote de almocreve.

(112) Molhar a goela: beber um trago de aguardente.

(113) Aguardente (vocabulo chulo do Ceará).

Não havendo tal licença
 Para o povo sambiar,
 O sargento commandante
 Mandou todos amarrar.
 Choveu pedra, e muito pau
 Na tropa do batalhão:
 Que sorte, que triste sina,
 Foi tudo fazer fachina
 Na casa de correcção.

JOGO DO BICHO

(Ceará)

(Chula de Ramos Pintor)

Eu sou banqueiro⁽¹¹⁴⁾
 Aperfeiçoado,
 E o primeiro
 Que paga dobrado:
 O coito é franco⁽¹¹⁵⁾
 Aceito o boró⁽¹¹⁶⁾
 Pago as boxexas⁽¹¹⁷⁾
 E ninguem tenha dó.

Macaco, porco, jacaré, cavallo,
 Aguia, cachorro, camarão, perú,
 Bode, cabrito periquito, gallo,
 Touro, elephante, jaçanan, tatú.

(114) Jogador que banca o 'bicho'.

(115) E' sem limite.

(116) Dinheiro.

(117) O mesmo que muamba, furto disfarçado.

Eu sou banqueiro, etc.

Veado, cabra, cangaty, raposa,
Pavão, marreca, guaxinim, siri,
Burro, piolho, pulga, mariposa,
Lebre, gallinha, pato, patori.

Eu sou banqueiro, etc.

Carneiro, mosca, jaburú, potó,
Hyena, tigre, tubarão, muçú.
Jumento, urso, papagaio, socó,
Perdiz, canario, sabiá, nambú.

Eu sou banqueiro, etc.

Guariba, gato, mucuim, pium,
Mosquito, lesma, borboleta, bôto,
Cará, piaba, guabirú, mutum,
Curuja, cobra, gia, gafanhoto.

Eu sou banqueiro, etc.

Furão, aranha, canguçú, lagarta,
Mutuca, vibora, imbuá, leão,
Girafa, espada, tapacú, barata,
Tainha, ostra, cicié, cação.

Eu sou banqueiro, etc.

Camello, zebra, dromedario, vacca,
Mocó, cassaco, guaiamun, caçote,
Cará, traira, zabelê, tacaca,
Peitica, cysne, cururú, capote.

Eu sou banqueiro, etc.

Piau, calangro, verdelim, curica,
 Pitú, giboia, avestruz, capão,
 Coelho, grillo, rouxinol, furrica,
 Guará, jandaia, beija-flor, carão...

MEUS POSSUIDOS

(Ceará)

Agora vou lhes contar
 Os possuidos que eu tinha:
 Uma vacca, uma bezerra,
 Uma porca, uma poldrinha,
 Um caixão de 12 palmos
 Attestado de farinha,
 Um bom cachorro de caça,
 Um capote, uma gallinha.
 Um bom cavallo de sella,
 P'ra servir, uma negrinha.
 Mas tambem vou lhes contar
 Minha sorte como vinha:
 A vacca morreu da secca,
 Deu o mal na bezerrinha,
 Deu o «espiche» na porca,⁽¹¹⁸⁾
 Deu o «rengo»⁽¹¹⁹⁾ na poldrinha,

O cupim deu no caixão,
 Deu o mofo na farinha,

(118) Espiche: o mesmo que o sécca, a magrem, que é corruptela de magreza.

(119) Rengo: doença que descadeira os cavallos.

Morre o cachorro «espiritado»,⁽¹²⁰⁾
Deu o gôgó na gallinha,
Estrepou-se o meu cavallo,
Deu a gotta na «negrinha»,
Da maneira porque conto
Acabou-se quanto eu tinha,

O BARALHO

(Ceará)

Meu mestre manda que eu louve
O meu baralho francez :
Quatro dois e quatro cinco,
Quatro quatro e quatro trez,
Quatro sete, quatro oito,
Quatro nove e quatro seis,
Quatro azes, quatro damas,
Quatro dez e quatro reis,
Emfim, os quatro valetes
Do meu baralho francez.

O MEU DESTINO

(Ceará)

Quando eu estou no meu destino,
Naquelle destino forte,
Não temo a ponta de faca,
Nem bala de clavinote ;
Eu só temo a Deus do céu
E, abaixo de Deus, á morte.

(120) Espiritado : hydrophobico.

DESAFIO (121)

Me diga, *seu* Zé Maria,
 Por ser mestre de entramar,
 O que é padrespalar,
 E o que é padrespalar?
 O que é mafumbafumba,
 E o que é mafumbambar?
 E o que é matulati,
 E que é matulatar?
 E que é verdeverlengo,
 E que é verdelengar?

Menino, sai-te d'aqui,
 Que eu sei p'ra te ensinar:
 Que padrespalar é um padre
 Quando elle vai se ordenar,
 E padrespalar é um doutor
 Quando elle vai se formar;
 Mafumbafumba é uma velha
 Quando vae se confessar;
 Mafumbambar é a moça
 Quando vai p'ra se casar.
 Matulati é o menino,
 Antes de se baptizar,

(121) Desafio: disputa n'um samba em Taboleiro d'Areia, no Limoeiro, entre dois celebres cantadores: José Maria e Joaquim dos Reis. Fornecida por Antonio Bezerra de Menezes.

E matulatar é qualquer
Que queira se autorizar;⁽¹²²⁾
Verdeverlengo são as folhas
Quando já querem murchar;
E verdelengar são as arvores
Quando querem renovar.

DESPEDIDA DO SERINGUEIRO

(Ceará)

Vou-me embora, vou-me embora
P'ra minha terra natal,
Diabo leve a seringa
E o dono do seringal;
Que na minha terra eu como
Sem dispendir um real!

Lá plantava a mandioca,
A melancia, o melão,
Mondubim e macacheira
Por entre o milho e o feijão.
Remexia na patrona,⁽¹²³⁾
Não me faltava um tostão.

Nesta terra de miseria,
De riqueza apregoada,
Que parece ser mentira
De uma rude caçoada,
Eu não quero mais viver,
Vou tocando em retirada.

(122) Autorizar : quer dizer : encher-se de presunção, fatuidade.

(123) Remexer na patrona : ver se tem dinheiro.

De carne velha⁽¹²⁴⁾ inda levo,
 Minha barriga inflammada,
 De gordas só levo as pernas,
 De uma molestia malvada;
 Dinheiro... nem um vintem,
 Só levo conta⁽¹²⁵⁾ e... mais nada.

De pilulas p'ra sezões
 Vinte caixas eu comi,
 Pós de ferro foi sem conta
 E drogas que nunca vi;
 Sardinha, carne e pescada,
 E cousas que não comi.

Vou-me embora, meus amigos,
 P'ra minha terra natal;
 Levo uma conta de tudo,
 No bolso... nem um real:
 Tudo foi-se em tratamento
 No barracão do hospital.

Vou-me embora, vou-me embora,
 Vou plantar meus gerimuns,
 Embora que as chuvas faltem
 Sempre ha os camapuns,⁽¹²⁶⁾
 Ao menos lá eu não soffro
 Estes malditos piuns.⁽¹²⁷⁾

Na minha terra eu já sei
 Onde moram os tatús,
 A dormida dos veados,

(124) Carne velha é o mesmo que jabá ou xarque.

(125) Debitos.

(126) Fructa silvestre.

(127) Mosquito de grande ferrão.

As comidas dos jacús,
A capoeira onde correm
Os ligeirinhos nambús.

P'ra casa vinha cantando
Minha chula, meu baião,
Sem soffrer carapanãs ⁽¹²⁸⁾
Dependuradas na mão;
Comia mocó, preá,
Sem dever no barracão.

A' porta minha Joanna
Vinha logo me encontrar,
Dava-me um riso bregeiro,
Ia o fogo renovar,
E nelle punha a chaleira
Para com agua aquentar.

Quando rompia a manhã
O leite eu ia tirar;
Joanna fazia o pão
Para com elle almoçar,
E depois... quantos prazeres
Entre nós p'ra desfructar!

Adeus, oh! terra de lama!
Vou plantar meus gerimuns
Dos veados ver a cama
E o despertar dos anuns,
Viver com a minha Joanna,
Sem o ferrão dos piuns.

(128) Mosquito, moriçoca.

O SERTÃO EM DERROTA

(Parahyba)

Oh! que memoria sensivel,
 Oh! que saudosa lembrança,
 Já não me resta a esperança
 De uma só apartação.
 Já não tenho o regosijo
 D'aquellas eras passadas,
 Ao echo das vaquejadas
 Que se ouvia no sertão.

Foi doloroso o passado,
 Inda é tristonho o presente,
 Vê-se o povo pobrememente,
 Quebrado, morto e arrasto. ⁽¹²⁹⁾
 A falta d'aquellas rezes
 Que neste bosques pastaram;
 E muitas vezes trilharam
 Este campo immenso, vasto.

Que differença, meu Deus,
 Neste sertão se encerra,
 E' pouco o gado que berra
 Nos esconderijos do val;
 Pouco se ouve o gaitejo ⁽¹³⁰⁾
 Do touro em grosso ribombo,
 Voando terra no lombo,
 Na porteira do curral.

(129) Arrasto: o mesmo que arrastado, conduzido pelo pó da miseria.

(130) Som de gaita.

Que prazer, que movimentos
Trinavam nesses campeiros,
Marcando nos taboleiros
Os gyros de suas dadas.
Nem a grandeza da Côrte,
De ministros, conselheiros,
Tinha o goso dos vaqueiros
Nos dias das vaquejadas.

De tudo eu trago a idéa,
No leite, coalhada e queijo,
Manjares do sertanejo
Que fruia no sertão;
Eu penso nas suas faltas,
Na sua vida que amava,
E quando alegre passava
No goso da criação.

Quando alli bem a tardinha
Que o sol ia descambando,
As vaccas vinham chegando,
E por seus filhos mugiam.
Era risonho o manter-se
O bezerrinho contente,
Mamando tão fartamente
Quando os capuchos⁽¹³¹⁾ caiam.

Mas extinguiu-se, meu Deus,
Essas bellezas de outr'ora,
Hoje afflicto o sertão chora
Pelas riquezas que dava!
Era aprazivel de ver-se
Esses encantos notaveis,
E outros apreciaveis
Que nossa terra criava!

(131) Corruptela de capulho.

Que recursos, que prestígio
Nos davam esses rochedos,
Estas brenhas e penedos
Pela amplidão do vergel.
Quando o matteiro, munido
Da borrachinha e cabaça,
Nos attractivos da caça,
Sorvia o favo de mel!

E por alli se entranhando
Por estes bosques e mattas,
Por estas negras cascatas
A' sombra do cauaçú.
O cão raivoso e fremente,
Retrocedendo a madeira,
Na grympa da cordilheira,
Nos rastos do canguçú.

Mas Deus, que é sobretudo
A vida dos peccadores,
Inda cede os seus favores
Aos filhos da solidão.
Como pae Supremo e Santo,
Auctor de toda a grandeza,
Inda presta a natureza
Essas delicias de então.

E' pela Santa Potencia
De um só Deus bemfasejo,
Que o afflicto sertanejo
Inda pode ser feliz.
E' por aquelle Senhor
Que nos vêm essas delicias,
Que Deus com tantas caricias
Fecunda o nosso paiz.

Pois a simples, salutar,
Distração da nossa terra,
E' quando a vaquinha berra
Attrahindo os filhos seus.
Posto que já nada exista
Desses dons, dessas bellezas,
Comtudo, essas riquezas
Inda esperamos, meu Deus!

O RABICHO DA GERALDA

(Quixeramobim-Ceará-1792, segundo informação do pranteado historiador cearense, Antonio Bezerra de Menezes, que guardava "O RABICHO DA GERALDA" entre os seus papéis.)

Sou o boi liso, rabicho,
Boi de fama, conhecido,
Minha senhora Geralda
Já me tinha por perdido.

Era minha fama tanta,
Nestes sertões estendida...
Vaqueiros vinham de longe
P'ra me tirarem a vida.

Onze annos morei eu
Lá na serra da Preguiça,
Minha senhora Geralda
De mim não tinha noticia.

Morava em cima da serra,
Naquelles altos penhascos,
Só davam noticias minhas
Quando me viam os rastos.

Ao cabo de onze annos
 Sahi na Varzea do Cisco,
 Por minha infelicidade
 Por um caboclo fui visto.

Quando o caboclo me vio
 Sahiu por ali aos topes,
 Logo foi dar novas minhas
 Ao vaqueiro José Lopes.

Quando o caboclo chegou
 Foi com grande matinada:
 —Oh! José Lopes, eu vi
 O rabicho da Geralda.

Estava na Varzea do Cisco
 C'um magotinho de gado,
 Lá na pontinha de cima,
 Onde entra p'ro talhado.

José Lopes chamou logo
 Por seu filho Antonio João:
 «Vá buscar o barbadinho,
 «É o cavallo tropelão.

«Diga ao Sr. José Gomes
 «Que traga sua guiada⁽¹³²⁾
 «E venha prompto p'ra irmos
 «Ao rabicho da Geralda».

Chegados elles que foram,
 Montaram, fizeram linha,⁽¹³³⁾
 A quem elles encontravam
 Perguntavam novas minhas.

(132) Guiada : vara de ferrão.

(133) Fazer linha é tomar posição lado a lado.

Encontrando Zé Thomaz,
Que vinha lá da Queimada...
«Camarada, dá-me novas
«Do rabicho da Geralda»?»

— Ainda mesmo que eu visse,
Eu não daria passada,
Pois será muito o trabalho,
E lucro não será nada.

— Não senhor, meu camarada,
A cousa está conversada:
A dona mesmo me disse
Que desse boi não quer nada.

Uma das bandas e o coiro
Fica p'ra nós de *bocorio*; ⁽¹³⁴⁾
A outra vae se vender
P'ras almas do purgatorio.

Despediram-se uns dos outros,
No carrasco ⁽¹³⁵⁾ se internaram,
Caçaram-me todo o dia
Porém não me alcançaram.

Deram de marcha p'ra casa,
Já todos mortos de fome,
Foram comer um bocado
Na casa do José Gomes.

Passados bem cinco dias,
Estando eu na ribanceira,
Quando fui botando os olhos,
Vejo vir Manuel Moreira.

(134) De graça.

(135) Carrasco: trecho de matto fechado.

Um dos vaqueiros de fama
 Que naquelle tempo havia,
 Que muita gente suppunha
 Só elle me pegaria.

Olhei para o outro lado,
 Para ver se vinha alguém:
 Divulguei Manuel Francisco
 E seu sobrinho Xerem.

Fui tratando de correr
 Pelo lugar mais fechado,
 Quando o Moreira gritou-me
 Aos pés juntos, enrabado, ⁽¹³⁶⁾

Corra, corra, camarada,
 Pise seguro no chão,
 Que hoje sempre dou fim
 Ao famanaz do sertão.

Tiremos uma carreira
 Assim por uma beirada; ⁽¹³⁷⁾
 Eu mesmo desconfiei
 Do rabicho da Geralda.

Mais adeante puz-me em pé
 Para ver o *zuadão*:
 Enxerguei Manuel Francisco
 Cahido n'um barrocão.

Estive alli muito tempo,
 Alli posto e demorado;
 A resposta que me deram
 Foi dizer: vai-te malvado!

(136) Enrabado: quasi a alcançar a saia da rez, isto é, o rabo.

(137) Entre o matto grosso e o descampado.

Toda vida terei pena
De correr atraz de ti;
Bem me basta minha faca,
E minha espora que perdi!

Dahi seguio para traz
Ajuntando o que era seu,
E juntamente caçando
O Xerem, que se perdeu.

Nesse tempo tinham ido
A Pajehú ver um vaqueiro;
D'entre muitos que lá tinha,
Viera o mais catingueiro.⁽¹³⁸⁾

Este veio por seu gosto,
Trazendo sua guiada,
E desejava ter encontro
Com o rabicho da Geralda.

Chamava-se Ignacio Gomes,
Era cabra curiboca,
O nariz achamurrado⁽¹³⁹⁾
Cara cheia de pipoca.

Na fazenda da Concordia
Chegou elle a uma hora;
Muita gente já dizia:
O rabicho morre agora.

Dizia que p'ra matar-me
Não precisava de mais:
Bastava dar-me no rasto
De oito dias atraz.

(138) Que sabe vaquejar na caatinga.

(139) Grosso como as ventas de um boi chamurro.

Deram-lhe então um guia
 Que bem soubesse do pasto,
 E que também conhecesse
 D'entre todos o meu rasto.

Onze dias me caçaram
 Com grande empenho e cuidado:
 Não poderam descobrir
 Nem novas e nem mandado.

Passados os onze dias
 Lá no Riacho do Agudo,
 Quando fui botando os olhos,
 Vi o cabra topetudo.

Disse o guia me avistando
 Venha ver, meu camarada,
 Eis allí o boi de fama,
 O rabicho da Geralda.

Bem cedo, ac sahir do sol,
 Vimo-nos de cara á cara,
 E nos primeiros arrancos
 Logo lhe caiu a vara.

Elle disto não fez caso,
 Rêlho ao cavallo chegou⁽¹⁴⁰⁾
 E em poucas palhetadas⁽¹⁴¹⁾
 Bem pertinho me gritou:

Corra, corra, camarada,
 Puxe bem pela memoria
 Que não vim da minha terra
 Para vir contar historia.

(140) Açoitar fortemente.

(141) Poucas palhetadas quer dizer: em pouco tempo.

Gritou-me da outra banda
O senhor guia tambem:
Tu cuidas que sou Moreira,
Ou seu sobrinho Xerem?

Tinha um pau atravessado
Na passagem d'um riacho:
O cabra passou por cima
E o cavallo por baixo.

Segui a meia carreira,
No meu correr costumado,
E antes de meia legua
Ambos já tinham ficado.

Poz-se o cabra topetudo
A pensar o que faria,
E quando chegasse em casa
Que historia contaria!...

Na fazenda da Botica
Tinha gente em demasia,
Esperando ter noticia
Do rabicho nesse dia.

Perguntou José de Góes,
Morador no Carrapicho,
Amigo, seja bem vindo:
Dá-me novas do rabicho?

Eu o vi, mas não fiz nada,
Pois nunca vi correr tanto,
Como esse boi, o rabicho,
E' cousa que causa espanto!

Nesta terra eu não vejo
 Quem o pegue pelo pé.
 Aquelle morre de velho
 Ou de cobra cascavel.

Respondeu José de Góes,
 Morador no Carrapixo;
 Eu pelos olhos conheço
 Quem dá voltas ao rabicho.

Já anda em dezoito annos
 Que Zé Lopes o capou,
 Era elle então garrotinho,
 Por isso foi que pegou.

Foi-se o cabra topetudo,
 E não sei se lá chegou,
 Só sei é que elle foi
 Com os beiços com que mamou.⁽¹⁴²⁾

Chega enfim—noventa e dois—
 Aquella secca cómprida;
 Logo vi que era a causa
 De eu perder a minha vida.

Seccaram-se os olhos d'gua,
 Não tive aonde beber,
 E botei-me aos campos grandes
 Já bem disposto a morrer.

Desci por uma vereda
 E disse: esta me soccorra;

(142) E' um modismo que exprime voltar sem ter obtido o que deseja.

Quando quiz cuidar em mim
Estava n'uma gangorra.⁽¹⁴³⁾

Fui a fonte beber agua,
Refresquei o coração!
Quando quiz sahir: não pude,
Tinham fechado o portão.

Corri logo a cerca toda
E sahir não pude mais:
Quem me fez prisioneiro
Foi apenas um rapaz.

Este sahiu ás carreiras,
E, vendo um seu camarada,
Gritou logo: já está preso
O rabicho da Geralda.

Espalhando-se a noticia,
Correram todos a ver,
E vinham todos gritando:
O rabicho vai morrer!

Trouxeram tres bacamartes,
Todos tres me apontaram,
Quando dispararam as armas,
Todos tres me traspassaram!

Ferido cahi no chão!
Saltaram a me pegar
Uns nos pés, outros nas mãos,
Outros para me sangrar!

(143) Gangorra: curral, cercado, aguada. Na Parahyba, gangorra é um engenho de madeira usado pelos pequenos lavradores fabricantes de rapadura.

Disse então um d'entre elles,
Só assim, meu camarada,
Nós provaríamos todos
Do rabicho da Geralda

Assim findou-se este drama,
Tudo assim se findará,
Como este boi, nesta terra
Não houve, nem haverá.

BOI VICTÔR

(Ceará)

Digo eu, boi do Victôr,
Nesta terra bem conhecido,
A grandeza de meu nome
Neste mundo tem corrido.

Fui bezerro, fui garrote,
Fui capado em barbatão,
Já estava de idade,
Sem conhecer sujeição.

E captivo só no nome,
Tinha senhor e vaqueiro,
Sendo muito perseguido,
Nunca conheci captiveiro.

Vivia nessas montanhas,
Nessa caatinga cerrada,
Eu não queria magote,
Tinha poucos camaradas.

Só por arte do maldito,
Ou por uma maldição,
A mim teriam vendido
Para o nosso capitão.

Este como experiente,
E ser homem catingueiro,
Marcou muito bom tempo
De mandar os seus vaqueiros.

Um era o seu escravo
Que se chama José Amancio,
No seu cavallo alazão
Corria a seu descanço.

O Sr. Antonio de Sá
E' quem tinha presumpção
De me trazer ao curral
Ou de me botar no chão.

No cavallo Curumatan
Em que vinha elle montado,
Dizendo se me achasse
Que eu seria pegado.

Com effeito, na verdade,
O seu dito appareceu,
Que cavallo como este
Atraz de mim não correu.

Foi feita a sua vontade
Em dar um golpe tão crú,
Só para engraxar a terra
E dar carne aos urubús.

Com isto não logrou fama
E pouco se adeantou:
Com o coiro e com os chifres
O capitão só ficou.

Venha cá, meu capitão,
Quero fazer-lhe um pedido:
O cavallo Curumatan
Nunca seja vendido.

Pode fallar com soberba
E apostar sem temor,
Que para este cavallo
Não ha boi corredor.

Diga a todos esses vaqueiros,
Falle sem pedir segredo
Que cavallo como este
Não tem neste Figueredo.⁽¹⁴⁴⁾

Não ha esta fazenda,
Nem prata nem oiro em pó,
Nem tem este cabedal
Que pese com elle só.

Eu já fallei no cavallo
E volto a Antonio de Sá,
Que os transes porque passou
Só elle pode contar.

Já não quero mais tratar
Da minha tyranna sorte.
Eu que fui o boi de fama
Que acabou-se com a morte.

(144) Fazenda do sertão do Ceará.

O Sr, Antonio de Sá,
Por ser um bom portador,
Dê lembranças que eu mando
Ao meu procurador.

Peço-lhe que me perdôe,
Não se dê por aggravado,
Daquella vez eu deixei-o
No seu cavallo mellado.

Eu sempre formei de conta⁽¹⁴⁵⁾
No fim do meu testamento,
Tambem deixar lembranças
A Manuel do Nascimento.

Lembrando d'aquella vez
Que me deu um pontapé,
De vez em quando gritando,
Por comrade Barnabé.

João Amancio, venha cá,
Quero lhe pedir tambem,
Dê lembranças que eu mando
Aos vaqueiros de Belem.

Pois vou bem consolado
Porque não sou dos primeiros,
Adeus camaradas todos
Do carrasco do Ribeiro.

Adeus, camaradas meus,
Queiram se esquecer de mim;
Tudo quanto nasce morre,
Tudo no mundo tem fim.

(145) Formar de contas: pretender.

BOI PINTADINHO

(Ceará)

Eu sou o boi pintadinho,
Boi corredor de fama,
Que tanto corre no duro
Como na varzea de lama.

Corro fóra nestes campos,
Corro dentro da caatinga,
Corro quatro, cinco leguas,[!]
De suor nem uma pinga.

Corro fora nestes campos,
Que o mesmo ar se arrebenta,
Corro quatro, cinco leguas,
Ninguem me vê dar a venta.

Meu Sr. Ignacio Gomes,
De mim já teve agravado,
Porque aonde eu estou
Não pode arrudiar gado.

Elle falla com grande ira,
E sente está magoado,
Porque ha mais de vinte vezes,
Eu o tenho enrabado.

Meu senhor Ignacio Gomes,
Falla com tanta ira,
Que já dá vinte patacas,
A quem me pozer na imbira,

Eu darei tudo por nada,
Pois delle, se não careço,

Além da sua brabeza,
Tambem tenho seu arremeço.

O moço José de Almeida,
Vaqueiro do Clemente,
Diz que nunca houve um cachorro,
Que lhe pozesse o dente.

E eu que o vi correr,
Na Lagôa das Mofadas:
Deixou atraz o cavallo
E a sua cachorrada.

Porque desde garrotinho,
Carreguei opinião,
De não ter nenhum vaqueiro,
Que me chegasse o ferrão.

Estava eu certo dia
Na Carnaubinha *maiado*,⁽¹⁴⁶⁾
Quando vi um cavalleiro
Em um tropel mui descansado.

Estava secco de sêde,
E tambem morto de fome,
Assim mesmo abri os olhos,
Conheci Ignacio Gomes.

Sahi logo na carreira
Não muito despedido,
Porque Ignacio Gomes
Já era meu conhecido.

Ficou elle maginando,
O que havia de fazer,

(146) Em descanso com outras rezas.

Eu entrei bem para o centro,
Bem p'ra dentro me esconder.

No outro dia bem cedo,
Sahi a comer orvalho,
Logo na volta que dei,
Encontrei João de Carvalho.

Elle vinha bem montado,
Bom cavallo e bom ferrão,
E junto consigo trazia
O cabra Gonçalão.

Traziam mais tres cachorros,
Que valiam tres cidades,
Que querendo matar um
Não se acha ruindade.

Logo que avistei isto,
Botei-me no catingão,
A demora que tiveram,
Foi gritar: arriba cão.

Corria de tal maneira,
Que os ouvidos me zunia,
Na distancia de tres leguas,
Tres cachorros me gania.

Tratei de me pôr em pé
Pensando o que fosse melhor;
Porém logo me enganei,
Cada vez me foi peor.

Porque eu estando em pé,
Espiano p'ra confusão,
Muito depressa chegou
O tal cabra Gonçalão.

Quer que vamos ao boi agora?
 Elle está bem esbarrado...
 Peguemos logo este boi,
 Emquanto elle está cançado.

O cabra partio a mim,
 Porem veiu de meia esgueia,⁽¹⁴⁷⁾
 Desviou-se da cabeça,
 Presionou-me na sarneia.

Eu com ardor do ferrão,
 A elle me encostei:
 De debaixo de suas pernas,
 O cavallo lhe matei.

A cabra se vio a pé,
 Ficou tão desesperado,
 Foi gritando logo ao outro:
 —Matemos este malvado.

O cabra quando viu isto,
 Ainda mais se segurou:
 Puchou logo pela faca,
 Por detraz me regeitou.

Deram commigo no chão,
 Em riba de mim se escanchou.
 Logo o cabra Gonçalão,
 Bem depressa me sangrou.

Ficaram muito contentes,
 De ter seu pleito vencido,
 Só assim Ignacio Gomes
 Aproveitaria o perdido.

(147) De flanco.

Gonçalão, tu vais á casa
 Para buscar tres cavallos,
 E mais alguma arrumação,⁽¹⁴⁸⁾
 E comeres alguma cousa,
 Que com certeza tens fome;
 Que vou pedir as *alviças*
 Ao compadre Ignacio Gomes.

Chegando elle então,
 Na fazenda Trucinho:
 As *alviças* meu compadre,
 Que é morto o pintadinho!

Venha me contar a historia,
 O que elle andava fazendo
 Na Lagôa das Mofadas?
 Bem cedo andando correndo
 Na Lagôa das Mofadas,
 Naquelle serrotinho de pedra,
 Bem na pontinha de cima,
 Fomos dar-lhe uma queda.

Ou bicho forte! Correu,
 Correu mais de cinco leguas,
 E, se não são os cachorros,
 Ainda ninguem o pega.⁽¹⁴⁹⁾

Faça favor apeiar-se,
 Venha me contar a funcção,
 Se foi morto de chumbo,
 Ou a ponta de ferrão.

(148) O mesmo que troços, cousas de arranjos domesticos.

(149) E' costume do povo empregar o indicativo pelo condicional.

Sim, senhor, foi morto a chumbo
E a ponta de ferrão,
Ajudado dos cachorros
E tambem do Gonçalão.

Tenho agora tres cachorros
Que vieram do Inhamuns;
Que como estes tres cachorros,
N'esta terra não ha nenhum.

Estão promptas as vinte patacas
Para lhe dar de *alviças*,
Tanto pelo seu trabalho,
Como tambem pela noticia.

Mande ver o pintadinho,
Aproveite elle todo,
Faça d'elle *matrutagem*,⁽¹⁵⁰⁾
Estimo que esteja gordo.

Eu supponho que está capaz
De se comer com socego,
Por que julgo não terá carne,
Tudo, tudo será sebo.

Convide alguns amigos
P'ra bebermos um copinho,
Principalmente celebrando
A morte do pintadinho.

Convidaram-se os amigos,
Acudio a gente toda;
Reberam vinte mil réis,
Comeram uma vacca gorda.

(150) *Matalotagem*. Neste sentido o sertanejo quer dizer: uma carga de carne secca, comprehendendo a ossada.

LIBERATO ⁽¹⁵¹⁾

(Parahyba)

Senhores, me dê licença
Para uma historia inteira,
Vou contar uma desgraça
Que succedeu no Teixeira:

Liberato, delegado,
Foi prender um Guabiraba,
Por causa d'esta prisão,
Quasi o Teixeira se acaba.

Sirino sonhou com a morte,
Que para ella navegou,
E de facto, na verdade,
Pois d'ella não escapou.

Sirino veio do Teixeira
No seu cavallo montado,
Quando chegou no Salão,
Foi logo bem avisado.

Serino pegou nas armas,
A escorvar, e escorvou;
Moreira dentro do matto
Por outros assobiou.

E Sirino arremetteu
C'uma cara de leão:
Cabra, me saia de peito
E não me atire á *treição!*

(151) Criminoso celebre da Parahyba, membro de familia distincta no Estado.

Pelo buraco da bala
Se rasgou o cinturão,
E Sirino apanhou
Seu estoque e seu facão.

O cavallo de Sirino,
Sendo de mais azogado,
Foi saltando uma barreira
Sirino ficou deitado.

Sirino foi se arrastando,
N'uma pedra se sentou,
E as tripas dependuradas
Metteu as mãos, arrancou.

Disse Moreira no matto,
Sentado á sombra da rama:
Oh! cabra do couro grosso,
Hoje perdestes tua fama.

—De facto perdi a fama,
Mas passei-lhe a certidão:
Puxei tripas penduradas,
Puxei bofe até com a mão.

O I N V E R N O

(Parahyba)

No sertão é bello ver
A sariêma cantar,
A onça roncar na serra,
A arára gritar no ar.

Quando pega as trovoadas
Corre agua em borbotão,
Os rios as enchentes dão,
Com as bellas invernadas.
Quando pega as vaquejadas
Depois do pasto crescer
Só se vê gado correr,
Os vaqueiros em folia,
No curral a vaccaria
No sertão é bello ver.

Vê-se pato e jaçanã,
Marreca, socó, jacú,
Carão, garça e jaburú,
Jandaia, maracanã,
Diluvios de ribação,⁽¹⁵²⁾
Bando de tetéo gritar,
Papagaio a gaguejar,
A aza-branca a gemer,
Porém é melhor se ver
A sariêma cantar.

Vê-se novilhos urrando,
Vê-se cachorro latir,
Vê-se o grito retinir
Dos vaqueiros trabalhando;
Vê-se rebanho pastando,
Gafanhoto pela terra,
Na lama o bezerro berra,
E canta o gallo saudoso,
Só o que acho temeroso
E' a onça roncar na serra.

(152) Ave de arribação, a que o povo chama ribaçã.

Grita o mocó no serrote,
 A cascavel no buraco,
 Vê-se saguim e macaco
 Pelos páos dando pinotes,
 As raposas em magotes,
 Os cavallos a rinchar.
 Os peixes n'agua a folgar,
 O lindo canindé gritando,
 Sonoras pombas cantando,
 A arara gritar no ar.

CANTIGAS DE NECO MARTINS

CANTADOR DE PARACURÚ

(Ceará)

A respeito a cantoria
 Mané Joaquim do Muquem,
 Faz gallinha pisar milho
 E pinto cessar xerem,
 Mais nas unhas de *seu* Neco,
 Nunca se arrumou bem,
 Porque eu passo o sipilho,
 Tiro-lhe as voltas que tem,
 Fico sempre caçoando,
 Olho não vejo ninguém.

Manuel Patichulim,
 Zé Cajá do Bananal,
 E o Pedro Semião,
 Um cantor do Arraial,
 Beira d'Agua lá na Serra,
 E Moreira de Sobral,

Que se julgam cantadores,
De nunca encontrar igual,
Nunca poderam com Neco,
Morador em S. Gonçalo.

O mesmo Antonio Silvino,
Jeronymo, e Pedro Ferreira,
São cantadores de fama
De alegrar a brincadeira.
Ô Paulino Felisberto,
O Belino das Frexeiras,
Herculano de Messias,
E tambem Luiz Pereira;
E tambem José Rufino,
Lexandre das Cabeceiras,
Todos têm entusiasmo
De não cahiram em asneira;
Passarem decepções
Nas unhas do Oliveira.

DESAFIO

DE NECO MARTINS COM FRANCISCO SALLES
UM CÉGO DE ITAPIPOCA

Neco

Francisco Salles, você
Ha dias vive em funcção,
Querendo tomar terreno,
Aqui no meu quarteirão,
Sem ter pedido licença,
Me explique porque razão
Você tomou esta audacia,
Faltando com attenção.

Salles

Collega Neco Martins,
Faltou-me esta lembrança,
Que hoje peço desculpa,
Desta minha ignorança:
Que não tomou seu terreno,
Porém tenho confiança,
Que agora eu lhe pedindo,
Tudo o meu desejo alcança.

Neco

Pois sim, senhor, meu collega,
Está dada esta licença,
Tudo commigo se arranja,
Desde que haja prudencia.
Tambem gosto de provar
A minha benevolencia,
Mostrando a minha bondade,
Que tem gratidão immensa.

Salles

Mas senhor Neco Martins,
Tenho tido informação,
Que o senhor é o dunga,⁽¹⁵³⁾
Aqui desta povoação,
Só vinha neste roteiro,
Pedir-lhe uma lição,
Ou dar um quinau no mestre,
Como eu tenho tenção.

Neco

Salles, eu não sou o dunga,
Aqui desta povoação,

(153) O maioral.

Já sabes que vens errado,
Com a tua informação,
Abasta que você saiba,
Que não tenho profissão,
Mas se quer se divertir,
Está propria a occasião.

Salles

Pois sim senhor, senhor Neco,
Estou prompto a divertir,
Pois a hora é competente.
Hoje quero me medir,
Para ver qual é maior,
Pois é bom se decidir.
Pois quero desempenhar-me,
No que tenho de cumprir.

Neco

Meu Salles, eu tenho pena,
De seres um pobre cégo.
Não poderes enxergar,
O caminho em que eu navégo,
Para melhor tu saberes,
Os destinos que allégo,
Que então tu já sabias,
De que geito é que te pégo.

Salles

O senhor é tão sabido.
Me destrinx⁽¹⁵⁴⁾e esta conta:
Vinte e cinco guardanapos,
Dois vintens em cada ponta.

(154) Destrinxar : corruptela de destrinçar.

Neco

Salles, eu distrinxarei
Como bem me parecer,
Doze patacas e meia,
Quatro mil réis vêm a ser.

Salles

E' verdade, meu collega,
E's um bom cantor sciente,
Mas olha que não te arrojés
E depois não se arrebenté.
E fazer um cégo triste
Com isto ficár contente.

Neco

Salles, deixe de asneira,
Modere esta imprudencia,
Pois eu sei que você,
P'ra mim não tem resistencia,
Não se metta onde não cabe.
Tenha santa paciencia,
Que não quero fazer cousa,
Que me dôa a consciencia.

Salles

Amigo Neco Martins,
Peço a vossa senhoria,
Que não maltrate um cégo,
Que anda a custa de guia,
E anda despatriado,
Fóra de sua familia;
Não convém em terra alheia,
Soffrer uma tyrannia,
Se com isto se zangar,
Fazer o que não queria.

Neco

Pois sim, senhor, meu ceguinho,
Faça lá sua vontade,
Não tenha dó do Martins.
Empurre rigoridae,
Pode matar seu desejo,
Não reparando bondade,
Que Neco Martins é feito
A lutar com crueldade,
E nunca pediu socorro
A sua rivalidade.

Salles

Nequinho você bem sabe,
Como é que os diabos tecem,
Uns de cima, outros de baixo,
Quando uns sobem, outros descem...
E bem sabe quem eu sou,
Que ha bem tempos me conhece,
Deixe de entusiasmo,
Que você hoje padece.

Neco

E eu não tenho entusiasmo,
Nem d'elle quero saber,
Mas o seu palavriado,
Não me faz estremecer;
Que um homem como eu,
Não é para esmorecer;
Ainda não vi de que,
Pode ficar convencido,
Que não dou fé de você.

Salles

Deixe deste entusiasmo,
Neco, me trate melhor,

Que se não você, talvez,
Assim se dará pior,
Porque o Francisco Salles,
De cantador não tem dó.

Neco

A ocasião é propria,
Ataque sem contricção,
Eu não lhe peço favor,
Hoje nesta ocasião,
Me acostumei com desgraça,
Não temo mais afflicção,
Quanto mais ao pobre cégo,
A quem não presto atenção.

Salles

Collega, não diga assim,
Que pode ser castigado,
Porque eu não poupo couro,
De cantador malcreado,
Quando estou no meu destino,
Sou rei dos cabras damnados.

Neco

Cantador como você
Nem que venha de punhado,
Lá do meio dos infernos,
Fedendo a chifre queimado,
Hão de cair no chicote,
De meu uso acostumado.

Salles

Cantador como você
Na minha terra se chama:

Gafanhoto de jurema,
Borboleta de imburana,
Roubador de tempo alheio,
Empatador de semana.

Neco

Cantador como você,
Eu queria apanhar muitos:
P'ra botar no cemiterio
P'ra fazer quarto aos defuntos,
Para mandar ao inferno,
P'ro cão fazer adjunto.

Salles

Cantador como você,
Eu queria apanhar mais:
P'ra mandar para o inferno,
De mimo p'ra satanaz,
Que você junto com elle,
Quero ver o que é que faz.

Neco

Cantador como você,
Nem que venha de mão cheia.
Nem que venha do inferno,
Com trinta cão nas orelhas;
Nem que venha sapecado,
Fedendo a chifre de ovelha:
Eu podendo aperreial-o,
Como mutuca vermelha,
Mostrarei Neco quem é
Com suas tacadas feias.

Salles

Collega, Neco Martins,
Não maltrate tanto assim:
Veja que Francisco Salles,
Não é também dos mais ruim:
Que mereça receber
Estes rigores sem fim.

Neco

Pois então me trate sério
Não me tome a pagode:
Se não eu faço tu ires,
De Pilatos a Herodes;
Faça-me logo homenagem,
Não se metta com quem pode.

Salles

Amigo Neco Martins,
Eu já estou convencido,
Que com você não posso,
O caso está decidido:
Pois agora é que dei fé
Aonde eu estou mettido:
No meio de um cipoal,
E muito do bem tecido,
Que quero sahir não posso,
E já me julgo perdido.

Neco

Pois então conheça mestre,
Chegue-se ahi, dê razão:
Que na minha cantoria,
Aqui neste quarteirão,

Neco Martins é o chefe
De toda repartição;
Quem quizer cantar aqui
Pede a minha direcção.

Salles

Pois, sim senhor, seu Martins,
Agora já estou sujeito
Sempre a vossa direcção.
Reconheço seu direito,
Me dispense só por hoje,
Que eu já estou satisfeito.

Neco

Sim, senhor, eu lhe dispenso,
E espero ser desculpado
Das faltas que commetti
No meu cantar agitado;
Que prosa de cantador
Não faz ninguem aggravado:
Quando precisar de mim,
Disponha de seu criado.

.....

Neco Martins é cantor:
Do norte, o mais pequinez;
Mas na sua cantoria
Não declara estupidez:
Como alguns dos cantadores,
Que já vi alguma vez:
Que diz palavra indecente,
Como pescoço em francez:
Que traduzindo é escandalo,
No costume portuguez.

admiração

FRAGMENTO DO DESAFIO ENTRE MANUEL
DE CABECEIRAS E O DIABO

Diabo

Seu Manuel de Cabeceiras,
Segure lá seu repente:
Que eu venho chegando agora,
Inda estou com o sangue quente;
Tire o chapéo da cabeça,
Se ajoelhe me tome a *bença*.

M. de Cabeceiras

De onde vem esse negro,
Preto, da camisa suja;
A venta de ripulêgo,
Os pés de mata babuja?

Diabo

Seu Manuel de Cabeceiras,
Me trate com reverença;
Tire o chapéo da cabeça,
Se ajoelhe, me tome a *bença*.

M. de Cabeceiras

De onde vem esse negro
De cabeça de cupim,
A venta de ripulêgo,
Os pés de mata capim?

Diabo

Você me chama de negro
Da cabeça de cupim,

Mais vale um pretinho bom,
Do que dez brancos ruim.

M. de Cabeceiras

Negro preto, côr da noite,
Da canella de xexéo,
Permitta Nossa Senhora
Que negro não vá p'ro céu.

Diabo

Manuel de Cabeceiras,
Que peccados são os teus?
Um anno tão bom de inverno,
Teu riacho não correu.

M. de Cabeceiras

As aguas de meu riacho,
Correm lá das cabeceiras:
Com relampagos e trovões
Vem de barreira á barreira.

Diabo

Eu sahi de manhãsinha
Com minha espingarda de fama:
Dei um tiro para riba,
Matei dois coelhos na cama.

M. de Cabeceiras

Eu sahi de manhãsinha
Isto foi muito cedinho:
Dei um tiro para cima,
Matei dois coelhos no ninho.

Diabo

Tenho um ninho de tatú-peba,
 Fui eu quem tatú-pebei,
 Quem desentatú-pebar,
 Eu entatú-pebarei.

M. de Cabeceiras

Tenho um ninho de tatú-bola,
 Fui eu quem tatu-bolei,
 Quem desentatú-bolar,⁽¹⁵⁵⁾
 Eu entatú-bolarei.

(155) **Desentatubolar** : E' muito commum entre os cantadores darem-se problemas para **desenferrujar** a lingua : o **desentatubolar**, o **deslazarinar** com o bom **deslazarinador** serei, etc.

São modos de educar a plasticidade da dicção, entre a gente do povo.

Exemplo :

*“Tenho um pé de cafanguito,
 Quem o descafanguitar,
 Bom descafanguitador será ;
 Como eu descafanguitei,
 Bom descafanguitador serei”.*

Outro exemplo :

*“Pinga a pipa, pia o pinto,
 Apara o prato”.*

Tudo isto é dito depressa.

O poeta inglez Rudyard Kipling, que visitou o Brasil ha poucos mezes, trouxe o neologismo:

“O tatú...

Tatusando na sua toca”.

Felizmente o nosso João Ribeiro protestou contra o **invento**, cuja prioridade cabe á Manuel Cabeceiras (*«Cancioneiro do Norte»*, 1a. Edição, pag. 140).

E' certo que o popular repentista do nordeste teve aquelle **repente** quando jogava as musas com o **Diabo**.

M. de Cabeceiras

Senhora dona da casa,
Abra a porta, accenda a luz,
Estamos c'o o cão em casa,
Resemos o Credo em Cruz.

Diabo

Seu Manuel de Cabeceiras,
Cante com outro modelo,
Veja em que você falou,
Que me arrepiá os cabellos.

M. de Cabeceiras

Manuel de Cabeceiras,
Canta com Evangelista:
Senhora dona da casa,
Venha rezar o officio.

Diabo

Você me chama de negro?
Sou um cabra arranca-tôco:
Se afastem todos d'ahi,
Se não quizer ver o papouco.

DESAFIO DE MANUEL RIACHÃO COM
MARIA THEBANA
(Parahyba)

Senhor Manuel do Riachão,
Que commigo vem cantar,
O que é que os olhos veem
Que a mão não pode pegar?

De pressinha me responda,
Ligeiro sem imaginar.

Resposta

Você, Maria Thebana
Com isso não me embaraça,
Pois é o sol, e é a lua,
Estrella, fogo e fumaça,
Ligeiro lhe respondo,
Se tem mais pergunta faça.

Senhor Manuel do Riachão,
Torno outra vez perguntar:
Quatrocentos bois correndo,
Quantos rastos deixará?
Tire a conta, dê-me a prova,
Depressa, p'ra eu sommar.

Resposta

Bebendo n'uma bebida,
Comendo tudo n'um pasto,
Dormindo n'uma malhada,
São mil seiscentos rastos:
Somme a conta, tire a prova,
Que deste ponto não fasto.

Leão sem ser de cabello,
Cama sem ser de deitar,
De todos os bichos do matto,
Entre tudo o que será?
Depressa você me diga,
Sem a ninguem perguntar.

Resposta

Você, Maria Thebana,
Nisto não me dá lição;
Pois é um bicho escamento,
Chamado camaleão,
Que sempre vive trepado,
Pouca vezes vem ao chão.

DESAFIO DE ROMANO DA MÃI D'AGUA COM
IGNACIO DA CATINGUEIRA
(Parahyba)

Romano

Sou Romano da Mãe d'Agua,
Mato com porva soturna;
Para vencer inleição
Não metto chapa na urna.⁽¹⁵⁶⁾
Salto da ponta da pedra,
E tomo a bocca da furna.

Ignacio

Sou Ignacio da Catingueira,
Aparador de catombos;
Dou tres tapas, são tres quedas,
Dou tres tiros, são tres rombos,
Negro velho cachaceiro,
Bebo, mas não dou um tombo.

(156) O cantador sertanejo, que floresceu ha uns cinquenta annos, já sonhava com a electricidade eleitoral!

Romano

Ignacio ainda não cortaste
Miôlo de pão mucisso,
Ainda não viste agora
O Romano mais Verissimo:
Um, é o relampago de fogo.
Outro o trovão inteiriço.

Ignacio

Seu Romano inda não viu
Do Catingueira o arranco:
Si está neste pensar, me falle,
Si não está, me seja franco,
Abra os olhos, limpe a vista,
Que seu negro dá em branco.

Romano

Ignacio, tu reconheces,
Que eu sou o rei cantadô,
P'ra cantar estou approvedo
Em qualquer lugar que estou.
P'ra tomar a Catingueira,
Só te affirmo ainda vou.

Ignacio

Branco, dou-lhe um parecer,
Vossa mercê me attenda,
Si fôr lá para brincarmos,
Possa ser que não lhe offenda.
Para tomar a Catingueira
Pode ser que se arrependa.

Romano

731

Quem quer ferir inimigo
 Não faz ponto nem avisa;
 Quando eu for á Catingueira,
 Nesse dia o sol incrisa;⁽¹⁵⁷⁾
 Eu só vou a Catingueira
 Somente dar-te uma pisa.

Ignacio

Me diga o dia em que vai,
 Quaes são os seus companheiros,
 Que o senhor pode levar.
 Dez ou doze cangaceiros:
 Que a todos eu saio a peito
 Como um valente guerreiro.

Romano

Não digo o dia nem hora,
 Nem te digo quando vou,
 Só, sim, quando eu chegar lá
 Tu has de ser sabedor:
 Irei tapar-te o riacho
 E tomar-te o sangrador.

O INVERNO NO SERTÃO

(De Francisco Romano)

Quando Deus quer dar bom tempo,
 Prepara-se um nevoeiro,
 Desenrola, cahe a chuva,
 Corre agua no taboleiro.

(157) Fica eclipsado.

Chega abundancia na terra
Que abrange o mundo inteiro.

Movem-se as pedras,
Grande é o movimento...
Só pelo talento,
A agua as carrega.
E nas aguas navega,
O chão humedece,
O barro amollece,
Que tempo suave,
Brotam as arvores,
O sertão reverdece.

Quando chove no sertão
O gado berra, escramuça,⁽¹⁵⁸⁾
O jumento rincha no campo,
O porco, se espoja e fussa,⁽¹⁵⁹⁾
Juntam-se os animaes,
Salta e berra a miunça

Vêm das cabeceiras,
As aguas correntes
Os rios valentes
Quebram as barreiras.
Roncam as cachoeiras
Que nem o jaguar
Sem se dilatar,
Procuram os baixios,
Riachos e rios
Só descem p'ro mar.

(158) Escramuçar : Dar pôpas, saltar como faz o cabrito.

(159) Em vez de fossa.

Quando chove no sertão
Estes homens fazendeiros,
Logo que amanhece o dia,
Vão á casa do vaqueiro:
«Acho bom que vá rever
O gado no taboleiro».

Elle lhe responde:
«Meu amo, eu vou já».
Acaba de almoçar,
Depressa se encóra,⁽⁶⁰⁾
Sahe de campo afóra.
Revendo com geito,
E achando perfeito
Seu gado feliz,
Chega em casa, diz:
«Está tudo direito».

Com abundancia do inverno
Se alegram os passarinhos,
Uns saltitam pelos páos,
Outros gorgeiam nos ninhos,
Por verem tanto recurso
Para crear seus filhinhos.

Canta a juryty,
Cordoniz, pedrez,
Vôa o urubú reis,
Salta o bemtivi,
O potyguary,
A garça, o carão,
Pato, mergulhão,
Socó, jaburú,
Vôa o anum,
Estala o can-cão.

(60) Vestir-se de coiro.

Quando chove, as abelhas,
Começam a trabalhar:
Moça branca, e a pimenta,
Mandaçaia e mangangá,
Canudo, mané de abreu,
Tubiba e arapuá.

Ronca a tatahyra,
Faz bocca o limão,⁽¹⁶¹⁾
Zôa o sanharão,
Trabalha a jandahyra,
Busca flor a cupyra,
Faz mel o exú,
Zôa o capuchú
Vai a fonte a jaty,
Capeia o enxuhy
Faz mel o uruçú.

Se faz verão ninguem vê
As abelhas trabalhar,
Até mesmo os passarinhos
Ninguem os ouve gorgear,
Porém na tarde que chove
Tudo sahe a passeiar.

Rufa o caitetú,
Salta o veado,
Lá pelo roçado
Onde anda o timbú
E o tejuassú,
O peba escavaca,⁽¹⁶²⁾
O bola emburaca,

(161) Limão : qualidade de abelhas, cujo mel é azedo.
Fazer bocca : dispôr a entrada dacolmeia em forma de canudo.

(162) São tatús.

A raposa^f passeia
Nos bancos de areia,
Onde fussa a ticaca.⁽¹⁶³⁾

O agricultor se alegra
Quando ouve trovejar,
E vai dizendo á familia:
«Amanhã vamos plantar,
Que o inverno está na terra⁽¹⁶⁴⁾
Não tem por quem esperar».

Chega a madrugada,
Levanta-se a gente:
Um acunha a enxada,
Outro escolhe a semente,
O chefe na frente
Com a enxada na mão,
A cavar o chão,
Dizendo aos seus filhos:
«Vosseis plantem milho,
Que eu planto feijão».

Cantam em bando os caraúnas,
E o xexéo pelo *arvará*,
Nos roçados o Gavião,
No baixio o arumará,
Tetéu grita pela varzea,
Dobra o canto o sabiá.

Falla a maracanã
Grita a sariêma,
Urra no campo a ema,
Ronca a ribaçã,

(163) Maritacaca.

(164) Estar na terra : quer dizer chegar.

Chama a cauã
 Geme o jacú,
 O jacurutú,
 Socó, pica-páo,
 Sopra o bacuráo,
 Dá hora o nambú.

Quando ribomba o trovão
 O acompanha o relampago,
 Clareia o fogo no céu,
 Se avista a restea no campo,
 Cahe o corisco nos páos,
 Que os facheia e vòa o tampo. (165)

Lasca as aroeiras,
 E rola o jucá,
 Vira o trapiá,
 Assa as catingueiras,
 As carahybeiras
 Vão-se rebentando...
 Umbuzeiros virando,
 Os páos vão rangindo,
 Angicos cahindo,
 Outros se balançando.

Quando chega o mez de Junho,
 Chamado mez de S. João,
 Solta-se uma ventania,
 Zôa a serra e o boqueirão,
 Sécca a terra, muda o ar
 Do brejo até o sertão.

(165) Facheiar ou esfachiar reduzir a facho ou pequeno feixe de lenha em forma de facho.

Logo do nascente
Nasce um neblineiro,
E atraz o nevoeiro
Até o poente...
Passa de repente,
Que tempo mudado!
Nasce o sol dourado,
Fechando e abrindo,
E o céu se cobrindo
De um manto azulado.

A DANÇA DA QUADRILHA NO PIRANGY
(Ceará)

1.^a

Avanquatre, travessê,
Pega o meu, da cá o teu,
Entre os pares da frente,
Cada qual levando o seu.
Venha Nêê Araujo...
Quando voltar, leva o meu.

2.^a

Faça acy, *croisê*,
Chã de dama o par visinho;
Maria do Xico Antonio
Dê a mão ao Francisquinho.
Vira a barriga p'ra cá
E as costas para Antoninho.

3.^a

Grand chen, dê-lhe em segunda...
Rodinha do Ceará;

Sabina do Xico Antonio,
Balancê no seu logar.
Arrodeie Manuel de Freitas,
Vira a barriga p'ra cá.

4.^a

Façam todos parafuso,
Rodando até acochar.
La contrè, desandou tudo;
Balancê em seu logar.
Chico Lopes, dê uma volta,
Virando as costas p'ra lá.

5.^a

Avant quatre, seu Nogueira,
Travessê de lá p'ra cá.
Passando o meu pelo teu,
Balancê, trocando o *pá*.
Chan de dame, a mão esquerda...
Cada qual no seu logar.

Pirangy (Cedro) Ceará—1901—Versos do cego
Antonio de Pontes.

FRUCTAS DO NOSSO SERTÃO

(Ceará)

Motte :

Ubaia, ameixa, quixaba,
Velludo, murta e joá,
Herva-moura e guardião
Côco, umary, trapiá.

Dezima :

Jaca, condessa e oiti,
Ingá, pitomba e cajú,
Lima, cabaça e umbú,
Palmeira, coité, pequi,
Pinhas bravas murici,
Guaribeira e Guabiraba,
Figas de baba e goiaba,
Graviola e jatobá...
Uva, pêra e araçá,
Ubaia, ameixa, quixaba.

Mucunã e canjarana,
Urucú, jaramataia,
A melancia da praia,
Cajuy, pinha, banana,
Amendoa, canna cayana,
Cabacinha e crauatá,
Canapum, maracujá,
Chique-chique, feijão brabo,
Mandacarú e quiabo
Velludo, murta e joá.

Inhame, cobé, cará,
Genipapo, ariticum,
Côco catolé e girimum,
Maxixe, manga e cruá,
Tomate e manipuçá,
Mapirunga e algodão,
Carrapateira e pinhão,
Jurubeba e maniçoba,
Tamburil, romã-caroba,
Herva-moura e guardião.

Laranja, manguito, limão,
Mangaba e bORITY

Lyrio e jatobahy,
 Canna creoula e mamão
 Côco da praia e melão
 Melancia e ananá,
 Fructa de jacú e cajá,
 Sabonete e carnaúba,
 Ingá, fava e macahuba,
 Côco, muary. trapiá...

RIMAS EM "IA" (166)

(Ceará)

Fui chamado p'ra *cantá*
 Na casa do Malaquia.
 Minha mãe se lastimava
 E meu pai se maldizia,
 Minha irmãzinha chorava
 E minha avó se aborrecia,
 Os bichos do meu terreiro
 De pena se entrestecia.
 Fui cantar só p'ra *mostrá*
 Quanto um caboclo valia.
 Cantei sexta, cantei *sabo*
 E domingo todo dia,
 Não cantei segunda-feira
 Porque samba não havia.
 E o rei mandou me *chamá*,
 P'ra casar com sua fia,
 Me dava p'ra *governá*
 Oropa, França e Bahia.
 Um quarteirão de mil casas

Com mais de mil moradia,
Ouro em pó e pedra fina,
Cuma ninguem possuia,
Eu então lhe arrespondi
Que era pouco eu não queria.

Sou moço, sem *imbição*,
E fio de boa fãmia.

Piso no chão de vagá
Qui a foia secca não chia,
E ando na *flor dai agua*,
E *ai agua* nem se arrepia,
Tenho dinheiro na caixa,
Biête na lotaria.

E entrei no Ceará
A's oito horas do dia,
Vi na praça do Ferreira,
A casa do Marques Dia
Vi muié, menino em penca,
Moça já quasi titia.

Fui na feira de missanga
Vi tatú, cobra e cutia,
Peguei na perna da *veia*,
Pensando que era da fia,
Minha senhora perdôe,
Que era de noite eu não via.

Vio o dotô Accioly,
Vi lá tudo que havia,
Curuné Guilherme Rocha
O Pirapama e o Bahia

Tudo isso aconteceu
A seu criado *as tu dia*,
Quando a banana abaixava,
E a pomba, secca assubia.

CANTIGAS AVULSAS

(de Cabeceiras)

Lá vem seu Manuel Cabeceira
 C'o o demonio da leitura;
 Eu não entendo de lettra,
 Lettras p'ra mim são escuras.
 Tenho talento no braço
 De pegal-o pela cintura,
 No meio de trinta homens,
 Dou-lhe tres quedas seguras.

Este é Manuel Caetano,
 Negro do pé de rebollo.
 Passo a mão, e vejo a queda,
 Passo o pé, e vejo o rôlo;
 Na ponta da minhã lingua,
 Carrego mil desaforos.

Bote no chão, que eu amarro,
 Derrube que eu faço esteira,
 Carreiro de Santiago,
 Vai de barreira a barreira.

Este é Manuel Cabeceira,
 De Cabeceira Manuel;
 Eu faço pirão de homem,
 Com farofa de mulher.
 Com uma mão quebro a bolacha,
 Com a outra tomo o café,
 Tem um dictado no mundo,
 Que diz *só é, só é.*

Vamos a ella, patrão,
 O' patrão, vamos a ella,

Macella, massaranduba,
Massaranduba, macella;
O ovo tem duas gemas,
Uma branca outra amarella;
O botão aperta os cóes,
O cinturão a fivella;
Vamos a ella, patrão,
O' patrão, vamos a ella.

CANCIONEIRO POPULAR

Eu vi teu rasto na areia,
E puz-me a considerar:
Grande mimo tem teu corpo
Que o rasto me faz chorar!

Menina, diga a seu pae
Que si quer ser meu amigo,
Ou me pague o meu dinheiro,
Ou case você commigo!

Sexta-feira da paixão
Comi um quarto de bode;
A Deus eu peço perdão:
Cada uma faz o que pode.

Menina, por teu respeito
Vivo dormindo nos mattos,
Todo coberto de cisco,
Todo roido de ratos.

Valha-me Nossa-Senhora,
 Mãe de Deus, oh! Virgem Pia!
 Doce bom não desonera,
 Cabra bom não desconfia;
 Peguei na perna da véia.
 Pensando que era da fia...
 Minha senhora, desculpe
 Que era de noite, eu não via!

Menina, quando te fores
 Me escreve lá do caminho;
 Se não tiveres papel,
 Nas azas de um passarinho,
 Da bocca faz o tinteiro,
 Da lingua penna aparada,
 Dos dentes lettra miuda,
 Dos olhos carta fechada!

Você diz que bala mata,
 Bala não mata ninguem,
 A bala que mais me mata
 São os olhos de meu bem.

Minha gente, venham *vê*
 A vidinha do preá:
 Morando nas macacheiras,
 Comendo sem trabaiá.

Si eu fosse pôdre de rico
 Não morava mais no matto;
 Morava mais a Lorinda
 Dentro das ruas do Crato.⁽¹⁶⁷⁾

(167) Ceará.

Minha mãe me encommendou
Que eu não fosse a funcção:
Pois eu tenho a venta chata,
Vou servir de mangação.

Você me diz que sou negro
Da cabeça de rebôlo:
Se passo a mão, vejo a queda,
Se passo o pé, vejo o rôlo!

Valha-me N. Senhora,
Mãe de Deus da Conceição...
Quem casa com mulher feia
Toda a vida tem paixão.⁽¹⁶⁸⁾

Não tenho medo do homem,
Nem do ronco que elle tem;
Que o bezouro tambem ronca,
Vai-se ver, não é ninguem.

A laranja de madura
Cahiu n'agua, foi ao fundo,
Triste da moça solteira
Que cae na bocca do mundo.

Minha mulher, meu cavallo,
Morreram todos n'um dia,
Antes morresse a mulher,
Meu cavallo é qu'eu queria.
Cavallo custa dinheiro,
E mulher não faltaria.

(168) Paixão aqui é synonymo de zanga, desgosto.

O pinto belisca o velho,
 O velho salta p'ra traz;
 As meninas vão dizendo,
 Dinheiro tomára eu mais.

Junto com minha viola,
 Eu ando de *arretirada*,
 Passando d'ellas e d'ellas, ⁽¹⁶⁹⁾
 Bebendo agua salgada:
 Ella se queixa do sol
 E eu de queda e topada.

Quando eu pego na viola,
 E Neco no bctijão,
 Faço padre dizer missa.
 Vigario dizer missão;
 Garrote de ponta limpa
 Se trata por barbatão.

Minha mãe eu sou solteira,
 E os moços me querem bem;
 Si pedem que a gente cante
 Que remedio a gente tem?

Senhora dona da casa,
 Quando me vê p'ra que corre?
 S'é bonita, me appareça,
 S'é feia, porque não morre?

Menina, dai-me um abraço,
 E um beijo por despedida,

(169) Esta locução quer dizer: passar mal, sofrer
 contratemplos.

Que eu vou p'ra Matto Grosso,
Findar por lá minha vida.

Há quatro cousas no mundo
Que *alegra*, um cabra macho:
Dinheiro, e moça bonita,
Cavallo estradeiro-baixo,
Clavinote e cartucheira,
P'ra quem anda no cangaço.⁽¹⁷⁰⁾

Eu passei na tua porta,
E bati na fechadura:
Eu fallei, tu não fallaste,
Coração de pedra dura.

Eu vi a rola gemer,
Me puz a considerar,
Pois um *passo* tão pequeno,
Já quer bem, já sabe amar.

D'estes rapazes d'agora,
Não ha nenhum *qui nem eu* ⁽¹⁷¹⁾
Só ajustei casamento
Depois que meu pai morreu.

Já sou velho e tive gosto,
Morro quando Deus quizer,
Duas cousas me acompanham,
Cavallo bom e mulher.

(170) Cangaço : a vida de cangaceiro, nomade e mal-fasejo.

(171) Equivale ao comparativo : como eu.

No tempo da secca grande.
 N'aquella crise maior;
 Filho brigava com a mãe,
 Neto brigava com a avó,
 Brigavam por cousas bôas,
 Pelo beijú de potó.⁽¹⁷²⁾
 Farinha de barriguda,⁽¹⁷³⁾
 Já logrou um bom estado,
 Na feira de Guarabira
 Um litro por um cruzado.

De 77 p'ra cá,
 Nosso Brasil está perdido,
 Muito quem toque viola,
 Muito rapaz inxerido,⁽¹⁷⁴⁾
 Cavallos esquipadores,
 Muita mulher sem marido.

Tem quatro cousas no mundo
 Que atormenta um christão:
 Uma casa que gotteja,
 E um menino chorão,
 Uma mulher ciumenta,
 E um cavallo tanjão.⁽¹⁷⁵⁾
 Mais o cavallo se troca,
 A casa vai⁽¹⁷⁶⁾ se retelha,

(172) Especie de cará, batatá.

(173) Barriguda: *Chorisia ventricosa*. Martius — E' a paineira parahybana. Em 1877 os retirantes faziam farinha da raiz da barriguda.

(174) Intromettido.

(175) Lerdo.

(176) E' do linguajar do povo do norte empregar o verbo ir como expletivo: vai se retelha.. vai e deu-lhe um tabefe, etc. Vale tambem como a locução conjunctiva: senão quando

O menino se acalenta,
Na mulher se mette a peia.⁽¹⁷⁷⁾

Do Recife p'ra Goianna,
Os valles⁽¹⁷⁸⁾ já se acabou,
Carreira de velho é chouto,
Negro cresceu, apanhou.

Cambiteiros, cambiteiros,
Onde foram cambitar?
Cambita canna caianna,
Bota p'ro Engenho Central.

Os cassacos⁽¹⁷⁹⁾ da Uzina,
Só comem carne de boi,
Trabalham a 1500,
Recebe cruzado e dois.⁽¹⁸⁰⁾

Meu bemzinho está doente,
De longe eu ouço o gemido,
Grandes tormentas padece
Quem tem amor escondido.

Atirei um limãozinho
Na menina da janella,

(177) Metter a peia : surrar de peia.

(178) Valle : o mesmo que boró (no Ceará). Moeda divisionaria emitida por particulares.

(179) Cassaco ou cossaco : trabalhador do campo, o jornaleiro.

(180) E' uma allusão ao furto que fazem no salario do pobre trabalhador rural, que, tendo a diaria de 1500, só recebia **cruzado e dois**, ou sejam 440 réis.

Ella chamou-me doidinho,
Mais doidinho ando eu por ella.

—
Sinha Maria Turbana,
Me conte lá sua vida,
A Senhora era casada,
Porque largou seu marido?
—Porque bebia aguardente
E vinha *curtir*⁽¹⁸¹⁾ commigo.

—
Quando eu vim de minha terra
Todo o mundo me chorou,
Só a maldicta de uma velha
Muita praga me rogou.

—
Quando eu vim de minha terra,
Que passei no Quixelô,
Tirei um par de apragatas,⁽¹⁸²⁾
Nos queixos de teu avô.

—
Quando eu vim de lá de casa
Minha mãe me encommendou:
Meu filho, não vá brigar,
Que teu pae nunca brigou;
Ainda hoje está doente
De uma surra que levou.

—
A garça vai avoando,
Os encontros vão rangindo;

(181) Curtir a cachaça commigo: quer dizer: passar o tempo da embriaguez a me causar enjôo, ralhando.

(182) Alpercatas.

O moço quando vê moça
Fecha os olhos e vai se rindo.

Minha viola de pinho,
Meu instrumento real,
As cordas são estrangeiras
E o pinho de Portugal.

Minha viola de pinho
Tem bocca para fallar;
Si ella tivesse olhos
Me ajudaria a chorar.

Quando vim de minha terra,
Que passei no Quixelô,
Botei a sella na ema,
Já vi bicho corredô.

Minha viola de pinho,
Ninguem ha de pôr-lhe a mão,
Senão a minha cunhada,
A mulher de meu irmão.

Nesta viola de pinho,
Cantam dois canarios dentro;
Não pode ter bom juizo
Quem tem varios pensamentos.

As saudades me convidam,
Suspiros me ponhem a meza;
Em mim não ha falsidade.
Sou firme por natureza.

Menina, teu pae é pobre,
 Tua mãe carrega lenha;
 Menina, casa commigo,
 Que eu sou mulato gamenha.

Quando o mundo se acabar,
 Que não tiver mais ninguem,
 Vae em minha sepultura,
 Que ainda te quero bem.

Ai! menina. pede a Deus,
 Que eu peço a S. Vicente:
 Que Deus nos junte a nós dois,
 N'uma casinha sem gente.

Me trepei na bananeira,
 Me enrolei no mangará,
 Comi banana madura,
 Até a gata miá.¹⁸³
 O resto deixei no cacho
 P'ro dono não me *amolá*.¹⁸⁴

Dos passarinhos do matto
 O mais valente é bem-te-vi;
 Está conhecendo o perigo
 E gritando «deixe vi».

O vem-vem¹⁸⁵ está cantando
 No olho da oiticica;

(183) Até a gata miar : é um modismo que significa : até não querer mais.

(184) Amolar ; vir com ameaças, *conversa fiada*.

(185) Vem-vem : passaro que parece proferir essas syllabas quando canta.

Cala a bocca passarinho,
Quem se mata morto fica.

—

O cachorro está latindo,
Lá p'ra banda do chiqueiro;
Cala a bocca cachorrinho,
Não sejas mexeriqueiro.

—

Coitadinho de quem anda
Fóra de seu natural; ⁽¹⁸⁶⁾
Se um dia passa bem,
Tres e quatro passa mal.

—

Ouço tropel de cavallos,
E ouço argolas tinir;
Parece ser meu bemzinho,
Que já vem se despedir.

—

Quando eu me fôr desta terra,
Hei de plantar cravo roxo,
Para nunca me esquecer
Das feições deste teu rosto.

—

Vou-me embora, vou-me embora,
Para minha terra eu vou;
Se eu aqui não sou querido,
Na minha terra eu sou.

—

Está bebo, negro, está bebo, cão,
Falla com os outros, commigo não;

(186) Entre o povo quer dizer: terra natal.

Por riba d'agua, sou patacão,
Por baixo d'agua sou mergulhão.

Eu entrei de mar a dentro,
Fui brigar com os *inguilez*,
Tomei chumbo derretido,
Levei bala sete vez.

Mariquinha morreu hontem,
Hontem mesmo se enterrou:
Na cova de Mariquinha
Nasceu um pé de fulô.

Cabôco não vaç p'ro céu
Nem que seja rezador;
Que tem o cabelo duro
Espeta Nosso Senhor.

Eu andei o mar em roda
Com uma vela branca acceza,
Em todo mar achei fundo,
E no teu peito firmeza.

Da minha casa p'ra tua
Já foi estrada real;
Mas agora é matta virgem
Coberta de cipoal.

Esta noite andei de ronda
Como rato na parede,
Procurei, mas não achei
O punho de tua rede.

Miguel Preto dos Poções,
 Escravo de D. Aninha,
 Botou o azol n'agua
 Cãuhan,
 Deu corda, não achou linha,
 Adeus cãuhan, que eu me vou,
 Adeus, cãuhan de amor.

—

Eu fui aquelle que disse
 E como disse, eu não nego.
 Levo faca, levo chumbo,
 Morro solto e não me entrego.

—

Acabou-se a *riculuta*
 Mas veio coisa *mió*:
 A gente drome sordado,
 E acorda feito *manjó!*¹⁸⁷

—

Na serra das Espinháras
 As *agua* corre p'ra lá,
 O *mã* geme logo em *baixo*
 N'*Amerca* do *Ciará*.

—

Duas coisas neste mundo
 Eu sei que me *tira o sarro*:¹⁸⁸
 Muié bonita, e cachaça
 Feita em lambique de barro.

—

Si a carnahuba *fulóra*.
 E a peitica está cantando,

(187) Reminiscencia da Guarda Nacional.

(188) Tirar o sarro: matar.

Bota o pote na *gotteira*,⁽¹⁸⁹⁾
Que a chuva já vem roncando.

Nos escuros fui beijar
No cangote de uma véia,
Enchi a bocca de péia
Quasi morro de enguiar.

Chechéo não cança de *oiá*
Para a banana madúra;
Tambem não canço de vê
Uma certa criatura.

Bocca de cravo encarnado,
Na testa pastinha em *móio*.
Essa *cabôca* é damnada,
Tem telegramma nos *óio*.

Sá Joanninha Pé de Chita,
Que lê a sorte da gente,
Me diga se foi *ulhado*⁽¹⁹⁰⁾
Que me poz assim doente.

Menina balança os cachos,
Que eu quero ficar mais doudo,
Que um fio do teu cabello
Me abalança o corpo todo.

Minha mãe sempre dizia
Que quem anda em terra estranha

(189) O matuto chama *gotteira* á *biqueira*. Tambem chama ao cavallo magro *gotteira*.

(190) Feitiço, quebranto.

E' o derradeiro que come,
Sendo o primeiro que apanha.

—

Agua fria na fervura,
Ninguem pode mais cazá:
Agora é no pau furado ⁽¹⁹¹⁾
Do sorteio militá.

—

Sinha Joanninha Pé de Chita, ⁽¹⁹²⁾
Tome, leia minha mão,
Diga que moça bonita
Móra no meu coração.

—

Cabôca vossê me diga
Depressa *prumóde quê*
Macaco *óia* a banana
Cuma eu *óio* p'ra vossê.

—

Pulseira de besta é peia,
Lençol de burra é cangaia,
Mulher de padre é visage,
Cabra safado é canaia.

—

Senhora dona da casa,
Por favor a porta abra,
Que eu não sou que nem cabrito,
Que mama dois n'uma cabra.

—

Eu comprei uma gallinha
Por quatro mil e quinhentos

(191) Pau furado : carabina.

(192) Celebre catimbozeira de Santa Rita (Parahyba).

Depois da gallinha morta
Os pintos piaram dentro

Quando vejo mulher magra
Não tem mais que perguntar:
Se é casada, tem ciume,
Se é solteira, quer casar.
E si fôr uma viuvinha...
E' facil de advinhar.

Eu comprei uma camisa
Por quatro mil e quinhentos
P'ra vestil-a engomadinha
No dia do casamento.

Eu fui lá não sei aonde,
Visitar não sei a quem,
Sahí de lá não sei como,
Saudoso não sei de quem.

Muié sem peito é menina,
Home sem *baiba* é *muié*,
O pau que risca é *créion*,
Faca sem ponta é quicé.

Garrafão tem fundo largo,
Botija não tem pescoço,
Pedaco de telha é caco,
Banana não tem caroço.

Mulheres quando se ajuntam,
A fallar da vida alheia,
Começam na lua nova
E acabam na lua cheia.

As bondades do sertão
São leite, coalhada e queijo,
Tirante destas bondades,
Outras bondades não vejo.

O sertão é bôa terra
Para vacca, e p'ra novio,
Nunca p'ra moça solteira,
E home que tenha brio.

A desgraça do pão verde
E' ter o secco encostado:
Chega o fogo, queima o secco,
Lá vai o verde queimado.

Quem quizer cantar commigo
Lave a bocca com sabão;
Si não lavar bem lavada,
Não canta commigo, não.

Eu fumo que só caipóra
E a *dô* de dente não passa;
Peço o cachimbo a Xiquinha,
A *dô* se *vai* na fumaça.

Nunca vi carrapateira
Botar cacho na raiz;
Nunca vi moça solteira
Ter palavra no que diz.

Cravo branco na janella,
Certamente é p'ra vender...
Quem tem seu amor defronte,
Nunca se cança de ver.

Quem tiver a sua *fia*
 Não mande *apanhá* café;
 Si for menina, vem moça,
 Si for moça vem *muié*.⁽¹⁹³⁾

Quem quizer ganhar dinheiro
 Bote moça no balcão...
 Que em taboada de moça
 Um dez réis vale um tostão.

Vim guiando um automovel,
 Quinhinha um carro de bois;
 Por mais que o auto corresse,
 Só pude chegar depois.

A paixão da mulatinha
 E' como a pomba ferida:
 Nos ares perdendo o sangue,
 Na terra acabando a vida!

Eu vi a morte pescando,
 Nas aguas do Giquiá;
 Quando a morte pesca peixe,
 Vejam que fome não ha!

Nesta viola do norte
 A prima disse ao bordão
 Que o rapaz que está dansando
 Veiu lá do meu sertão.

Por isso é cabra de fama,
 Por isso sabe dansar,

(193) Quadra cantada na Serra de Baturité (Ceara).
 Colhida allí em 1900.

Por isso eu digo cantando:
Só lá se sabe *aboiar*.

Não te lembres do passado,
Que o passado já passou...
Só te lembres do futuro,
Que inda não principiou!

Antonio da Piraóca,
Raymundo do Lagamar,
Eu *ronco* junto á viola
No céu, na terra e no mar.

Desgraça pouca é *bobage*,
Quem perde não tem *rezão*;
Quem *quize findá in paz*,
Não bote *nêgo em fonção*.

(De Baturité (Ceará))

São sete meninas,
São *sete* fulô...
São sete embigadas
Certeiras que eu dou.

(Parahyba)

Vou-me embora, vou-me embora
P'ra detraz daquela serra;
Levo o coração dorido
Com saudade desta terra.

Vou-me embora, vou-me embora
Amanhã de tardesinha,
Mas meu coração não vai
Fica na mão da visinha.

Vou-me embora, vou-me embora
Segunda-feira que vem,
Quem não me conhece chora
Que fará quem me quer bem?

Vou-me embora, vou-me embora...
E' mentira, não vou não ;
Pois se um dia eu fôr-me embora,
Deixarei meu coração.

Vou-me embora, vou-me embora
Tão cedo não venho cá ;
Que não me conhece chora,
Quanto mais dona Yayá.

Seu Matheus corte essa corda,
Que esse porco não é seu ;
Quando eu sahir desta terra
Totoinha vai mais eu.

Quem mora na terra alheia
Nunca vive satisfeito :
—Se faz mal, sóffre castigo,
Se faz bem, não é bem feito.

Menina da saia branca,
Do colete de veludo,
Se teu pae é muito pobre,
Teu colete paga tudo,

Menininha bonitinha,
Tira essa rosa encarnada,
Porque te acho mais bonita
E ella murcha, despeitada.

Quem tem carneiro, tem lã,
Quem tem porco tem presunto;
Não me caso com viuva
Que é sobejo de defunto.

A garça poz o pé n'agua
E o bico para *bebê*;
Não quero que ninguem saiba
Que meu amor é você.

Fui eu que cortei o pau,
Fui eu quem fez a gamella...
Fui eu que furtei a moça,
Meu mano casou com ella.

Moreninha não te cases,
Não deixes a bôa vida;
Eu ja vi uma casáda
Chorando de arrependida. ⁽¹⁹⁴⁾

C Ô C O S

(Parahyba)

Macaco no matto
Não tem que fazê
Trepado no pau
Comendo dendê.

(194) Algumas destas quadras foram das notas de J. Carneiro Monteiro, que as assignalou como da lavra do poeta parahybano Nacre, auctor dos «Fuloreios».

Os cabellino della — pisa pilão.
 Foram bem avaliado — pisa pilão.
 Cada cacho 100\$000 — pisa pilão.
 Cada cabelo um cruzado — pisa pilão.

Olha os pesinho d'ella — sabiá gongá...
 Como sapateia — sabiá gongá...
 Como dansa bem — sabiá gongá...
 Etc., etc...⁽¹⁹⁵⁾

—
 Tenho uma faca,
 Uma pistola, uma reuna,
 Quando o nêgo se arrepuna
 Na porteira do currá.

Meu bandolim — lêlê
 Meu bandolim — lálá
 Meu bandolim — lêlê
 Meu bandolim — quá... quero o quê.

—
 Dá-lhe, sim, dou, lêlê, sim dou...
 Dá-lhe, sim, dou, lálá, sim dou...
 Vou-me embora, vou-me embora, sim dou...
 Segunda-feira que vem, sim dou...
 Quem não me conhece chora, sim dou,
 Quanto mais quem me quer bem. Sim dou!...

—
 Os côcos começaram nos engenhos de fabricar assucar. Passaram para as praias e vão entrando nos salões. E' uma dança innocente: reu-

(195) Estas estrophes dos «côcos» obedecem ao rythmo do zabumba e do ganzá; pelo que parecem de poeta futurista.

nem-se moças e rapazes, formando uma grande roda, sahindo cada figura por sua vez, a dançar na roda, cantando, batendo palmas, em rojão binario, ao toque de tambores e ganzás.

CAVALLOS

(As qualidades dos cavallos pelas côres)

Cavallo alazão rosilho
E tubiba de aroeira,⁽¹⁹⁶⁾
O diabo que o queira.

Cavallo alazão
Deixa o dono
Com o estribo na mão.

Cavallo castanho sem signal nenhum é bom.
Cavallo que bom fôr
Não tem signal nem côr.

Cavallo castanho escuro
Pisa no molle, pisa no duro,
Carrega o dono seguro.

DESAFIO

Entre Manuel da Bernarda e o negro Rio Preto, na fazenda Floresta do major Antonio Lucas, de Inhamuns.

(196) E' uma qualidade de abelha muito arisca.

(Fragmento)

(Ceará)

Eu fui a uma novena
Lá na fazenda Floresta,
O major Antonio Lucas
Convidou-me para a festa.

E fui e lhe arrespondi
Que lá não podia ir,
Que andava na terra alheia
E não tinha o que vestir.

Mandou-me maca de roupa,
Cavallo para eu ir,
Dinheiro para a viagem,
E escravo pr'a me servir.

Diz Manuel da Bernarda :

Fui a casa do ferreiro
Ver enxada e cavadô,
P'ra tapar o Rio Preto,
Deixal-o sem sangradô.

Resposta do Negro :

Se tapar o Rio Preto,
Faça a parede segura,
Que no lugar mais estreito
Tem cem braças de largura

Manuel da Bernarda, depois de cantar toda a noite, viu que Rio Preto tinha os pés de pato; então cantou para afugental-o:

«Senhora dona da casa,
Abra a porta, accenda a luz;
Estamos com o cão em casa,
Resemos o credo em cruz».⁽¹⁹⁷⁾

P E L E J A

DE BEMTEVI COM MADAPOLÃO

Bemtivi

Eu estando em Campina Rasa
Me chegou um portador,
Um filho de um coronel,
Era este moço inspector...
Bemtivi vim lhe chamar,
Meu pai foi quem me mandou.

Moço, estou as suas ordens.
Seguimos logo a caminho,
Eu commigo ia pensando
Que será do passarinho?

Fomos chegando na casa
Ouvi lapadas em vozes;
Era um preto bem moreno
Dando lapadas ferozes.

Aqui eu fui me apeando...
Botaram a ceia eu ceei...
Me deram uma viola,
Fui aos bordões, afinei.
Ao cabo de tudo isto,
Metti os dedos, toquei.

(197) E' lenda que o negro tugiou como por encanto, fedendo a enxofre queimado.

Madapolão

O batuque está fechado,
 Quem diz é Madapolão:
 Eu ti suspendo no ar,
 Tres dias não vaes ao chão.

Bemtivi

Meu velho Madapolão,
 Meu velho não faça isto.
 Que nós, pegando irmanados,
 Fazemos melhor serviço.

Madapolão

Bemtivi, eu com você
 Não quero accomodaçãõ,⁽¹⁹⁸⁾
 Só quero é deixar-te o corpo
 Como renda em papelão.⁽¹⁹⁹⁾

Bemtivi

Você para fazer isto
 Perde o salto e a carreira,
 Com homem que tem character
 Negro não póde, é asneira

Madapolão

Bemtivi olhe para mim:
 Me chamam Madapolão,
 Arranco-te as pennas todas,
 Não te deixo um só canhão.

(198) Accommodação : accordo, reconciliação.

(199) Papelão : modelo feito em papelão com pequenos furos de alfinete, para servir na fabricação da renda de almofada.

Bemtivi

P'ra isso não vejo homem,
 Meu velho Madapolão,
 Vejo aqui um negro preto,
 Mais preto do que carvão.

Madapolão

No alicerce tem pedra,
 E na parede tijollo,
 Se mando a mão, vejo a queda,
 Se mando o pé, vejo o rôlo.
 Na ponta da lingua eu trago
 Noventa mil desaforos.

.....

Bemtivi, boles commigo,
Bolisses com o tigre macho:
 Eu urro em cima da serra
 Estremece o lagedo em baixo.
 Caçador que anda caçando,
 Fica tonto e perde o facho.

Bemtivi

Si tu bolires commigo,
Bolisses com uma piranha
 Fecho dente no cangote
 Abro fistula nas entranhas.

Madapolão

Bemtivi boles commigo.
Bolisses com cascavel,
 Toro beijo, aparo lingua,
 Quebro braço, aleijo pé.

Dou talhos de legua e meia
Dou baques de estourar fé.

Bemtivi

Eu sou a tyranna boia,
Bezouro do Piauhy,
A maior graça que eu faça
Não é p'ra negro sorrir...
Sello meu corpo para traz
Mando a mão, vejo cahir.

Madapolão

E' verdade, Bemtivi,
Que tu és bom cantador,
Mas é se tu me disseres
A maré com quem casou.

Bemtivi

A maré casou com o mangue,
O mangue casou com o cisco,
A mulher casou com o homem,
O homem com seu serviço.

Madapolão

E' verdade, Bemtivi,
Que como tu não ha outro...
Quaes são os passaros do mundo
Que tem o bico revoltó.

Bemtivi

E' papagaio e jandaia,
Periquito e maracanã,
E' arara e canindé,

A malvada da cauhã.
E todos são passaros nobres
Que só cantam de manhã.

Madapolão

E' verdade. Bemtivi,
O teu cantar tem despacho;
Mas é se tu me disseres
Que carne eu como de um *passo*.

Bemtivi

Come pés, pernas e coixa,
PESCOÇO, encontro e titella,
Sobrecú, aza e espinhaço,
Coração, figo e moella.

Madapolão

E' verdade, Bemtivi,
Que o teu cantar tem talento;
Mas é se tu me disseres
O que se criou com o vento.

Bemtivi

Este bicho é muito feio,
Tem um grande rabalhão,
Serra do rabo a cabeça
E se chama camaleão...
Mora no olho dos páos,
Toma fresca no sertão.

Madapolão

Bemtivi tu me responde
O que te vou perguntar:

O que é que os olhos vêm
Que a mão não pode pegar.

Bemtivi

São tantas tuas perguntas,
Que por uma a outra passa,
Ou é o sol ou a lua,
Ou fogo, ou neve, ou fumaça.

.

Meu velho você responda
Uma pergunta tão besta:
Quem tem as mãos na barriga
E tem o fato na cabeça?

Madapolão

A tua pergunta é dura
De um poeta *advinhá*,
Ou é a lesma de páo,
Ou carangueijo ou *aruá*.

Bemtivi

Esse bicho mora n'agua
Bem em cima do torrão,
Engancha-se na tarrafa
Dá um grande trabalhão;
Tem esporão na cabeça
Châma-se elle camarão.

Meu velho Madapolão
Ainda te vou perguntar
O que é que ha no mundo
Que anda por terra e por mar,
Tudo come e nada bebe,
Tem medo de se afogar.

Madapolão

Bemtivi, tua pergunta
 Eu não a sei explicar:
 Pode sér homem ou barcaça
 Que anda nas costas do mar.

Bemtivi

Meu velho Madapolão,
 Não pareces cantador,
 E' um bicho muito quente
 Que Deus no mundo deixou
 Tudo come nada bebe,
 Cahiu n'agua... se apagou.

 RIMAS EM "INHA"

(Parahyba)

Eu já dei uma carreira,
 Ella foi pequenininha:
 Eu sahi de Matta Limpa,
 Fui bater em Lagoinha.
 A graça é eu lhe contar
 Carregado como eu vinha:
 Com dez alqueires de sal,
 Dez alqueires de farinha,
 Quatrocentas rapaduras,
 Dois *mieiros* de tainha
 Para fazer um debique⁽²⁰⁰⁾
 Só emquanto o almoço vinha.

(200) Debique: neste sentido aqui empregado quer dizer pequena refeição. Também significa acinte.

A. B. C.

DE JESUINO BRILHANTE ⁽²⁰¹⁾

(Rio Grande do Norte — 1877)

A

Agora com geral *celicia*,
 Todos na sociedade,
 Quando chegou a noticia:
 Jesuino na cidade,
 Eram todos a dizer:
 Por certo ha novidade.

B

Bastante fiquei veixado,
 Me levantei fui olhando,
 Era o senhor Jesuino,
 Sua escolta acompanhando,
 Bem vestido e bem montado,
 Pela rua foi passando.

C

Com grande sinceridade
 Pela rua navegou,
 E, encontrando um sujeito,
 Por Porphirio perguntou...
 Com quem tinha algum negocio,
 Sua casa procurou.

(201) Jesuino Brilhante, celebre cangaceiro dos sertões do norte. Nasceu no Rio Grande do Norte, e foi morto em um diligencia policial pelo soldado Preto Limão, n'aquelle Estado. Era um criminoso «sui generis» pela coragem e por muitos actos de nobreza.

D

Dignamente chegando
Na porta logo esbarrou,
Salvando a D. Luzia,
Que o Porphirio não achou;
Respondeu e disse a ella
De mim não tenha pavô...

E

Então, Senhor Jesuino,
Presumindo o que deseja,
Tinha mandado comprar
Vinho, genebra e cerveja;
Embora o seu portador
Violento homem seja.

F

Foi um caso admiravel,
Esse agora que vos digo.
Todo o povo da cidade
Geralmente reunido;
Que todos desejavam ver
Jesuino no perigo.

G

Gritava com presumpção
O commandante da armada;
Para o senhor Jesuino
Temos mortalha cortada,
Temos algemas de ferro,
Gargalheira preparada.

H

Há um negocio importante
Que me trouxe aqui agora ;
Como não achei Porfirio,
Me retiro, vou-me embora.
Ficará p'ra outro dia,
Se encontral-o por fóra.

I

Idéa não fez o homem,
Que estava descuidado,
Quando chegou a noticia:
O senhor é atacado,
A tropa está reunida,
O senhor já é cercado.

J

Já eu sei, D. Luiza,
Que o Porfirio não está,
Mas emquanto não beber
Não posso me arretirar.
—Já mandei um portador,
Elle pouco ha de tardar.

K

Kalendario de distrurbio
Hoje aqui ha de se ver,
Si me vierem cercar
Muita gente ha de soffrer,
Os que mais me arrojarem
Hão de chorar e gemer.

L

Levante-se d. Luzia,
Sem beber não me retiro,
Somos todos cangaceiros,
Bem podemos dar uns tiros.
Se me vierem cercar
Verão o que nunca viram.

M

Mansamente respondeu
O Senhor Antonio do O':
Si me vierem cercar
Meu patrão não fica só.
E tal seja o meu destino,
Que farei botarem dó.

N

Nesta mente estamos todos,
Respondeu o João Delgado,
Commigo contem por certo
Contra qualquer empregado.
Ao depois que der uns tiros,
Então serei retirado.

O

Oh! que barulho como este
No Martins⁽²⁰²⁾ nunca se deu,
Muita vontade perdida,
Muita gente gloria deu
Desta batalha tão forte
Que Jesuino venceu.

(202) Cidade do Rio Grande do Norte.

P

Por certo gritou: o rôlo
Que neste dia se deu,
Pelo sub-delegado
Todo o mal se procedeu,
Que o Alferes sem desejo,
Constrangido commetteu.

Q

Quem será teu defensor
Nesta serra do Martins?
Não podes contar victoria,
Brevemente terás fim.
Pouco terá que viver
Quem a ti não vir o fim.

R

Ralhando com presumpção
Jesuino sem temor:
«Tenha sentido no cerco,
Que eu brevemente me vou,
Não posso ficar aqui,
Que eu desta terra não sou».

S

Sahiram todos do cerco
Livre e salvo de perigo,
Deus lhe concedeu a victoria,
Pois não mereceu castigo.
Voltaram os empregados
Fortemente constrangidos.

T

Todos romperam o cerco
Sem temor e sem demora,
Jesuino repetindo:
«Stá chegada a minha hora,
Tenha sentido no cerco
Que a boiada vai se embora»!

U.

Unidos ficaram todos
Com muito bôa união.
O povo ficou dizendo:
Lá se foram, lá se vão.
Voltaram os empregados
Mal servidos, sem razão.

V

Voltaram os combatentes,
Indo o alferes baleado,
E o Juiz Municipal
Com um braço bem cravado;
Os mais, dizem que gemiam
Lastimando o seu estado.

X

Xorando ficaram muitos
Sem ter remedio que dar,
Bem empregado te seja,
Quem mandou tu ires lá?
Jesuino e sua gente
Nunca te fizeram mal.

Z

Zombando foi Jesuino
 Pabulando a sua historia,
 O alferes João Francisco
 Com tristeza foi embora,
 Chegando no Rio Grande
 Já deu baixa sem demora.

O til é letra do fim,
 Vai-se embora o navegante,
 Me procure quem quizer,
 Cada hora e cada instante.
 Me acharão sempre ás ordens:
 Jesuino Alves Brillhante.

A. B. C. (203)

(Ceará)

A letra A quer dizer amor perfeito,
 A letra B quer dizer bôa esperança,
 A letra C quer dizer sê cuidadosa,
 A letra D Deus te traga bem formosa.

A letra E quer dizer: ella dizia,
 A letra F quer dizer: felicidade,
 A letra G quer dizer: guarda segredo,
 A letra H hoje mesmo tenho medo.

(203) Este genero poetico é usado nos Açores; Portugal, tal qual se usa entre nós. (Leia-se o citado «Cancioneiro», de Theophilo Braga—Ed. de 1911, pag. 456 e seg.).

A lettra I quer dizer: idade pouca,
A lettra J quer dizer: jurei ser firme,
A lettra K quer dizer: cahiu macia.
A lettra L lembra-te de mim um dia.

A lettra M quer dizer: minha querida,
A lettra N quer dizer: não sou ditoso,
A lettra O quer dizer: oh! linda e bella,
A lettra P para mim es olhos della.

A lettra Q quer dizer: quando veremos?
A lettra R quer dizer: ramos de flores,
A lettra S quer dizer: saudade forte,
A lettra T tenho fé até a morte.

A lettra U quer dizer: uma esperança,
A lettra V quer dizer: vivemos bem,
A lettra X quer dizer: chorei de dores.
A lettra Z zelo sempre os meus amores.

FOGE POVO DO SERTÃO

(Desafio entre Nogueira e Nicandro)

Nogueira

Oh meu amigo Nicandro,
Na arte somos irmão...
Vamos fallar neste assumpto:
«Foge povo do sertão».
Vamos ver que diz a sorte,
Vamos ver quem tem razão.

Nicandro

Nogueira, meu velho mestre,
Rompa que eu lhe acompanho,

Dê talho como quizer
Quê dou do mesmo tamanho...
Se assuba na laranjeira,
Bote no chão, que eu apanho.

Nogueira

E'-me preciso mudar
Da terra em que vivo e móro,
Terra que eu amo e adóro
A minha patria natal.
Magino na beira mar,
Me entristece o coração,
Lagadiço, lameirão;
Mas a fome não é pêca
Nesta grande e horrivel secca,
«Foge povo do sertão».

Nicandro

O homem a quem Deus mandou
Fazenda p'ra se remir,
Ainda pode resistir;
Mas, um pobre como eu,
Socorrei um filho teu,
Oh! mãe de Consolação,
Dai-nos chuva, dai-nos pão,
Que o mundo está em desgraça,
Morre e se acaba a raça.
«Foge povo do sertão».

Nogueira

Meu sertão é muito amavel,
Seu clima é muito sadio,
Ora calor, ora frio,
E um ar muito saudavel;

Mas nessa secca implacavel
 Todos façam sua acção,
 De alpragata ou pé no chão,
 Arrume sua malóta,
 Que o mundo está em derrota...
 «Foge povo do sertão».

Nicandro

Só se ouve cantar cáuan,
 Não se vê um só preá,
 Mocó, tatú, tamanduá,
 Aza-branca, *arribaçã*,
 Cordoniz, maracanã,
 Pato, socó e carão,
 Para onde foram? Onde estão?
 Só se vê no Pajehú
 Mosquito, mosca, urubú...
 «Foge povo do sertão».

Nogueira

Já mudou-se a zabelê,
 Arará, cauã e cordoniz
 O nambú e a perdiz,
 O frecha-peixe, gonguê,
 Passos que aqui não se vê,
 A marreca, o mergulhão,
 Patori e potrião,
 Só se ouve no Cariri
 A cigarra, o vento zuni!...
 «Foge povo do sertão».

Nicandro

Já mudou-se a jurity,
 O coneriz e o sanhassú
 A rola jucurutú,

Rolinha fogo-apagou,
 O canario, o beija-flor,
 O chéchéu, o serrador,
 O rouxinol, o gavião,
 Que é das outras aves fêra;
 Quem vê isto o que é que espera?
 «Foge povo do sertão».

Nogueira

Os insectos e os animaes
 Mudam-se mortos de fome,
 São exemplos para os home,
 P'ros quadrupes e vegetaes...
 Que produz o frio chão,
 Porém nesta sequidão
 Tudo tem de se acabar,
 Procuremos a beira-mar...
 «Foge povo do sertão».

Nicandro

Xique-xique, mucunã,
 Raiz de pau ou calé,
 Feijão brabo, catolé,
 Macambira, embiratan,
 Do pão pedra a bariman,
 A maniçoba, o murrão,
 A parreira, o gordião,
 Comendo isso todo dia,
 Incha, causa hydropisia...
 «Foge povo do sertão».

Nogueira

A fome foi tão canina
 Que se mais saber tu queres,
 No Pombal duas mulheres

Comeram uma menina.
No centro da Therezina...
Comiam raposa e cão,
Burro, urubú, gavião,
Lagartixa, cobra e gia.
Que fome esta não seria?
«Foge povo do sertão.

Nicandro

Juro que meu coração
Ficou muito commovido
Ao saber que foi comido
Por christão outro christão.
Gritava soccorro, em vão,
Pobre menina pegada,
Dentro de um quarto trancada;
Taparo a bocca lá d'ella,
Sem dó empurraram na goela
Aguda faca amolada...

Nogueira

Como o sol não escureceu,
Nem seccou o oceano
Quando o fero dente humano
A carne humana comeu?!
Arrepiou-se *Thereu*
A ponto de endoudecer,
Temendo outra vez não ver
Occasião como aquella
Em que a esposa Philomela
Deu-lhe os filhos a comer.

Nicandro

Marchemos a encarar
30 mil epidemias:

Frialdade, hydropisias,
 Que ninguem pode escapar...
 O Deus do sul é o Deus de cá,
 Deus de nosso pae Adão,
 Deus de Isaac, Deus de Abrahão,
 Deus que o mundo *alumeia*,
 Corramos que a morte é feia...
 «Foge povo do sertão».

Nogueira

Eu dou este parecer
 A quem o quizer tomar,
 A quem o melhor pensar,
 A quem melhor entender:
 Não se pode mais viver
 Na terra que não ha pão...
 Perdôe a minha expressão;
 Mas se o homem ha de furtar,
 Melhor será se mudar.
 «Foge povo do sertão».

Nicandro

Os que para a matta vão
 Morrem de epidemia,
 Soffrem fome todo o dia,
 Os que ficam no sertão
 Neste valle de afflicção!
 Vai o sertão ficar vago...
 Porque se dão essas cousas
 Por ver que alguns se tornaram,
 Mais que selvagens, ficaram
 Peior que antropofágo

Nogueira

O que é dos cangaceiros
 Que dominavam o Teixeira?

Deu-lhe a fome uma carreira,
Foram esbarrar no lameiro.
Que dê homem de dinheiro
Que ralhava no sertão?
Que é feito do valentão
Que cevava o guarda-costa?
Vive tudo com as mãos posta
Dizendo oh! Deus, dai-me pão.

Nicandro

A tubiba, a jandahira,
Moça-branca, mandury,
Cabeça-branca, jaty,
Sanharó e tatahyra,
Mumbuca, uruçú, cupira,
O zangado mangangá,
O valente aripuá,
O venenoso capuchú,
Canudo, pimenta, enxú,
Para semente não há. ⁽²⁰⁴⁾

Nogueira

O mocó, o caetetú
Com grande abundancia havia,
Tamanduá, preá, cutia,
Veado, paca, tatú,
Queixada, muito jacú;
Mas hoje quem fôr *caçá*
Só rapoza ha de encontrar
E tambem a deshumana,
Da tigre sussuarana
Que ainda não quiz se mudar.

(204) São qualidades de abelhas.

Nicandro

Oh! meu Deus grande é o peccado
 Deste povo que é teu,
 Morto a fome, como eu,
 Sujo, nú e esfarrapado,
 Em casa nem um roçado,
 Não se vê, nem se acha pão,
 Nem mesmo no duro chão,
 Raiz de pão ou semente...
 Morre e se acaba a gente...
 «Foge povo do sertão».

Nogueira

Com razão, pae, te *aflagelas*,
 Não teres trajas decentes
 Que cubra a carne innocente
 De tuas filhas donzelas...
 Semi-núas, sahem ellas,
 Com a vista baixa, no chão,
 Se escondendo entre as mais, vão,
 As lagrimas dos olhos descendo,
 A quem encontram dizendo:
 «Foge povo do sertão».

Nicandro

Neste aperto de amargura,
 Não temos o que fazer,
 Só Maria Virgem pura
 E' quem nos pode valer.
 Nós devemos recorrer
 A'quelle immenso Jesus,
 Que por nós morreu na cruz.
 Elle yá em nossa guia,
 Nos livre da epidemia
 Para sempre, amem, Jesus.

Nogueira

Tambem muito senti eu
Quando soube que um visinho
Tinha comido um poldrinho
De uma egua que móveu.
Mas sentir faz quem morreu
Com fome no matto nú,
Cavando raiz de imbú.
Olhe como não ficaram
Seus filhos quando o encontraram
Comido dos urubú.

Nicandro

Foi-se a abelha, foi-se a caça...
A quem tem, se pede, nega...
Não ha seiva, não ha rega,
Não sei como o pobre passa,
De *cabrum* ha pouca raça,
Uma gallinha não ha
Como o povo viverá?
E na terra os animaes?
Mas, Deus sabe o que faz.
Deus o remédio dará!...

A. B. C. DOS MACACOS

(Crato — Ceará)

A

Agora eu quero contar
Uma historia bem notavel,
Um successo admiravel
Que custa se acreditar.

Todos podem affirmar
Que commigo se passou,
Muita gente observou
Os que eram meus visinhos,
Quando ouviram borborinhos,
Quando o cavallo chegou.

B

Botando eu um roçado,
Logo meu milho plantei;
Mas d'elle não me lucrei,
Nem para comer assado,
Pois logo foi visitado
Antes de amadurecer,
Pois não tinha o que roer:
Cahiram dentro os macacos,
Mas não tive o que fazer.

C

Com effeito, quando vi
O milho todo quebrado,
De pena fiquei passado,
Não sei como não morri:
De dentro logo sahi,
Com paixão cerrei o peito,
Mas não achei ser defeito,
Antes senti ser regalo:
Soltei dentro meu cavallo,
E fiquei mais satisfeito.

D

Deliberei-me a soltar,
Como de facto soltei,
Com gosto recommendei:
Come logo a vos fartar.

Depois do cavallo estar
Muito farto, em demasia,
Com isto se deitaria
Para tomar um alento:
Logo no mesmo momento
Chegou a macacaria.

E

Estava o pobre deitado
Para um pouco descansar,
Sem em nada imaginar.
Bem fora de seu cuidado.
Tinham os macacos chegado,
A elle estavam revendo,
O macaco velho dizendo:
(Por não ver elle bolir)
Morreu este diabo aqui:
Ao depois está fedendo.

F

Fala o macaco Jacob
Que dos outras era *rêis*:
Vamos todos d'uma vez
Ao matto tirar cipós,
P'ra amarrar-lhe os mocótós
Para poder se arrastar.
Tiremos deste logar
Que arruinando dá mau cheiro,
Vamos botar no aceiro.
Que aqui não pode ficar.

G

Ganharam os macacos o matto
Tirando immensos cipós,
Deram todos a Jacob,

Ficaram p'r'alli aos saltos.
Diz Jacob, que é mais exacto:
Deixemos de caçoada,
Amarra, rapaziada,
Vamos fazer o serviço,
E' bom acabar com isso,
Que já é de madrugada.

H

Hera o cavallo por morto,
Que com os pés nem mãos bolia,
Os macacos na folia
Saltaram n'elle um e outro.
O cavallo com conforto,
Com sustento de verdura,
Porém como nada dura
E quem deve ha de pagar,
Jacob mandou amarrar
Os cipós pela cintura.

I

Inventaram essa illusão,
Sem em nada imaginar,
Trataram de se amarrar
Com as suas proprias mãos.
Nesta mesma occasião
O cavallo se acordou,
Porém apenas olhou
Sentiu que amarrado estava
E tanto diabo puchava,
Que depressa se espantou.

J

Juntamente vem consigo,
Porém não de gente viva,

Eram, sim, seus inimigos;
Conhecendo estes perigos
Para a casa se guiou.
Considerou-se perdido,
Só lhe veio no sentido
Valer-se de seu senhô.

L

Logo que os macacos viram
Esta espantosa mudança,
Com muita humilde rogança
Ao bom cavallo pediram.
Mesmo sem querer seguiram,
Todos diziam assim:
Nós te daremos capim,
Não nos leva ao teu senhor,
Que elle é muito trahidor:
A todos nós dará fim.

M

Meu cavallo, olha, tem mão,
Espera, tem paciencia,
Tem dó de nossa innocencia,
Vamos conversar, irmão.
Nós te daremos ração,
Damos agua ao meio dia;
Não nos faça tyrannia,
Não nos leve ao teu senbor;
Que elle é muito trahidor.
Acaba com a nossa *famia*.

N

Não nos queira dar a morte,
Meu cavallo nobre, honrado,

Que nós não somos culpado,
De soffrer chammas tão forte.
Será a nossa infeliz sorte
Nos acabar d'uma vez.
Vós querendo, bem podeis
Ceder nossa liberdade,
Usares de caridade
Ao menos por essa vez.

O

Oh! que bruto endurecido,
Que não nos attende ao clamor,
A nós trata com rigor,
Como um enfurecido.
Certo é que estamos perdidos,
Não temos mais um desvelo,
Só sim temos é flagello,
Seremos mortos a cutelo.

P

Pedir-se a esse tyranno
E' soltar palavra ao vento,
Porque o seu pensamento,
E' malvado, é deshumano.
E' disposto a fazer damno,
E amante da discordia,
Não tem paz, não tem concórdia,
E' um sangue de cortiço,
Que a ninguem faz beneficio
E não tem misericórdia.

Q

Quando o cavallo isso ouvia,
Esse bradar de um lamento,

Crescia no assombramento,
Inda mais veloz corria.
Mas, correndo assim dizia:
A vós não posso valer,
Nem mesmo vos proteger,
Tão afflicto como estou.
Em casa de meu senhor
E' que podeis obter.

R

Responderam os macacos,
Nós de vós não temos queixa.
Só sentimos muita reixa ⁽²⁰⁵⁾
De meu pae, de meus padrinhos,
Diziam assim os netinhos:
A causa disto é vovô,
Porque elle nos mandou
Teus pés e mão amarrar,
E agora vamos pagar
Com ancias, pennas e dôr.

S

Se tu, meu cavallo nobre,
Queres ter um bom amigo,
Nos terás sem mais perigo.
As nossas faltas encobre.
Tu para que nos descobre!...
Certo é que estamos perdidos,
Outro recurso não ha,
Hoje é que vamos pagar
O milho que temos comido.

(205) Rixa. O povo emprega reixa.

T

Todos nós vamos morrer
Porque és um trahidor,
E's um cruel malfeitor
Que nada queres ceder.
Amigos, é bom dizer,
Que me parece ser perto,
Que estamos descobertos,
Enfinca a unha no chão
Do dedo grande da mão,
Que temos a morte por certo.

U

Um tormento tão cruel,
Que o que vamos passar,
Que razão não se ha de ter,
Por causa deste infiel!
A bocca amarga-me a fél,
A carne já me estremece,
O coração esmorece,
O juizo vai-se embora,
Por saber que nesta hora
Nossa vida desaparece.

V

Vão as horas completando,
Dos nossos padecimentos,
Que são rigores, tormentos,
Que já estão preparando,
Vamos o mundo deixando;
Perdendo nossa alegria,
Morre pai, e morre mãe,
Morre neto e morre filha,
Tendo de se acabar por certo.
Uma tão nobre familia,

X

Xiu! ⁽²⁰⁶⁾ cavallo! olha! tem mão,
E' o derradeiro pedido:
Se nós formos attendidos
Muito havemos de prestar.
Com a nossa gratidão
Em todo regulamento,
Que eu sempre tive talento,
E tenho sido respeitado,
E hoje me vejo accusado
Com o nome de ladrão.

Z

Zelação do céu te parta,
Cavallo velho malvado,
Já que sois um desgraçado
Todos pedidos em vão;
Sois amante da desgraça,
Olha que fui respeitado,
E hoje me vejo accusado
Com o nome de ladrão.

A. B. C. DO FRADE

(Ceará)

A

A' dez annos haverá meu doce emprego
Que no teu a-b-c tenho estudado,
Sem fazer uma só lettra porque cego
Não cuidei que o tempo a mim era chegado.

(206) Xiu! interjeição que se emprega para fazer o cavallo parar.

Ainda que tarde navego
 Farei um a-b-c bem mal talhado
 Começando pelo que amor ordena.
 Em matéria de amor borrão de penna.

.

Amanheceu a aurora aquelle dia
 Que a quatorze de março se contava,
 Mais tarde do que nunca, porque viam,
 Que no ar de uma negra sombra se turvava,
 Aves nos ninhos inda dormiam,
 Abelhas nos cortiços já roncavam,
 Porque ver não queriam minhas maguas
 Aves, Abêlhas, Aurora, Ares e Agua.

B

Balas eram os meus ais com que feriam-me
 A brenha e o bosque maltratados;
 Toda a brenha do bosque estremecia
 Por não chegar taes madrugadas.
 Bomba d'agua de meu peito despedia.
 Os buracos de meus olhos congelava-me
 Parecendo-me então a triste sala
 Brenha, Bosque, Buraco, Bomba e Bala.

C

Cahi logo na cama amortecido,
 Buscando pelo catre esta figura.
 Pena van só topei de um bem perdido
 Nesta funebre casa tão escura.
 A candeia apaguei-a de um suspiro,
 Ficando-me o caixão qual pedra dura.
 Gritei: ai quem me acode, que me abraza
 Cama, Catre, Caixão, Candeia e Casa.

D

Doçura de meus braços... que pirata
Me roubou de um peito amante,
Fina, mais fina do que a prata?
Porque sendo de meu centro amor volante,
De dia despertou a sorte ingrata.
A noite roubou um falso amante,
Só para que eu não tivesse nesta cama
Doçura, Diamante, Dia e Dama.

E

Espera, encosta, encalha esta barquinha
Que tão ligeira caminha pelos mares.
Se levas uma esperança que caminha
Deixa uma esperança de tornares.
Olha que o claro dia se avisinha,
Espelho que ha de ser dos meus pezares,
Vem tu pois para mim, que te procuro,
Esperança, Estendida, Espelho, Escuro.

F

Frija o fogo em meu peito amor tyranno.
Porque sendo fuzil de pedra esta firmeza,
O incêndio accendeu para meu damno
No luzido farol desta belleza.
Facho de palha foi meu triste engano,
Apagando com o vento da tristeza,
Porque sendo incenso em ti não acho
Fogo, Farol, Fuzil, Faisca e Facho.

G

Grande gloria perdi perdendo a gloria,
Que por graça me deu a tua graça,
Tragedia foi o gosto desta historia

Cuja gala cortou fortuna escassa.
 Não quero mais governo que a memoria
 Somente em cuidar quão ligeiro um bem se passa
 Riscando para sempre de teu rosto
 Graça, Gloria, Governo, Gala e Gosto.

H

Hospedei-te em meus braços docemente,
 Quiz honrar-te, impediu-me o cruel fado.
 Curei-te quando estavas mais doente,
 Humilde a teus pés sempre prostado.
 Soffri murmuração sempre contente
 Só para não chegar a dar-te um só cuidado,
 Entraste e sahiste fementida...
 Hontem, Hospede, Humilde, Hoje, Homicida.

I

Inda hontem vi ires navegando,
 Idolo de minha alma, imagem rara.
 Parece-me mil annos que penando
 A soffrer mil infernos acabára.
 Illusões meus discursos iam formando.
 Indicio foi de pena eterna para mim,
 Só me deixaste em casa essa riqueza:
 Illusão, Imaginação, Inferno e Indicio.

L

Lerás dentro em mim meus sentimentos,
 Que escondidos em minha alma então ficaram.
 Terás largas lamentações e largos ventos,
 Qual os navegantes não toparam.
 Deixaste nos livros dos assentos,
 Cobrando só por lutos que deixaram
 Largas lamentações e largos ventos.

M

Maré morta buscaste não querendo
Esperar de meus olhos agua viva.
Maré e mar foste soffrendo
Nas vigorosas ondas fugitivas.
Se o mundo vais correr, não vás correndo,
Que aqui fica um bem que aqui te priva,
Acharás na pobreza desta capa
Maré, Maltratagem, Mundo e Mappa.

N

Não nova te darei em que navegues
Segura de topares ventos escassos,
Ainda que tarde chegues sempre chegas;
Sendo vellas meus ais e remos meus braços,
Vinde pois a meu lado sem estorvo,
Náo, Navegação, Navio Novo.

O

Onde estás que não vês este oriente?
Qual ouro para ti está guardado?
Não estimes tão pouco no presente
Que ainda te posso ser prestavel.
Oraculo do amôr tão excellente
Que da inveja de muitos era chorado,
Serei para ti sem ser thesouro
Oraculo, Oriente, Orvalho e Ouro.

P

Perdi as esperanças de mais ver-te,
Sem que perdesse a mesma de adorar-te.
Paixão grande teria se perdesse

A minha comtigo em adorar-te
 Ainda posso soffrer por mar e terra
 Pena, Paixão, Pranto e Pezar.

Q

Querer te abusar é cousa dura,
 Queixar-me contra ti razão não tenho,
 Quebrantarei uma fé, maior loucura,
 Opponho-me a razão valente empenho.
 Até quando ha de durar esta amargura?
 Quando hei deprehender o desempenho?
 Juro de não te ver mais se assim tú queres
 Queixoso quebrantarei se tú quizeres.

R

Retrato que nesta terra appareceu
 O qual ramo cortado disse *a caste*
 Pois como raiz mais não tiveste
 Que até o rasto me apagaste.
 Só me resta dos damnos que fizeste,
 Raio ligeiro te mostraste,
 Não deixando se quer para teu trato
 Rasto, Rama, Raiz, Resto, Retrato.

S

Soffro após saudades na memoria,
 Que memoria não teve do futuro.
 Saibam pois a vontade transitoria
 Que para cegueira é mal segura.
 Altos entendimentos sem victoria
 Soffrer aquellas mãos assim tão puras,
 Sendo eu um despojo em solidade
 Silencio, Soffrimentos, Somno, Saudade.

T

Toca tua marcha que já me animas,
Termos ambos iguaes no pensamento,
Pois não tem outra corda mais que a prima,
Que n'ella toca-se a recolher esse instrumento.
Escolhi por primeira entre a sina
Pois tive sempre e sempre com estima,
Vem cahir sobre mim, troveja guerra,
Toques, Tambores, Trombeta e trema a Terra.

V

Viva quem pode mais a patria doce,
Praza a Deus quem em perder-te perca a palma,
A quem fôra a vizão que ver te fôra,
O vapor que este mar puzera em calma...
Levaste ao mesmo vento que te trouxe.
Adeus, andorinha de minha alma,
Faz de conta que eu não sou do teu contento,
Visão, Vapor, Viagem, Vella e Vento.

X

Xaque foi da fortuna minha estrella
Que deste pulo me não deixa,
Xatriz acharás lá para *ruêla*,
Xiffres afinados para queixa,
Melhor fôra tal seringa não bebel-a,
Sendo tú a causa desta reixa.
Eu te affirmo que agora melhor topes
Xaque, *Xiffre*, *Xiringas*, e *Xarope*.

Z

Zuna lá neste pulo amada prenda,
Zombe só quem ignore esta ruina,

Que não pode sahir dessa cantina
 Quem nas ondas do mar la vá morar.
 Erro deste a-b-c não tem emenda
 Ainda que a penna seja fina
 Descobrimdo nelle os erros mais subidos
 Zuna, Zeloso, Zuada, Zunino.

Falta o til que não pode ser escripto
 Porque o mundo já delle não faz conta,
 Por ser um risco que é infinito
 Já hoje entre os homens pouco monta,
 Não ha presdestinado e nem perfeito
 Que não tenha seu til sempre na ponta
 Só Christo e sua mãe podem dizer.⁽²⁰⁷⁾

CÔCOS DA ZONA BREJOSA

(Parahyba)

Capim de planta,
 Bassourinha, méla-méla,⁽²⁰⁸⁾
 Eu passei pela capella
 Vi-o padre no altar.

Vou na venda
 Bebo dois vintens de canna,

(207) Reproduzo este a b-c como exemplo de «futu-
 rismo» anonymo.

(208) São plantas rasteiras.

Metto a faca em Zé Vianna,
Vou p'ra cadeia morá.

Moleque novo
Não se amonta em meu cangóte,
Se amontá toma chicote,
Morre doido de apanhá.
Minha senhora,
De que chora esse menino?
Elle chora de malino,
Só pru mode aperriá...

Minha senhora.
A palmatoria tá no torno,
Dê um bôlo neste corno
Mande elle se calá.

CÔCOS DA PRAIA DO POÇO

(Parahyba)

Engenho novo!
Engenho novo!
Engenho novo, bota a roda p'ra rodar...
Roda o pai
Roda a mãe
E roda a *fia*...

E eu tambem sou da *famia*.
Tambem quero *emboloar*.

Por isso mesmo é que me chamo Ludugéro...
Sou pretinho, mas sou *séro*
No bater do maracá...

(E' um estribilho empregado em diversos cantos).

Essas cantigas em si teem pouca expressão; mas a musica e a dança lhes dão muita vida.

O estro desses cantadores praianos é apoucado; mas a inspiração das toadas e das emboladas é rica de harmonia e suggestiva para a dança.

O «côco» sem as *palmas*, o *ganzá*, o zabumba e a dança, não seria digno de registo—O verso é insulso e pêco.

De um simples polysillabo fazem muitas vezes um estribilho, que serve para entremear muitas quadras desenxabidas.

Certa vez na Praia do Poço (Parahyba) um *veranista* entendeu de inventar um «côco» de uma só palavra: «opinião».

Deu-lhe solfa, mixto de tristeza e alegria, em tres notas. Pegou aquella voz inexpressiva, e os praieiros ficaram a cantar:

Pinião... pinião...

Pinião... pinião... pinião!...

Outro *tirador* de côcos deu plasticidade as palavras sem sentidos:

«Ai! sabiá da matta!...

Ai! sabiá meu bem!...

Ai! sabiá da matta,

Bota o olho no caminho

Que meu bem

Já vem».

«Por isso mesmo sabiá zangou-se!

Arrepiou-se

Foi p'ro matto, foi comer melão»!

Agora leio no «Jornal», do Rio, de 18-3-1928 uma chronica carnavalesca de Guilherme de Almeida, e nessa chronica se incluem estrophes e cantos de *cordões* cariocas, copiando a criação insulsa dos poetas sem estro das praias parahybanas. Diz o chronista:

«Todos cantam «Pinião».

Pinião, pinião, pinião,

Oi!

Pinto correu com medo do gavião,

Por isso mesmo sabiá cantou,

Bateu azas e avoou

Foi comer melão».

Outros typos de côcos sem ideias e sem versos:

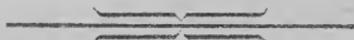
«Ai Helena! Ai Helena»!

Ou então:

«O cabelo da morena
O riacho carregou».

Tudo indica que a poesia está em fallencia.

Todo o encanto d'essa nova criação, o «côco», está no rythmo da toada, nos tregeitos e torcicolos da dança, na monotonia do zabumba e no *xaque-xaque*, sêcco, sem emotividade, monotono, e original, do ganzá.



Notas Sobre
Cantadores Populares





Quem conhecer a vida sertaneja do norte, as zonas brejosas e as praias, não pode ignorar a originalidade desse typo do povo, devotado a um regimem de vida de prazeres e folgares: o cantador popular. Quasi sempre desoccupado, sem profissão classificada entre as classes laboriosas, bohemio por indole, valentão e desordeiro, seduzindo mulheres, dominando a canalha; eis o trovador do povo, a perambular de povoado, em povoado, adivinhando casamentos e baptisados, de viola ao peito, faca de ponta á cinta, lenço de ganga ao pescoço, cabellos em cacho sobre a testa, usando jaqueta e camisa muito anilada.

Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e o Ceará são a patria dos mais notaveis desses trovadores do norte.

Sobre os da Parahyba escreveu-me em carta amistosa o notavel historiographo parahybano Dr. Irineu Joffily, de saudosa memoria:

«Na segunda metade deste seculo (XIX) os poetas populares mais celebres são todos do sertão e particularmente do planalto da Borborema, e são: Francisco Romano, Bernardo Nogueira, Ignacio (da Catingueira), todos tres já fallecidos. Romano foi escravo da familia Caluête, a côr da pelle e os cabellos demonstravam ser elle de sangue indigena. A grande secca de 77 obrigou-o

a emigrar para o sul de Pernambuco, e allí com os seus cantos adquiriu recursos para sustento da familia, tornando-se muito conhecido e admirado.

Bernardo Nogueira parecia branco, era alto e delgado; e como cantor ambulante assistia a todas as festas sertanejas do Cariry Velho. Tornou-se igualmente afamado como jogador de espada e valentão. Tomando parte no rapto de uma moça, em que houve grande conflicto, com mortes e ferimentos, foi processado e pronunciado. Preso e recolhido em 1875, pouco tempo depois fugiu por occasião do movimento Quebra Kilos.

Perseguido alguns annos, afinal, isentou-se da culpa, fixando residencia na pequena povoação de Cangalha, nas raias do Cariry com Pajeú, onde falleceu.

Ignacio (da Catingueira) era escravo⁽²⁰⁹⁾ e morreu nesta condição. De côr escura e analphabeto, causava admiração por toda a parte o seu talento. Era conhecido pela denominação do povoado onde morava com seu senhor, na ribeira do Piancó.

(209) Esta informação está de accordo com a seguinte noticia colhida por mim no jornal da Parahyba «O Commercio», edição de agosto de 1902. Eil-a: «D. Adauto, Bispo desta diocese, na sua excursão ao interior do Estado, acaba de fazer um baptisamento celebre, o de uma velha africana, de 118 annos de idade, conhecida pelo nome de Catharina, e que confessou ser mãe do famoso cantador popular Ignacio da Catingueira».

Romano deixou diversos discipulos, Josué Romano, seu filho, Silvino Pirauá, Palmeira e outros, que existem.

Os irmãos Gulino e Nicandro, filhos da villa do Teixeira e pertencentes, dizem, á familia do nosso mallogrado Sabino Baptista, tambem gosavam de certa nomeada.⁽²¹⁰⁾

Em minha adolescencia conheci um admiravel poeta, Manuel Sambóla, de côr escura e analphabeto. Ha muitos annos que não ouço fallar nelle». ⁽²¹¹⁾

Muito crescido é o numero de poetas ambulantes d'aquelle Estado: Manuel Riachão, preto, que cegou, era notavel pelo seu estro. Teve um filho, tambem poeta de folego, que ha bem poucos annos aqui esteve no Ceará, como soldado do segundo de infantaria.

(210) E' tradição entre os matutos da Parahyba que Gulino foi estudante, e que abandonára a Academia de Direito do Recife, para entregar-se a vida de cantador.

(211) A estas informações do dr. Irineu Joffily, veem hoje, juntar-se outras, em parte, esclarecendo melhor certos pontos :

«Romano não foi escravo dos Caluète e sim, elle e Verissimo seu irmão, eram filhos de um membro acatado daquella familia com uma negra liberta.

Ugolino Nunes da Costa, e Nicandro seu irmão, emparelhavam-se honrosamente com Romano, e eram seus conterraneos. Ugolino ou Gulino não foi estudante de direito. Ignacio da Catingueira jamais tivéra occasião de cantar com Romano. Foi outro naturalmente o autor da «peleja» celebre que corre mundo com os seus nomes.

Manuel Cabeceira não era menos talentoso. Improvisador de merito, muito apreciado nos brejos da Parahyba, onde sonhava casamentos e festas populares. Jogava espada (assisti uma vez a um dos seus assaltos, na casa do mercado publico de Mamanguape) e depois ouvi-o cantar, com optima voz, verve a Bocage e inspiração genial. Vendia fumo pelas feiras, e (fatalidade grotesca) diziam as más linguas que elle não podia ver cavallo alheio.

Era alvamento, um tanto rosalgar, feições grosseiras e de musculatura rija.

Roberto de Belem, era cabra e desordeiro, foi preso por disturbios na então villa de Guarabira, e a proposito fez uma curiosa versalhada que o povo repete por aquellas paragens, e que adiante transcrevo.

Theodosio Pereira, pernambucano, era negro, tambem cantador apreciado.

Muito são os trovadores de igual quilate, esquecidos entre os muitos que se salientam; sendo notaveis igualmente diversas mulheres com reconhecido estro, que levam a mesma vida errante dos sambas e festas.

Cantiga de Theodosio Pereira :

«Theodosio Pereira Lima
Da America de Pernambuco,
Tenho cento e vinte annos,
Sou velho, mais não caduco.

Theodosio Pereira Lima
E' cantador de esticção,
Que arranca pão com raiz
Sem deixar signal no chão».

Salvina, uma bella rapariga de côr branca, não ha muito tempo fazia as delicias dos apreciadores da trova do povo, cantando admiravelmente e tocando viola, acompanhada de um cortejo de admiradores de chapéo de couro e cacete.

Cantiga de Salvina :

Tamuatá de seu Ignacio,
Cambambe de Zé Vicente,
O olho d'agua que não secca,
E logar *impremenente*.
Acorda quem está dormindo,
Acalenta quem está doente.

Salvina quando vadeia
Até os páos se balança,
Os meninos que veem choram,
Soluçam todas crianças.
Seu Xiquinho do Cambambe.
Zéfa mandou-lhe lembrança.

Mandaram-me assoletrar
Cinco nomes na carreira:
Campina, Cural de Cima,
Jardim, Tarama, Teixeira.

Mandaram-me assoletrar
Quatro nomes encabonado:

O Cambambe e o Tamuatá,
Coité e Serra do Gado.

Bravo Francisco Sant'Anna.
Bravo Manuel Cabeceira,
Bota no chão que eu amarro,
Derruba, que eu faço esteira.
Carreiro de Santiago.
Corre de barreira á barreira.
Manuel Pereira foi morto,
Foi morto Manuel Pereira.⁽²¹²⁾

A negra Xica Barroza ficou immortalizada nos sertões da Parahyba.

«Alta, robusta, mulata sympathica, bebia e jogava como qualquer bohemio, e tinha voz regular. N'um desafio que teve com Manuel Francisco, celebre cantador em Pombal, disse:⁽²¹³⁾

«Francisco, vamos a ella
Antes que ella venha a nós;
Os homens possuem as terras,
Os ruins por si se destróe.
Segura lá teus calções,
Aperta, estira, encurta, encóe.

Eu ando atraz de um abelha
Que sahiu do meu cortiço,
Que hontem por essa hora
Trabalhou no meu serviço:
Tirou agua no barreiro

(212) Era um seu contendor no samba.

(213) Informações do Sr. Romeu Mariz. Era elle natural de S. Luiz de Piranhas.

P'ra' aguar o alagadiço;
Atraz da abelha anda um homem,
Atraz do homem anda um bicho.
Quem se mette com Barróza
Dizem que encontra serviço».

A celebre poetisa acabava sempre as suas toadas com este estribilho :

«A negra Xica Barróza
E' faceira e é dengoza».

Dizem fôra assassinada em um samba, em Pombal, Parahyba.

* *
*

O cantador anda invariavelmente aguardentado. Do domingo ao sabbado, pernoitado, olhos raiados de sangue, vai de povoado em povoado, de fazenda em fazenda, em sua faina de ganhar a vida cantando, ora em desafio picarescos, ora em louvaminha barata ao *seu coronel*, ou á filha deste, a Sinhásinha, moçoila gentil, que nem sempre vem á sala, quando ha visita de homem estranho em casa.

A viola — o pinho chamado — é pintado de amarello, o braço negro, cingido por uma vara de fita de pataca, que fluctua ao vento, tentando o coração das matutas.

Ao lado do tocador de viola, que é ao mesmo tempo o cantador, o contendor em desafio

empunha um botijão, manejando n'um vibrante ti-rin-tim-tim uma chave de porta, segura entre o pollegar e o annular, ou produz o mesmo som com uma moeda de cobre—o dobrão.

Os seguintes desafios dão ideia perfeita dessa nova especie de duello, que arrasta o povo do circuito por noites consecutivas. Um cantador manda chamar outro, de ordem do dono da festa, o pai da noiva ou o amphitrião que deu filhos ao baptisado, em chegando o esperado trovador de chapéo de couro e pés descalços, o confrade vai recebê-lo ao terreiro da casa, e d'alli veem ao lado um do outro:

«E quando avistei a casa,
Que apeei-me no terreiro,
Antes de apertar-me a mão
Deu-me um abraço primeiro.
Entramos de braço dado
Como bem dous pareceiros».

Manuel Cabeceira mandando chamar Manuel Caetano:

«Cavalleiro, pega esta,⁽²¹⁴⁾
Toma esta e volta já,
Vai dizer ao Caetano
Que eu mandei-o chamar».

O portador disse a Caetano:

«Senhor Manuel Caetano,
Eu não o vim visitar,

(214) Uma carta.

Mandou dizer Cabeceira,
Que o senhor lhe fosse lá».

Caetano respondeu:

«Diga a Manuel Cabeceira
Que eu lá não posso ir,
Que estou desfabricado,⁽²¹⁵⁾
Que não tenho o que vestir.
Mande um cavallo sellado,
Liforme⁽²¹⁶⁾ de gasimira
P'ra Caetano poder ir.

Um *cassuá*⁽²¹⁷⁾ de sabugo
Conduzi lá p'ro açude,
Quanto mais eu me esfregava,
Quanto mais sahia grude⁽²¹⁸⁾.
Passei um grande tormento.
Pois só tinha me lavado
No dia do nascimento.

Então calcei a botina
Depois de muito trabalho,
Botando o bico p'ra traz,
A gravata na cintura
E o relógio no pescoço,
Na mente²¹⁹ que era chocalho.
E sahi por acolá afóra

(215) Sem recursos para fazer a viagem, sem roupas, etc.

(216) Corruptela de uniforme.

(217) Cassuá: é o mesmo que alforge.

(218) Grude: sujo.

(219) Na mente: é um modismo que corresponde á expressão: «pensando que fosse».

Abanando os arovalho,
E agora acabei de crer
Que assim é que os homens faz.

Amontei no meu cavallo
A galope, na carreira,
Fui acudir ao chamado
Do *seu* Manuel Cabeceira.
E quando avistei a casa,
Que apeei-me no terreiro,
Antes de apertar-me a mão
Deu-me um abraço primeiro...
Entramos de braço dado
Como bem dous pareceiros.

A moça que ia casar
Disse: Caetano assenta ahí.
N'uma rede de varanda
Que cheguei a descahir.

Manuel Cabeceira começou o desafio:

«Senhor Manuel Caetano,
Alu vai, me trate bem,
No pilão que eu piso milho
Pinto não come xerem,
Nem vou engordar capão
Para dar mimo a ninguem».

Caetano respondeu:

Eu Manuel, você Manuel,
Cuidémos em ser xarapim,
Que mais vale um negro bom
Do que cem brancos ruim.

Cabeceira:

Senhor Manuel Caetano,
Você deve respeitar-me,
Pois sou moço de fãmia,
Tanto sou na qualidade,
Como sou na cantoria.

Caetano:

Conheço muito o seu pai,
E sei bem quem elle é:
Dava um dia por dez tões
Lá na beira da maré.
Me diga, pois, seu fidalgo,
O que vosmicê mais qué?!

Cabeceira:

Mandei fazer um partido
Na varge do bebedor,
P'ra plantar canna cayanna
P'ra me formar de doutor.

Caetano:

Se plantar canna cayanna
Stás com o serviço perdido:
Me viro n'um guaxinim
Vou desgraçar teu partido.

Cabeceira:

Em casa tenho um cachorro
Preto, branco e surubim,
Que está muito acostumado
A desgraçar guaxinim.

Caetano :

Nem teu cachorro me ladra,
Nem teu cavallo me rincha,
Nem tua espingarda atira,
Nem teu facão me destrinxá.
Pega lá, meu Cabeceira,
Recebe esta pechincha.

Cabeceira :

Senhor Manuel Caetano,
Negro do pé de rebôllo,
Si passo a mão, vejo a queda,
Si passo o pé, vejo rôllo;
Na ponta de minha lingua,
Ha quatro mil desaforos.

Caetano :

Tenho talento no braço
De pegal-o na cintura,
No meio de trinta homens
Minhas tres quedas são seguras.

Cabeceira ;

Minha mãe bem me dizia,
E agora acabei de crer,
Quem com porcos se mistura
Farellos vem a comer.

Caetano :

Quando eu vim de lá de cima
Que passei lá no Brejinho,

Deixei tua mãe parida
Com um bando de bacurinho,
Com uma corrente no pé
E uma argola no focinho.

Cabeceira :

Quando eu vim de lá de cima
Que passei em Matto Grosso,
Deixei tua mãe parida
Com um chocalho no pescoço,
Olhe, não bula commigo,
Senão o barulho é grosso.

Caetano :

Nas profundas do inferno
Tem uma caldeira fervendo,
Com tua mãe de uma banda,
Com uma colher mexendo
E os diabos todos do inferno
Nas suas costellas comendo.

(Acabou o desafio em briga).

Manuel Caetano foi um dos poetas populares da Parahyba; trovador repentista, descendente pronunciado da raça africana. O scenario de suas proezas foi a zona brejosa daquelle Estado, de Araruna á Campina Grande, de Alagoinha á Barra de Santa Rosa.

Sobre o sertão, dou a palavra ao intelligente litterato parahybano, o sr. Romeu Mariz, que me forneceu as seguintes notas:

(RIO DO PEIXE)

JOSÉ ANTONIO DA CAUHAN

Typo alto, magro, queixo fino, vermelho, toca viola com muita agilidade e tem voz afinada e bôa. Conta muitos discipulos, entre elles João Mansinho, que tambem tem magnifica voz.

Ja ouviram fallar
 Em Zé Antonio da Cauhan.
 Que mata cabra de noite
 Para almoçar de manhã?
 Que faz chocalho de cêra
 Bota badallo de lâ?
 Que ronca em baixo na grotta,
 E se ouve em cima na chã?
 Isso tudo são destrezas
 De Zé Antonio da Cauhan.

CHICO DAMIÃO

Typo alto, moreno, olhar expressivo e intelligente, extraordinario repentista e louvador admiravel. Foi eliminado da corporação dos jurados por se entregar, como o mestre José Antonio da Cauhan, á vida bohemia. Discipulo esforçado de José Antonio, hoje sobrepuja o seu mestre, quer

o tome no desafio quer no martello (genero de cantoria particular a cada cantador).

JOSÉ MARIA

O cantar de Zé Maria,
E' como a guerra incivil,
São duas peças emborcadas,
As balas querendo ir...
E' mesmo que o trem expresso
Quando apita p'ra partir.

Zé Maria quando canta
A terra joga e estremece,
E' mesmo que dois curiscos,
Quando um assobe, o outro desce.

RIO PRETO

Vem aqui incluído por causa dos versos que inspirou. Celebre criminoso do alto sertão da Parahyba. Nasceu em Pombal, e foi o terror de todo o alto sertão desde o Piancó até S. José das Piranhas e Cajazeiras. Passou quasi toda a sua vida no Rio do Peixe, onde praticou muitos defloramentos. Tinha a particularidade de imitar o jumento com muita perfeição.

Sendo uma vez cercado na fazenda «Allivio» (Rio do Peixe) e podendo safar-se incolume, os

cantôres populares tiraram-lhes uns versos mais ou menos assim:

«No dia 7 de Setembro
Foi Rio Preto cercado
Com 10 praças de policia,
E um sub-delegado;
Mas, o negro não fez conta,
E rinchou como um damnado.

Logo fez da casa trincheira,
Onde já tinha sido cercado,
Essa vez não era a primeira.

«Que é do negro Victor⁽²²⁰⁾
Que eu não ouço fallar?
Não dizia na cidade
Que queria me cercar?

Senhor sub-delegado,
Venha tomar café commigo,
Pois, emquanto em me vir solto,
Serei um seu bom amigo;
Só depois de me ver preso
Serei um seu inimigo».

Rio Preto foi morto por dois rapazes de importante familia de Pombal em desafronta á honra da mesma. Chamavam-se elles Antonio Leite e José Leite, um com 15, outro com 16 annos.

(220) Celebre official de justiça perseguidor de criminosos. Morreu com uma avançada idade, deixando consternada a população de Souza, onde era muito querido pela sua proverbial prestabilidade.

FRANCISCO ROMANO

E IGNACIO DA CATINGUEIRA

A primeira vez que se encontraram foi em uma feira na Villa de Patos, e foi assim que Romano encetou a porfia:

Negro, me diz o teu nome,
E onde és morador;
Se és casado ou solteiro,
Se és escravo e tens senhor;
Fala com sinceridade,
Que eu quero ser sabedor.

Ignacio:

Em casa do meu senhor
Compro, vendo e faço feira;
Aqui está seu servo e criado
Ignacio da Catingueira.

Romano:

Negro, em tuas pabulagens
Eu não posso acreditar,
Pois eu tambem tenho negro
Mas não boto a vadiar;
Quando saio p'ra uma festa,
Negro sahe p'ra trabalhar.

Ignacio:

Seu Romano bem que sabe
Que isso não é bem commum,
Meu senhor tem muito escravo,
Seu Romano só tem um.

Romano:

Ignacio, esbarra o pandeiro,
 Para afinar a guitarra.
 Pois no samba em que eu vadeio
 Negro captivo eu amarro;
 E se o negro faz-se besta,
 Boto na meza do carro.⁽²²¹⁾

Ignacio:

Se for á mesa do carro
 Seu Romano passa má,
 Está no chumbo está na bala,
 Está na corda de crauá,
 Dá-lhe o preto, dá-lhe o branco,
 O negro tambem lhe dá;
 Bato palma á cachorrada,
 Péga cão! deixa rasgar.

E continuaram a cantar por muito tempo;
 Romano, como sabia ler, começou a florear os
 seus versos com palavras rebuscadas nos livros,
 contra o que Ignacio protestou dizendo:

«Seu Romano já começa
 Com os diabos das leituras;
 Eu nunca fui á escola,
 —Lettras p'ra mim são escuras.

Romano perdeu a tramontana, e Ignacio
 com sua calma habitual de repentista eximio, que

(221) Reminiscencia das scenas da escravidão: botar
 na mesa do carro, queria dizer: açoitador o paciente, amarrado de bruços sobre o carro de bois.

era, começou a cantar o martello, conseguindo desbancar Romano depois de 8 dias.

Foi a seguinte a ultima estrophe tirada por Ignacio a Romano, cantada no galope: ⁽²²²⁾

Sou das Emboladas,
Sou da Catingueira,
Ignacio, tua carranca,
E' bala de madeira,
Minha faca corta,
Meu facão trabalha,
Ella corta, ella verga,
Mas não se esbandalha;
Eu não torso perigo:
—Venci a batalha.

Findam aqui as informações do Sr. Mariz.

Além destes cantadores ao pé da viola, ha tambem pela Parahyba, e pelos Estados do norte cultores de decimas, de glosas, de bemdictos, perpetuadores dos acontecimentos mais notaveis que a chronica popular registra: a prisão de Jesuino Brillhante, os Quebra-Kilos, os Cangaceiros, etc.

D'entre estes vates, poderemos destacar o auctor do seguinte epigramma:

(222) Musica ligeira muito usada pelos cantadores de fama.

«Quem se casar nesta terra,
 Não more com sua sogra,
 Porque socego não logra,
 E vive em continua guerra,
 Grita o genro e a filha berra,
 Urra a sogra destemida,
 Acode a chusma atrevida
 De cunhados phariseus;
 E, por milagre de Deus
 Escapa um homem com vida».

(Deusdedit Adeodato de Carvalho — morador
 no Sete Estrello, sertão da Parahyba).

* * *

Do Rio Grande do Norte e Pernambuco não pude obter melhores dados sobre esse fecundo ramo do nosso Folk-Lore.

Este trecho do torrão brasileiro, unido, desde a Confederação do Equador, por liames de um mesmo sentir politico, e ethnographicamente desde os nossos primeiros dias; esta zona, a mais oriental do continente—de Pernambuco ao Ceará,—como que não soffre alteração no que se refere á vida intima de seus habitantes, o respeito ás suas tradições, ás manifestações affectivas, aos costumes emfim.

O cantador de Pernambuco confunde-se com qualquer cantador dos outros Estados.

As encarniçadas intrigas por causa de terras; tomadas de moça; as destruições feitas por gados

nos roçados, determinando morticínios; os casamentos; as festas populares são identicos nesta região.

E' bem conhecida na Parahyba a lucta dos Genipapos e Leites, de Misericordia. Verdadeiros Guelfos e Gibelinos. Nasceu a intriga por causa de um casamento, e já decorreram 30 annos e ainda morre gente de parte a parte.

Distinguir um cantador do Ceará de um do Rio Grande do Norte, é o mesmo que tentar construir uma barreira nas aguas do verde oceano que aos dous Estados acaricia igualmente; seria abrir vallados nesses campos vastos em que os carnahubaes se confundem.

A mesma raça, o mesmo solo, a mesma natureza, as mesmas correntes de evolução ethnologica; seria impossivel destacar uma particularidade deste ou daquelle cultor da musa popular.

São estes os nomes dos trovadores mais conhecidos no Rio Grande do Norte: Manuel Riachão, Azulão, João Birro do Japy, Pedro Regio, Ventania, Elisiario, Elesbão, o ex-escravo Thiago José Romeiro; Fabião das Queimadas, Maria Thebana (ou como o povo chama — Maria Turbana), João Zacarias e João Vieira.⁽²²³⁾

A Serra do Martins é o nucleo dos trovadores Rio-Grandenses. E' digno de observação se-

(223) Sobre Maria Turbana, ha mais probabilidades de ser natural da Parahyba.

rem os logares montanhosos os em que ha abundancia dos melhores trovadores:—Na Parahyba, os brejos e a Villa do Teixeira; no Rio Grande do Norte, a Serra do Martins; em Pernambuco, Pajeú de Flores; no Ceará, o Crato (Carirys), Baturité e Ibiapaba.

Transcrevo uma contenda entre dous trovadores rio-grandenses do norte:

JOÃO ZACARIAS (cabra)

E JOÃO VIEIRA (negro),

ambos do centro do Rio Grande do Norte.

João Zacarias:

O' Vieira, eu lhe peço,
Me arresponda n'um momento:
Quero que você me diga
De que se gerou jumento.

João Vieira:

Tu me pergunta, meu João,
De que se gerou jumento,
Foi de tua ruim cantiga,
Do teu máo procedimento.

João Zacarias:

Minha gente, eu já sei
Que com Vieira não posso,
Quero que você me diga
O meio do padre-nosso.

João Vieira:

O burro deste cavallo,
Esse jumento tanjão,
Vem metter o padre-nosso
No meio da vadiação.

La se mette o padre-nosso
Onde se enfia o cordão.
Tibe léte, tome lá,
Tibe gia, vou-te, cão,
Passando-te a mão na cara,
Tres dias rolas no chão.

João Zacarias:

Meu Vieira, eu te peço,
Fales por outro modelo,
Quero que você me diga
De que se gerou camello.

João Vieira:

Por dentro de carne e osso,
Por fóra couro e cabelo,
Pesçoço muito comprido,
Espinhaço de novello;
Boto de perna p'ra cima.
Fica de um feio modelo.

João Zacarias:

Se me derrubar a casa,
Não derrube a cumieira,
Que é p'ra servir de forca
Para o tal do João Vieira.

João Vieira:

Se me derrubar a casa,
Não me derrube as *furquias*,

Que é p'ra servir de força
 P'ro tal de João Zacarias.
 Te passo a mão pela cara,
 Cabra ruim, é o que querias.

João Zacarias:

Vou-me embora desta terra,
 Me retiro p'ra Barrinha,
 Vou plantar bem mandioca
 Para te vender farinha.

João Vieira:

Cabra, você não fale
 Nos caboclos da Barrinha,
 Se não quer que minha faca
 Sáia fóra da bainha.
 Seu cabra, tão atrevido,
 Cabra ladrão de gallinha.

João Zacarias:

Eu peguei o João Vieira
 Dentro de minha vasante,
 Roendo meus gerimuns,
 Comendo o capim mandante.

Entre o poeta de salão, do tom e da moda e o cantador do pé de viola, existe um meio termo: o dos poetas expontaneos e infelizes pelo desregramento da vida que levam. Infantis até a velhice, despreocupados de si, zombadores do vulgo e amantes da taberna, eis os traços característicos de muitos homens de talento que perecem

deixando rastilhos de luz sobre o charco de seu caminho.

Na Parahyba, o Dr. Julio Vaz Curado (jurisconsulto, poeta e musico), morrendo apedrejado pelos moleques, ratão e bebedo;⁽²²⁴⁾ no Ceará, Barbosa de Freitas, cahido pelas calçadas; por toda a parte, emfim, um desses exemplos. Dessa familia de bohemios é Lourival Assucena, poeta rio-grandense do norte, sexagenario e sempre fóra da linha das boas convenções. E' de sua lavra este original soneto:

VISÃO

De minha casa já o fogão servia
De frio leito ao meu velho gato,
Que em altas conferencias com um rato
Seus tratados de paz alli fazia...

Uma vez em que a noute bem corria,
Em horas de se abrir sessão no matto,
Evocando-se o demo mais gaiato,
Horrendo trasgo sobre a tremepe eu via...

(224) Depois de ter sido magistrado, cedeu ao alcoolismo. Dessa phase é a seguinte modinha, sentida e envolta n'um crepusculo de saudades :

*“Nas horas tristes, ao cahir da tarde,
Meu peito arde com saudade e dôr;
Então relembro as illusões passadas,
Horas maguadas, transpirando amôr”.*

Os versos e a musica são do infeliz Dr. Julio Vaz Curado; e ainda hoje, em noites de luar os bohemios de sua terra entoam ao violão as sentidas estrophes do infeliz patricio.

O desditoso bacharel falleceu, a bordo de um vapor, no porto de Fortaleza em 1892.

Convulso, grito, titubeante brado,
 Larva maldicta, que tens tu commigo?
 Ouve, me diz, de ordem do teu fado,

Venho dizer-te que teus passos sigo,
 Caipóra, eis o meu nome desgraçado,
 Amo-te muito, viverei contigo.

HISTORIA DE ROBERTO DE BELÉM

Se não souber o meu nome,
 Sou Roberto de Belem;⁽²²⁵⁾
 Sou como uma ovelha mansa,
 Que não faz mal a ninguem.
 Para onde me chamam, vou,
 Para onde me botam, venho.

Meus senhores, deem licença,
 Que agora eu vou contar
 No tempo d'aquella crise⁽²²⁶⁾
 Como foi o meu passar.

No tempo d'aquella crise,
 Daquella crise maior,
 Filho brigava com a mãe,
 Neto brigava com a avó;
 Brigavam por cousas bôas,
 Por um beijú de potó.

(225) Povoado do Estado da Parahyba, comarca de Guarabira.

(226) Sêcca de 1877.

Quando foi n'aquella crise
N'aquella crise passada,
Farinha de barriguda
Já logrou um bom estado,
Na feira de Guarabira
2 litros por um cruzado.
Senhores, só conto aquillo
Que commigo foi passado.

Quando foi de tardezinha
Eu peguei a imaginar:
Em terra que não se come
Não ha quem possa morar.

Eu disse a Joaquim Bezerra
Que queria ir me embora,
E por falta de mantimento
Isso era a minha demora.

Elle foi, entrou p'ra dentro,
Foi buscar uma matrutagem,
Disse: péga lá, Roberto,
P'ra suprires á viagem.

Pedi um pouco de canna ⁽²²⁷⁾
Elle veio com um quarteirão;
Elle bebeu um pouquinho
E eu a maior porção.
E eu sahi por alli afóra,
Não senti terra no chão.

Lá no principio da rua
Encontrei João Senhorinha:

(227) Aguardente.

Roberto, tu quando saes?
 Homem, eu saio de manhãzinha.
 Roberto, por despedida,
 Toma lá um copo de vinho.

Senhor Virginio Peixoto,
 Como é bom camarada:
 Roberto, por despedida,
 Toma lá uma copada.

Que assim que eu bebi,
 Mudei logo de condição,
 Chegou-me toda a coragem,
 Dei logo p'ra valentão,
 Sahi por alli afóra,
 Não senti terra no chão.

Na porta do cemiterio
 Encontrei Joaquim Vicente:
 Roberto p'ra onde vaes
 Tão alegre e tão contente?
 Homem, vou ao tanque Danta,
 Vou dar uma surra em gente.
 Roberto, tu não me chamas?
 Estás com um cabra bom de fama.

Quando chegamos já perto
 Na descida do grotão:
 Joaquim, o que é que fazemos
 P'ra levar Joca a facção?

A mulher d'elle é quem sae
 Ao batermos na janella;
 Tu mettes o pão no Joca
 Que eu cá *enterto* com ella.

Oh! de casa, senhora dona,
Faz favor de abrir a porta?
E' hoje chegado o dia
De eu vir conversar com Joca.

Senti logo um grande choque
Quando vi a mulher chorar,
Dizendo: corre, meu Joca,
Que Roberto quer te dar.

Eu saltei uma janella,
Que encheu-me o corpo de nós,
E na carreira que dei,
Rebentei uns caritós.
Não vi nada em minha frente
Si não fosse a escuridão.
E logo ouvi um tinido
Parecido de facão.

Botei o ouvido á escuta,
Vi uma zoada no mundo,
Como bem o batalhão
De seu Dom Pedro Segundo.

O Soldado Zé Romão,
Que é mettido a valentão:
Si quer ser preso com honra,
Cabrito, não faça acção.

E fui preso e inquirido
Pelo soldado José Imbira,
Dizendo que me levava
P'ra o quartel de Guarabira.

No topete da ladeira,
Em casa de D. Anninha,

Ella assim que me avistou:
Como vem meu passarinho?!

Eu não sou seu passarinho,
Não canto em sua gaiola;
Sou um pobre cantador.
Vivo de minha viola.

Senhora D. Mariinha
Mulher do coração crú,
Não seja assim contra mim,
Nem seu tenente Lulú.

Roberto, tem fé em Deus,
Abaixo de Deus em mim,
Que enquanto vida eu tiver
Tu não pisas no capim.

No mundo existem dois homens,
Que em respeito são igual:
Um é para me prender,
Outro é para me soltar.

Senti pegar-me nos cós
O soldado José Imbira:
Para onde vai este preso?
Para o Quartel de Guarabira.

Quando cheguei na cadeia,
Lá do dito quarteirão,
Encontrei quatro soldados
Todos de réfe na mão.
Perguntando uns aos outros:
E' criminoso ou ladrão?!

Depois de eu estar no quarto
Me botaram na corrente,
Depois me tiraram ella
Por eu dar parte de doente.

Avistei minha Maria,
Marcando passada e meia,
Coitadinha, barriguda,
Andando por terra alheia;
Uns adiante, outros atraz,
Como um rebanho de ovêlha.

Como vão nossos filhinhos,
Maria, por Jesus Christo?
O José já morreu hontem,
E Manuel está para isto.

Olinda por ser minha filha,
Minha filha de benção,
Ella foi me deu um abraço
Por cima do correntão.
Chegou dar-me uma frieza,
Que quasi caio no chão;
Agora, já sei que os filhos,
São cordas do coração.

Então mandei me valer
Da filha de um coronel,
Ella deu-me uma esperança
Que era doce como mel;
E depois um desengano
Que amargava que nem fél.

Mal empregado tu seres
A filha de um coronel,

Que o teu respeito não dá
Para me tirar do quartel.

Fui solto no outro dia
Sem diabo de coronel,
Por um bravo parahybano,
Morador em S. José.

Esta foi minha prisão,
Em que eu fui condemnado,
Agora falta contar
Dos meus 5 mil peccado.

* *
*

No Ceará a vocação poetica é quasi que uma característica dos filhos desta terra. Nas cidades são os sonhadores amorosos; nos sertões, nas praias, nas serras, é a poesia anonyma, terna, expansiva, ora feliz, ora humoristica:

Quando eu me for desta terra
Sahirei d'ella voando,
P'ra que as aves te digam
Que me encontraram chorando.

Ou então nesta satyra, muito significativa do conceito em que é tido o caboclo diante das correntes ethnologicas que o absorvem.

«Caboclo não vai p'ro céu,
Nem que seja rezador;
Que tem o cabelo duro,
Espéta Nosso Senhor».

São também genuinamente cearenses:

Se eu fosse padre de rico
Não morava mais no matto,
Morava mais a Lorinda
Dentro da rua do Crato.

Quando vim da minha terra,
Que passei no Quixelô⁽²²⁸⁾
Botei a sella na ema,
Já vi bicho corredor.

Em taboleiro de Arêa (Aracaty) um cantor popular, philosopho sertanejo de chapéu de couro, cantou ao pé da viola, segundo refere illustre chronista cearense:

«No ventre da virgem pura
Entrou a divina graça;
Como entrou também sahiu,
Como o sol pela vidraça».

Sobre o assumpto contido nesta simples quadra, Alberto Faria, da Academia Brasileira, no seu livro «Accendalhas», discorreu com a collaboração de Carolina Michaelles, com erudição pouco vulgar.

Citou varias produções antigas de concepção identica:

«...Mas posso apontar duas redacções em vulgar litterario, uma castelhana e outra franceza.

(228) Logarejo á margem da Estrada de Ferro de Baturité.

A castelhana faz parte de um *Auto* assás pedantesco, de Ferrão de Yanguas, do 1.º quartel do século XVI. Nelle se dedicam á virgem os versos:

«Si el sol y sale por una vidriera,
Sin punto danarla, crebar nem herir,
Mejor pudo Dios entrar e salir
Deixando la virgem como antes lo era».

A redacção franceza:

«Mais tout ainsy com la verriere
Du soleil qui demeure entiere
quant son ray par mi oultre passe
que ne la brise ne la quasse,
ainsy demeure ton corpe sain».

Alberto Faria transcreve outras quadras, em castelhano e em francez, demonstrando quanto era divulgada a concepção poetica da Conceição. Cita Fernan Caballero, *Cuentos e Poesias Populares da Andalucia*, transcreve estrophes de auctores diversos, engastando as mesmas ideias da questionada quadra, e por fim transcreve do manual de doutrina *Magister Sententiarum*, de Petrus Lombardus, (fallecido em 1164):

«*Sol penetrat vitrum, nec frangitur aut violatur; sic virgo perperet, nec maculata fuit*». ⁽²²⁹⁾

Assim, parece-nos estar com Petrus Lombardus a mais antiga origem dessa creação poetica.

(229) Alberto Faria, «Accendalhas», edição de 1920, dags 217 a 228.

Si formos catar e colleccionar tudo quanto o genio do povo tem produzido em poesia, teriamos de editar volumes e volumes. Não cabe nos limites deste resumido trabalho senão dar mostras do que sem grande pesquisa se encontra por toda a parte.

E' um Manuel de Barros, criôlo, de 17 annos de idade, analphabeto e criado de servir, que por motivos de vida domestica do seu amo, improvisa o seguinte pé quebrado:

Agora, musa minha,
Sae a luz em pé quebrado,
Apezar de ir acanhado
Glozar.

O caso que vou contar
Merece muita attenção
A todos da povoação
Do Livramento⁽²³⁰⁾

E é só porque intento
Dar uma noticia exacta
Da emprehidão⁽²³¹⁾ da mulata
Luiza.

A d. Joanna a trazia
Limpamente e assejada,
E como filha, tratada
Com amor.

(230) Ceará, entre Aracaty e Morada-Nova.

(231) Emprehidão é termo obsoleto, segundo Adolpho Coelho; mas voltou á vigencia no Dic. de Candido de Figueiredo.

Porém houve um seductor,
Que eu não sei quem elle é,
Que fez ella dar com o pé
Na peia.

Mas ella com a peia,
Com promessa de alforria,
Mas só roubar-lhe queria
A virgindade.

Não é de minha vontade
Descobrir segredo alheio,
Mas acho muito feio
Mentir.

E por isso relato aqui
O que sei, o que supponho:
Vi dizer ser do Antonio
Vintem.⁽²³²⁾

Assim Nããã tambem
Esta historia vi contar,
Mas sou capaz de jurar
Que não é.

Certifico e porto fé
Ser o auctor rico e forte,
Daquelles que tem o cangote
Grosso.

Não carece de alvoroço,
Senhora d. Joanninha;

(232) Nome d'um pobre sapateiro do logar, a quem o disfarce do seductor imputava o delicto.

Metta relho na cosinha,
Que saberá.

Suas negras hão de contar
Quem foi este espartalhão
Que lhe fez esta traição
Engraçadinha.

Metta relho na cosinha,
Use de rigorigade,
Saberá se é verdade
Ou mentira.

Pegue pela Cassimira,
Catharina e Damiana,
E tambem a negra Joanna
Do Batoque ⁽²³³⁾

Oh! mas nessa ninguem me toque ⁽²³⁴⁾
Logo ha de haver quem diga,
Pois pelos olhos lombriga
Se conhece.

Eu, segundo me parece,
Só reservo a Delphina,
Que Bernarda e Carolina
Sabiam.

Todos sabiam porque viam,
E só gardavam segredo
Porque então tinham medo
Da peia.

(233) Nome de uma fazenda.

(234) Esta era a escrava do Senhor Moço, e a allusão quer dizer que foi ella que facilitou o caso.

A mulata não passeia
E nem anda ahi atôa;
Logo assim esta pessôa
Pisa em brasa.

Do ladrão da mesma casa
Ninguem se pode livrar,
E aqui eu quero findar
Meus versos.

A todos desculpas peço;
Primeiramente ao Porfirio,
Pois a elle me refiro
Por fim.

Não que eu tenha para mim
Que elle bote agua a pinto,
Mas é um moço distincto.
Amem.

E' facil de comprehender o movel da satyrica inspiração do cabra poeta, que dictou estes versos escondido nas margens do Jaguaribe, segundo referiu-me a testemunha occular (escrevente), que foi quem me offereceu este curioso documento de satyra inculta.

Bronco sertanejo analphabeto lembrou-se de, por meados do seculo passado, quando florescia na politica do Piauhy o celebrado padre Marcos, ir visitar o padre logo após a construcção do seu palacete, que pelas variedades architectonicas e alfaias, incitava a curiosidade da matutada ignara.

A caminho de Bôa-Esperança da então provincia do Piauhy poz-se o tabaréo de Riacho do Sangue, encourado a vaqueiro, no alazão esguio, ajaezado a ginete. Poeta de raça, ouvindo falar em vultos da historia, engendrou em estylo quinhestista o soneto seguinte, de sabor classico.

Ao aprear-se, deslumbrado deante a magnificencia do palacio e da respectiva decoraçãõ, com retratos e molduras, e o nome do seu proprietario gravado na soleira com lettras vistosas, o matuto descobre-se, e em vez dos bons dias, desafiavela o soneto a queima-roupa sobre o padre:

No templo do saber, ás lettras dado,
De respeito coberto, entrei um dia;
Em quadros mil de gloria refulgia
O nome dos que as lettras têm honrado.

De um lado Newton, Grotius; de outro lado
Gallileu e Platão, Polybio via;
Turma de herões o sacro templo enchia,
E o nume assim me fala em tom pausado:

—Aquelle—aponta o busto esclarecido—
Zomba, me diz, de Zoilos e Aristarcos:
E' luz, é gloria do Brasil querido.

Vejo um que honrariam os Plutarcos,
E no eximio pedestal polido,
Em lettras de ouro estava escripto: Marcos.

A proposito de improviso de ebrio, ha verdadeiros milagres produzidos pelo alcool; a regra geral é a vaporização alcoolica ennuclar a razão; dão-se casos, porém, curiosissimos de lucidez e argucia da intelligencia em plena embriaguez.

Assisti na cidade de Mamanguape (Estado da Parahyba) a um desses casos:

Achava-se deitado em uma calçada o cantor Feliciano, cabra de 26 annos. A molecada em torno, e cada garoto que provocasse uma chufa...

No meio destes, um selleiro parlapatão tirava graçolas e provocava a Feliciano.

O ebrio destacou d'entre os circumstantes aquella figura espevitada, deitando espirito, todo abotoado n'um terno de brim branco, o cabello eriçado a tresandar macassar. Então o trovador, pedindo licença a Baccho, improvisou:

«Eu sou o Feliciano
Morador lá na Montanha;
O cabra tem um cabello
Que não se doma com banha.
Quanto mais se mette o pente,
Mais o cabello se assanha».

* *
*

Talentos, verdadeiros genios, vagam por alli perdidos, sem cotação na vida pratica, porque têm no cerebro um estranho mundo de ideias.

Sobre um desses specimens de Bocages dos sertões do norte, escreve habil jornalista do Crato:

«JOSÉ DE MATTOS

• Frequentando as tabernas, via-se um homem já velho, rosto cheio de pannos e estragado pela variola, cabellos brancos, testa rugosa, nariz rombo, olhos grandes, barba cortada a tesoura, bocca não pequena, pescoço grosso, nuca larga, peito amplo; não era de grande estatura porém grosso, e musculoso.

Trajava camisa e ceroula de algodão, sujo e esfarrapado.

Se perguntavam por seu nome, respondia em verso.

Qual a sua patria? respondia na mesma linguagem.

Pobre—trazia na alma um thesouro, exiguo pela falta de instrucção, sim, porém nem por isso deixava de fascinar.

Velho—a alma pairava em sonho de juventude; voava ás regiões do sonho. D'aquelles farapos e se evolavam como d'um charco excentrico, orvalho de prata.

Já não era pobre! Já não era velho! Era uma visão de roupagens niveas.

Versejava a quantos iam e vinham.

Nunca aprendeu a ler, nem a escrever.

Por ahi vê-se mais ou menos qual o rythmo de seus versos e seu estylo.

Para prova que José de Mattos era poeta, embora sem instrucção, leiam o que segue:

Segunda feira.

A feira na cidade do Crato é nesse dia.

Alguns cavalleiros vindos d'ella (pois já se tinha findado com o dia) seguiam estrada á fóra em direcção ao Arraial, fazenda de habitação a 2 kilometros de Missãc-Velha.

Noite nublada.

Seguiam. De subito os cavallos param estupefactos.

Os cavalleiros á custo se chegam a um vulto que dorme resupino na estrada, e conhecem. Era José de Mattos.

José de Mattos! (grita-lhe um) vamos ao Arraial?

Nada... Dormia como uma pedra. José de Mattos! gritou-lhe mais alto.

Elle a custo abriu os olhos. Estava no ultimo gráo da embriaguez.

José de Mattos, vamos para o Arraial? ao que respondeu com lingua de chumbo:

Eu me acho tão pesado,
Chega dei um passo perro;
Eu penso que sou de ferro
Ou no chão, estou pregado.
Saio d'aqui é arrastado
Ou partido em quatro toras;
Isto mesmo com demora,

Só assim me aluirão;
D'outro geito não vou não,
Quando eu poder, vou-me embora.

Os cavalleiros soltaram estridulas gargalhadas e seguiram deixando o pobre cratense ao relento».

Além dos cantadores cearense já incluídos, tivemos informação da existencia de outros de nomeada, que floresceram em diversas epochas; desses o mais notavel, dizem, é o Bemtivi (Antonio Rodrigues) que ainda hoje existe no Alto da Viuva—Jaguaribe-Mirim. E' mameluco, sabe ler e não usa alcool, circumstancia notavel.

Improvisador de merito e com uma segurança de voz de cigarra. Acompanhou um seu patrão até os sertões do Piauhý; cantou sempre durante a viagem, e lá, na festa do casamento a que iam assistir, cantou durante quinze dias afincado, tendo desbancado mais de uma duzia de cantadores.

E' invencível; mette em verso todaã as plantas, todas as aves, todos os rios, todos os peixes, emfim tudo o que a sua vista abrange ou a imaginação percebe.

Para embatucar o contendor tenaz, tem por habito cantar propondo questionarios.

Das suas producções, é muito conhecido o desafio com Mandapolão (negro alagoano)

que teve de ceder o campo, quando Bem-ti-vi passou para rima o constraste entre o apellido do negro e a côr da pelle.

Preso, seguido por uma escolta, dizem que improvisára esta quadrinha:

Bemtivi quando foi preso
Naquelle temeroso dia,
Todo o povo era do couce,
Só Bemtivi era guia.

GERONYMO (do Junqueiro) tambem tem grande nomeada.

Conforme o lado mythico que a tradição ignára engendra sobre qualquer trovador popular, Geronymo cantou com o diabo vencendo-o com um bemdicto.

Junqueiro, cantando com Silvino Pirauá (celebre cantador, que residia em Patos) respondeu ao mesmo Pirauá, que se gabava de ter cantado com Romano:

«Você só falla em Romano
Porque elle já morreu,
Deus o sabe e você sente
As pisas que elle lhe deu».

Dizem os sertanejos e brejeiros que entre os diversos encantamentos da noite de S. João, ha o de se fazer pacto com o diabo para cantar bem ou tocar bem viola.

No meu «Poema de Maio» já fiz allusão a essa lendaria crença, originaria de Portugal.⁽²³⁵⁾ Geronymo fez na seguinte quadra a sua auto-biographia:

«Sou Gerome do Junqueiro,
Da fala branda e macia;
Piso no chão de vagar
Que a folha secca não chia».

Este inditoso cultor das musas morreu repentinamente em um samba quando em pleno desafio.

BEIRA D'AGUA, trovador de alta cotação no conceito dos matutos. Mudou-se para o Pará, onde ainda vive; é sexagenario, começou a poetar aos 14 annos de idade.

E' longa a enumeração da turba de cantadores, e para concluir estas notas sobre o Ceará, accrescentarei José Bernardo, Rio Negro, Leonel, Semeão, Carnahuba, e o preto Caninana, que no Passeio de Fortaleza, em dias de festa publica, tem alliado o regosijo simples do povo ás manifestações de civismo culturado das cidades.

VENTANIA. Pedro Paulo Ventania, a quem conheci pessoalmente. Nasceu no Municipio de Caicó, era vaqueiro e tirador de gados para as feiras.

(235) Ver T. Braga.

Morreu na Comarca de Catolé do Rocha, do Estado da Parahyba do Norte.

Baixo, moreno, typo de indigena, cabellos estirados e duros, pouca barba. Famoso repentista.

Delle ficou notavel um repente quando interpellado por outro cantador, lhe indagava do nome, afim de saber com quem cantava, e é o seguinte:

Eu sou Pedro Ventania,
Morador lá nas «Gangorras»,
Se me vires, não te assustes;
Se te assustares não corras;
Se correres, não te assombres;
Se te assombrares, não morras.

—

Tivemos nas Espinharas o negro *Manuel Preto*, do qual espero algumas *obras*, como elles chamam. Este negro resolveu-se a viajar pelo mundo com uma viola, e soffreu o diabo, de modo que, chegando contou a viagem, começando assim:

Sahi a enganar o mundo,
Cuidei que o mundo era meu,
O mundo tem muitos donos
Só enganado fui eu.

Fallando de certo lugar, onde apanhou de uns soldados e foi preso, dizia:

Quem andar na terra alheia,
Saiba bem se conduzir,
Pise no chão de vagar,
Que é p'ra terra não sentir.

ANTONIO GALDINO era um dos estafetas do Correio da Parahyba, e d'ali natural.

Em principios de 1899, elle, que nunca sahio da Capital e da linha ferrea, sendo homem fiel, foi escolhido para levar dinheiro ás diversas Agencias do Sertão, que desconhecia inteiramente.

Reinavam a fome e a miseria, d'ahi os versos seguintes.

Chegando na cidade de Pombal, em dias extraordinarios, o povo admirou-se de ver um correio, sem ser tempo no regulamentar, e cercou-o logo á chegada, indagando a elle proprio o que andava fazendo. Elle respondeu em versos:

«Venho do alto sertão,
Patos, Piancó, Teixeira,
São José e Cajazeiras,
Catolé, Souza e S. João.
Venho da Repartição,
De dentro da Capital,
Eu sou do Correio Geral.
Com honras de Thesoureiro,
Venho trazer o dinheiro,
Para a Agencia de Pombal.

Por um litro de farinha
Eu paguei mil e duzentos;
E este tão caro alimento
Em toda parte não tinha,
As vezes de tardezinha
Inda estava sem almoço.

Lá no Boqueirão do Côxo
Comi beijú de potó,
P'ra cima do Piancó,
Comi um cachorro ensosso.

BERNARDO CINTURA

O seu verdadeiro nome é Laurindo Pereira. Homem branco, arruivado, barba rala.

Bohemio, divertia-se a fazer versos nas feiras para entreter os matutos, que lhe offereciam motes e raros nickeis.

Laurindo era do Teixeira (Parahyba), terra de poetas e cangaceiros. Mudou-se para Campina Grande, continuando a vida de vadio, fazedor de quadras, adivinha, glosas, mediante um *copinho da branca*.

Perdeu o nome de baptismo e de familia pelo de Bernardo Cintura, figura abstracta, de sua propria criação em uma especie de poemeto em que o poeta fizera apparecerem duas entidades que se despiciavam: *Bernardo Cintura*, a fome; *Manuel de Mattos*, a nudez.

Era imaginoso, repentista, ironico e vagabundo, vivendo pelas feiras, pelas ruas, pelas tabernas de Campina Grande, indifferente á vida, deboxando da humanidade e evaporando a existencia em *grog*s e devaneios de sua musa inculta.

Não tinha o dom de cantador.

O negociante Cavalcante, d'aquella praça parahybana, deu a Bernardo o seguinte mote-reclame:

«Quem faz compra a Cavalcante
Vai p'ro céu quando morrer».

O poeta glosou em cima da bucha: ⁽²³⁶⁾

«Quem ama a religião.
E obedece aos sacramentos,
Cumprindo os dez mandamentos,
Tem por certo a salvação.
O nosso Deus de Abrahão,
Com o seu enorme poder,
Mandou Moysés escrever
Na terra, a todo habitante:
Quem faz compra a Cavalcante
Vai p'ro céu quando morrer».

E' de Bernardo Cintura a seguinte quadra, improvisada em plena feira, quando, diante de tanta miseria, lhe perguntaram por que não tinha elle felicidade:

«Eu ando em busca da dita,
Mas, a dita não apparece:
Quando eu desço, a dita sobe,
Quando eu subo, a dita desce».

Certo cantador, conhecendo a veia repentista do nosso Bocage sertanejo, passou-lhe um questionario, com a denominação de «Parença não é certeza».

(236) Em cima da bucha quer dizer: de improviso, incontinente.

«Quero ver me arresponder:
Um sujeito que anda muito,
Indo um passeio fazer,
Sahindo de madrugada,
Onde vai amanhecer?»

A resposta foi immediata:

«Sendo elle muito ligeiro,
E cabra esperto p'ra andar,
Sahindo de madrugada,
Não vindo a fracatear⁽²³⁷⁾
Garanto que elle amanhece
Aonde o sol o encontrar».

Segundo era de seu engenho crear typos e symbolos, Bernardo Cintura ha poucos annos, quando em todo o nordeste havia falta de *trôco*, dinheiro em moedas divisionarias, fez a «Decima: —Futrica é Governadô...», imaginando um ente caypora «Futrica», que trazia azar a todos os negocios. Eis a «Decima»:—Mote:

“ FUTRICA E' GOVERNADÔ ”

Glosa:

I

Futrica em *Riê* de Janeiro
E' governo *federá*;
Governa em todo lugá,
Não deixa trocá dinheiro,
O generá vêi primeiro,

(237) Fracatear é o mesmo que afracar.

Futrica adispoi chegou,
 Pediu licença ao avô,
 Pediu sê juramentado:
 No cumerço tá ficado...⁽²³⁸⁾
 —Futrica é governadô.

II

Futrica, «Mesa de Renda»,
 Procuradô de tributo,
 Tá nos rancho do matuto,
 Tá nas loja de fazenda.
 Geme o ferreiro na tenda,
 Pela chamma que o queimô,
 Soffrendo tyranna dô,
 Batendo no ferro duro,
 Quando vai para o apuro:
 —Futrica é governadô.

III

No hoté de Dona Anninha
 Futrica tava assentado,
 Foi chegando *dô* sordado
 Perguntou que *comê* tinha...
 —«Tem arroi e tem gallinha,
 E vinho superiô»:
 A *porpe* dona falô:
 Doce de mangaba e côco,
 Não se pode é fazê trôco:
 —Futrica é governadô.

IV

Futrica *imboca*⁽²³⁹⁾ na fêra
 Onde se vende sapato,

(238) Está ticado: está abalisado.

(239) Imbocar na feira quer dizer: entrar na feira.

Abanos, herva de rato,
 Corda, cachimbo e esteira.
 Futrica na gamelleira,
 Futrica os agricultô,
 E futrica os campradô,
 Qui seja barato ou caro,
 Seja bispo ou *missunaro*,
 —Futrica é governadô.

V

Futrica lenha e carvão
 E toda a mercadoria,
 Futrica na padaria
 Qui não deixa vendê pão.
 Futrica milho e feijão.
 Futrica até os criadô,
 E também os mercadô,
 De aio, cebola e *cumim*,
 Até nos *mói* de capim
 —Futrica é governadô.

VI

No lugá aonde eu moro,
 Lastimando a triste sorte,
 Tem dia que peço a morte,
 Padeço, gemendo, choro...
 Deu doze *perparatoro*
 No cullejo qui estudô...
 E' um formado dotô...
 Nesse paiz brasileiro
 Não ha quem troque dinheiro...
 —Futrica é governadô.

Em Campina Grande, onde fallecera o indito-
 toso poeta popular, ainda hoje a exquisita figura

daquelle homem de talentó, impressiona saudosamente.

Correm soltos como ferina sentença que cahisse da lyra causticante de Juvenal os versos de sua lavra:

«Quem nasceu p'ra ser cachorro,
O geito é morrer latindo».

GAUDENCIO PEREIRA LIMA

Sobre cantadores parahybanos, recebi do poeta José Ferreira de Mello as seguintes informações:

«Gaudencio Pereira Lima foi um cantador que fez epocha de 1900 a 1909, na zona comprehendida entre Alagôa Grande, Campina, Timbaúba, Goyanna, demorando-se mais em Itabayanna, a cidade preferida pelos homens de «Chaves», fazenda do seu nascimento.

Era filho da mameluca Pêpêta, ex-escrava da familia Maroja.

Aquelle apreciado poeta popular era mulato, bem feito de cara e de porte.

Gaudencio falleceu aos 35 annos mais ou menos, em Itabayanna, na companhia de sua velha mãe, que ainda alli reside sob a estima de que lhe fizeram credora os seus costumes excellentes.

Era companheiro inseparavel de Gaudencio nas frequentes pugnas da viola o não menos famoso Zé Moreno (José de Queiroz Moreno), repentista do mesmo folego, em peleja com quem revelou-se sempre o filho de Pêpêta intelligencia arguta e fecundissima.

Dos seus improvisos gravaram-se alguns na memoria de rapazes do seu tempo.

Contam que uma feita Gaudencio iniciára uma noitada como o seu rival amigo. O alpendre da casa velha da fazenda estava repleto até o vasto terreiro, de admiradores attentos. Contemplando o auditorio que se acotovelava sob a frescura da noite de luar, o selvagem illustre desabrochou da garganta sonora, estas estrophes:

Geme a viola na prima
Como quem bebeu veneno,
Pegam-se aqui no sereno,
Duas cascaveis na rima:
Gaudencio Pereira Lima
E José de Queiroz Moreno.

Parece que o mundo concebido por elle circumscrevia-se no horizonte ao seu alcance. E' pelo menos o que demonstra quando compenetrado de senhor do mundo, delibera em dividil-o, d'elle fazendo legados, como se vê no testamento abaixo:

P'ra chegar a minha morte
Não tarda o triste momento;
Vou dividir o meu mundo,

Fazer o meu testamento,
Deixando coisa por coisa,
Conforme o meu pensamento.

Deixo o brejo p'ra legume,
P'ra criá beí o sertão,
Cariri *Véio* p'ra jumento,
O Seridó p'ra argodão,
Pernambuco p'ra negocio,
Pajehú p'ra valentão.

Bocca da Matta e Cruá,
Pá cobra surucucú.
P'ra côco e bicho de pé,
Tapissuma e Guarassú.
Para ladrão de cavallo,
Oratoro e Jaburú.⁽²⁴⁰⁾

Deixo o mar para os peixinhos,
Os ares p'ra quem avôa,
P'ra mentiroso Goyanna,
P'ra dançá côco Alagôa...
Itabayanna p'ra jogo,
Campina p'ra *gente atôa*.

Ingá p'ra *disse me disse*,⁽²⁴¹⁾
Gurinhem p'ra turbulento,
Cabedello p'ra barulho
De mulhé sem fundamento,⁽²⁴²⁾
Brejo d'Areia e Manguape
Para os home de talento.⁽²⁴³⁾

(240) São logares de municipios de Pernambuco.

(241) Brigas, rixas.

(242) Mulher publica.

(243) E' tradição que no Estado da Parahyba, os homens de talento, em maior numero, procedem daquellas localidades.

Dizem que n'uma occasião em que lhe fôra apresentado o celebre cangaceiro Balisa, Gaudencio medindo-o com o olhar de pés á cabeça, viola silenciada, interpellou-o assim :

— O senhor é o tal Balisa,
 O cangaceiro afamado,
 Com mais crime no costado
 De que botão na camisa?
 Confessa, casa e baptisa,
 Do sertão ao tableiro;
 E encontrando um passageiro
 Armado do seu escudo,
 D'uma vez só leva tudo:
 Honra, existencia e dinheiro?

O cabra cangaceiro, que tambem era dotado de veia poetica, respondeu com ar de superioridade:

«Sou simplesmente o Balisa,
 Caboclo que não alisa».

JOSÉ DE QUEIROZ MORENO

«De Zé Moreno, bem pouco tenho annotado para dar amostra perfeita do quanto de admiravel havia na imaginação grandiosa desse cantor, que, se não estou enganado, deixou a vida tambem, ainda moço e um anno mais ou menos depois de Gaudencio.

São de Moreno estes versos dignos de admiração:

P'ra cantar precisa bola,
P'ra tocá, bolas e unha;
Machado precisa cabo,
Enxadas, cabos e cunha.
Para fechar um processo,
Precisa tres testemunha».

FRANCISCO DAS CHAGAS e ANTONIO BAPTISTA

OS IRMÃOS BAPTISTA: São os cultores dessa poesia popular perpetuadora dos factos mais notaveis da região.

Sobrinhos de Gulino e de Nicandro, irmãos do pranteado poeta Sabino Baptista, os irmãos Baptistas photographam em versos correntes, ao sabor do povo, tudo quanto impressiona vivamente no curso dos acontecimentos.

«O MARCO DE LAMPEÃO»:

«No Estado de Pernambuco
Lampeão se abarrancou,
Com cento e trinta bandidos
Dos sertões se apoderou.
E no Pajehú de Flores,
Praticando mil horrores,
O seu marco edificou».

«Luzardo affirma na Camara
Que Lampeão é legalista;
De Floro Bortholomeu
Elle estivera na lista;
Que tem serviço prestado,
E se fosse perdoado,
Daria um bom Bernardista».

Descrevendo a passagem dos revoltosos da columna Prestes pelos sertões da Parahyba, Chagas Baptista, traça com singeleza o quadro emocionante do sacrificio do Padre Aristides, typo de heroe das tragedias antigas:

«Prenderam o Padre Aristides,
Deputado estadual,
Seu sobrinho José Ferreira,
O tabellião local,
E o coronel João Lacerda,
Prefeito municipal.

Além destes muitos outros
Tambem foram aprisionados,
E morreram todos elles
A arma branca—apunhalados!
Victimas fieis do dever,
Bravos, heroes, denodados»!

VERSOS DE ANTONIO BAPTISTA GUEDES

A proposito do movimento sedicioso de Alagôa do Monteiro, em 1912:

«Dizem os filhos da Candinha⁽²⁴⁴⁾
Que Santa Cruz vem voltando
Denovo para o Monteiro
E quando chegar é brigando.

(244) Filhos da Candinha, quer dizer: a voz anonyma do povo.

Eu venho aqui prevenir
P'ra quem quizer se escapular,
Ir logo se preparando».

E assim, a obra anonyma dos irmãos Baptista representa uma rica fonte de informações ao chronista regional, que de futuro venha aproveitar toda essa fragmentação em que se retrata a vida do nordeste.

*
**

Nomes dos diversos cantadores e poetas do povo incluidos neste livro.

Juvenal Galeno—Gregorio de Mattos.
Barroso (desconhecido poeta cearense).
Barbosa de Freitas.

Telles de Souza—que, comquanto não seja puramente popular, vem incluido por causa de sua lenda amazonense a «Yara».

Ramos Pintor—bohemio do Ceará.

CEARÁ

José Maria (Taboleiro de Areias).

Joaquim dos Reis.

Neco Martins.

Manuel Joaquim (do Muquem).

Manuel Patichulim.

José de Mattos.

José Cajá.

Pedro Simeão.

José Bernardo.
Moreira (de Sobral).
Rio Negro.
Antonio Silvino.
Leonel.
Pedro Ferreira.
Simeão.
Paulino Felisberto.
Belino das Frecheiras.
Manuel da Bernarda (O mesmo Manuel Preto
ou de Albernal, de Espinharas).
Herculano de Messias.
Carnahuba.
Luiz Pereira.
Manuel de Barros.
José Rufino.
Caninana.
Alexandre das Cabeceiras.
Bem-ti-vi.
Francisco Salles.
Beira d'Água.

PARAHYBA

Manuel Cabeceira.
Romano da Mãe d'Água.
Manuel Caetano.
Rio Preto.
Francisco Romano.
Bernardo Nogueira.
Ignacio da Catingueira.

Manuel Sambóla.

Roberto de Belém.

Salvina.

Xica Barroza.

Manuel Francisco (Pombal).

José Antonio da Cauhan.

Xico Damião.

José Maria.

Deusdedit Adeodato de Carvalho.

Dr. Julio Vaz Curado.

Feliciano.

Theodosio Pereira.

Roseira.

Gaudencio Pereira Lima, natural de Itabayanna. Ramo illegitimo de bôa familia da localidade, morreu aos 35 annos de idade.

José de Queiroz Moreno (Zé Moreno) tambem natural de Itabayanna.

Antonio Baptista Guedes, natural do Teixeira.

Francisco das Chagas Baptista	} Tambem do Teixeira.
Hugolino (Gulino) Costa	
E seu irmão Nicandro	

Manuel Francisco (Pombal).

Jeronymo do Junqueiro.

Silvino Pirauhá.

Manuel Preto (Espinhâras).

Pedro Ventania.

Bernardo Cintura, natural de Texeiras alli começou a versejar. Acossado pela secca de 1898 retirou-se para Campina Grande.

RIO GRANDE DO NORTE

Fabião das Queimadas,

Manuel Riachão.

Azulão.

João Birro (do Japy).

Pedro Regio.

Ventania.

Elisiario. } Escravos.

Elesbão. }

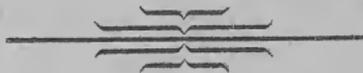
Thiago José Romeiro.

João Zacarias.

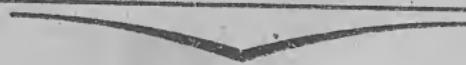
João Vieira.

Lourival Assucena.

Madapolão (Alagôas).



ALMA LYRICA



Amo Dignos

Depois da colheita dos versos populares, e, tendo por fim a comprovação de que a poesia do norte é o espelho fiel da alma desta parte do Brasil, entendi de incluir alguns exemplos do lyrisimo de poetas nortistas, sempre sonhadores e contemplativos.

São trechos, de composições de auctores consagrados e de alguns que se impõem á consagração.

A dolencia desse mysticismo caracteristico da sùb-raça, o amor em brasa, a natureza, os quadros da vida diaria; eis o que se traduz das paginas seguintes.

Quem tiver amanhã de coordenar, estudar, methodizar todo esse material, é quem póde dizer se andei acertado ou não, poupando ao esquecimento todos quanto vão alicerçando a historia da litteratura nacional.

Exemplos do lyrisimo de

CASTRO ALVES:

O GONDOLEIRO DO AMOR

Sobre o barco dos amores,
Da vida boiando á flôr,
Douram teus olhos a fronte
Do gondoleiro do amôr.

Tua voz é a cavatina
 Dos palacios de Sorrento,
 Quando a praia beija a vaga,
 Quando a vaga beija o vento.

Nas tempestades da vida,
 Das rajadas no furor,
 Foi-se a noite, tem auroras
 O gondoleiro do amor.

Hontem á tarde quando o sol morria
 A natureza era um poema santo:
 De cada moita a escuridão sahia,
 De cada gruta rebentava um canto,
 Hontem á tarde quando o sol morria.

EXEMPLOS DO LYRISMO

De TOBIAS BARRETO

A noite bole-me n'alma
 E eu sinto não sei que pena:
 Amôr de minha morena,
 Quebrantos do seu olhar.

Era u'a moça franzina,
 Meiga visão matutina,
 Daquellas que é raro ver:
 Porte esbelto, collo erguido,
 Molhando o branco vestido
 No orvalho do amanhecer.

De TEMISTOCLES MACHADO

(Fragmento do seu livro «Myrtos»)

VISITA AO LAR

«A agua do rio, murmurando em baixo,
Perdeu o som melodico e argentino;
E' que o rio era apenas um riacho
Pequeno, e eu, como elle, era um menino».

Do livro «Ruinas», de H. Castriciano, poeta pantheista e lyrico, irmão da poetisa de genio que foi Auta de Souza.

NA SOLIDÃO

(Versos a proposito de um fio d'agua que corre de uma pedra na gruta das *Trincheiras*—Serra dos Martins—Rio Grande do Norte).

A lagrima sem fim, a lagrima pesada,
Que eternamente cahe do cimo desta gruta,
Representa algum'alma estranha e desolada
Que mora, a soluçar, dentro da rocha bruta.

Esta alma quem será? Não sei! *Mysterio*
[fundo...
Entretanto, eu presinto alguém, que se de-
[bruça,
E baixinho me diz, n'um gemido profundo:
—Existe um coração na pedra que soluça...

O LYRISMO EM PERNAMBUCO

Pode-se dizer que no coração do norte, Recife é a patria do lyrismo. Os rios, o céu, as mangueiras, o mar...

A começar por Maciel Monteiro com o

«Formosa qual pincel em tela fina»

e o

«Quem pôde ver-te sem deixar de amar-te,
Quem pôde amar-te sem morrer de amores»?

até Ademar Tavares, e companheiros, com os «Descantes»...

Victoriano Palhares, Carneiro Villela, e toda a geração de poetas até Manuel Bandeira, o *futurista* de genio, todos vibram a emotividade de sonhadores, propria da raça e da região.

QUADRAS DE ADELMAR TAVARES

Vou vivendo a minha vida,
Como Deus quer e consente,
Sou como a folha cahida,
Levado pela corrente...

Sou jardineiro imperfeito,
Pois no jardim da amizade,
Quando planto um amôr-perfeito
Nasce sempre uma saudade.

De amôr... Amôr é infinito!
 Do encanto do seu poder,
 Tanta coisa se tem dito!
 —E ha tanta coisa a dizer...

—
 Trovas, cantigas do povo,
 Alma errante dos caminhos...
 De lavradores... cigarras...
 Mulheres... e passarinhos...

—
 Para esquecer-te, outras amo...
 Mas vejo, por meu castigo,
 Que qualquer outra que eu ame,
 Parece sempre contigo...

—
 Amôr é obra perdida...
 Mas, que dissessem, queria,
 Se não fosse amar na vida,
 A vida, que valeria?

—
 Para matar as saudades,
 Fui ver-te em ancias, correndo...
 —E eu que fui matar saudades,
 Vim de saudades morrendo...

SAUDADE

(Quadra de DA COSTA E SILVA)

Saudade! és a resonancia
 De uma cantiga sentida,
 Que embalando a nossa infancia
 Nos segue por toda a vida.

Uma quadra de MANUEL BANDEIRA, grande lyrico pernambucano, actualmente imbuido de *futurismo*:

Sou bem nascido—menino,
Fui, como os demais, feliz...
Depois, veio o meu destino
E fez de mim o que quiz.

LOIRA

(De ALFREDO PEIXOTO, poeta e official de Marinha, fallecido no naufragio do *Solimões* em 1892).

Loira, tão loira como a de Murillo,
A decantada virgem nazarena...
Boia em seus olhos essa luz serena
De um lago que reflecte o céu tranquillo.

Ao vel-a assim tão loira, assim tão bella,
A minha alma remonta ao paraiso,
E sobe ao céu no raio de uma estrella,
E desce á terra pelo seu sorriso.

Rosas que o sol de Maio affaga e doira,
Juncae de petalas o caminho della,
Deixai passar a minha virgem loira,
Das loiras todas a mais loira e bella.

VERSOS DE ALVARO MARTINS, o pranteado e esquecido poeta cearense, que reputo ser o maior lyrico brasileiro.

Veja-se quanto dissemos á pag. 88 deste livro.

Citaremos ainda outros fragmentos de composições sem jaça.

(Dos «Pescadores da Tahyba»)

«E a sua bocca impolluta,
Tem a frescura dos linhos,
Lembra o frescor de uma fructa
Picada dos passarinhos».

Triste sina de quem vive
Sempre a cantar, a cantar,
A cantar tanto que até
Dá vontade de chorar.

O mar tem fundos arcanos,
Abysmos desconhecidos,
Profundos como os gemidos
Dos desesperos humanos.

A onda, a cantar e a rir,
As vezes desaparece,
E surge do abysmo... e desce...
E desce... e torna a subir...

O QUE SÃO ESTRELLAS

AUTA DE SOUZA

Cada estrella, penso, encerra
 Uma alma branca de rosa,
 Que os anjos levam da terra
 Para a Santa mais formosa.

Parecem cirios divinos
 No azul immenso e sem véo...
 Ninhos de ouro, pequeninos,
 Dos beija-flores do céu.

E enquanto scismo, respondem
 Os astros, brancos arminhos:
 Nós somos berços que escondem
 As almas dos passarinhos.

SONETO DE JOSÉ ABREU ALBANO (245)

Mata-me, puro amor, mais docemente,
 Para que eu sinta as dôres que sentiste
 Naquelle dia tenebroso e triste
 De supplicio implacavel e inclemente.

Faze que a dura pena me atormente,
 E de todo me vença e me conquiste;
 Que o peito saudoso não resiste,
 E o coração cançado já consente.

(245) Em 1900, na capital do Ceará, chegava da Europa José de Abreu Albano com os seus 20 annos de idade sabendo fallar 7 linguas. Fôra educado na Allemanha.

E como te amei sempre e sempre te amo,
Deixa agora padecer contigo
E depois alcançar o eterno ramo...

E abrindo as azas para o ethereo abrigo,
Divino amor, escuta que eu te chamo,
Divino amor, espera que eu te sigo.

Seu pai, o commerciante José Albano, entregou-me o rapaz para lhe ensinar a escripturação mercantil e cousas da vida commercial,

A primeira lição constou de devaneios litterarios, leituras de versos, etc. Na segunda lição o Albaninho, como ficou crismado em Fortaleza, levou-me uma tradução dos «Sinos» de Schiller.

A lição das **partidas dobradas** elle fez garatujas em um caderno imprestavel. Não podia aprender aquella tortura de algarismos quem vivia a sonhar e a repetir os poetas com quem convivia idealmente.

Deixou de ensaiar as tentativas para o commercio.

Elle, que esquecera as noções da lingua materna, por ter ido muito cedo para o collegio na Allemanha, regressando ao Ceará, aprendêra em 6 mezes o portuguez com tanta perfeição, que chegara a ser purista.

O soneto ora transcripto comprova as aptidões vernaculares do poeta e o lyrismo peninsular de camoneano.

Agora mesmo tenho sobre a mesa o livrinho das actas do «Centro Litterario», de Fortaleza, do qual fôra secretario nosso exquesito Camões brasileiro, e revejo com saudade a sua caligraphia e os seus conceitos!

A Revista **Pan**, do Rio de Janeiro, cuja primeira e unica edição (de 29—2—1924) foi consagrada ao Albaninho, contem um lindo artigo de Graça Aranha e os dez sonetos escolhidos do malogrado vate.

Esqueceram-se de dizer os seus biographos que sendo José de Abreu um exigente fiscal da pureza da lingua, rebatendo os galicismos e demais falhas vernaculares, mereceu de Emilio de Menezes uma satyra em que figura este alexandrino:

«Este guarda-civil da lingua portugueza».

CHROMO DE F. SILVERIO

(Silverio era ourives em Baturité. Rapaz humilde e de poucas luzes; poeta de inspiração espontânea).

NA EGREJA

Na torre repica o sino,
Sobem foguetes ao ar...
Ouve-se a orchestra tocar,
Então o Padre o seu hymno.

A menina apaixonada
Colloca-se alli, n'um canto,
Deitando um olhar no santo,
E outro á rapazeada.

Uma velha, ajoelhada,
N'um chale preto enrolada,
Com bentos e relicario...

Absorta, esquece o mundo,
E, n'um cochilo profundo,
Quebra o cordão do rosario.

De LIVIO BARRETO

(Tercetos do soneto *Lagrimas*).

Livio era um poeta original e profundamente lyrico, cêdo fallecido em Camocim, Ceará.

LAGRIMAS

Vindes da noite, vindes da amargura,
Desabrochastes sobre a dura fragoa
Do coração, ao sol da desventura...

Vindes de um seio, vindes de uma magoa,
E não achastes uma urna pura
Para abrigar-vos, frias gottas d'agua.

CHROMO

De XAVIER DE CASTRO (Ceará)

A LADRASINHA

E' céga quasi de guia!
Nos annos muito avançada...
Alva, magra e descorada,
Bate algodão, limpa e fia.

Sob o alpendre todo o dia
Vê-se branca rêde armada.
Nella a velha está deitada
Desde a aurora á Ave-Maria.

Cochila... encosta a cabeça...
Vem Lucia, neta travessa,
Péga o sacco que a avó tem...

A velha acorda e, apalpando,
Agarra Lucia, gritando,
—Bota p'ra qui meu vintem!

De SILVINO OLAVO, (poeta parahybano, dos
novos).

PLUMA

O repuxo, illuminado,
E' uma linda rosa de ouro,
Esperando o meu noivado,
Para o teu cabello louro.

De JOSÉ SALDANHA

Do curioso livro «Cantos das Seriemas»⁽²⁴⁶⁾
organizado no sertão da Parahyba.

QUADRAS DO NORDESTE

A sêcca tudo anniquilla,
A fazenda é uma coivara!
Volta o gado em negra fila,
Do olho d'agua, que seccára.

O fazendeiro medita
Num velho banco sentado...
O gado, sedento, o fita,
E elle, triste, fita o gado.

O SONHO DE UM CANGACEIRO

«Um tiro só? Que foi isto?»
Pergunta o chefe, medonho...
«Fui eu, diz o cangaceiro,
Que matei um diabo em sonho».

RECLAMES

P'ra nunciá rapadura,
A gente péga um taquim
De tijollo e dipindura
Bem na frente do camim.

(246) O livrinho de versos do modesto poeta parahybano, que se occulta sob o pseudonymo de Innocencio, é uma perfeita photographia dos scenarios e da vida sertaneja no nordeste.

Uma garrafa prendida
Pelo garguelo, quem vê,
Sabe que alli hai bebida
Hai cachaça p'ra vendê.

Um sabugo bem queimado,
Suspendido num cordão,
E' recramo muito usado
De fumo, pelo sertão.

De AMERICO FALCÃO

VIDA NORDESTINA

AMERICO FALCÃO, poeta parahybano. O mais inspirado dos «cantores» praianos.

A bôa velha Thereza,
Que alegremente trabalha,
Para enganar a pobreza,
Fabrica chapéos de palha.

Seu marido junto á mesa,
Velho, de barba grisalha,
Com pericia e com destreza
Prepara um *páu de cangalha*.

Fóra a paysagem se estende,
Formosa ao sol, que resplende:
Rouxinoes cantam nas telhas...

Cavalllos andam pastando,
E um velho negro, fumando,
Abre um cortiço de abelhas.

**

Não ha tristeza no mundo
Que se compare á tristeza
Dos olhos do moribundo
Fitando uma vela accesa.

Sobes! a gloria te leva...
Mas, vê que tudo é illusão...
A poeira tambem se eleva,
Mas volta de novo ao chão.

Meu amôr por ti... (Que magua!)
Se evaporou de repente,
Tal se fosse um pingo d'gua
Cahindo n'um ferro quente.

De FERREIRA ITAJUBÁ (poeta rio-grandense
do norte, já fallecido).

Eu vi teu rasto na areia
Pela derradeira vez,
E dei-lhe um milhão de beijos
Pensando no pé que o fez.

Quem canta allivia as penas,
Ah! se eu pudesse cantar
Como canta o verdelinho
Nas ribanceiras do Mar!

De ANTONIO AZEVEDO⁽²⁴⁷⁾

«Da festa oriental da aurora sorridente,
Das aves a canção, bebamos a saude,
Do mattagal florindo em torno ao velho açude,
Do claro Sertãozinho á limpida corrente».

De J. T. FERREIRA DE MELLO, (poeta parahybano)

TROVAS

E's um bello mimo de arte
Para o meu deslumbramento;
Mas prefiro sempre olhar-te
Com os olhos do pensamento.

Na crise extrema me esbarro,
Mas, não me maldigo, emtanto:
Eu sou como eixo de carro:
Quanto mais liso mais canto.⁽²⁴⁸⁾

(247) Humilde poeta mamanguapense, sem instrucção e desafortunado. Canta o Sertãozinho, um delicioso rio que desliza entre arvores como se fosse um arroio herdado da mythologia.

Os filhos de Mamanguape, velha cidade parahybana hoje decadente, sentem a saudade da terra, relembrando sempre aquellas aguas crystalinas.

Antonio Azevedo foi desastradamente morto em Recife.

(248) Liso: na linguagem popular significa desprovido de dinheiro, pobre.

De ADHERBAL PYRAGIBE

HOSPITALIDADE

Dona Esperança,
toda de verde,
bateu um dia no meu solar.
Abri-lhe a porta,
fiz cortezias,
Dona Esperança não quiz entrar...

Dona Tristeza chegou depois:
—trajava luto;
que olhar sombrio!
Abri-lhe a porta, chovia muito,
soprava o vento, fazia frio.

Entrou chorando,
pediu-me abrigo
e ainda hoje mora commigo!...

De BENAJAMIN PESSÔA (poeta parahybano).

TROVA POPULAR

«Parece troça, parece,
Mas é verdade patente
Que a gente nunca se esquece
De quem se esquece da gente».

Diz a trova popular,
(Porém não o creio eu)
Que não se pode olvidar
Quem da gente se esqueceu.

Eu penso bem differente,
Pois, commigo a coisa é assim:
Me esqueço rapidamente
De quem se esquece de mim.

De EUDES BARROS

Eu, novo Jesus andejo,
Só então provei resabios...
Mas na fonte de teus labios
Dei de beber ao meu beijo!

De FERNANDO PIO (poeta pernambucano, dos novos).

Vivo sempre a ti olhar,
porque tu guardas, querida,
na alegria dos teus olhos.
tristezas da minha vida.

Quem fica tem mais saudade,
diz uma de nossas trovas.
Eu penso que é sem razão:
Quem parte vê coisas novas,
mas não leva o coração.

Olhei a ira das ondas
na praia se desmanchar.
E vi que a vida da gente
é como as ondas do mar.

De RODRIGUES DE CARVALHO

CORINA

Corina é a flôr da ternura,
De neve e leite, tão pura!
Espelho em que Deus se vê...
Seu corpo, branco e mimoso,
Tem o todo melindroso
De uma flôr de mussambê.

Pela polpa dos seus labios
E' que Deus—sabio dos sabios—
Abre os labios da romã...
Se Corina não sorrisse,
Que flôr havia que abrisse
O calix pela manhã?

* * *

O LUAR SOBRE OS LAGOS

Nunca o luar sobre os lagos
Simples vestigio deixou;
E eu tenho n'alma uns estragos
De uma sombra que passou.

—

Tratar da paz nunca é tarde,
Mesmo em materia de amor;
Pois nessa guerra o covarde
Quasi sempre é o vencedor.

RELOGIO

Si o relógio a dôr acorda,
E as horas tristes nos diz;
Deixe o relógio sem corda
Quem gôsar tempo feliz!

-:- FIM -:-



INDICE

MATERIAS CONTIDAS NO PREFACIO

	Pags.
Olê, lê, vira a moenda...	4
Conto do passaro e do gigante...	5
Conto do caçador e a lebre	7
Conto do homem, do engenho do ovo	8
Conto do roceiro e os seus planos	9
Anchieta e os <i>Mysterios</i>	11
Poesia indigena	12
Concepção da primitiva poesia	16
Gregorio de Mattos	17
«Vem cá, Vitú»!	17
Vem cá, Siriri	18
Cantigas das praias	20
Dança africana no norte	22
A dança e o canto monotono	23
Maracatús	23
Cantos com a repetição de syllabas para completar o rythmo	24
O bumba meu boi (Ceará)	26
Os reis negros (6 de Janeiro)	34
Tirar os reis (Ceará)	35
Fechar o corpo	36
Mesa de feitiçarias	36
O sabbado (dia cabalístico)	38
O uso da couvade	38

Banquetes funerarios das Indias	38
Um pagão para sustar a chuva	39
S. Lourenço domina os Ventos	40
S. Guido para encontrar cousas perdidas	40
Coser carne quebrada	40
Curar espinhela cahida	41
Benzer o olhado	41
Curar a bicheira do gado com resas	42
A lua seus effeitos na credence popular	43
Arrancar o dente de leite	44
A caveira de boi e o boi Apis	44
Superstições emigradas do Egypto	44
O Santo Breve das parteiras	45
O curandeiro de mordedura de cobra	45
Folgedos populares em frente á Matriz	48
As lapinhas, as pastôras e os cordões	46
Os bemdictos populares	51
Bemdicto de S. João	52
Pai que quer casar com a filha	53
As orações e os ensalmos	56
As promessas aos santos	56
Um jantar aos cachorros	57
Os cantos para embalar crianças	57
Litteratura infantil	58
Os dedos das mãos	59
Jogos, contos, danças, historias infantis	60
A velha tinha um gato	61
Diterios	62
Cantigas das crianças	63
Os trovadores de esquina	63
O carnaval	63
Testamento de Judas	65
O mez de Maio	66
O S. João, o ascender da fogueira	67-68
A cirandinha, não me serve	69
A rolinha doce, doce,	70

A dança nos engenhos, o côco	71
Marinheiro pé de chumbo	73
Amorante, amorante, amor...	73
Dá na bóla, vira a bóla	74
Historias livres, os bichos que fallam	75
O canto e as historias do papagaio	76
A embolada, o martelo, a carretia	80
Para tirar o argueiro do olho	82
Para curar o soluço	82
Para curar mal de azia	83
Notas additadas ao prefacio da 1. ^a edição	84
A critica anonyma aos factos politicos	85
Garibaldi; Por fóra viva Bernardes	86
Um sapo casado e a sêcca de 25...	86
Em cima daquella serra	87
A inspiração poetica de Alvaro Martins e o canto da juryty	88

1.^a PARTE

POESIAS DE DIVERSAS ORIGENS

O seringueiro (Caninana)	91
Sobre qualidades de pessôas	95
A carta	96
Peleja da Alma	98
Adeus caxaça	109
Infelicidade de um agricultor	110
O dinheiro	112
O inverno	113
O cavaco	114

A um soffreu	116
O baralho	117
Só voga quem tem dinheiro	120
Guerra do Paraguay	126
Luiz do Rego	126
Bebamos	127
A Patria	129
O Quebra-Kilos	126
Não é defeito o beber	132
Olê, lê, vira a moenda	141
Pai João	142
25 de Junho	143
A missa de Natal	144
A caipora	147

2.^a PARTE

DECIMAS E CANTOS

O casamento	155
A Yára (lenda amazonense)	159
A Parahyba do Norte	164
Os bichos que eu vi	169
Trovas avulsas	173
Frei Serafim	176
Improviso de Nogueira	178
Desafio	179
Obra de Ricarte	180
Apartação	189
Trovas de um bumba meu boi (Souza— Parahyba)	191

O samba (Ceará)	197
Jogo do bicho	200
Meus possuídos	202
O baralho (Ceará)	203
O meu destino]	203
Desafio	204
Despedida do seringueiro	205
O Sertão em derrota	208
O rabicho da Geralda	211
Boi Victôr	220
Boi pintadinho	224
Boi Adão	230
Liberato	231
O inverno	232
Cantiga do Neco Martins	234
Desafio de Neco Martins	235
Fragmento do desafio entre Manuel de Cabeceiras e o diabo	244
Desentatubolar	246
Desafio de Manuel Riachão com Maria Thebana	247
Desafio de Romano da Mãe d'Água com Ignacio da Catingueira	249
O inverno no sertão	251
A dança da quadrilha no Pyrangy (Ceará)	257
Fructas do nosso sertão	258
Rimas em «ia»	260
Cântigas avulsas	262
Cancioneiro popular	263
Côcos (Parahyba)	283

Cavallos (pelas côres)	285
Desafio de Manuel da Bernarda e o negro Rio Preto	285
Peleja de Bemtivi com Madapolão	287
Rimas em «inha»	293
A. B. C. de Jesuino Brilhante	294
A. B. C. (Ceará)	300
Foge povo do sertão	301
A. B. C. dos macacos	306
A. B. C. do frade	317
Côcos da zona brejosa (Parahyba)	324
Côcos da Praia do Pôço	325

3.^a PARTE

NOTAS SOBRE CANTADORES

Informações	331
Cantiga de Salvina	335
Cantiga de Xica Barróza	336
Ainda informações	337
Manuel Cabeceira mandando chamar Manuel Caetano	338
Manuel Caetano (nota)	343
José Antonio da Cauhan	344
Chico Damião	344
José Maria	345
Rio Preto	345
Francisco Romano e Ignacio da Catingueira	347
Deusdedit Adeodato de Carvalho	350
Sobre Pernambuco e R. G. do Norte	350

João Zacarias e João Vieira	352
Dr. Julio Vaz Curado	355
Visão de Lourival Assucena	355
Historia de Roberto de Belém	356
Notas sobre o Ceará e algumas quadras	362
Alberto de Faria e a quadra da Virgem Pura	364
Manuel de Barros e os versos de pés quebrado	365
Soneto de um sertanejo ao Padre Marcos (Piauhy)	369
Feliciano das Montanhas	370
José de Mattos (Crato)	371
Bemtivi	373
Jeronymo (do Junqueiro)	374
Beira d'Agua	375
Ventania	375
Manuel Preto	375
Antonio Galdino (o carteiro)	377
Bernardo Cintura (Campina Grande)	378
Futrica é governadô	380
Gaudencio Pereira Lima	383

4.^a PARTE

ALMA LYRICA

Castro Alves	395
Tobias Barreto	396
Temistocles Machado	397
H. Castriciano	397

C	Lyrismo em Pernambuco	398
I	Adelmar Tavares	388
	Da Costa e Silva	399
F	Alfredo Peixoto	400
F	Alvaro Martins	401
A	Auta de Souza	402
A	José de Abreu Albano	402
F	F. Silverio	404
A	Livio Barreto	404
A	Xavier de Castro	405
(Silvino Olavo	405
(José Saldanha	406
	Americo Falcão	407
	Ferreira Itajubá	408
	Antonio Azevedo	409
	J. T. Ferreira de Mello	409
] (Adherbal Pyragibe	410
(Benjamin Pessôa	410
(Eudes Barros	411
A	Fernando Pio	411
I	Rodrigues de Carvalho	412



